

DO AUTOR BESTSELLER

MICHAEL CRICHTON

O GRANDE ROUBO DO TREM





SINOPSE

Em 1854, a Inglaterra agrícola havia se transformado em um país de cidades. Nessa época, o progresso tecnológico tinha um nome: a estrada de ferro. Foi nesse cenário que ocorreu o que foi rapidamente alcunhado de "O grande roubo do trem".

Michael Crichton revive a atmosfera de uma sociedade cujos hábitos e valores moralistas conviviam com a ousadia de ladrões. Como o perfeito cavalheiro Edward Pierce, que junto com o chaveiro Agar e o guarda Burgess compõem o trio principal responsável pelo roubo de doze mil libras em barras de ouro de um vagão hermeticamente fechado. E ainda um famoso homem-aranha, que protagoniza fuga espetacular escalando os muros de sua prisão.

O grande roubo do trem narra uma história policial onde o fascinante não é descobrir como tudo vai terminar. O fascínio está em cada detalhe brilhantemente explorado pelo autor. Cenas como um batedor de carteiras em ação ou a admiração secreta que os mais rígidos vitorianos mal disfarçavam diante de um ato criminoso tão espetacular.

SOBRE A OBRA

Em meados do século XIX, a sociedade inglesa assiste a um golpe considerado espetacular: o grande roubo do trem. A Inglaterra vitoriana, que viu proliferarem por todo o país as estradas de ferro como o maior símbolo do progresso, teve de reconhecer a audácia dos criminosos. Ao escolher o trem como palco para o teatral roubo de doze mil libras em barras de ouro, os ladrões pregaram uma peça em banqueiros, policiais e fabricantes de cofres, orgulhosos guardiões do valioso carregamento.

Outros crimes semelhantes ocorreram na mesma época. Nenhum, no entanto, exerceu tanto fascínio sobre os cidadãos a ponto de receber a alcunha de O Crime do Século e imortalizar seu mentor, o elegante Edward Pierce.

É igualmente fascinante a narrativa de Michael Crichton sobre o crime, recriando com maestria a atmosfera do submundo britânico de desocupados e prostitutas, pequenos ladrões e criminosos, onde Pierce foi recrutar seus asseclas.

Utilizando fontes como o testemunho de três dos criminosos no tribunal, dois anos depois do assalto, Crichton traça uma história de detalhes envolventes e minuciosos, do planejamento à execução do roubo. Dessa maneira mantém o interesse do leitor até o final, apesar do desfecho já ser conhecido desde as primeiras páginas do livro.

O AUTOR

Michael Crichton nasceu em Chicago em 1942 e se formou pela Harvard Medical School. Entre suas obras de sucesso incluem-se os romances *O enigma de Andrômeda*, *O parque dos dinossauros* e *Sol nascente*. Entre os filmes que dirigiu estão *Westworld*, *onde ninguém tem alma*, a versão do seu romance *O grande roubo do trem* e *Coma*.

O GRANDE ROUBO DO TREM



MICHAEL CRICHTON

Rocco
1995

MICHAEL CRICHTON
O GRANDE ROUBO DO TREM

Tradução de AULYDE SOARES RODRIGUES
Título original THE GREAT TRAIN ROBBERY
1975 by Michael Crichton

Preparação de originais GRACE DANTAS
Revisão RYTA VINAGRE
HENRIQUE TARNAPOLSKY
JOÃO H. MACHADO

Para Barbara Rose

Satã fica contente —
quando eu sou mau,

E espera que eu — com
ele venha a ficar

No fogo e com grilhões
— e dores terríveis

— Poema infantil
vitoriano, 1856

"Eu queria o dinheiro."

— Edward Pierce, 1856

INTRODUÇÃO

É difícil, depois de mais de um século, compreender a dimensão do choque que o assalto ao trem, em 1855, provocou na sensibilidade da Inglaterra vitoriana. A primeira vista, o crime parece sem importância. A quantia roubada — 12 mil libras em barras de ouro — era grande, mas não sem precedentes. No mesmo período houve uma dezena de roubos mais lucrativos. E a meticulosa organização e planejamento do crime, que envolveu várias pessoas e durou mais de um ano, também não era incomum. Todos os grandes crimes de meados do século exigiram um alto grau de preparação e coordenação.

Porém, os vitorianos sempre se referiam a esse crime com letras maiúsculas, como O Grande Roubo do Trem. Observadores contemporâneos o chamaram de Crime do Século e A Mais Sensacional Aventura da Era Moderna. Os adjetivos aplicados a ele eram todos fortes: "inenarrável", "espantoso", e "diabólico". Mesmo numa época de moralidade exagerada, esses termos sugerem um impacto profundo na consciência do homem comum.

Para compreender por que os vitorianos ficaram tão chocados com o roubo, precisamos saber o que significavam as ferrovias. A Inglaterra vitoriana foi a primeira sociedade urbanizada e industrializada do mundo e evoluiu com espantosa rapidez. Na época da derrota de Napoleão, em Waterloo, a Inglaterra georgiana era uma nação predominantemente rural de treze milhões de habitantes. Em meados do século XIX, tinha quase o dobro da população — 24 milhões — e a metade vivia em centros urbanizados. A Inglaterra vitoriana era uma nação de cidades. A passagem da vida agrária para a vida urbana ocorreu, aparentemente, da noite para o dia. Na verdade, foi um processo tão rápido que ninguém chegou a compreender a fundo.

Os escritores vitorianos, com exceção de Dickens e de Gissing, não escreveram sobre cidades. Os pintores, em geral, não mostraram cenas urbanas. Houve também problemas conceituais — durante grande parte do século, a produção industrial foi considerada como uma espécie de colheita extremamente farta e não como algo novo e sem precedentes. Até a linguagem retrocedeu. Na maior parte dos anos 1800, *slum*^[1] significava um lugar de má reputação e "urbanizar" queria dizer tornar-se bem-educado e nobre. Não existiam termos aceitáveis para descrever o crescimento das cidades, ou a decadência de algumas de suas partes.

Isto não significa que os vitorianos não percebam as mudanças na sua sociedade, ou que essas mudanças não fossem amplamente — e em geral ferozmente — debatidas. Mas o processo era ainda novo demais para ser compreendido. Os vitorianos foram os pioneiros da vida urbana e industrial que desde então se tornou comum em todo o mundo ocidental. E se achamos suas atitudes estranhamente antiquadas, devemos mesmo assim reconhecer o quanto devemos a eles.

As novas cidades vitorianas que cresceram com tanta rapidez cintilavam com maior riqueza — e sofriam com o fedor da pobreza mais abjeta que qualquer outra sociedade jamais conheceu. As iniquidades e os contrastes gritantes dentro dos centros urbanos provocavam um clamor pela reforma. Contudo, era geral e extensa também a complacência do público, pois para os vitorianos o progresso — progresso, no sentido de condições melhores para toda a humanidade — era inevitável. Hoje talvez achemos essa complacência irrisória, mas no ano de 1859 era uma atitude razoável.

Na primeira metade do século XIX, o preço do pão, da carne, do café e do chá tinha baixado. O preço do carvão foi cortado quase pela metade. O preço dos tecidos foi reduzido em 80% e o consumo de tudo, *per capita*, aumentou. A lei criminal foi reformada, dando maior proteção à liberdade individual. O Parlamento, pelo menos até certo ponto, era representativo e um homem em sete tinha direito ao voto. O imposto *per capita* foi reduzido à metade. As primeiras bênçãos da tecnologia começavam a aparecer: luz de gás iluminava as cidades, navios a vapor chegavam à América em dez dias, em vez de oito semanas, o novo serviço postal e de telégrafo promovia uma rapidez espantosa das comunicações.

As condições de vida de todas as classes melhoraram. A redução no custo dos alimentos significava que todos comiam melhor. As horas de trabalho nas fábricas foram reduzidas de 74 para 60 por semana, para adultos, e de 72 para 40 para menores. Prevalencia cada vez mais o costume de trabalhar meio período nos sábados. A duração média da vida aumentou em cinco anos.

Em resumo, havia razão para acreditar que a sociedade estava "em marcha", que as coisas estavam melhorando, e que continuariam a melhorar indefinidamente no futuro. A própria idéia de futuro tinha, para os vitorianos, uma solidez que dificilmente compreenderíamos hoje. Era possível alugar um camarote no Albert Hall por 999 anos e muitos cidadãos faziam isso.

Porém, de todas as provas do progresso, a mais visível e maravilhosa era a ferrovia. Em menos de um quarto de século, havia alterado cada aspecto da vida e do comércio da Inglaterra. Dizer que antes de 1830 não existia a ferrovia na Inglaterra é uma afirmação simplista. Todo o transporte entre as cidades era feito por carros puxados por cavalos e as viagens eram lentas, desagradáveis, perigosas e dispendiosas. Assim, as cidades eram isoladas umas das outras.

Em setembro de 1830, foi aberta a Liverpool & Manchester Railway e começou a revolução. No primeiro ano de operação, o número de passageiros transportados entre essas duas cidades foi o dobro do número dos que haviam viajado no ano anterior nas diligências. Em 1838, mais de 60 mil pessoas usavam anualmente a ferrovia — um número maior do que a população total de Liverpool ou de Manchester, na mesma época.

O impacto social foi extraordinário. Bem como o clamor da oposição. Todas as novas ferrovias eram financiadas por companhias privadas com objetivo de lucro e, por isso, alvo de uma crítica acirrada.

Havia a oposição baseada na estética. A condenação que Ruskin fazia das pontes das ferrovias sobre o Tâmesa refletia a opinião bastante generalizada dos seus contemporâneos menos refinados. O "desfiguramento agregado" da cidade e do campo era deplorado por todos. Os proprietários de terras

Segundo, os criminosos não são indivíduos de inteligência limitada e é provável que o contrário seja verdadeiro. Estudos dos testes feitos nas populações das prisões demonstram que a inteligência dos prisioneiros é igual à do cidadão comum — ainda assim, representam a parte dos fora-da-lei que foram apanhados.

Terceiro, a vasta maioria das atividades criminosas fica impune. Esta é uma questão inerentemente especulativa, mas algumas autoridades no assunto argumentam que só 3 a 5% de todos os crimes são registrados e destes apenas 15 a 20% são "resolvidos" no sentido comum da palavra. Isso se aplica até aos mais graves delitos, como assassinatos. A maioria dos patologistas policiais zomba da idéia de que "o crime sempre aparece".

Do mesmo modo, os criminologistas discutem a idéia de que "o crime não compensa". Já em 1877, um investigador de uma prisão americana, Richard Dugdale, concluiu que "precisamos abandonar a crença de que o crime não compensa. Na realidade, ele compensa". Dez anos depois, o criminologista italiano Colajanni foi mais além, argumentando que de um modo geral o crime compensa mais do que o trabalho. Em 1949, Barnes e Teeters afirmaram com convicção que "É especialmente o moralista que acredita que o crime não compensa."

Nossa atitude moral a respeito do crime é responsável por uma estranha ambivalência em relação ao próprio comportamento criminoso. De um lado, é temido, desprezado e furiosamente condenado. Porém, é também admirado secretamente e estamos sempre ávidos para ouvir os detalhes de algum ato criminoso espetacular. Essa atitude prevalecia em 1855, pois O Grande Roubo do Trem não foi só chocante e consternador, mas também "ousado", "audacioso" e "magistral".

Partilhamos com os vitorianos outra atitude — a crença numa "classe criminosa", isto é, uma subcultura de criminosos profissionais que ganham a vida violando as leis da sociedade em que vivem. Hoje chamamos essa classe de "Máfia", "sindicato", "ganguê" e estamos interessados em conhecer seu código de ética, seu sistema de inversão de valores, sua linguagem peculiar e seus padrões de comportamento.

Sem dúvida, uma subcultura definida de criminosos profissionais existia há cem anos, em meados da era vitoriana, na Inglaterra. Várias das suas características

vieram à luz no julgamento de Burgess, Agar e Pierce, os principais participantes do Grande Roubo do Trem. Foram todos presos em 1856, quase dois anos depois do assalto. Seu volumoso testemunho no tribunal foi preservado, junto com algumas reportagens da época. A partir dessas fontes foi estruturada esta narrativa.

M.C.
Novembro, 1974.

PARTE I

PREPARATIVOS

Maio-Outubro, 1854

Capítulo 1

A PROVOCAÇÃO

A quarenta minutos de Londres, quando passava pelos campos verdes e os pomares de cerejas de Kent, o trem da manhã da South Eastern Railway atingiu sua velocidade máxima de oitenta e seis quilômetros por hora. Dirigindo a locomotiva pintada de azul brilhante, o maquinista, com seu uniforme vermelho, podia ser visto de pé, ao ar livre, sem a proteção de nenhuma cabine ou pára-brisa, enquanto aos seus pés o foguista agachado jogava pás de carvão na fornalha da máquina. Atrás da locomotiva e do tender, havia três vagões amarelos de primeira classe, seguidos de sete verdes, de segunda classe, e por último o vagão cinzento e sem janelas, da bagagem.

Enquanto o trem seguia barulhento nos trilhos, a caminho da costa, a porta corrediça do vagão de bagagem abriu-se bruscamente, revelando uma luta desesperada no seu interior. Era uma competição muito desigual, um jovem magro e andrajoso contra um guarda musculoso e uniformizado da via férrea. Embora mais fraco, o jovem não se saiu muito mal e acertou um ou dois golpes violentos no enorme adversário. Na verdade, foi só por acidente que o guarda, de joelhos, como resultado do segundo golpe, atirou-se para a frente de tal modo que o jovem, apanhado de surpresa, foi lançado para fora do trem pela porta aberta, rolando e saltando no chão como um boneco de trapos.

O guarda, ofegante, viu o vulto do jovem desaparecer rapidamente na distância. Depois, fechou a porta corrediça do vagão. O trem continuou veloz, apitando estridentemente. Logo entrou numa curva suave e tudo que restou foi o ruído rítmico da máquina e a fumaça cinzenta e preguiçosa que lentamente cobriu o solo e o corpo imóvel do jovem.

Depois de um ou dois minutos ele fez um movimento. Com dores cruciantes, ergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo e começou a se levantar. Mas não conseguiu. Caiu outra vez, estremeceu convulsivamente e ficou completamente imóvel.

Meia hora depois, uma berlinda elegante, negra, com rodas vermelhas, apareceu na estrada de terra e seguiu paralelo com os trilhos do trem. A carruagem chegou a uma pequena elevação e o homem na boléia fez parar os cavalos. Um cavalheiro singular saiu do carro, trajando roupa de veludo verde e chapéu alto de pele de castor. O cavalheiro subiu a colina, levou um binóculo aos olhos e examinou toda a extensão dos trilhos. Imediatamente encontrou o corpo do jovem. Mas não fez nenhum movimento para se aproximar dele ou para ajudá-lo de qualquer modo. Ao contrário, continuou de pé no alto da colina até ter certeza de que o jovem estava

morto. Só então voltou-se, subiu para a berlinda e voltou para o lugar de onde tinha vindo, para o norte, na direção de Londres.

O PUTTER-UP OU FINANCIADOR

O cavalheiro singular era Edward Pierce, e para um homem destinado a se tornar tão notório a ponto de a própria rainha Vitória manifestar o desejo de conhecê-lo — ou, não sendo possível, assistir a seu enforcamento — ele permanece até hoje uma figura misteriosa. Edward Pierce era um homem bonito e alto, de trinta e poucos anos, com farta barba vermelha, do tipo que se tornou popular hoje em dia, especialmente entre os funcionários do governo. No modo de falar, de se mover e de vestir, ele parecia um cavalheiro, e rico. Aparentemente era encantador e tinha "modos cativantes". Pierce dizia-se órfão de fidalgos dos Midlands, e que havia estudado em Winchester e Cambridge. Era uma figura conhecida em muitos círculos sociais de Londres e contava entre seus conhecidos ministros, membros do Parlamento, embaixadores estrangeiros, banqueiros e outros homens importantes. Embora solteiro, mantinha uma casa no número 19 da rua Curzon, num bairro elegante de Londres. Mas passava a maior parte do ano viajando e diziam que já tinha visitado não apenas o Continente, mas também Nova York.

Observadores contemporâneos evidentemente acreditavam na sua origem nobre. Artigos de jornais geralmente referiam-se a Pierce como o *rogue*, usando o termo no sentido do animal macho desgarrado do rebanho. A idéia de um cavalheiro de alta linhagem adotar a vida do crime era tão espantosa e excitante que ninguém queria realmente desaprovar.

Contudo, não existe nenhuma prova definitiva de que Pierce pertencesse à classe superior. Na verdade, quase nada se conhece com certeza do seu passado, antes de 1850. Os leitores modernos, acostumados ao conceito de "identificação positiva" como um fato comum da vida, talvez estranhem as ambigüidades do passado de Pierce. Mas numa época em que as certidões de nascimento eram uma inovação, a fotografia uma arte nascente, e impressões digitais completamente desconhecidas, era difícil identificar qualquer pessoa com certeza, e Pierce tinha o maior cuidado para ser evasivo. Há dúvidas até mesmo quanto ao seu nome. Durante o julgamento, várias testemunhas afirmaram tê-lo conhecido como John Simms, ou Andrew Miller, ou Arthur Wills.

A fonte da sua renda obviamente ampla também não foi confirmada. Alguns dizem que ele era sócio comanditário de Jukes, na firma altamente lucrativa de fabricantes de equipamento para o jogo de *croquet*. O *croquet* era a última moda entre as jovens com inclinações atléticas e era perfeitamente razoável que um jovem e arguto comerciante, investindo uma herança relativamente modesta nesse empreendimento, tivesse lucros substanciais.

Outros diziam que Pierce era dono de várias hospedarias e de uma frota de carros de aluguel, dirigida por um cocheiro sinistro chamado Barlow, com uma cicatriz branca na testa. Isso é mais provável, uma vez que ser proprietário de hospedarias e de carros de aluguel era uma ocupação que podia lucrar com as conexões com o baixo mundo.

É claro que é possível que Pierce fosse um homem bem-nascido e educado como um aristocrata. Devemos lembrar que Winchester e Cambridge, naquele tempo, eram mais conhecidas como ambientes de orgias e bebedeiras do que como centros de estudo sério e sóbrio. A mente científica mais profunda da era vitoriana, Charles Darwin, devotou grande parte da juventude às corridas de cavalos e ao jogo em geral e a maioria dos jovens de boas famílias estava mais interessada em adquirir "um ar universitário" do que um diploma.

Era verdade também que o submundo vitoriano ajudava muitos homens bem-educados que não tiveram sorte na vida. Geralmente eram *screevers* ou redatores de falsas cartas de recomendação, ou falsários, "amaciando um pouco as coisas". Às vezes tornavam-se *magsmen* ou artistas do crime. Mas em geral esses homens eram criminosos insignificantes e patéticos, mais merecedores de pena do que de condenação.

Edward Pierce, por sua vez, era positivamente exuberante na sua abordagem do crime. Fosse quais fossem suas fontes de renda, fosse qual fosse a verdade da sua origem, uma coisa é certa: ele era um mestre da gatunagem, um ladrão que durante anos havia acumulado capital suficiente para financiar operações criminosas de grande escala, tornando-se assim o que chamavam de *putter-up*. E em meados de 1854, já havia elaborado grande parte do plano para o maior golpe da sua carreira, O Grande Roubo do Trem.

Capítulo 3

O CHAVEIRO

Robert Agar — um "chaveiro" conhecido, ou especialista em abrir fechaduras e cofres — testemunhou no tribunal que quando se encontrou com Edward Pierce, em fins de maio de 1854, há dois anos não se viam. Agar tinha 26 anos e gozava de boa saúde, a não ser por uma tosse insistente, legado do seu trabalho, quando menino, numa fábrica de fósforos em Wharf Road, Bethnal Green. A fábrica era mal ventilada e o vapor branco do fósforo enchia o ar o tempo todo. O fósforo, todos sabiam, é venenoso, mas havia sempre muita gente ansiosa por qualquer emprego, mesmo um que destruísse os pulmões, ou fizesse apodrecer os maxilares — às vezes em poucos meses.

Agar era encarregado de mergulhar os palitos no fósforo. Tinha dedos ágeis e finalmente especializou-se em abrir fechaduras, com sucesso imediato. Trabalhou na arte de abrir fechaduras e cofres durante seis anos, sem nunca ser capturado.

Agar não havia trabalhado diretamente com Pierce antes, mas o conhecia como um mestre do roubo, que trabalhava em outras cidades, o que explicava suas longas ausências de Londres. Agar ouvira dizer também que Pierce tinha dinheiro para financiar um golpe uma vez ou outra.

Agar testemunhou que seu primeiro encontro com Pierce ocorreu na estalagem Touro e Urso, na periferia do conhecido antro de criminosos de Seven Dials. Esse abrigo de malfeitores era, nas palavras de um observador, "um local de reunião de todo tipo de mulheres vestidas como grandes damas, bem como criminosos, que podiam ser vistos em cada esquina".

Dada a natureza infame do lugar, era quase certo que um policial à paisana da Polícia Metropolitana estivesse sempre vigiando a área. Mas o Touro e Urso era freqüentado por cavalheiros da melhor qualidade com gosto pela vida do submundo e a conversa de dois jovens bem vestidos, no bar, enquanto observavam as mulheres, não chamava atenção.

O encontro não foi planejado, contou Agar, mas não ficou surpreso quando Pierce chegou. Ultimamente tinha ouvido algumas coisas sobre Pierce e parecia que ele estava planejando um golpe. Agar lembrou que a conversa começou com as preliminares de praxe.

Agar disse:

— Ouvi dizer que Spring Heel Jack deixou Westminster.

— Sim, foi o que ouvi — concordou Pierce, raspando o balcão com o cabo de prata da sua bengala para chamar o homem do bar.

Pierce pediu duas doses do melhor uísque, o que Agar interpretou com prova

de que ia ser uma conversa de negócios.

— Ouvi dizer — disse Agar — que Jack vai dar uma volta pelo sul para trabalhar entre os turistas durante os feriados.

Naquele tempo, os batedores de carteiras deixavam Londres no fim da primavera, procurando as cidades do sul ou do norte. A ferramenta principal do batedor de carteiras é o anonimato, e ele não pode trabalhar durante muito tempo no mesmo lugar sem ser notado pelo *tritador* que faz a ronda.

— Não me disseram quais são os planos dele — disse Pierce.

— Ouvi dizer também — respondeu Agar — que ele tomou o trem.

— Sim, deve ter feito isso.

— Ouvi — disse Agar, sem tirar os olhos do rosto de Pierce — que nesse trem ele estava fazendo uma "vistoria" para um cara que está planejando um golpe.

— Sim, ele pode ter feito isso.

— Ouvi também — disse Agar, com um sorriso — que você está planejando um golpe.

— Posso estar — disse Pierce. Tomou um gole de uísque e olhou para o copo.

— O uísque era melhor aqui — disse, Pensativamente. — Neddy deve estar misturando água na bebida. O que você ouviu dizer que estou planejando?

— Um roubo — disse Agar. — Um golpe de muita grana, para dizer a verdade.

— Para dizer a verdade — repetiu Pierce, como se achasse graça na frase. Deu as costas para o bar e observou as mulheres. Algumas retribuíram calorosamente seu olhar. — Todo mundo ouve contar a coisa maior do que é — disse, finalmente.

— Certo, está certo — admitiu Agar e suspirou. (No seu testemunho, Agar foi muito minucioso a respeito dos gestos e expressões. "Agora eu vou e dou um baita suspiro, você compreende, como para dizer que minha paciência está se acabando, porque ele é muito cauteloso, Pierce, mas eu quero entrar no assunto, por isso dou um baita suspiro.")

Um breve silêncio e finalmente Agar disse:

— Já passaram dois anos desde a última vez que vi você. Tem estado ocupado?

— Viajando — disse Pierce.

— O Continente?

Pierce deu de ombros. Olhou para o copo de uísque na mão de Agar e para o outro, com gim e água pela metade, que Agar estava tomando quando ele chegou.

— Como está seu toque?

— Cada vez melhor — disse Agar. Para demonstrar, estendeu as mãos abertas com os dedos separados. Nenhum tremor.

— Talvez eu tenha uma ou duas coisinhas — disse Pierce.

— Spring Heel Jack não era de falar muito — disse Agar. — Sei disso com

certeza. Ele estava todo "inchado" e importante, mas não contou para ninguém.

— Jack foi posto de molho — Pierce disse, secamente. Como Agar explicou depois, era uma frase ambígua. Podia significar que Spring Heel Jack estava se escondendo. Mas na maioria das vezes queria dizer que estava morto, dependia. Agar não tocou mais no assunto.

— Essas uma ou duas coisinhas podiam ser algum roubo?

— Podiam.

— Arriscado, hein?

— Muito arriscado — disse Pierce.

— Dentro ou fora?

— Não sei. Podemos precisar de um ou dois "canários" quando chegar a hora. E boca muito fechada. Se o primeiro plano der certo, haverá outros.

Agar tomou o resto do uísque e esperou. Pierce pediu outro.

— Então, tem a ver com chaves? — perguntou Agar.

— Tem.

— Cera ou direto?

— Cera.

— Urgente ou tem tempo?

— Urgente.

— Certo, então — disse Agar. — Escolheu o homem certo. Posso fazer um molde de cera mais depressa do que o tempo que você leva para acender seu charuto.

— Sei disso — disse Pierce, acendendo um fósforo no balcão e segurando-o na ponta do charuto. Agar estremeceu de leve. Ele não fumava — na verdade, fumar havia recentemente voltado a ser moda, depois de oitenta anos — e toda vez que ele sentia o cheiro do fósforo e do enxofre de um fósforo aceso, estremezia, lembrando seus dias na fábrica.

Observou Pierce sugando o charuto até acender.

— Então, qual vai ser o golpe? Pierce olhou friamente para ele.

— Vai saber quando chegar a hora.

— Você é mesmo calado.

— Por isso — disse Pierce — nunca me puseram lá dentro — querendo dizer que nunca fora preso.

No julgamento outras testemunhas negaram essa afirmação, dizendo que Pierce tinha cumprido pena de três anos e meio em Manchester, por roubo, sob o nome de Arthur Wills.

Agar disse que Pierce deu um último aviso a respeito de ficar de boca fechada, afastou-se do bar e atravessou a sala enfumaçada e barulhenta do Touro e Urso para murmurar alguma coisa no ouvido de uma bela mulher. Ela riu. Agar virou para o

outro lado e não se lembra de mais nada daquela noite.

O CÚMPLICE INVOLUNTÁRIO

O Sr. Henry Fowler, quarenta e sete anos, conheceu Edward Pierce em circunstâncias muito diferentes. Fowler admitiu francamente que sabia pouca coisa do passado de Pierce. O homem disse que era órfão, era evidentemente culto e estava bem de vida, mantinha uma casa excelente, sempre equipada com as melhores novidades, algumas delas muito inteligentes.

O Sr. Fowler lembrava-se especialmente de um engenhoso aquecedor embutido para aquecer a entrada da casa. Tinha a forma de uma armadura e funcionava admiravelmente. O Sr. Fowler lembrava também de ter visto um binóculo luxuoso, de alumínio, recoberto com marroquim legítimo. Disse que ficou tão encantado que procurou um igual para comprar e ficou atônito com o preço exorbitante de 80 xelins. Evidentemente Pierce era rico e Henry Fowler achava que era uma companhia divertida para um jantar ocasional.

Lembrou-se com dificuldade de um episódio na casa de Pierce no fim de maio, em 1854. Era um jantar para oito cavalheiros. A conversa girou especialmente sobre a proposta de uma estrada de ferro subterrânea na própria cidade de Londres. Fowler achou o assunto tedioso e ficou desapontado quando continuaram a discutir a mesma coisa enquanto tomavam *brandy* na sala de fumar.

Então passaram a falar da epidemia de cólera em certos bairros de Londres, onde a doença estava matando uma pessoa em cem. A discussão sobre as medidas propostas pelo Sr. Edwin Chadwick, um dos Comissários da Saúde, que consistiam na construção de um novo sistema de esgotos na cidade e uma limpeza das águas do Tâmisa, era profundamente tediosa para o Sr. Fowler. Além disso, o Sr. Fowler sabia de fonte segura que o velho "Cérebro dos Canos", o Sr. Chadwick, estava para ser demitido do seu posto, mas tinha jurado não divulgar essa informação. Ele tomou o café com uma crescente sensação de fadiga. Estava pensando em se retirar quando o anfitrião, o Sr. Pierce, perguntou a ele sobre a recente tentativa de roubo de um carregamento de ouro de um trem.

Era natural que Pierce perguntasse a Fowler, pois Henry Fowler era cunhado de Sir Edgar Huddleston, da firma bancária Huddleston & Bradford, Westminster. O Sr. Fowler era gerente geral dessa próspera firma, especializada em negócios com moedas estrangeiras desde sua fundação, em 1833.

Era uma época de domínio absoluto da Inglaterra sobre o comércio mundial. A Inglaterra extraía mais da metade do carvão de todo o mundo, e sua produção de ferro gusa era maior do que a do resto do mundo. Produzia ainda três quartos do tecido de algodão em todo o mundo. Seus negócios no comércio externo eram

avaliados em 700 milhões de libras por ano, duas vezes os de seus principais concorrentes, os Estados Unidos e a Alemanha. Seu império de além-mar era o maior da história do mundo e ainda estava em expansão, até chegar a dominar quase um quarto da superfície da Terra e um terço da sua população.

Sendo assim, era natural que os negócios estrangeiros de todo tipo estivessem centralizados em Londres e os bancos londrinos estivessem no apogeu. Henry Fowler e seu banco lucravam com a tendência da economia da época, mas sua ênfase nas transações com moeda estrangeira também era uma fonte de bons negócios. Desse modo, quando a Inglaterra e a França declararam guerra à Rússia, dois meses antes, em março de 1854, a firma de Huddleston & Bradford foi designada para despachar o pagamento dos soldados britânicos que lutavam na campanha da Criméia.

Exatamente um desses carregamentos de ouro para pagamento dos soldados fora recentemente objeto de uma tentativa de roubo.

— Uma tentativa trivial — afirmou Fowler, consciente de estar falando pelo banco. Os outros homens, fumando charutos e tomando *brandy*, eram cavalheiros de posses, que conheciam outros cavalheiros de posses. O Sr. Fowler sentiu-se na obrigação de afastar qualquer possibilidade de dúvida quanto à segurança do banco, nos termos mais fortes possíveis. — Sim, sem dúvida — continuou ele — trivial e amadora. Não tinham a menor chance de sucesso.

— O vilão faleceu? — perguntou o Sr. Pierce, sentado de frente para ele, fumando seu charuto.

— Certo — disse o Sr. Fowler. — O guarda ferroviário o atirou para fora quando estavam em grande velocidade. O choque deve tê-lo matado instantaneamente. — E acrescentou. — Pobre-diabo.

— Ele foi identificado?

— Oh, suponho que não — disse Fowler. — O modo de sua partida foi tal que seu rosto estava consideravelmente — ah, alterado. Chegaram a dizer que o nome dele era Jack Perkins, mas ninguém sabe ao certo. A polícia não se interessou muito pelo caso, o que, na minha opinião, foi muito sensato. Todo o modo como foi feita a tentativa de roubo indica o mais elementar amadorismo. Nunca poderia ter tido sucesso.

— Suponho — disse Pierce — que o banco deve tomar precauções consideráveis.

— Meu caro — disse Fowler. — Precauções consideráveis, sem dúvida! Posso garantir que ninguém transporta doze mil libras em ouro, para a França, sem a mais ampla segurança.

— Então o bandido pretendia roubar os pagamentos da Criméia? — perguntou outro cavalheiro, o Sr. Harrison Bendix. Bendix era um opositor declarado da campanha da Criméia e Fowler não tinha intenção de iniciar uma discussão política

naquela hora da noite.

— Aparentemente foi — disse ele secamente e ficou aliviado quando Pierce disse:

— Nós certamente estamos curiosos para saber quais são as precauções tomadas pelo banco. Ou é um segredo da firma?

— Nenhum segredo — disse Fowler, aproveitando a oportunidade para tirar o relógio de ouro do bolso do colete, abrir a tampa redonda e verificar a hora. Eram mais de onze, hora de ir para casa. Só a necessidade de defender a reputação do banco o fez se demorar mais. — Na verdade, as precauções foram idealizadas por mim. E se me permitem, desafio a apontarem qualquer falha no plano estabelecido.

Olhou de um para o outro, enquanto falava.

— Cada remessa de ouro em barra é acondicionada no interior do próprio banco, num local que, não preciso dizer, é inexpugnável. As barras são empilhadas em vários cofres-fortes recobertos de chumbo, que são então fechados hermeticamente. Um homem sensato pode achar que essa proteção é suficiente, mas é claro que fazemos muito mais.

Fez uma pausa para tomar um gole de *brandy* e continuou:

— Muito bem. Os cofres fechados são levados por guardas armados até a estação. O comboio não vai sempre pelo mesmo caminho, nem na mesma hora. Usa sempre ruas movimentadas para evitar uma tentativa de desviá-lo do caminho da estação. Nunca usamos menos de dez guardas, todos homens de confiança e empregados antigos da firma e todos fortemente armados.

"Muito bem. Na estação, os cofres são postos no carro transporte de bagagem da estrada de ferro Folkestone, onde são guardados em dois dos mais modernos cofres Chubb."

— É mesmo, cofres Chubb? — disse Pierce, erguendo as sobrancelhas.

Chubb fabricava os melhores cofres do mundo, universalmente reconhecidos pela perfeição e acabamento.

— Não se trata da linha comum dos cofres Chubb — continuou Fowler —, pois foram especialmente fabricados de acordo com as especificações do banco. Cavalheiros, os lados dos cofres são de aço temperado, de um quarto de polegada, e as portas têm dobradiças internas, o que impossibilita qualquer manipulação externa. Imaginem, só o peso dos cofres é suficiente para impedir um roubo, pois cada um pesa mais de cento e vinte e cinco quilos.

— Realmente impressionante — disse Pierce.

— Tanto — disse Fowler — que qualquer pessoa, em sã consciência, pode considerar como segurança suficiente para o carregamento de ouro. Contudo, acrescentei outros detalhes. Cada um dos cofres tem não uma mas duas fechaduras, cada uma com uma chave diferente.

— Duas chaves? Muito engenhoso.

— Não é só isso — disse Fowler. — Cada uma das quatro chaves — duas para cada cofre — é individualmente protegida. Duas são guardadas no escritório da própria companhia da estrada de ferro. Uma terceira fica a cargo do sócio mais antigo do banco, o Sr. Trent, que alguns dos senhores devem conhecer e que é um cavalheiro da maior confiança. Confesso que não sei onde o Sr. Trent escondeu sua chave. Mas sei onde está a quarta, pois eu mesmo fui encarregado de guardá-la.

— Extraordinário — disse Pierce. — Uma enorme responsabilidade, suponho.

— Tenho de admitir que senti uma certa necessidade de espírito inventivo — confessou Fowler, fazendo então uma pausa dramática.

Foi o Sr. Wyndham, um pouco tocado pela bebida, que finalmente falou.

— Bem, que diabo, Henry, vai nos dizer onde escondeu a maldita chave?

O Sr. Fowler não se ofendeu, mas sorriu com superioridade. Ele não era muito dado à bebida, e via com modesta satisfação as esquisitices dos que abusavam do álcool.

— Eu a guardo — disse ele — dependurada no meu pescoço — bateu na frente da camisa com a mão aberta. — Sempre, mesmo quando tomo banho — na verdade, mesmo quando estou dormindo. Nunca a tiro do pescoço — continuou com um largo sorriso. — Portanto, cavalheiros, podem ver que a tentativa elementar de uma criança das classes perigosas não pode de modo algum preocupar Huddleston & Bradford, pois o ladrãozinho não tinha mais possibilidade de roubar aquele ouro do que de — bem, de voar até a lua.

Nesse ponto o Sr. Fowler se permitiu uma risadinha discreta, zombando do absurdo de tudo aquilo.

— Muito bem — disse ele —, digam-me agora se descobriram alguma falha no nosso plano.

— Absolutamente nenhuma — disse o Sr. Bendix, friamente.

Mas o Sr. Pierce foi mais caloroso.

— Devo congratulá-lo, Henry — disse ele. — Na verdade é a estratégia mais engenhosa que já ouvi para a proteção de um carregamento de objetos valiosos.

— Eu também acho — disse o Sr. Fowler.

Logo depois, o Sr. Fowler levantou-se para sair, comentando que se não voltasse logo para casa sua esposa ia pensar que ele estava com alguma garota.

— E eu detestaria sofrer o castigo sem ter tido a recompensa.

Todos os cavalheiros acharam graça na observação. Era, pensou ele, a coisa certa para dizer naquele momento. Os homens queriam seus banqueiros prudentes, mas não puritanos. Uma ótima frase.

— Eu o acompanho até a porta — disse Pierce, levantando-se também.

O ESCRITÓRIO DA ESTRADA DE FERRO

As ferrovias da Inglaterra cresceram com uma velocidade tão fenomenal que a cidade de Londres, assoberbada, nunca chegava a construir a própria estação. Cada uma das linhas, construídas por firmas privadas, levava seus trilhos até onde era possível dentro da cidade e construía um terminal. Mas em meados do século esse sistema começou a ser questionado. O deslocamento das pessoas pobres, cujas casas eram demolidas para dar lugar às linhas que entravam na cidade, era um dos argumentos. O outro focalizava a inconveniência para os viajantes de serem obrigados a atravessar Londres em carruagens para fazer a conexão entre uma estação e outra, a fim de continuar a viagem.

Em 1846, Charles Pearson propôs e desenhou as plantas para um enorme Terminal Central das Estradas de Ferro, em Ludgate Hill, mas a idéia jamais foi posta em execução. Depois da construção de várias estações — sendo as mais recentes a estação Vitória e a de King's Cross, em 1851 — foi determinada uma moratória para outras construções, em virtude do furioso debate do público.

Finalmente, a idéia de um terminal central em Londres foi completamente abandonada e novas estações afastadas da cidade foram construídas. Quando a última, a estação de Marylebone, foi terminada, em 1899, Londres tinha quinze terminais ferroviários, duas vezes mais do que qualquer outra cidade importante da Europa e o conjunto intrincado de linhas e de horários aparentemente jamais chegou a ser compreendido por nenhum londrino, exceto Sherlock Holmes, que sabia todos de cor.

Em meados do século, a parada nas construções deixou várias linhas em situação desvantajosa e uma delas foi a South Eastern Railway, que ia de Londres até a cidade costeira de Folkestone, a uns cento e trinta quilômetros de distância. A South Eastern só teve acesso ao centro de Londres em 1851, quando foi reconstruído o terminal London Bridge.

Situada na margem sul do rio Tâmesa, ao lado da sua homônima, a London Bridge era a mais antiga estação ferroviária da cidade. Foi originalmente construída em 1836 pela London & Greenwich Railway. Nunca popular, a estação foi considerada "inferior em desenho e concepção" a outras construídas posteriormente, com a de Paddington e King's Cross. Porém quando foi reconstruída, em 1851, o *Illustrated London News* lembrou que a antiga estação era "notável pela simplicidade, caráter artístico e realismo da sua fachada. Portanto, lamentamos seu desaparecimento para dar lugar, aparentemente, a outra de menor mérito."

É exatamente esse tipo de mudança de opinião que sempre tem frustrado e

enfurecido os arquitetos. O famoso Sir Christopher Wren, dois séculos antes, escrevia que "o povo de Londres pode desprezar uma monstruosidade até ela ser demolida, e então, como por mágica, a construção que a substitui é classificada de inferior à primeira, agora agraciada com extensos elogios".

Contudo, temos de admitir que o novo terminal London Bridge era extremamente insatisfatório. Para os vitorianos as estações de trem eram "catedrais daquela era". Esperavam que combinassem os mais altos princípios de estética com as maiores realizações da tecnologia e muitas delas satisfazem essa expectativa, com suas altas, abauladas e elegantes cúpulas de vidro. Mas a estação London Bridge era deprimente sob todos os aspectos. Uma estrutura de dois andares, em forma de L, tinha aparência simples e utilitária, com uma fila de lojas medíocres sob uma arcada, à esquerda, e a parte principal da estação diretamente em frente, sem nenhum ornamento, a não ser o relógio montado no teto. O pior de tudo, o plano do assoalho interno — objeto da maior parte das críticas à antiga construção — não foi alterado.

Foi durante a reconstrução da estação que a South Eastern Railway passou a usar o terminal London Bridge como ponto de partida das suas linhas para a costa. Isso foi feito por meio de *leasing*. A South Eastern alugava trilhos, plataformas e espaço para escritório da London & Greenwich, cujos proprietários não estavam dispostos a dar à South Eastern mais facilidades do que as necessárias.

Os escritórios de supervisão do tráfego consistiam em quatro salas numa ala afastada do terminal — duas para os empregados, uma área de depósito de itens de valor e uma sala maior para o supervisor. Todas as salas tinham vidro na parte da frente. O conjunto ficava no segundo andar do terminal e seu acesso era feito somente por uma escada de ferro trabalhado que saía da plataforma da estação. Qualquer pessoa subindo a escada era vista tanto pelos empregados do escritório quanto pelos passageiros, carregadores e guardas, nas plataformas do primeiro andar.

O supervisor de tráfego chamava-se McPherson. Era um escocês idoso que vigiava atentamente os empregados para que eles não se distraíssem olhando pela janela. Assim, ninguém no escritório notou quando, no começo de julho de 1854, dois viajantes tomaram posição num dos bancos da plataforma e ficaram ali o dia inteiro, consultando freqüentemente seus relógios, como que impacientes para começar sua viagem. Também não notaram quando os mesmos dois cavalheiros voltaram na semana seguinte e outra vez passaram o dia no mesmo banco, observando o movimento na estação enquanto esperavam o trem e verificando freqüentemente seus relógios de bolso.

Na verdade, Pierce e Agar não estavam usando relógios comuns, mas cronômetros. Pierce tinha um muito elegante com duas faces, numa caixa de ouro dezoito quilates. Era considerado a maravilha da mais nova engenharia, vendido para marcação de corridas e outros fins. Mas ele o segurava na mão em concha para não

chamar a atenção.

Depois do segundo dia observando a rotina dos empregados do escritório, a mudança dos guardas da via férrea, a chegada e partida dos visitantes no escritório, e outros pontos de importância para eles, Agar finalmente olhou para o alto da escada de ferro do escritório e disse:

— É loucura pura. Ele é aberto demais. Afinal, o que você quer lá de dentro?

— Duas chaves.

— Que duas chaves são essas?

— Duas chaves que eu quero — disse Pierce.

Agar olhou para o escritório com os olhos semicerrados. Se ficou desapontado com a resposta, não demonstrou.

— Bom — disse ele, em tom profissional —, se são duas "abridoras" que você quer, acho que devem estar no quarto de depósito — indicou com um movimento da cabeça, não ousando apontar com o dedo — logo depois da sala dos empregados. Está vendo o armário?

Pierce fez um gesto afirmativo. Através do vidro ele via o escritório. Na área de depósito havia um armário raso, embutido, verde-lima. Parecia o tipo de lugar feito para guardar chaves.

— Estou vendo.

— Aposto quanto quiser que estão naquele armário. Agora, pode estar certo de que está trancado, mas isso não é problema. Fechadura barata.

— E a porta da frente? — perguntou Pierce.

Não só o armário das chaves estava trancado, como também a porta do conjunto de salas — com vidro fosco onde estava escrito SER, e abaixo, DIVISÃO DE SUPERVISOR DE TRÁFEGO — tinha uma grande fechadura de bronze acima do trinco.

— Aparências — disse Agar com desdém. — Vai abrir com uma simples viradinha de arame no miolo. Eu posso abrir com a ponta da unha. Nenhum problema. O problema é a maldita multidão.

Pierce concordou com um gesto, mas não disse nada. Aquela operação era de Agar e era ele quem tinha de resolver.

— Você disse que quer duas chaves?

— Sim — disse Pierce. — Duas chaves.

— Duas chaves são quatro ceras. Quatro ceras não levam mais de um minuto para fazer. Mas sem contar o arrombamento da porta e do armário interno. Mais tempo para isso. — Agar olhou para a plataforma apinhada e depois para os empregados no escritório. — Muito difícil fazer isso de dia — disse ele. — Tem muita gente.

— Noite?

— Sim. À noite, quando está vazia e ninguém pode ver. Acho que à noite é

melhor.

— À noite, os *tritadores* fazem a ronda — lembrou Pierce.

Já sabiam que os policiais patrulhavam a estação à noite, quando estava deserta, com intervalos de cinco minutos.

— Acha que vai ter tempo? — Pierce perguntou. Agar franziu a testa e olhou para o escritório.

— Não — disse, finalmente. — A não ser...

— Sim?

— Anão ser que o escritório já estivesse aberto. Então posso entrar à vontade e fazer as ceras rapidamente e sair, tudo em dois minutos.

— Mas o escritório vai estar trancado — disse Pierce.

— Estou pensando num homem-cobra — disse Agar, indicando com a cabeça o escritório do supervisor.

Pierce olhou para cima. O escritório do supervisor tinha uma grande janela de vidro e através dela, ele via o Sr. McPherson, em mangas de camisa, cabelos brancos e um visor verde. Atrás dele havia uma janela quadrada para ventilação, com aproximadamente trinta por trinta centímetros.

— Estou vendo — disse Pierce. E acrescentou: — Danada de pequena.

— Um homem-cobra pode passar — disse Agar.

Um homem-cobra era uma criança que se especializava em passar por espaços pequenos. Geralmente um antigo aprendiz de limpador de chaminé.

— E uma vez no escritório, ele abre o armário e abre a porta por dentro, deixando tudo preparado para mim. Isso vai fazer deste trabalho uma canja, pode estar certo — disse ele, balançando a cabeça, satisfeito.

— Se tivermos um homem-cobra.

— Isso mesmo.

— E ele deve ser o próprio demônio — disse Pierce, olhando outra vez para a janela — se quisermos abrir aquela fechadura. Quem é o melhor?

— O melhor? — Agar perguntou, surpreso. — O melhor é Clean Willy, mas está em cana.

— Onde?

— Prisão de Newgate e não tem jeito de escapar de lá. Ele vai cumprir seus dias quietinho, agüentar o trabalho pesado, vai ser um bom menino e esperar sua condicional, se chegar algum dia. Mas não tem jeito de escapar. Não de Newgate.

— Talvez Clean Willy arranje um jeito.

— Ninguém pode arranjar um jeito — disse Agar, desanimado. — Já foi tentado antes.

— Vou mandar alguém falar com Willy — disse Pierce — e então veremos.

Agar fez um gesto afirmativo.

— Eu espero — disse ele — mas não demais.

Os dois continuaram a vigilância do escritório. Pierce olhou demoradamente para o pequeno armário na parede da sala de depósito. Lembrou-se de que não o tinha visto ser aberto nem uma vez.

Pensou então, e se houver mais chaves lá dentro, uma dezena de chaves? Como Agar vai saber de quais tirar a cópia?

— Lá vem o *tritador* — disse Agar.

Pierce olhou e viu o policial fazendo a ronda. Apertou o botão do cronômetro. Sete minutos e quarenta e sete segundos entre um circuito e outro. Mas essa rotina devia ser mais rápida à noite.

— Está vendo algum lugar para se esconder? — perguntou Pierce.

Agar indicou com a cabeça um estande para bagagem num canto, a uns dez passos da escada.

— Aquele serve.

— Tudo bem — disse Pierce.

Os dois homens ficaram sentados até as sete horas, quando os empregados deixaram o escritório e foram para casa. Às sete e vinte o supervisor saiu, trancando a porta externa. Agar, de longe, observou a chave.

— Que tipo de chave? — perguntou Pierce.

— Uma giradinha de nada resolve — disse Agar.

Ficaram mais uma hora, até quando foi possível. O último trem partiu e agora iam chamar atenção. Mas antes cronometraram a ronda do policial da noite. Ele passava pelo escritório do diretor de tráfego a cada cinco minutos e três segundos.

Pierce apertou o botão do cronômetro e olhou para o segundo ponteiro.

— Cinco e três — disse ele.

— Bem apertado — disse Agar.

— Acha que pode fazer?

— É claro que posso — disse Agar. — Posso engravidar uma mulher em menos tempo — tudo que eu, disse foi: bem apertado. Cinco e três?

— Posso acender um charuto em menos tempo — lembrou Pierce.

— Eu posso fazer — afirmou Agar — se tiver um homem-cobra como Clean Willy.

Os dois homens deixaram a estação. Assim que saíram para a luz do fim do dia, Pierce fez sinal para seu carro. O cocheiro com a cicatriz na testa chicoteou o cavalo e seguiu para a frente da estação.

— Quando a gente faz o trabalho? — perguntou Agar. Pierce deu a ele um guinéu de ouro.

— Quando eu avisar — respondeu. Entrou no carro e desapareceu na noite.

O PROBLEMA E A SOLUÇÃO

Em meados de julho de 1854, Edward Pierce sabia onde estavam três das quatro chaves de que precisava para abrir os cofres. Duas estavam no armário verde no escritório do supervisor de tráfego da South Eastern Railway. A terceira estava pendurada no pescoço de Henry Fowler. Para Pierce, essas três chaves representavam o maior problema.

Havia, evidentemente, a questão do cálculo exato do tempo para a entrada clandestina no escritório, a fim de fazer as cópias das chaves. Havia também o problema de encontrar um bom homem-cobra para ajudar a entrar no escritório. Mas todos esses obstáculos podiam ser vencidos.

A verdadeira dificuldade estava na quarta chave. Pierce sabia que estava com o sócio mais antigo do banco, o Sr. Trent, mas não sabia *onde* — e isso era sem dúvida um grande desafio, que mereceu toda sua atenção durante os quatro meses seguintes.

Aqui torna-se necessária uma pequena explicação. Em 1854, Alfred Nobel começava sua carreira. O químico sueco só descobriria a dinamite dez anos depois, e a "sopa" de nitroglicerina era coisa do futuro. Assim, em meados do século XIX qualquer cofre de metal decentemente construído representava uma genuína barreira para o ladrão.

Esse fato era tão amplamente reconhecido que os fabricantes de cofres dedicavam grande parte das suas energias ao problema de fazer cofres à prova de fogo, uma vez que a perda de dinheiro e documentos, desse modo, era um risco muito mais sério do que a possibilidade de roubo. Nesse período, foram registradas várias patentes de ferromangânês, cerâmica, pó de mármore e gesso, para forrar o interior dos cofres, tornando-os à prova de fogo.

Um ladrão que quisesse roubar um cofre tinha três opções. A primeira era levar o cofre para onde pudesse abri-lo com calma. Isso era impossível devido ao tamanho e peso dos cofres e os fabricantes tinham o cuidado de empregar os materiais mais pesados e mais rígidos para desencorajar essa forma de roubo.

Como alternativa, o ladrão podia usar um *petter-cutter*, uma broca que se prendia à fechadura, fazendo um buraco até o centro do mecanismo. Através desse orifício, a fechadura podia ser manipulada e aberta. *Mas, o petter-cutter* era uma ferramenta de especialista. Era barulhenta, vagarosa e incerta. Além disso custava caro e era volumosa, difícil de carregar.

A terceira escolha era olhar para o cofre e desistir. Era o que acontecia com maior frequência. Dez anos mais tarde, o cofre passaria de um obstáculo

inexpugnável a um mero fator de irritação para as mentes dos ladrões, mas naquela época era praticamente invencível.

Isto é, a não ser que alguém tivesse a chave do cofre. As fechaduras com combinações não tinham sido ainda inventadas, todos os cofres eram operados por meio de chaves e o modo mais seguro de assaltar um cofre era estar preparado com uma chave previamente obtida. Isso explica a preocupação dos criminosos do século XIX com chaves. A literatura criminal vitoriana, oficial e popular, é quase sempre obcecada por chaves, como se nada mais tivesse importância. Naquele tempo, como disse o mestre arrombador de cofres Neddy Sykes, no seu julgamento, em 1848, "A chave é tudo no trabalho, o problema e a solução."

Assim a preocupação inquestionável de Edward Pierce, no planejamento do roubo do trem era conseguir primeiro cópias de todas as chaves necessárias. E devia fazer isso ganhando acesso às chaves originais, pois embora houvesse um novo método que usava cera "informe" inserida nas fechaduras dos cofres, essa técnica não era confiável. Por esse motivo os cofres da época geralmente não tinham guarda de segurança.

O verdadeiro foco do criminoso eram as chaves do cofre, onde quer que estivessem. O processo de cópia não apresentava dificuldade. Impressões das chaves, em cera, podiam ser feitas em poucos minutos. E qualquer lugar fechado à chave podia ser aberto com relativa facilidade.

Mas, pensando bem, uma chave é um objeto muito pequeno. Pode ser escondida nos lugares mais absurdos, em qualquer parte do corpo humano, ou num aposento. Especialmente num aposento vitoriano, onde até o objeto mais simples, como um cesto de costura, era recoberto com pano, camadas ou franjas e borlas decorativas.

Esquecemos o quanto eram apinhados de coisas os aposentos vitorianos. A decoração típica do período criava um sem-número de esconderijos. Além disso, os vitorianos adoravam compartimentos secretos e espaços escondidos. Uma escrivaninha de meados do século era anunciada como "contendo cento e dez compartimentos, incluindo vários habilmente disfarçados à prova de detecção". Até as lareiras ornamentadas construídas em todos os cômodos da casa tinham dezenas de lugares para esconder objetos pequenos como uma chave.

Assim, em meados do período vitoriano, a informação sobre o esconderijo de uma chave era quase tão útil quanto a cópia dela. O ladrão que quisesse fazer um molde em cera podia entrar na casa, se soubesse exatamente onde estava a chave, ou pelo menos em que aposento estava escondida. Mas se não soubesse, a dificuldade de uma procura minuciosa — em silêncio, numa casa cheia de moradores e empregados, usando uma única lanterna com a luz semi-encoberta que lançava somente um pequeno círculo de luz — era tão grande a ponto de não valer a pena o

trabalho.

Assim sendo, Pierce dedicou todo seu empenho para descobrir onde o Sr. Edgar Trent, sócio mais antigo da firma Huddleston & Bradford, guardava a sua chave.

A primeira questão era se o Sr. Trent guardava sua chave no banco. Os bancários do Huddleston & Bradford almoçavam à uma hora num *pub* chamado Cavalo e Cavaleiro, no outro lado da rua. Era um estabelecimento pequeno, lotado e quente na hora do almoço. Pierce travou conhecimento com um dos empregados do banco, um jovem chamado Rivers.

Normalmente, empregados e funcionários subalternos do banco desconfiavam de conhecimentos casuais, pois nunca se sabe quando se está falando com um criminoso disfarçado. Mas Rivers estava descansado, sabendo que o banco era inexpugnável — e reconhecendo, talvez, que tinha muitos ressentimentos contra seus empregadores.

Sobre esse assunto, será útil recordar as "Regras para o pessoal do escritório" afixadas pelo Sr. Trent em 1854. São as seguintes:

1. Religiosidade, limpeza e pontualidade são os requisitos para um bom negócio.

2. A firma reduziu o dia de trabalho para o período entre 8:30h da manhã às 7:00h da noite.

3. Orações diárias serão feitas todas as manhãs no escritório principal. Os funcionários estarão presentes.

4. O vestuário deve ser sóbrio. Os funcionários não devem usar roupas de cores vivas.

5. Existe um aquecedor para benefício dos funcionários. Recomendamos que cada membro do pessoal traga quatro libras de carvão, por dia, durante o inverno.

6. Nenhum membro do pessoal pode sair da sala sem permissão do Sr. Roberts. Os chamados da natureza são permitidos e os funcionários devem usar o jardim atrás do segundo portão. Essa área deve ser mantida limpa e em ordem.

7. Não é permitido conversar durante o horário de trabalho.

8. O desejo de fumar e tomar vinho e bebidas alcoólicas é uma fraqueza humana, e como tal proibida aos funcionários do banco.

9. Os funcionários devem trazer as próprias canetas.

10. Os gerentes da firma esperam que estas condições utópicas sejam compensadas com um aumento na produção do trabalho.

Por mais utópicas que fossem, as condições de trabalho da Huddleston & Bradford fizeram com que o funcionário Rivers falasse livremente sobre o Sr. Trent. E com menor entusiasmo do que se poderia esperar de um empregador utópico.

— Um pouco emproado, ele é — disse Rivers. — Fechando a tampa do relógio de bolso às oito e meia em ponto, e verificando se todos estão nos seus lugares, sem

aceitar desculpas. Deus ajude o homem cujo ônibus se atrasou no tráfego ou na hora de maior movimento.

— Exige a rotina, não é mesmo?

— Com todo rigor, ele exige. É um homem duro — o trabalho deve ser feito e é tudo que quer saber. Está ficando velho — disse Rivers. — E vaidoso também. Está usando suíças mais compridas do que as suas para compensar o cabelo que está perdendo no alto da cabeça.

Naquela época havia grande debate a respeito da propriedade do uso de suíças por cavalheiros. Era a nova moda e as opiniões sobre seus benefícios variavam. Havia também uma nova moda chamada cigarro, recentemente introduzida, mas os mais conservadores não fumavam — certamente não em público, e nem mesmo em casa. E os homens mais conservadores não usavam barba de nenhum tipo.

— Ouvi dizer que ele tem uma escova — continuou Rivers. — A escova elétrica do Dr. Scott, que vem de Paris. Sabe quanto custa? Doze xelins e seis pence, é isso que custa.

Para Rivers isso era caro. Ele recebia doze xelins por semana.

— O que a escova faz? — perguntou Pierce.

— Cura dor de cabeça, caspa e calvície também — disse Rivers. — Pelo menos é o que dizem. Ele se tranca no escritório e escova a cabeça de hora em hora, pontualmente. — Rivers riu das manias do patrão.

— Ele deve ter um escritório bem grande.

— Isso mesmo, grande e confortável também. E um homem importante, o Sr. Trent.

— Mantém o escritório limpo?

— Sim, o faxineiro vem todas as noites, para varrer, tirar o pó e arrumar tudo. Sempre, antes de sair, o Sr. Trent diz para ele, "Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar", e então vai embora, às sete horas em ponto.

Pierce não lembrava do resto da conversa, pois não o interessava. Já sabia o que queria saber. O Sr. Trent não guardava a chave no seu escritório. Se guardasse jamais deixaria que a limpeza fosse feita na sua ausência, pois todos sabiam que era fácil subornar um faxineiro, e para o observador desavisado havia pouca diferença entre fazer a limpeza e revistar.

Porém, mesmo que não estivesse no seu escritório, a chave podia estar no banco. Talvez num dos cofres-fortes. Para saber, Pierce podia conversar com outro funcionário, mas queria evitar isso. Preferiu outro método.

Capítulo 7

O JANOTA

Teddy Burke, vinte e quatro anos, estava trabalhando no Strand às duas horas da tarde, a hora mais elegante. Como os outros cavalheiros, Teddy Burke estava corretamente vestido, cartola, paletó comprido negro, calça justa e uma gravata de seda negra. Esse traje tinha custado uma nota, mas era essencial para o seu negócio, pois Teddy Burke era um dos mais janotas de todos os criminosos janotas.

Na multidão de senhoras e cavalheiros que olhavam as vitrines das lojas elegantes daquela rua, que Disraeli chamou de "primeira rua na Europa", ninguém notava que Teddy Burke não estava sozinho. Na verdade, estava realizando sua operação costumeira, ele no papel de *mergulhador*, um *apanhador* ao seu lado e dois *obstáculos*, um na frente, outro atrás — ao todo quatro homens, todos muito bem vestidos. Os quatro caminhavam no meio do povo, sem chamar a atenção. Havia muita coisa para ser vista.

Naquele dia de começo de verão o ar quente cheirava a estéreo de cavalo, a despeito da atividade de uma dezena de varredores de rua. Era grande o movimento de carros pequenos, carroças, ônibus barulhentos com letras pintadas em cores vivas, carros de quatro rodas e de duas, e uma vez ou outra, passava uma elegante carruagem com cocheiro na frente e criados de libre de pé, atrás, no lado de fora. Crianças andrajosas corriam no meio do tráfego e viravam carrinhos de mão na frente das patas dos cavalos para divertimento dos transeuntes, alguns dos quais atiravam moedas para elas.

Teddy Burke não via nada disso, nem os objetos expostos nas vitrines. Sua atenção era toda para a presa, uma fina dama com saia rodada de crinolina vermelho escuro. Dentro de alguns momentos ele ia esbarrar nela, ou *mergulhar*, como diziam.

Sua gangue estava em formação. Um dos *obstáculos* tomou posição três passos à frente, o outro cinco passos atrás. Como indica o título, sua função era provocar desordem e confusão, se alguma coisa saísse errada.

A presa estava em movimento, mas isso não preocupava Teddy Burke. Seu plano era fazer um trabalho de passagem, o tipo mais difícil de *mergulho*, enquanto ela ia de loja em loja.

— Tudo bem, lá vamos nós — disse ele e os *apanhadores* moveram-se ao lado dele. O papel do *apanhador* consistia em apanhar o produto do roubo das mãos de Teddy, deixando-o *limpo*, para o caso de haver muita confusão e ele ser detido por um policial.

Junto com os *apanhadores* ele se aproximou tanto da mulher que podia sentir seu perfume. Caminhou do lado direito dela, pois os vestidos femininos tinham só

um bolso e sempre no lado direito.

Teddy levava um sobretudo dobrado no braço esquerdo. Uma pessoa sensata perguntaria por que um cavalheiro carregava um sobretudo num dia tão quente, mas o sobretudo parecia novo e ele podia ter apanhado em uma loja próxima onde havia deixado para alguma alteração. De qualquer modo, o sobretudo escondia o movimento do seu braço direito passando pela frente do corpo, na direção da saia da mulher. Ele passou a mão na saia delicadamente, para verificar se a bolsa estava lá. Seus dedos a tocaram. Teddy Burke respirou fundo, rezando para que as moedas não tilintassem e a tirou do bolso.

Imediatamente afastou-se da mulher, passou o sobretudo para o outro braço e enquanto fazia esse movimento, entregou a bolsa para o *apanhador*. O homem afastou-se rapidamente. Na frente e atrás, os *obstáculos* saíram cada um para um lado. Só Teddy Burke, limpo agora, continuou a andar no Strand, parando na frente de uma loja de jarras de vidro e cristal lapidado importadas da França.

Um homem alto com barba vermelha admirava também os objetos na vitrine. Não olhou para Teddy Burke.

— Belo golpe — disse ele.

Teddy Burke piscou os olhos, surpreso.

O estranho estava muito bem vestido, muito elegante para ser um policial à paisana e certamente não era um *nariz*, ou informante. Teddy Burke disse cautelosamente:

— Está falando comigo, senhor?

— Estou — disse o homem. — Eu disse que foi um belo golpe. Usou um gancho?

Teddy Burke ficou profundamente ofendido. Um gancho era um pedaço de arame curvo na ponta que os *mergulhadores* de baixa categoria usavam para roubar uma bolsa, quando seus dedos eram trêmulos demais para fazer o trabalho.

— Desculpe-me, senhor. Não sei o que quer dizer.

— Acho que sabe e muito bem — disse o homem. — Vamos andar um pouco?

Teddy Burke deu de ombros e os dois começaram a andar. Afinal, ele estava limpo, não tinha nada a temer.

— Belo dia — disse ele.

O estranho não respondeu. Caminharam por alguns minutos em silêncio.

— Você acha que pode ser menos eficiente? — perguntou o homem, depois de algum tempo.

— O que quer dizer, senhor?

— Quero dizer — explicou o homem —, pode abalroar um freguês e sair com as mãos vazias?

— De propósito? — Teddy Burke riu. — Acontece muitas vezes, contra a

minha vontade, pode ter certeza.

— Tem cinco mangos pra você se puder provar que é um mestre num trabalho malfeito.

Teddy Burke entrecerrou os olhos. Havia uma porção de financiadores pela cidade, criminosos astutos que empregavam um cúmplice descuidado para servir de bode expiatório num plano complicado. Teddy Burke não era nenhum bobo.

— Cinco mangos não é grande coisa.

— Dez — disse o homem, com voz cansada.

— Tenho de pensar nos meus homens.

— Não — disse o homem —, só você.

— Então, qual é o trabalho? — perguntou Teddy Burke.

— Muito movimento, um pequeno empurrão, o suficiente para preocupar o homem e fazê-lo bater nos bolsos.

— E quer que eu saia de mãos vazias?

— Completamente vazias — disse o homem.

— Então, quem é a presa? — perguntou Teddy Burke.

— Um homem chamado Trent. Você vai encostar nele com um mergulho desajeitado na frente do escritório dele, só um encontrão, de verdade.

— E onde fica o escritório?

— No Banco Huddleston & Bradford. Teddy Burke assobiou.

— Westminster. Arriscado, isso é que é. Tem polícia que dá para formar um maldito exército.

— Mas você vai estar limpo. Tudo que tem a fazer é deixar o homem preocupado.

Teddy Burke andou por alguns minutos, olhando para uma coisa e outra, tomando ar e pensando.

— Então, quando vai ser?

— Amanhã de manhã. Oito horas em ponto.

— Está bem.

O homem de barba vermelha deu a ele uma nota de cinco libras e disse que receberia o resto depois de fazer o trabalho.

— Então, do que se trata? — quis saber Teddy Burke.

— Um assunto pessoal — respondeu o homem e desapareceu no meio da multidão.

A TERRA SANTA

De 1801 a 1851, Londres triplicou em tamanho. Com uma população de dois milhões e meio, era, de longe, a maior cidade do mundo e todos os observadores estrangeiros ficavam atônitos com suas dimensões. Nathaniel Hawthorne ficou mudo de espanto. Henry James ficou fascinado e impressionado com aquela "horrível numerosidade". Dostoievski a achou "vasta como um oceano... uma visão bíblica, alguma profecia do Apocalipse realizada na frente dos nossos olhos".

E Londres continuou a crescer. Em meados do século, em qualquer tempo, havia quatro mil moradias em construção e a cidade literalmente explodia para fora. O novo e familiar padrão de expansão era chamado já naquele tempo de "fuga para os subúrbios". Áreas periféricas que no começo do século eram pequenos povoados e vilas — Marylebone, Islington, Camden Town, St. John's Wood e Bethnal Green — estavam completamente construídas e a classe média, com sua afluência recente, deixava o centro da cidade por essas áreas, onde o ar era melhor, o barulho menor e a atmosfera geral mais agradável e "com ares de campo".

É claro que algumas partes de Londres mantiveram o caráter de grande elegância e riqueza, mas agora estavam praticamente no meio de bairros e favelas miseráveis. A proximidade das grandes riquezas com a mais profunda esqualidez também impressionava os observadores estrangeiros, especialmente porque as favelas, ou *rookeries*, eram locais de refúgio e de formação da "classe criminosa". Em certas partes de Londres, um ladrão podia roubar uma mansão e literalmente atravessar a rua para desaparecer num labirinto de ruelas e prédios em ruínas, repletos de gente e tão perigosos que nem um policial armado ousava perseguir o culpado.

A gênese dessas *rookeries* não era bem compreendida na época, na verdade a palavra *slum* só foi amplamente aceita a partir de 1890. Porém, o novo padrão já era vagamente reconhecido: uma região da cidade era cortada da circulação pelas novas ruas e avenidas que passavam ao largo dela. O comércio abandonava aquela parte da cidade, substituído por indústrias desagradáveis, barulhentas e poluidoras, reduzindo mais ainda a atração da área. Finalmente, quem tinha meios para viver em outro lugar, abandonava a área que se tornava decrepita em pouco tempo, mal conservada e superpovoada pelas classes mais baixas.

Naquele tempo, como hoje, essas áreas existiam em parte porque davam lucro aos proprietários. Uma casa de aluguel com oito cômodos abrigava cem moradores, cada um pagando um ou dois xelins por semana para viver numa "promiscuidade desordenada", vinte pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes dormindo no

mesmo quarto. (Talvez o exemplo mais bizarro desse tipo de casa daquela época sejam as famosas *penny hangs* ou "varais de um *penny*" dos marinheiros, nas docas, onde um marinheiro bêbado podia dormir uma noite por um *penny*, enrolado em cordas até o peito, dependurado como roupa para secar.)

Enquanto alguns proprietários das casas de aluguel, as *netherskens*, moravam na área — e muitas vezes aceitavam objetos roubados como pagamento do aluguel — muitos outros eram cidadãos importantes, proprietários *in absentia* que empregavam um representante rigoroso para receber os aluguéis e manter uma aparência de ordem.

Naquela época havia várias *rookeries* famosas em Seven Dials, Rosemary Lane, Jacob's Island e Ratcliffe Highway, mas nenhuma mais famosa do que os seis acres no centro de Londres, a *rookery* de St. Giles, chamada de "Terra Santa". Perto do distrito teatral de Leicester Square, do centro de prostituição de Haymarket e das lojas elegantes de Regent Street, a *rookery* St. Giles estava estrategicamente localizada para qualquer criminoso que quisesse se esconder.

Relatos da época descrevem a Terra Santa como "uma densa massa de casas tão velhas que parecem prestes a desabar, entre as quais passam ruas estreitas e tortuosas e o vento. Não há privacidade aqui, e quem se aventura por esta região encontra as ruas — assim chamadas só por cortesia — cheias de vagabundos, e vê, através das janelas com vidros só até a metade, quartos sufocantemente cheios de gente". Há referências às "sarjetas estagnantes... passagens escuras imundas e malcheirosas... paredes sujas de fuligem e portas despencando das dobradiças... e bandos de crianças por toda parte, fazendo suas necessidades em qualquer lugar".

Uma área tão esquelética e perigosa não era lugar para um cavalheiro, especialmente depois do cair da noite, no meio da neblina de uma noite de verão. Contudo, em fins de julho de 1854, um homem com barba vermelha, muito bem vestido, caminhava destemidamente pelas ruas estreitas e cheias de fumaça. Os ociosos e os vagabundos que o observavam sem dúvida percebiam que sua bengala com cabo de prata parecia perigosamente pesada e podia esconder uma lâmina. Um volume na altura da cintura sugeria uma arma. E a pura ousadia daquela incursão aventureira provavelmente intimidava muitos dos que se sentissem tentados a atacá-lo.

O próprio Pierce disse, mais tarde. "Essa gente respeita a atitude de um homem. Conhecem a expressão do medo, bem como sua ausência, e um homem que não tenha medo deles é temido por eles."

Pierce caminhou de rua fedorenta em rua fedorenta, perguntando sobre uma mulher. Finalmente encontrou um bêbado que a conhecia.

— É Maggie que você quer? A Pequena Maggie? — perguntou o homem, encostado no poste amarelo de luz de gás, o rosto como uma sombra na névoa

espessa.

— Ela é uma menina, trabalha com Clean Willy.

— Eu sei. Ela rouba roupas, não é? Isso mesmo, ela faz uns trabalhinhos, tenho certeza. — O homem fez uma pausa significativa e entrecerrou os olhos.

Pierce deu uma moeda a ele.

— Onde posso encontrá-la?

— Primeira rua, primeira porta à direita — disse o homem. Pierce deu alguns passos.

— Mas não adianta ir até lá — disse o homem. — Willy está em cana agora — Newgate, nem mais nem menos — e só tem o trabalho da prisão na cabeça.

Pierce não olhou para trás. Continuou a andar, passando pelas sombras vagas na neblina e aqui e ali uma mulher cuja roupa brilhava na noite — *mergulhadoras* esqueléticas com punhados de fósforo no vestido. Cachorros latiam, crianças gritavam, murmúrios e gemidos e risos chegavam até ele, através da neblina. Finalmente chegou ao *nethersken*, com o retângulo de luz amarela na entrada brilhando sobre as letras pintadas à mão, que diziam:

QUARTO PARA VIAJANTES

Pierce olhou para o cartaz, entrou na casa, abrindo caminho entre o bando de crianças andrajosas amontoadas nas escadas. Deu um safanão numa delas para mostrar que não deviam tentar enfiar as mãos nos seus bolsos. Subiu os degraus que rangiam até o segundo andar e perguntou pela mulher chamada Maggie. Disseram que ela estava na cozinha e ele desceu para o porão.

A cozinha era o centro de todas aquelas casas e naquela hora um lugar quente e aconchegante, um foco de calor e cheiro bom de comida, enquanto a neblina cinzenta e fria espiralava no lado de fora das janelas. Uma meia dúzia de homens estava ao lado do fogo, conversando e bebendo. Na mesa num canto, alguns homens e mulheres jogavam cartas enquanto outros tomavam sopa quente. Encostados nos cantos da cozinha havia instrumentos musicais, muletas de mendigos, cestas e caixas de vendedores ambulantes. Ele encontrou Maggie, uma menina de doze anos muito suja e a levou para longe dos outros. Deu a ela um guinéu de ouro que ela mordeu imediatamente. Olhou para ele com um meio sorriso.

— Então, o que é isto, patrão? — Examinou a roupa dele com um olhar avaliador, velho demais para sua idade. — Quer se divertir um pouco?

Pierce ignorou a sugestão.

— Você trabalha com Clean Willy? Ela deu de ombros.

— Trabalhava. Willy está em cana.

— Newgate?

— Sim.

— Você o visita?

— Sim, uma vez ou outra. Vou como sua irmã, compreende?

Pierce apontou para a moeda na mão dela.

— Tem outra igual para você se levar um recado para ele. Por um momento os olhos da menina brilharam com interesse. Depois ficaram inexpressivos outra vez.

— Quai é o assunto?

— Diga a Willy que ele deve fugir no próximo enforcamento. Vai ser o de Emma Barnes, a assassina. Vão enforcá-la em público certamente. Diga para ele: escapar no enforcamento. Ela riu. Uma risada de velha, áspera e rouca.

— Willy está em Newgate — disse ela —, não tem fugas em Newgate — com enforcamento ou não.

— Diga a ele que *ele pode* — disse Pierce. — Diga para ele ir à casa onde se encontrou pela primeira vez com John Simms, que tudo vai dar certo.

— Você é John Simms?

— Sou um amigo — disse Pierce. — Diga a ele que no próximo enforcamento ele pula o muro, ou ele não é Clean Willy.

Ela balançou a cabeça.

— Como é que ele pode escapar de Newgate?

— Só diga isso — disse Pierce, voltando-se para sair.

Na porta da cozinha, virou a cabeça e olhou para ela, uma criança magra, com ombros curvos, um vestido usado, rasgado, sujo de lama, o cabelo emaranhado e sujo.

— Eu vou dizer — disse ela, guardando a moeda de ouro no sapato.

Pierce voltou pelo mesmo caminho e saiu da Terra Santa. Entrou numa rua estreita, depois em Leicester Square e desapareceu no meio da multidão na frente do Teatro Mayberry.

A ROTINA DO SR. EDGAR TRENT

Toda Londres respeitável era quieta à noite. Antes do motor de combustão interna, os distritos comercial e financeiro, no centro da cidade, ficavam desertos e silenciosos, exceto pelos passos dos homens da Polícia Metropolitana que faziam suas rondas de vinte em vinte minutos.

Com o nascer do dia o silêncio era quebrado pelo canto dos galos e o mugido dos bois, sons do campo, parecendo absurdos no cenário urbano. Mas naquele tempo era grande o número de animais domésticos no centro da cidade e a criação era ainda a principal indústria de Londres — e evidentemente a maior fonte de congestionamento do tráfego durante o dia. Não era raro a carruagem de um cavalheiro ser detida por um pastor com seu rebanho, nas ruas da cidade. Londres tinha a maior concentração urbana do mundo, mas, pelos padrões modernos, a divisão entre a vida da cidade e a do campo era ainda imprecisa.

Isto é, imprecisa até o relógio da Casa da Guarda soar as sete horas e começar a aparecer aquele peculiar fenômeno urbano — pessoas que moravam fora da cidade e trabalhavam no centro — transportado pela "medula dos próprios ossos", isto é, a pé. Eram os exércitos de mulheres e meninas empregadas como costureiras nas oficinas de roupas do West End, verdadeiros núcleos de "trabalho escravo". Trabalhavam doze horas por dia e ganhavam alguns miseráveis xelins por semana.

Às oito horas, as lojas nas ruas mais importantes abriam as portas, aprendizes e assistentes arrumavam as vitrines, preparando-se para o comércio do dia, com o que um observador sarcástico chamou de "inumeráveis mesquinhas caprichosas da moda".

Das oito às nove era a hora do *rush* e as ruas ficavam cheias de homens. Todos, desde funcionários públicos a caixas de banco, de corretores da bolsa a confeitores e fabricantes de sabão, iam para o trabalho a pé, de ônibus, cabriolés, carros de duas rodas, criando um tráfego barulhento, estridente e confuso de veículos, entre pragas e palavrões e o estalo dos chicotes.

No meio de tudo isso, os varredores de rua começavam seu trabalho diário. O cheiro de amoníaco saturava o ar e eles recolhiam as primeiras pilhas de fezes de cavalo, movendo-se rapidamente entre os carros e os ônibus. Era um trabalho estafante. Um cavalo comum, segundo Henry Mayhew, depositava seis toneladas de fezes por ano nas ruas da cidade e havia pelo menos um milhão de cavalos em Londres.

Deslizando no meio da confusão, algumas berlindas elegantes, de madeira escura polida, com molas delicadas e uma fina renda de aros nas rodas,

transportavam com grande conforto os cidadãos importantes para o trabalho.

Pierce e Agar, agachados no alto de um telhado de onde se avistava a fachada do Banco Huddleston & Bradford, observavam atentamente uma berlinda que vinha pela rua na sua direção.

— Lá está ele — disse Agar. Pierce fez um gesto afirmativo.

— Muito bem, logo saberemos. — Consultou o relógio. — Oito e vinte e cinco. Pontual, como sempre.

Pierce e Agar estavam no telhado desde o nascer do dia. Viram chegar os caixas e os outros funcionários subalternos, viram o tráfego nas ruas e no calçamento crescer, mais rápido e febril a cada minuto.

A berlinda parou na frente do banco e o cocheiro saltou para abrir a porta. O Sr. Edgar Trent desceu para a calçada. Tinha sessenta anos, barba grisalha e uma barriga considerável. Se era calvo ou não, não podiam ver por causa da cartola alta que usava.

— Ele é bem gorducho, não é? — observou Agar.

— Veja agora — disse Pierce.

Assim que o Sr. Trent pisou na calçada, foi abalroado por um jovem bem vestido, que, com um breve pedido de desculpas, seguiu seu caminho entre a multidão da hora do *rush*. O Sr. Trent ignorou o incidente e caminhou para a majestosa porta de carvalho do banco.

Então, parou de repente.

— Agora ele lembrou — disse Pierce.

Lá embaixo, na rua, Trent olhou na direção do jovem bem vestido e bateu com a mão aberta no bolso lateral do paletó, como para verificar se alguma coisa ainda estava ali. Aparentemente, o que ele procurava estava no mesmo lugar. Aliviado, continuou a andar na direção do banco.

A berlinda afastou-se, as portas do banco se fecharam.

Com um largo sorriso, Pierce voltou-se para Agar.

— Muito bem — disse ele. — É isso.

— Isso o quê? — perguntou Agar.

— O que precisamos saber.

— E o que é que precisamos saber? — disse Agar.

— Precisamos saber — Pierce falou lentamente — que o Sr. Trent trouxe sua chave hoje porque hoje é o dia do... — Interrompeu-se bruscamente. Não havia informado Agar sobre o plano e pretendia fazer isso só no último minuto. Um homem que gostava de beber, como Agar, podia falar demais no momento errado. Mas nenhum bêbado podia revelar o que não sabia.

— O dia do quê? — insistiu Agar.

— O dia do reconhecimento — disse Pierce.

— Você é mesmo um túmulo — disse Agar. Então, acrescentou: — Aquele não era Teddy Burke tentando um golpe?

— Quem é Teddy Burke? — disse Pierce.

— Um janota, trabalha na Strand.

— Não tenho idéia — disse Pierce e os dois homens desceram do telhado.

— Nossa, você é mesmo um túmulo — repetiu Agar. — Aquele *era* Teddy Burke. Pierce apenas sorriu.

Nas semanas seguintes, Pierce ficou sabendo muita coisa sobre o Sr. Edgar Trent e sua rotina diária. O Sr. Trent era um cavalheiro muito severo e devoto. Raramente bebia, nunca fumava nem jogava cartas. Tinha cinco filhos. Alguns anos atrás sua mulher tinha morrido de parto e a segunda, Emily, era trinta anos mais moça do que ele e muito bonita, mas tão severa e correta quanto o marido.

A família Trent morava no número 17 de Brook Street, Mayfair, numa grande mansão georgiana com vinte e três cômodos, sem contar o alojamento dos criados, que eram em número de doze, um cocheiro, dois lacaios, um mordomo, uma cozinheira e dois ajudantes de cozinha e três criadas. Tinham também uma governanta para os três filhos mais novos.

O filho mais novo tinha quatro anos. A filha mais velha, vinte e nove. Todos moravam na mansão. O menino mais novo era sonâmbulo, de modo que sempre havia alguma comoção noturna que acordava a casa toda.

O Sr. Trent tinha dois buldogues que os ajudantes de cozinha levavam para passear duas vezes por dia, às 7:00h da manhã e às 8:15h da noite. Ficavam presos nos fundos da casa, perto da entrada de serviço.

O Sr. Trent seguia uma rotina rígida. Levantava-se todos os dias às 7:00h, tomava café às 7:30h e saía para o trabalho às 8:10h, chegando ao banco às 8:29h. Invariavelmente almoçava no Simpson's, à uma da tarde, durante uma hora. Saía do banco às 7:00h da noite em ponto e nunca chegava em casa depois das 7:20h. Embora pertencesse a vários clubes na cidade, raramente os freqüentava. O Sr. Trent e a mulher saíam à noite duas vezes por semana. Geralmente davam um jantar por semana e ocasionalmente uma grande festa. Nessas ocasiões, contratavam uma criada e um criado extra, sempre cedidos por alguma família vizinha. Eram de confiança e não podiam ser subornados.

Os vendedores que paravam diariamente na entrada de serviço da casa percorriam a rua toda e tinham muito cuidado para evitar a proximidade de um possível ladrão. Não era fácil para um vendedor de frutas ou vegetais conseguir fregueses numa "rua elegante", e eram todos extremamente discretos.

Um limpador de chaminés chamado Marks trabalhava na mesma área. Todos sabiam que ele informava a polícia sobre qualquer estranho à procura de informações. O auxiliar do limpador de chaminés era meio retardado e não se

conseguia nem uma palavra dele.

O policial que patrulhava a rua, Lewis, fazia a ronda a cada dezessete minutos. Seu turno terminava à meia-noite. O policial da noite, Howell, fazia rondas com intervalos de dezesseis minutos. Eram ambos homens de confiança, nunca estavam doentes ou bêbados e não aceitavam suborno.

Os criados estavam satisfeitos. Nenhum fora despedido recentemente. Eram todos bem tratados e leais à família, especialmente à Sra. Trent. O cocheiro era casado com a cozinheira, um dos lacaios dormia com uma das criadas do segundo andar, as outras duas criadas eram bonitinhas e, ao que parecia, não tinham falta de companhia masculina — seus amantes eram criados de casas vizinhas.

A família Trent passava o mês de agosto na praia, mas nesse ano não ia tirar férias porque os negócios obrigavam o Sr. Trent a permanecer na cidade durante todo o verão. Uma vez ou outra passavam o fim de semana no campo, na casa dos pais da Sra. Trent, mas a maioria dos empregados ficava na mansão da cidade. Aparentemente, nunca havia menos de oito pessoas na casa.

Toda essa informação Pierce conseguiu lenta e cuidadosamente e quase sempre com algum risco. Ao que parece, ele usava vários disfarces para conversar com os criados nos bares e na rua. Devia também ter andado pela rua, observando a casa, mas isso era perigoso. Podia também contratar alguns *espiões* para observar a área, mas quanto maior o número de pessoas envolvidas, maiores eram as possibilidades de comentários sobre o plano de um roubo na mansão dos Trent. Nesse caso, os enormes problemas que já enfrentava para entrar na casa ficariam muito maiores. Por isso ele próprio fez o reconhecimento, com alguma ajuda de Agar.

Segundo seu testemunho, no fim de agosto o plano de Pierce não estava mais adiantado do que um mês atrás. "O homem não dá uma brecha", disse Pierce, falando de Trent. "Não tem vícios, nem fraquezas, nenhuma excentricidade e sua mulher saiu diretamente das páginas de um livro sobre os deve-res e a atenção relativos à direção de uma família feliz."

Evidentemente, não adiantava entrar numa mansão com vinte e três cômodos sem saber pelo menos em qual deles estava a chave. Pierce precisava de mais informação, e continuando a vigilância concluiu que essa informação só poderia vir do próprio Sr. Trent, o único que sabia onde estava a chave.

Pierce havia falhado em todas as tentativas de travar conhecimento com o Sr. Trent. Henry Fowler, com quem Pierce se encontrava ocasionalmente numa noitada de cavalheiros na cidade, foi sondado a respeito, mas Fowler disse que Trent era um homem religioso, correto e uma companhia bastante tediosa. Acrescentou que a mulher de Trent, embora bonitinha, era também tediosa. (Esses comentários, ventilados no julgamento, embaraçaram extremamente o Sr. Fowler, mas ele ia enfrentar um embaraço muito maior mais tarde.)

Evidentemente, Pierce não podia insistir em conhecer um casal tão desinteressante. Também não podia se aproximar diretamente de Trent, sob pretexto de fazer algum negócio com o banco, pois Henry Fowler certamente esperava que ele o procurasse para isso. Além disso, Pierce não conhecia ninguém, a não ser o Sr. Fowler, que tivesse contato com o Sr. Trent.

Resumindo, Pierce não tinha nenhuma carta para o jogo e no dia primeiro de agosto estava considerando vários planos desesperados — como um suposto acidente, no qual ele fosse atropelado por um carro na frente da casa de Trent, ou na frente do banco. Mas era um truque barato e para dar resultado Pierce precisaria sofrer algum ferimento mais ou menos grave. Evidentemente a perspectiva não o agradava e ele continuou a adiar o plano.

Então, na noite do dia três de agosto o Sr. Trent mudou sua rotina. Chegou em casa na hora de sempre, 7:20h da noite, mas não entrou. Foi diretamente para o canil nos fundos da casa e prendeu uma correia na coleira de um dos seus buldogues. Acariciando o animal ele entrou no carro que o esperava e partiu.

Quando Pierce viu isso, compreendeu que o homem era seu.

UM CACHORRO TREINADO

Não muito distante de Southwark Mint ficava o estábulo de Jeremy Johnson & Son. Era um estabelecimento pequeno, com uns doze cavalos, em três construções de madeira com feno, selas, rédeas etc. dependurados nas vigas do teto. Um visitante casual ficaria surpreso ao perceber que o som predominante não era o relincho dos cavalos, mas latidos e rosnados de cães. Porém para os freqüentadores habituais do estábulo, esses sons eram normais e não provocavam nenhum comentário especial. Em toda Londres havia vários estabelecimentos respeitáveis que tinham como uma diversificação da sua atividade principal o negócio de treinamento de cães para lutas.

O Sr. Jeremy Johnson, pai, conduziu o freguês de barba ruiva para o estábulo. Era um homem velho e jovial quase sem nenhum dente.

— Sou um velho banguela — disse ele, rindo — mas pode estar certo de que não atrapalha nada para beber. — Deu uma palmada na anca de um cavalo para afastá-lo do caminho. — Saia da frente, saia da frente — disse, depois olhou para Pierce. — Agora, o que vai querer?

— O melhor — disse Pierce.

— É o que todos os cavalheiros estão querendo — disse o Sr. Johnson, com um suspiro. — Ninguém quer outra coisa que não seja o melhor.

— Sou muito exigente.

— Oh, estou vendo — disse Johnson. — Estou vendo. Está procurando um cão capaz de aprender, para treiná-lo pessoalmente?

— Não — disse Pierce. — Quero um cão completamente treinado.

— Isso é caro, o senhor sabe.

— Eu sei.

— Muito, muito caro — resmungou Johnson, atravessando o estábulo.

Abriu uma porta barulhenta e saíram para um pequeno pátio nos fundos onde havia três compartimentos com cerca de madeira, cada um com mais ou menos um metro e oitenta de diâmetro e cães enjaulados dos dois lados. Os cachorros latiram e ganiram quando viram os homens.

— Muito caro, um cão treinado — disse Johnson. — É preciso muito tempo para treinar um cão. O que se faz é o seguinte. Primeiro damos o cão a um vendedor ambulante de frutas e legumes e ele faz o animal correr dia sim, dia não — para fortalecer os músculos, o senhor sabe.

— Compreendo — disse Pierce, impaciente — mas...

— Depois — continuou Johnson — deixamos o cão com outro, velho e

banguela — ou jovem, como o que temos agora. Perdemos o nosso há duas semanas, por isso tiramos os dentes deste aqui — apontou para um dos cães enjaulados — e agora ele é o banguela. Muito bom, aliás. Sabe como provocar um aprendiz — muito ágil, este banguela.

Pierce olhou para o banguela. Era um cão jovem e saudável, que latia vigorosamente. Não tinha nenhum dente, mas continuava a rosnar e arreganhar a boca ameaçadoramente. Pierce riu.

— Sim, sim, é engraçado — disse Johnson, caminhando em volta da jaula —, mas não quando se chega a este aqui. Aqui não tem graça nenhuma. Este é o melhor cão de prova em toda Londres, eu garanto.

Era um vira-lata, maior do que um buldogue, com o pêlo raspado em algumas partes do corpo. Pierce conhecia o processo. Um cão novo primeiro aprendia a se esquivar dos golpes com um velho veterano banguela. Depois, era levado para o "poço" com um "cão de prova" que era descartável mas valente. Era enquanto lutava com o cão de prova que o futuro lutador aprendia os truques finais para atacar mortalmente o adversário. O costume geral era raspar o pêlo das partes vulneráveis do cão de prova para encorajar o aprendiz a atacá-las.

— Este cão de prova — disse Johnson —, este cão de prova já ensinou mais campeões do que pode lembrar. Conhece o cão do Sr. Benderby, o que venceu o matador de Manchester no mês passado? Pois bem, este cão de prova treinou o do Sr. Benderby.

Também o do Sr. Starrett e — oh, uma dezena de outros, todos lutadores de primeira classe. Então, o Sr. Starrett me procura pessoalmente para comprar este velho cão de prova. Diz que quer usá-lo para provocar um ou dois texugos. Sabe quanto me ofereceu? Cinquenta mangos, foi quanto me ofereceu. E sabe o que eu disse? De jeito nenhum, não cinquenta mangos por este cão de prova.

Johnson balançou a cabeça tristemente.

— Pelo menos, não para texugos — texugos não são caça própria para um cão lutador. Não, não. Um verdadeiro cão lutador é para seus cães, ou, se for preciso, para seus ratos. — Olhou para Pierce. — O senhor quer um cão para pegar ratos? Temos alguns especialmente treinados — disse o Sr. Johnson. — Um pouquinho mais baratos, por isso estou mencionando.

— Quero seu melhor cão completamente treinado.

— Pois vai ter, eu garanto. Aqui está o próprio demônio, bem aqui. — Johnson parou na frente de uma jaula.

Pierce viu um buldogue que devia pesar uns vinte quilos. O animal rosnou mas não se moveu.

— Está vendo isso? Ele é muito seguro. Já abocanhou um ou dois e está bem treinado. Astuto como ele só. Alguns cães têm instinto, sabe — não podemos

ensinar isso, eles têm o instinto para uma boa mordida logo de cara. Este aqui tem instinto.

— Quanto? — perguntou Pierce.

— Vinte libras. Pierce hesitou.

— Com a correia de pregos e a coleira e a focinheira, tudo incluído nesse preço — acrescentou Johnson.

Pierce esperou.

— Vai se orgulhar dele, eu garanto, vai se orgulhar muito. Depois de um longo silêncio, Pierce disse:

— Eu quero seu *melhor* cão. — Apontou para a jaula. — Este aqui nunca lutou. Não tem cicatrizes. Quero um veterano treinado.

— Pois vai ter — disse Johnson, sem piscar, e passando pela jaula seguinte, parou na segunda. — Este aqui tem o instinto do matador, o gosto pelo sangue, e é rápido. Mais rápido do que seus olhos, este aqui. Pegou o pescoço do velho lutador de Whittington, na semana passada, no torneio do bar — talvez o senhor tenha visto.

Pierce disse:

— Quanto?

— Vinte e cinco libras, tudo incluído.

Pierce olhou para o animal por um momento, e disse:

— Eu quero o melhor cão que você tem.

— É este, eu juro — o melhor de todos.

Pierce cruzou os braços e bateu com o pé no chão.

— Eu juro, senhor, vinte e cinco libras, próprio para um cavalheiro e excelente sob todos os aspectos.

Pierce apenas olhou para ele.

— Está bem — disse Johnson, desviando os olhos, embaraçado —, *tem* mais um, mas é muito especial. Tem o instinto do matador, o gosto pelo sangue, movimentos rápidos e pele dura. Venha por aqui.

Levou Pierce para outra área onde estavam três cães em jaulas um pouco maiores. Eram todos mais pesados do que os outros. Pierce calculou que deviam pesar vinte e cinco quilos, talvez mais. Johnson bateu com a mão na jaula do meio.

— Este aqui — disse ele. — Este aqui se virou contra mim — disse ele. — Pensei em dar cabo dele, não passa de um delinqüente. — Arregaçou a manga para mostrar um conjunto de cicatrizes brancas e irregulares. — Este aqui me fez isto — disse ele — quando virou delinqüente. Mas eu o trouxe de volta, cuidei dele e o treinei especialmente, porque ele tem coragem, compreende, e a coragem é tudo.

— Quanto? — perguntou Pierce. Johnson olhou para as cicatrizes no braço.

— Este aqui eu estava reservando...

— Quanto?

— Não posso fazer por menos de cinqüenta libras, sinto muito.

— Eu dou quarenta.

— Vendido — disse Johnson, rapidamente. — Vai levar agora?

— Não — disse Pierce. — Virei buscá-lo logo. Por enquanto, guarde-o para mim.

— Então vai dar um sinal?

— Vou — disse Pierce, dando dez libras.

Depois, fez Johnson abrir a boca do animal e examinou os dentes. Então, partiu.

— Com os diabos — disse Johnson, depois que ele se foi. — O homem compra um cachorro treinado e o deixa comigo. O que mais vão inventar nestes dias?

A DESTRUIÇÃO DA PRAGA

O capitão Jimmy Shaw, pugilista aposentado, dirigia o mais famoso *pub* de esportes, o Queen's Head, numa travessa da Windmill Street. Na noite de 10 de agosto de 1854, o bar de Jimmy Shaw oferecia aos visitantes um espetáculo inusitado, pois o salão de teto muito baixo, sujo e sombrio, estava repleto de cavalheiros bem vestidos que ombreavam com vendedores ambulantes, trabalhadores de estrada e outros da mais baixa classe social. Mas ninguém parecia se importar com isso, pois todos partilhavam o ambiente de barulhenta expectativa. Além disso, quase todos tinham levado um cão. Havia cães de todo tipo: bulldogues, Skye terriers, English terriers marrons e vários vira-latas. Alguns aninhavam-se nos braços dos donos, outros estavam amarrados nas pernas das mesas ou no suporte de metal do bar. Todos eram objeto de intensa discussão e observação.

Eram erguidos no ar, para calcular seu peso, as pernas eram apalpadas para medir a força dos ossos, as bocas abertas para examinar os dentes.

O visitante observaria então que os poucos objetos decorativos do Queen's Head refletiam esse mesmo interesse por cães. Coleiras de couro com tachas de metal pendiam das vigas do teto, havia cães empalhados em sujas caixas de vidro montadas em cima do bar, havia figuras de cachorros ao lado da lareira, incluindo o famoso desenho de Tiny, "o cão maravilha", um bul-dogue branco cujas aventuras lendárias eram conhecidas por todos os presentes.

Jimmy Shaw, um homem grande e forte, com nariz quebrado, andava pela sala gritando, "Façam seus pedidos, cavalheiros". No Queen's Head, até o mais fino cavalheiro tomava gim quente sem reclamar. Na verdade, ninguém parecia notar o mau gosto do ambiente. Como também não pareciam se importar com o fato da maioria dos cães apresentar cicatrizes no focinho, no corpo e nas pernas.

Acima do bar, um cartaz escurecido pela fuligem dizia:

TODO HOMEM TEM SEU CÃO PREFERIDO ESPORTES DE CAÇA AO RATO, NA VERDADE

E se alguém não tivesse certeza do significado do cartaz, suas dúvidas terminavam às nove horas, quando o capitão Jimmy dava a ordem para "acender a arena" e todos subiam, em fila, a escada para o segundo andar, cada um pondo um xelim na mão de um assistente ao lado do primeiro degrau.

O segundo andar do Queen's Head era uma sala grande com teto baixo, como o térreo. Não tinha nenhum móvel e era dominada pela arena circular, com um metro e oitenta de diâmetro, cercada por tábuas de um metro e vinte de altura. O chão da arena era coberto de cal, renovada a cada noite.

Quando os homens chegavam ao segundo andar, os cães animavam-se

imediatamente, saltando nos braços dos donos, latindo vigorosamente e puxando as correias. O capitão Jimmy disse, com voz grave:

— Agora, os cavalheiros que têm favoritos tratem de ficar calados.

Alguns tentaram obedecer, mas poucos conseguiram, especialmente quando foi trazida a primeira gaiola com ratos.

Quando viram os ratos, os cães começaram a latir e rosnar ferozmente. O capitão Jimmy balançou a gaiola de arame enferrujado acima da cabeça. Continha uns cinquenta ratos assustados.

— Somente o melhor, cavalheiros — anunciou. — Todos nascidos no campo, nenhum rato de esgoto entre eles. Quem quer tentar um rato?

A essa altura já havia sessenta homens apertados na sala. Muitos inclinavam-se sobre as tábuas que cercavam a arena. Com dinheiro na mão, todos apostavam com entusiasmo. Uma voz na parte de trás da sala soou sobre o vozerio.

— Quero tentar vinte. Vinte dos seus melhores para meu cão.

— Pesem o cão do Sr. T. — disse o capitão Jimmy, pois ele conhecia o apostador. Os assistentes correram e tiraram o bul-dogue dos braços de um homem calvo com barba grisalha. O animal foi pesado.

— Treze quilos e meio! — anunciaram e o cão foi devolvido ao dono.

— É isso então, senhores — disse o capitão Jimmy. — Treze quilos é meio é o favorito do Sr. T. e ele pediu para tentar vinte ratos. O que acha de quatro minutos?

O Sr. T. concordou com um gesto.

— Quatro minutos, então, cavalheiros, e podem fazer suas apostas. Abram caminho para o Sr. T.

O cavalheiro de barba grisalha foi até a arena, com o cão ainda nos braços. O animal era preto e branco e rosnou para os ratos no outro lado da cerca de madeira. O Sr. T. atijou seu cão imitando os roncos e rosnados do animal.

— Vamos ver os ratos — disse o Sr. T.

O assistente abriu a porta da gaiola e enfiou a mão para pegar os animais. Isso era importante, pois provava que eram realmente ratos do campo e não infectados com alguma doença. Tirou "vinte dos melhores" e os jogou na arena. Os ratos correram para todos os lados e finalmente amontoaram-se num canto.

— Estamos prontos? — perguntou o capitão Jimmy, sacudindo um cronômetro na mão.

— Prontos — disse o Sr. T, rosnando e roncando para seu cão.

"Assoprem! Assoprem!" gritaram os espectadores e vários muito dignos cavalheiros começaram a assoprar nos ratos, levantando o pêlo e deixando-os frenéticos.

— Eeeeeee... *Vá* — gritou o capitão Jimmy e o Sr. T. atirou seu cão na arena. Imediatamente o Sr. T. se abaixou até ficar com a cabeça na altura das tábuas que

cercavam a arena e começou a incitar seu cão gritando instruções ou rosnando.

O cachorro saltou para a frente sobre o bando de ratos, num ataque violento, mordendo os pescoços das presas como o bom e perfeito caçador de ratos que era. Num instante matou três ou quatro.

Os apostadores gritavam não menos do que o dono do cão, que nem por um momento tirou os olhos do combate.

— Isso mesmo! — gritou o Sr. T. — Esse está morto, largue e agora vá! Grrrr. Muito bom, mais um, largue. Vá! Grrrr!

O cachorro movia-se rapidamente de um corpo peludo para o outro. Então, um rato abocanhou seu focinho com força e ficou dependurado. O cão não conseguia se livrar dele.

— Sacode! Sacode! — gritavam os torcedores.

O cão sacudiu o focinho, livrou-se do rato e correu para os outros. Agora havia seis ratos mortos no chão da arena manchado de sangue.

— Dois minutos — anunciou o capitão Jimmy.

— Vai, Lover, bom Lover, — gritou o Sr. T. — Vá, menino. Grrrr! Mais um, largue. Vá, Lover!

O cão corria em volta da arena, perseguindo a presa, os espectadores gritavam e batiam nas tábuas em volta da arena para assustar os ratos. Num dado momento, Lover tinha quatro ratos grudados no focinho e no corpo, enquanto amassava um quinto com os dentes. No meio de toda essa excitação furiosa, ninguém notou um cavalheiro de barba vermelha, de porte muito digno, que abriu caminho entre os espectadores e parou ao lado do Sr. T., cuja atenção continuava no seu cão.

— Três minutos — disse o capitão Jimmy.

Vários apostadores gemeram alto. Três minutos passados e só doze ratos mortos. Os que tinham apostado no cão do Sr. T. iam perder.

Mas o Sr. T. não pareceu ouvir o anúncio do tempo. Com os olhos pregados no cão, ele latia e rosnava, contorcia o corpo, acompanhando os movimentos do seu animal, abria e fechava a boca e gritava ordens até ficar rouco.

— Tempo! — gritou o capitão Jimmy, balançando o cronômetro no ar.

Com um suspiro os espectadores se acalmaram. Lover foi tirado da arena. Os três ratos ainda vivos foram rapidamente apanhados pelos assistentes.

A partida de caça aos ratos terminou. O Sr. T. perdeu.

— Uma boa tentativa — disse o homem de barba vermelha, como para consolar o perdedor.

Os paradoxos inerentes ao comportamento do Sr. Edgar Trent no Queen's Head — na verdade, até o fato da sua presença naquele lugar — exigem uma explicação.

Em primeiro lugar, um homem que era o sócio mais antigo de um banco, cristão devoto e um pilar da respeitável comunidade jamais pensaria em se associar a

membros das classes baixas. Muito ao contrário. O Sr. Trent dedicava tempo e energia consideráveis para manter aquela gente no seu lugar e fazia isso com a firme convicção de que estava ajudando a manter a boa ordem social.

Porém, havia certos locais, na sociedade vitoriana, onde membros de todas as classes misturavam-se livremente, e os principais eram os locais de eventos esportivos — o ringue de boxe, as corridas de cavalo e, naturalmente, lutas de cães. Todas essas atividades eram indecorosas ou ilegais e seus afeicionados, oriundos de todas as camadas da sociedade, partilhavam um interesse comum que lhes permitia ignorar a quebra ocasional das convenções sociais. E se o Sr. Trent não via nenhum absurdo na sua presença entre os mais baixos vendedores ambulantes, é verdade também que os vendedores ambulantes, geralmente tímidos e pouco à vontade na presença dos cavalheiros, não sentiam nenhum constrangimento nessas ocasiões, rindo e cutucando com o cotovelo homens que não ousavam tocar em circunstâncias comuns.

Seu interesse comum — lutas entre animais — era uma diversão muito popular em toda a Europa desde a Idade Média. Mas na Inglaterra vitoriana, os esportes com animais estavam desaparecendo rapidamente, vítimas da legislação e da mudança do gosto do público. As lutas entre touros ou ursos, comuns no começo do século, eram agora muito raras. A luta de galos só ocorria nos centros rurais. Em Londres, no ano de 1854, só três desses esportes resistiam ainda e todos relacionados com cães.

Quase todos os observadores estrangeiros desde a época elisabetana comentam a afeição que os ingleses devotam aos seus cães e não deixa de ser estranho que o animal mais querido dos ingleses fosse o centro desses "eventos esportivos" nitidamente sádicos.

Dos três esportes relacionados com cães, a luta entre dois cães era considerada como a mais alta "arte" desse tipo de distração. Era tão generalizada que muitos criminosos londrinos viviam exclusivamente do roubo de cachorros, os chamados "ladrões de pêlo". Porém, a luta de cães era relativamente rara, porque, na maioria das vezes, eram batalhas de morte e um bom cão lutador era artigo muito caro.

Menos comum ainda era a caça ao texugo. O texugo era amarrado na arena e um ou dois cães eram soltos para atormentar o animal. A pele dura do texugo e suas presas afiadas garantiam um espetáculo muito tenso e extremamente popular, mas a dificuldade para encontrar texugos limitava muito o esporte.

A caça ao rato era o mais comum dos esportes com cães, especialmente em meados do século. Embora tecnicamente ilegal, continuou durante décadas num flagrante desprezo à lei. Por toda Londres havia cartazes que diziam, "Precisa-se de ratos" e "Vendem-se e compram-se ratos". Na verdade, existia uma pequena indústria de apanhadores de ratos, com regras próprias da profissão. Os ratos do campo eram os mais procurados, por seu vigor para a luta e por não serem

infectados por nenhuma doença. Os ratos de esgoto, mais comuns, facilmente identificados pelo cheiro, eram tímidos e sua mordida podia infectar um cão lutador valioso. Quando consideramos que o dono de um bar esportivo com um bom público para sua arena devia comprar dois mil ratos por semana — e um bom rato do campo podia custar até um xelim —, não é de admirar que muitos indivíduos ganhassem a vida apanhando ratos. O mais famoso era "Black Jack" Hanson, com sua carroça negra coberta que parecia um carro fúnebre, que se oferecia para livrar as mansões dessas pestes por preços absurdamente baixos, desde que pudesse "apanhar as criaturas vivas".

Não há uma boa explicação para o fato de a sociedade vitoriana ignorar esse esporte, mas o fato é que fechava os olhos convenientemente. A maioria dos artigos sobre o modo de tratar os animais, na época, condenam a luta de galos, mas nenhum se refere aos esportes com cães. Também não há indicação de que os cavalheiros respeitáveis sentissem qualquer desconforto por participar desses esportes, pois eles se consideravam "vigorosos colaboradores da eliminação dessa praga", e nada mais.

Um desses vigorosos colaboradores, o Sr. T., desceu para a sala térrea do Queen's Head, agora praticamente deserta. Chamou o *barman* solitário e pediu um copo de gim para ele e hortelã para seu cachorro.

O Sr. T. estava no processo de lavar a boca do cão com hortelã — para evitar o cancro — quando o cavalheiro de barba vermelha desceu a escada e disse:

— Posso acompanhá-lo num copo?

— Por favor — disse o Sr. T. continuando a cuidar do cachorro.

No andar superior, o ruído dos pés e os gritos indicavam o começo de outro episódio de destruição da praga. O estranho de barba vermelha teve de gritar para ser ouvido.

— Percebo que é um cavalheiro com instinto esportivo — disse ele.

— E sem sorte — disse o Sr. T., também em altos brados. Acariciou o cachorro. — Lover não estava na sua melhor forma esta noite. Quando está disposto, ninguém leva a melhor, mas às vezes falta-lhe animação — suspirou tristemente. — Foi o que aconteceu esta noite. — Passou a mão pelo corpo do animal, procurando dentadas profundas e limpou com o lenço o sangue dos dedos, de vários cortes de Lover. — Mesmo assim ele se saiu muito bem. O meu Lover vai lutar outra vez.

— Certamente — disse o homem de barba vermelha — e eu vou apostar nele outra vez.

O Sr. T. pareceu preocupado.

— O senhor perdeu?

— Uma ninharia. Dez guinéus, não foi nada.

O Sr. T. era um homem conservador e estava bem de vida, mas não a ponto de considerar dez guinéus uma "ninharia". Olhou outra vez para seu companheiro,

notando o corte perfeito do casaco e a seda de excelente qualidade da gravata.

— Fico contente em ver que o senhor dá tão pouca importância — disse ele. — Permita que lhe pague um copo, para compensar sua falta de sorte.

— Nunca — disse o homem de barba vermelha —, pois não considero falta de sorte de modo algum. Na verdade, eu admiro um homem que pode manter um animal de estimação e usá-lo para o esporte. Eu faria isso se não estivesse sempre viajando a negócios.

— É mesmo? — disse o Sr. T. fazendo sinal para o *barman* para outra rodada.

— Exatamente — disse o homem de barba vermelha. — Ainda há poucos dias me ofereceram um excelente cão treinado, muito cruel, com o instinto de um verdadeiro lutador. Não comprei porque não tenho tempo para cuidar do animal.

— Uma pena — disse o Sr. T. — Quanto pediram?

— Cinquenta guinéus.

— Preço excelente.

— Sim, na verdade muito bom. O garçom serviu a bebida.

— Eu estou procurando um cão treinado — disse o Sr. T.

— Está mesmo?

— Sim. Gostaria de mais um para fazer companhia a Lover e Shantung — é o outro cão. Mas suponho que não...

O homem de barba vermelha fez uma pausa discreta antes de responder. O treinamento, a compra e a venda de cães lutadores eram, afinal de contas, ilegais.

— Se quiser—disse Pierce, finalmente. — Posso procurar saber se o animal está ainda à venda.

— Oh, sim? Seria muita bondade sua. Muita bondade mesmo. — O Sr. T. teve uma idéia. — Mas se fosse o senhor, eu o compraria. Afinal, quando estiver viajando, sua mulher pode ensinar os criados a cuidar do animal.

— Eu temo ter devotado minhas energias nos últimos anos aos negócios. Não sou casado. — E então, acrescentou: — Mas é claro que gostaria de me casar.

— É claro — disse o Sr. T, com uma expressão muito estranha.

O PROBLEMA DA SENHORITA ELIZABETH TRENT

A Inglaterra vitoriana foi a primeira sociedade a compilar constantemente dados estatísticos sobre ela mesma e geralmente esses dados eram motivo de extremo orgulho. Entretanto, uma tendência que começou em 1840 preocupou os principais pensadores da época. Havia um número muito maior de mulheres solteiras do que de homens solteiros. Em 1851, o número de mulheres solteiras com idade para casar era calculado em 2.765.000 — e uma grande proporção dessas mulheres era das classes média e alta.

Ali estava um problema de considerável dimensão e gravidade. As mulheres das classes inferiores podiam trabalhar como costureiras, vendedoras de flores, no campo ou em muitas outras ocupações. Não eram motivo de grande preocupação, todas criaturas desmazeladas, sem instrução e sem uma visão discrimina-dora do mundo. A. H. White conta, em tom de perplexidade, que entrevistou uma jovem que trabalhava na fábrica de fósforos, que "nunca foi à igreja ou à capela, nunca ouviu falar da 'Inglaterra', ou de 'Londres', nem de 'navios' ou do 'mar'. Nunca ouviu falar em Deus. Não sabe o que Ele faz. Não sabe se é melhor ser boa ou má".

Obviamente, diante de uma ignorância tão maciça, devemos agradecer o fato de a pobre criança ter encontrado um modo de sobreviver na sociedade. Mas o problema apresentado pelas filhas de famílias das classes média e alta era diferente. Essas jovens eram educadas e tinham gosto pela vida refinada. Além disso, foram criadas desde o berço unicamente para serem "esposas perfeitas".

O casamento era extremamente importante para essas jovens. O fato de não casar — ficar solteirona — implicava uma espécie de terrível deficiência, pois era universalmente reconhecido que "a verdadeira posição de uma mulher era a de administradora, mola-mestra, estrela-guia do lar", e se ela não conseguia exercer essa função, tornava-se uma espécie de lamentável desajustada social, uma excentricidade.

O problema tornava-se mais agudo pelo fato de as mulheres bem-nascidas terem poucas alternativas ao papel de mãe de família. Afinal, como observou um contemporâneo, que ocupação podiam encontrar "sem perder sua posição na sociedade? Uma dama, para ser uma dama, só podia ser uma dama e nada mais. Não devia trabalhar numa profissão lucrativa, nem em qualquer ocupação relacionada com dinheiro, pois estaria invadindo os direitos das classes trabalhadoras, que vivem do seu trabalho..."

Na prática, uma mulher solteira da classe alta podia fazer uso de um único atributo da sua posição, a educação, e trabalhar como governanta. Mas em 1851, vinte e cinco mil mulheres trabalhavam como governantas e, para não dizer mais, ninguém precisava mais do que isso. Suas outras escolhas eram menos agradáveis. Podia ser assistente numa loja, empregada de escritório, telegrafista ou enfermeira, mas todas essas ocupações eram mais próprias para uma mulher ambiciosa de classe inferior do que para uma jovem educada e de qualidade.

Se a jovem recusava todas essas ocupações degradantes, o fato de ser solteira tornava-se um peso financeiro considerável para a família. Miss Emily Downing observava que "as filhas de homens que trabalham para viver... não podem evitar de sentirem-se como um estorvo e um acréscimo ao gasto do dinheiro arduamente ganho pelos pais, devem saber — se permitirem ã si mesmas pensar no assunto — que são causa de ansiedade constante, e que, não casando, muito em breve poderão ser obrigadas a enfrentar a luta pela vida, completamente despreparadas".

Resumindo, era grande a pressão para o casamento — qualquer tipo de casamento decente — sobre os pais e as filhas. Os vitorianos, de um modo geral, casavam tarde, com vinte ou trinta e poucos anos, mas o Sr. Edgar Trent tinha uma filha, Elizabeth, com vinte e nove anos e em "perfeitas condições para casar" — isto é, já tendo passado da idade ideal. Certamente não escapou da sua atenção a possibilidade de o cavalheiro de barba vermelha estar precisando encontrar uma esposa. Ele havia expressado claramente que a idéia não o desagradava, explicando que as exigências dos negócios o impediam de se lançar à procura da felicidade pessoal. Sendo assim, não havia razão para que o cavalheiro tão bem vestido, evidentemente bem de vida e com gosto pelos esportes, não se sentisse atraído por Elizabeth. Pensando nisso, o Sr. Trent convidou o Sr. Pierce para o chá, num domingo, na sua casa na Brook Road, sob o pretexto de discutir com o cavalheiro a compra de um cão lutador. O Sr. Pierce, com alguma relutância, aceitou o convite.

Elizabeth Trent não foi chamada para testemunhar no julgamento de Pierce, em deferência à sua sensibilidade. Mas relatos da época nos fornecem uma descrição minuciosa. Era de altura mediana, bem morena — o que contrariava a moda da época — e segundo um observador, seus traços eram "bastante regulares, sem chegar ao que se poderia chamar de bonitinha". Naquele tempo, como hoje, os jornalistas tendiam a exagerar a beleza de qualquer mulher envolvida num caso escandaloso, de modo que a falta de elogios aos dotes físicos da Senhorita Trent parece indicar "uma aparência infeliz".

Ao que parece, Elizabeth teve poucos pretendentes, sem contar os que, levados pela ambição, estavam ansiosos para casar com a filha de um banqueiro, todos rejeitados com firmeza, sem dúvida com a concordância relutante do pai. Mas certamente ficou impressionada com Pierce, aquele "homem de bela figura,

intrépido, cheio de charme".

Segundo todos os relatos, Pierce também ficou impressionado com a jovem. O testemunho de um criado registra o primeiro encontro dos dois, um relato que parece saído das páginas de um romance vitoriano.

O Sr. Pierce estava tomando chá no jardim atrás da casa com o Sr. e a Sra. Trent, cuja "beleza era reconhecida em toda a cidade". Observavam o trabalho paciente dos pedreiros, no fundo do terreno, construindo pedra por pedra uma ruína antiga, enquanto que, mais perto, um jardineiro plantava mudas pitorescas de mato. Era o último alento do fascínio que há quase um século os ingleses sentiam por ruínas. Ainda nessa época, os que tinham meios necessários mandavam reconstruir uma ruína no terreno das suas casas.

Pierce observou os trabalhadores por algum tempo.

— O que vai ser? — perguntou.

— Pensamos num moinho de água — disse a Sra. Trent. — Será tão adorável, especialmente se tiver a curva da roda enferrujada. Não acha?

— A construção da roda enferrujada está nos custando bem caro — resmungou o Sr. Trent.

— Está sendo feita com metal previamente enferrujado, para nos poupar qualquer trabalho — acrescentou a Sra. Trent. — Mas, é claro que precisamos esperar que o mato cresça em volta para criar o ambiente apropriado.

Nesse momento, Elizabeth chegou com uma saia de crino-lina branca.

— Ah, a minha querida filha — disse o Sr. Trent, levantando-se. O Sr. Pierce também se levantou. — Permita-me apresentar o Sr. Edward Pierce, minha filha Elizabeth.

— Devo confessar que não sabia que tinha uma filha — disse Pierce. Fez uma profunda curvatura, segurou a mão dela, pareceu a ponto de levá-la aos lábios, mas hesitou. Parecia bastante confuso com a entrada da jovem em cena.

— Senhorita Trent — disse ele, soltando a mão dela desajeitadamente. — A senhorita me tomou completamente de surpresa.

— Não sei dizer se devo considerar isso como lisonja ou não — disse Elizabeth Trent, sentando-se rapidamente e mantendo a mão estendida até receber nela a xícara com chá.

— Posso garantir que é extremamente lisonjeira para a senhorita — respondeu o Sr. Pierce.

E dizem que ele corou ao dizer isso.

A Senhorita Trent abanou-se com o leque, o Sr. Trent Pigarreou, a Sra. Trent, a esposa perfeita, apanhou um prato com biscoitos e disse:

— Quer experimentar um biscoito, Sr. Pierce?

— Com toda gratidão, madame — respondeu o Sr. Pierce e ninguém duvidou

da sinceridade das suas palavras.

— Estávamos falando sobre as ruínas — disse o Sr. Trent, com voz um pouco alta demais. — Porém, antes disso, o Sr. Pierce estava nos contando sobre suas viagens ao exterior. Na verdade, voltou recentemente de Nova York.

Era uma deixa e Elizabeth a tomou com perfeição.

— É mesmo? — disse, abanando-se rapidamente com o leque. — Completamente fascinante!

— Temo que seja mais fascinante a perspectiva do que o relato — respondeu o Sr. Pierce, evitando com tanto cuidado os olhos da jovem, que todos perceberam sua tímida reticência.

O Sr. Pierce estava claramente impressionado com ela e a prova final foi quando disse, dirigindo-se à Sra. Trent.

— Para dizer a verdade, é uma cidade como qualquer outra no mundo, primando especialmente pela falta de requinte que os residentes de Londres consideram natural.

— Fui informada — aventurou a Senhorita Trent, sempre se abanando — que existem nativos predadores na região.

— Eu adoraria poder regalá-los — disse o Sr. Pierce — com aventuras infundáveis com os índios — como são chamados na América e no Oriente —, mas infelizmente não tenho nenhuma para contar. A região selvagem da América só começa quando se atravessa o Mississippi.

— O senhor atravessou? — perguntou a Sra. Trent.

— Sim — respondeu o Sr. Pierce. — É um rio imenso, muitas vezes mais largo do que o Tâmesis e marca a fronteira entre a civilização e a região selvagem. Entretanto, começaram a construir uma via férrea através daquela vasta colônia — permitiu-se a referência condescendente à América e o Sr. Trent riu — e espero que com isso a selvageria desapareça por completo.

— Que interessante — disse a Senhorita Trent, aparentemente incapaz de pensar em coisa melhor para dizer.

— Qual o negócio que o levou a Nova York? — perguntou o Sr. Trent.

— Se me permitem a ousadia — continuou o Sr. Pierce, ignorando a pergunta — e se não ofender os ouvidos delicados das senhoras presentes, darei um exemplo da selvageria que existe ainda nas terras da América e do rude modo de vida que muitas pessoas acham perfeitamente natural. Já ouviram falar em búfalos?

— Eu li a respeito — disse a Sra. Trent, com olhos brilhantes.

Segundo alguns testemunhos dos criados, ela estava tão encantada com o Sr. Pierce quanto sua enteada, e sua atitude provocou um pequeno escândalo na criadagem da mansão dos Trent. Ela continuou:

— Esses búfalos são animais enormes, como vacas selvagens e peludas.

— Exatamente — disse o Sr. Pierce. — A região oeste da América é densamente habitada por esses búfalos e muitas pessoas ganham a vida — digamos assim — caçando as criaturas.

— O senhor esteve na Califórnia, onde existe ouro? — perguntou o Sr. Trent, bruscamente.

— Estive — disse Pierce.

— Deixe que ele termine a história — disse a Sra. Trent, asperamente.

— Bem — disse Pierce —, os caçadores de búfalos, como são chamados, às vezes procuram a carne fresca do animal que, segundo dizem, lembra a do veado, e outras vezes a pele, que é também muito valiosa.

— Eles não têm presas — disse o Sr. Trent que há pouco tempo havia financiado uma expedição de caça ao elefante por conta do banco e naquele exato momento, cinco mil presas de elefantes lotavam o espaço de um enorme armazém nas docas. O Sr. Trent havia inspecionado a mercadoria pessoalmente, uma sala enorme repleta de presas brancas e curvas, muito impressionante.

— Exato, eles não têm presas, mas o macho da espécie tem chifres.

— Chifres, entendo. Mas não de marfim.

— Não, não de marfim.

— Compreendo.

— Por favor, continue — disse a Sra. Trent, ainda com os olhos muito brilhantes.

— Bem — disse Pierce — os homens que ma... que despacham esses búfalos são chamados caçadores de búfalos e usam rifles para a caçada. Às vezes eles se organizam numa fila a fim de obrigar os búfalos a subir em massa numa colina. Mas isso não é comum. Mais freqüentemente, despacham um animal de cada vez. De qualquer modo — e aqui quero pedir desculpas pelo que devo relatar sobre aquela região selvagem — uma vez terminada a existência do animal, suas entranhas são retiradas.

— Muito sensato — disse o Sr. Trent.

— Sem dúvida — disse Pierce — mas vem agora a parte estranha. Para os caçadores de búfalo, uma parte dessas entranhas é uma verdadeira guloseima, o intestino delgado do animal.

— Como é preparado? — perguntou a Senhorita Trent. — Grelhado diretamente no fogo, suponho.

— Não, madame — disse Pierce — pois estou contando uma história de selvageria feroz. Os intestinos tão apreciados, considerados como uma fina iguaria, são consumidos na hora, no estado natural.

— Quer dizer, *cru*? — perguntou a Sra. Trent, franzindo o nariz.

— Exatamente, madame, como nós consumimos uma ostra crua, assim os

caçadores consomem os intestinos do búfalo e, o que é pior, enquanto estão quentes, logo que são retirados do animal morto.

— Santo Deus — disse a Senhorita Trent.

— Além disso — continuou Pierce — acontece às vezes que dois homens abatem o animal e, logo em seguida, cada um se apossa de uma das pontas do intestino tão cobiçado. Então eles apostam corrida, para ver quem consegue devorar mais depressa o petisco, cada um começando de um lado.

— Que horror — disse a Senhorita Trent, aumentando a velocidade do leque.

— E não é só — disse Pierce. — Na pressa gulosa, o caçador geralmente engole partes inteiras sem mastigar. É um truque muito conhecido. Mas o oponente, percebendo o truque, continuando a comer, pode puxar da garganta do competidor a parte não mastigada, do mesmo modo que eu poderia puxar um barbante entre os dedos. Então, um homem devora o que o outro já tinha comido, por assim dizer.

— Oh, que horror — disse a Sra. Trent, muito pálida. O Sr. Trent pigarreou.

— Notável — disse ele.

— Que interessante — disse a Senhorita Trent, corajosamente, com voz trêmula.

— Peço que me dêem licença — disse a Sra. Trent, levantando-se.

— Minha querida — disse o Sr. Trent.

— Madame, espero não tê-la perturbado — disse o Sr. Pierce, levantando-se também.

— Suas histórias são realmente notáveis — disse a Sra. Trent, voltando-se na direção da casa.

— Minha querida — repetiu o Sr. Trent, saindo apressadamente atrás dela.

Desse modo, o Sr. Edward Pierce e a Senhorita Elizabeth Trent ficaram sozinhos no jardim atrás da mansão, e foram vistos trocando algumas palavras. O conteúdo da conversa não é conhecido. Porém, mais tarde a Senhorita Trent confessou a uma criada que tinha achado o Sr. Trent "muito fascinante, de um modo um tanto rude e agressivo", e todos na mansão dos Trent admitiram que a jovem Elizabeth possuía agora a mais valiosa aquisição, uma "perspectiva".

UM ENFORCAMENTO

A execução da famigerada assassina do machado, Emma Barnes, em 28 de agosto de 1854, foi amplamente anunciada. Os grupos de pessoas começaram a chegar no fim do dia anterior para passar a noite ao lado dos muros de granito da prisão de Newgate, garantindo assim um bom lugar para o espetáculo. Nessa mesma noite, os ajudantes do carrasco armaram a forca fora da prisão. O som dos martelos continuou até tarde da noite.

Os proprietários das casas de cômodos que davam para a praça Newgate tiveram o prazer de alugar quartos para mulheres e homens da mais alta classe, à procura de um local de onde pudessem assistir à execução enquanto realizavam sua "reunião de enforcamento". A Sra. Edna Molloy, um viúva virtuosa, sabia perfeitamente o valor dos quartos da sua casa e quando um cavalheiro de maneiras finas, chamado Pierce, pediu para alugar o melhor deles só por aquela noite, ela fez um negócio da China, vinte e cinco guinéus por uma única noite.

Era uma considerável soma de dinheiro. A Sra. Molloy podia viver confortavelmente por um ano com essa quantia, mas não se deixou influenciar por isso, pois sabia o que valia também para o Sr. Pierce — seis meses de ordenado de um mordomo, ou o preço de um ou dois bons vestidos femininos, e nada mais substancial do que isso. A prova da indiferença do Sr. Pierce estava no fato de ele pagar prontamente, na hora, com guinéus de ouro. A Sra. Molloy não se arriscou a ofendê-lo, mordendo as moedas na frente dele, para ver se eram realmente de ouro, mas fez isso logo que ficou sozinha. Era preciso muito cuidado com guinéus de ouro e ela já fora enganada mais de uma vez, até mesmo por cavalheiros.

Para seu alívio, as moedas eram genuínas. Assim sendo, ela não prestou muita atenção quando, mais tarde, no mesmo dia, o Sr. Pierce e seus companheiros subiram para o quarto. O grupo consistia de mais dois homens e duas mulheres, todos muito bem vestidos. Pelo modo de falar, ela viu que os homens não eram cavalheiros, e as mulheres não eram melhores do que pareciam ser, apesar dos cestos de vime e das garrafas de vinho que carregavam.

Quando o grupo entrou no quarto e fechou a porta, ela não se deu ao trabalho de encostar o ouvido na fechadura. Tinha certeza de que não causariam nenhum problema.

Pierce chegou à janela e olhou para a multidão que aumentava a cada minuto. A praça estava escura, iluminada somente pelos archotes em volta do patíbulo. À luz quente e sinistra, ele podia ver a trave horizontal e o alçapão sendo montados.

— Nunca vai conseguir — disse Agar, atrás dele. Pierce voltou-se para ele.

— Tem de conseguir, rapaz.

— Ele é o melhor homem-cobra do negócio, o melhor de que já se teve notícia, mas não pode sair dali — disse Agar, apontando a prisão de Newgate com o polegar.

O segundo homem falou então. Seu nome era Barlow. Forte e atarracado, tinha uma cicatriz branca na testa que, geralmente, escondia sob a aba do chapéu. Barlow era um descuidista reformado, transformado em assaltante — um batedor de carteiras que havia degenerado para o assalto violento —, que trabalhava há alguns anos para Pierce como cocheiro. Todos os assaltantes têm instintos assassinos, por isso um ladrão do tipo de Pierce precisava de um cocheiro violento, um homem que segurasse as rédeas, pronto para a fuga — ou para uma luta, se fosse preciso. E Barlow era fiel. Trabalhava para Pierce há quase cinco anos.

Barlow franziu a testa e disse:

— Se pode ser feito, ele fará. Clean Willy pode fazer se puder ser feito. — Falava devagar, dando a impressão de que pensava devagar também. Mas Pierce sabia que ele podia agir com rapidez.

Pierce olhou para as mulheres. Eram as amantes de Agar e Barlow, o que significava que eram também suas cúmplices. Ele não sabia os nomes delas e não queria saber. A idéia da presença delas naquela ocasião era extremamente desagradável para ele — nos cinco anos em que estavam juntos, era a primeira vez que via a mulher de Barlow — mas não foi possível evitar. A amante de Barlow bebia. Dava para sentir o cheiro do gim no outro lado do quarto. A de Agar era pouco melhor, mas pelo menos estava sóbria.

— Trouxeram tudo que é necessário? — perguntou Pierce. A mulher de Agar abriu um cesto de piquenique. Dentro havia uma esponja, pós medicinais e ataduras. E também um vestido cuidadosamente dobrado.

— Tudo que me mandaram trazer, senhor.

— O vestido é pequeno?

— Sim, senhor. Pouco maior que um vestido de criança, senhor.

— Muito bem — disse Pierce, voltando a olhar a praça. Não prestou atenção à força nem à multidão. Olhava para os muros da prisão de Newgate.

— Aqui está o jantar, senhor — disse a mulher de Barlow. Pierce olhou para os pedaços de galinha fria, vidros de cebola em pickles, pinças de lagosta e uma caixa de charutos escuros.

— Muito bom, muito bom — disse ele. Agar disse:

— Vai fazer o papel de nobre, senhor? — perguntou Agar.

Era uma referência a um truque muito conhecido. Comentaram com sarcasmo, e mais tarde Agar testemunhou que Pierce não gostou do comentário. Voltou-se para eles, com o casaco longo aberto, deixando ver o revólver que levava no cinto.

— Se um de vocês der um passo em falso — disse ele — vai sentir esta arma

no nariz e pode estar certo de que vai para a prisão — continuou, com um sorriso frio. — Como sabem, existem coisas piores do que ser mandado para a Austrália.

— Não tive intenção de ofender — disse Agar, olhando para a arma. — Nenhuma intenção de ofender — foi uma brincadeira.

Barlow perguntou:

— Para que precisamos de um homem-cobra? Pierce não se deixou desviar do assunto.

— Ouçam bem o que estou dizendo. O primeiro que tentar fugir vai parar uma bala com a cabeça antes de ter tempo de dizer Jack Robin. Estou falando sério. — Sentou-se à mesa. — Agora — disse — quero uma coxa dessa galinha e vamos nos distrair do melhor modo possível enquanto esperamos.

Pierce dormiu durante uma parte da noite. Acordou ao nascer do dia com o vozerio do povo na praça. Era formado agora por mais de quinze mil pessoas barulhentas, rudes, e Pierce sabia que devia haver mais dez ou quinze mil nas ruas, que pretendiam passar pelo local da execução a caminho do trabalho. Os patrões nem tentavam fingir severidade com horários nas manhãs de segunda-feira, quando havia um enforcamento. Todos chegavam tarde ao trabalho e especialmente nesse dia, com o enforcamento de uma mulher.

O patíbulo estava armado com a corda balançando acima do alçapão. Pierce consultou o relógio de bolso. Eram 7:45h, quase hora da execução.

Na praça, a multidão começou a cantar: "Pobre de mim, acho que é o meu fim! Pobre de mim, acho que é o meu fim" em meio a gritos, risadas e bater de pés. Chegaram a começar uma ou duas brigas, mas era difícil continuar no meio da multidão compacta.

Todos foram para a janela.

Agar disse:

— Quando acha que ele vai agir?

— Às oito em ponto, eu acho.

— Se fosse eu, faria um pouquinho mais cedo. Pierce disse:

— Ele vai agir quando achar melhor.

Os minutos passavam lentamente. Ninguém falava. Finalmente, Barlow disse:

— Eu conheci Emma Barnes — nunca pensei que chegaria a isto.

Pierce não disse nada.

Às oito horas, o carrilhão do Santo Sepulcro anunciou a hora e o povo rugiu por antecipação. Ouviu-se o som leve de um sino da prisão, uma porta se abriu e a prisioneira foi levada para fora, com as mãos amarradas nas costas. Na frente ia o capelão lendo a Bíblia em voz alta. Atrás estava o carrasco da cidade, vestido de negro.

O povo viu a prisioneira e gritou "Tirem os chapéus!". Todos os homens

obedeceram enquanto a prisioneira subia os degraus do patíbulo. Então soaram os gritos de "Abaixem-se aí na frente! Abaixem-se aí na frente!" mas poucos obedeceram.

Pierce olhou atentamente para a condenada. Emma Barnes tinha uns trinta e poucos anos, e parecia bastante vigorosa. O vestido aberto no pescoço mostrava as linhas firmes dos músculos. Mas seus olhos estavam distantes e esgazeados. Ela parecia não ver nada. Tomou sua posição e o carrasco voltou-se para ela, ajeitando a gola do vestido como uma costureira com um manequim. Emma Barnes olhava acima da multidão. A corda foi presa a uma corrente em volta do seu pescoço.

O capelão lia em voz alta, sem tirar os olhos da Bíblia. O carrasco amarrou as pernas da mulher com uma tira de couro, trabalhando debaixo da bainha de sua saia, o que provocou gracejos pesados e risadas da multidão.

Depois o carrasco levantou-se e enfiou o capuz negro na cabeça da mulher. E então, a um sinal, o alçapão se abriu com um estalo, *crack*, que Pierce ouviu com assustadora claridade e o corpo caiu, parou no meio da queda e ficou imediatamente imóvel.

— Ele está melhorando — disse Agar. O carrasco da cidade era famoso por sua falta de habilidade, deixando o prisioneiro se contorcer por longos minutos, antes de morrer. — O povo não vai gostar — acrescentou ele.

Na verdade, o povo não pareceu se importar. Houve um momento de silêncio completo e logo depois o rugido excitado das discussões. Pierce sabia que a maior parte daquelas pessoas ia ficar na praça por mais uma hora, até a corda ser cortada e o corpo da mulher posto no caixão.

— Aceita um pouco de ponche? — perguntou a mulher de Agar.

— Não — disse Pierce. E em seguida: — Onde está Willy?

Clean Willy Williams, o mais famoso homem-cobra do século, estava dentro da prisão de Newgate, iniciando sua fuga. Era um homem pequenino e na juventude ficara famoso por sua agilidade como aprendiz de limpador de chaminés. Nos últimos anos fora contratado pelos ladrões mais importantes, e seus feitos eram agora lendários. Diziam que Clean Willy era capaz de escalar uma superfície de vidro e ninguém podia garantir que não era verdade.

Certamente os guardas de Newgate, conhecendo a celebridade do prisioneiro, mantinham uma vigilância constante em Clean Willy. Mas sabiam também que era impossível escapar de Newgate.

A prisão de Newgate era a mais segura da Inglaterra. Foi desenhada por George Dance, "um dos intelectos mais meticulosos da Idade do Bom Gosto", e cada detalhe da construção fora idealizado para enfatizar os duros fatos do confinamento. Assim sendo, as proporções dos arcos das janelas foram "sutilmente espessadas a fim de intensificar a dolorosa pequenez das aberturas", e observadores contemporâneos

aplaudem a excelência desses efeitos cruéis.

A fama de Newgate não era baseada somente numa questão de estética. Em mais de setenta anos, desde 1782, quando a construção foi terminada, nenhum prisioneiro havia escapado. O que era compreensível. Newgate era circundada por muros de granito com quinze metros e meio de altura. As pedras eram lapidadas formando pontas agudas, de modo a impossibilitar sua escalada. Contudo, mesmo que alguém conseguisse o impossível, de nada adiantaria, porque no topo dos muros havia uma barra de ferro, com tambores giratórios de pontas aguçadas como navalhas. E na barra havia também pontas de ferro afiadas. Nenhum homem poderia passar por esses obstáculos. A fuga de Newgate era inconcebível.

Com o passar dos meses, à medida que se acostumavam com a presença do pequeno Willy, os guardas abandonaram a vigilância intensiva. Ele não era um prisioneiro difícil. Nunca quebrava a regra do silêncio, nunca falou com outro prisioneiro, suportava o *cockchafer* — trabalho pesado e monótono — com os quinze minutos de intervalo, sem reclamação ou incidente, trabalhava na retirada de estopa de cordas para calafetagem de navios sem interrupção. Na verdade, embora com relutância, sentiam respeito pela atitude do homenzinho, pelo bom humor com que suportava a rotina pesada. Era um possível candidato a uma condicional, ou uma diminuição da pena, em um ou dois anos.

Porém, às oito horas da manhã daquela segunda-feira, 28 de agosto de 1854, Clean Willy Williams foi sorrateiramente para um canto da prisão onde dois muros se encontravam, e, de costas para o ângulo, estava deslizando para cima na superfície de pedra áspera, apoiado nas mãos e nos pés. Ouviu o canto distante do povo, "Pobre de mim, este é o meu fim!" quando chegou no topo do muro e sem hesitação agarrou a barra com as pontas de ferro. Suas mãos ficaram imediatamente laceradas.

Desde pequeno Clean Willy não tinha nenhuma sensação nas palmas das mãos, cobertas por calos grossos e tecido cicatricial. Era costume naquele tempo deixar a lareira acesa até o último momento, quando o limpador de chaminés e seu pequeno ajudante chegavam para o trabalho, e se o menino queimava as mãos subindo apressadamente pela chaminé ainda quente, ninguém se importava. Se o menino não gostava do trabalho, havia muitos outros para substituí-lo.

As mãos de Clean Willy foram queimadas várias vezes, num período de dois anos. Por isso, agora ele não sentia nada quando o sangue começou a escorrer das suas palmas, descendo em filetes pelo braço e pingando no seu rosto. Ele não deu a mínima atenção.

Clean Willy moveu-se lentamente ao longo das rodas com pontas de ferro, por todo o comprimento de um muro, depois do outro e depois do terceiro. Era um trabalho exaustivo. Ele perdeu a noção do tempo, e não ouviu o barulho da multidão

que assistia ao enforcamento. Continuou a percorrer o perímetro da prisão até chegar ao muro do sul. Então parou e esperou que a patrulha passasse lá embaixo. O guarda não olhou para cima, embora mais tarde Willy tenha lembrado que algumas gotas do seu sangue caíram nos ombros e no quepe do homem.

Quando o guarda se foi, Willy saltou por cima das pontas de ferro — cortando o peito, os joelhos e as pernas, de modo que o sangue corria agora profusamente — e saltou cinco metros e meio de altura, caindo no telhado do prédio mais próximo da prisão. Ninguém ouviu o som da sua queda, pois o lugar estava deserto. Estavam todos assistindo à execução.

Daquele telhado ele saltou para outro e depois para outro, saltando espaços de um metro e meio e dois metros sem hesitação. Uma ou duas vezes suas mãos escorregaram nas telhas, mas ele sempre recobrava o equilíbrio. Afinal, tinha passado grande parte da vida nos telhados.

Finalmente, menos de meia hora desde que tinha começado sua subida pelo muro da prisão, ele passou pela janela dos fundos da casa da Sra. Molloy, seguiu pelo corredor e entrou no quarto que o Sr. Pierce e seu grupo haviam alugado por um preço alto.

Agar lembrava que a aparência de Willy era "terrível e assustadora", acrescentando que "ele estava sangrando como um santo no espeto", mas essa referência blasfema foi apagada dos registros do tribunal.

Pierce orientou o tratamento rápido do homem quase inconsciente. Usaram vapores de amoníaco num inalador de vidro facetado para reavivá-lo. Suas roupas foram retiradas pelas mulheres que trabalharam rapidamente, sem falsa modéstia, os vários ferimentos foram tratados com pó adstringente e em-plastro adesivo, depois envoltos em ataduras cirúrgicas. Agar deu a ele um gole de vinho de coca para restaurar as energias e vinho de caldo de carne-e-ferro Burroughs & Wellcome para alimentar. Quase à força engoliu duas Pequenas Pílulas Nervo de Carter e um pouco de tintura de ópio para a dor. Esse tratamento combinado o fez voltar a si e as mulheres puderam limpar seu rosto, passar água de rosas no seu corpo e enfiar o vestido por sua cabeça.

Depois de vestido, deram a ele um gole de Bromo Cafeína para mais energia e mandaram que fingisse estar a ponto de desmaiar. Sua cabeça foi coberta com uma touca e os pés com delicados sapatos de cordão. O uniforme da prisão ensangüentado foi guardado no cesto de piquenique.

Ninguém na multidão de mais de vinte mil pessoas prestou a menor atenção quando o grupo bem vestido deixou a casa de cômodos da Sra. Molloy — com uma das mulheres quase desmaiando, carregada pelos homens que a fizeram entrar rapidamente no carro que os esperava — e partiu à luz clara da manhã. O espetáculo de uma mulher prestes a desmaiar era comum e, de qualquer modo, não se

comparava ao de uma mulher girando lentamente na ponta de uma corda, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

UMA DESGRAÇA GEORGIANA

Estima-se que sete oitavos das construções na Londres vitoriana eram de estilo georgiano. A aparência e a arquitetura geral da cidade eram legados daquela era anterior. Os vitorianos só começaram a reconstruir sua capital de modo substancial nos anos 1880. Essa relutância refletia o aspecto econômico da construção urbana. Durante a maior parte do século, simplesmente não era economicamente proveitoso demolir estruturas antigas, mesmo aquelas que não se adaptavam às suas funções modernas. Certamente não era uma questão de estética — os vitorianos detestavam o estilo georgiano, que o próprio Ruskin definiu como "o *necplus ultra* da feiúra".

Assim, talvez não fosse motivo de surpresa o fato do *Times*, noticiando a fuga de um prisioneiro da prisão de Newgate, ter observado que "as virtudes do edifício foram evidentemente superestimadas. Não só é possível escapar, como não passa de brinquedo de criança, pois o prisioneiro que escapou não atingiu ainda a maioridade. Está na hora de demolir essa desgraça pública".

O artigo continua, comentando que "a Polícia Metropolitana enviou grupos de homens armados para todas as *rookeries* da cidade, a fim de fazer sair o fugitivo do esconderijo e espera-se sua prisão para breve".

Não houve mais artigos a respeito. É preciso lembrar que, naquela época, os fugitivos das prisões eram, nas palavras de um comentarista, "tão comuns quanto nascimentos ilegítimos" e uma coisa tão comum não merecia ser noticiada. Num tempo em que as cortinas das janelas do Parlamento eram molhadas com água de cal para proteger os membros da epidemia de cólera, enquanto debatiam como estava sendo conduzida a campanha da Criméia, os jornais não podiam se preocupar com um criminoso insignificante da classe baixa que tivera a sorte de conseguir escapar da prisão.

Um mês mais tarde o corpo de um jovem foi encontrado boiando no Tâmesa e as autoridades policiais o identificaram como o condenado fugido de Newgate. O fato recebeu um mero parágrafo no *Evening Standard*. Os outros jornais nem o mencionaram.

A CASA DE PIERCE

Depois da sua fuga, Clean Willy foi levado para a casa de Pierce em Mayfair, onde passou várias semanas enquanto os ferimentos cicatrizavam. Foi por meio do seu depoimento feito mais tarde à polícia que tomamos conhecimento da mulher misteriosa que era amante de Pierce e que Willy conhecia como "Miss Miriam".

Willy ficou num quarto no segundo andar e os criados foram informados de que era parente de Miss Miriam e que fora atropelado por um carro na New Bond Street. Uma vez ou outra Willy era tratado por Miss Miriam. Ele a descreveu como tendo "um belo porte, um corpo bem-feito, fala educada e andava de um lado para o outro vagarosamente, nunca se apressando". Essa descrição foi repetida por várias outras testemunhas, impressionadas com o aspecto etéreo da jovem mulher. Seus olhos, diziam, eram especialmente cativantes e a graça dos seus movimentos foi descrita como "de sonho" e "fantasmagórica".

Aparentemente a mulher morava na casa com Pierce, embora passasse quase sempre o dia todo fora. Clean Willy nunca explicou claramente seus movimentos, e de qualquer modo, ele estava quase o tempo todo sedado com ópio, o que pode talvez explicar a impressão fantasmagórica que descreveu.

Willy lembrava-se de uma única conversa com ela. Ele perguntou:

— Então você é o "canário" dele? — querendo dizer que era cúmplice de Pierce nos roubos.

— Oh, não — disse ela, com um sorriso. — Não tenho ouvido para música.

Ele então concluiu que ela não estava envolvida com os planos de Pierce, porém mais tarde ficou provado o contrário. Ela era parte integrante do plano e talvez a primeira do grupo a conhecer as intenções de Pierce.

No julgamento, houve muita especulação sobre Miss Miriam e sua origem. Uma boa parte das provas aponta para a conclusão de que ela era uma atriz. Isso explica sua habilidade para imitar vários sotaques e modos das diferentes classes sociais, sua tendência para usar maquiagem, numa época em que as mulheres não permitiam que nenhum cosmético tocasse seus rostos e sua presença indisfarçada como amante de Pierce. Naquele tempo, a linha divisória entre atriz e prostituta era muito tênue. E os atores eram, por profissão, andarilhos errantes, frequentemente em contato com criminosos ou criminosos eles mesmos. Fosse qual fosse a verdade do seu passado, ela parece ter sido amante dele durante muitos anos.

Pierce raramente estava em casa e muitas vezes passava duas semanas sem aparecer. Clean Willy lembrava-se de vê-lo uma ou duas vezes, à tarde, com roupa de montaria e cheirando a cavalo, como se acabasse de voltar de uma excursão

eqüestre.

— Eu não sabia que você gostava de cavalos — disse Willy certa vez.

— Não gosto — respondeu Pierce, secamente. — Detesto esses malditos animais.

Pierce manteve Willy dentro de casa mesmo depois que seus ferimentos cicatrizaram, para deixar crescer seu "pêlo de fox ter-rier". Naquele tempo, o melhor modo para identificar um fugitivo da prisão era o cabelo cortado muito curto. No fim de setembro, seu cabelo estava mais crescido mas mesmo assim Pierce não o deixou sair. Willy perguntou por que e Pierce disse:

— Estou esperando que você seja recapturado ou encontrado morto.

A resposta deixou Willy intrigado, mas obedeceu. Alguns dias depois, Pierce chegou com um jornal debaixo do braço e disse a Willy que podia ir embora. Naquela mesma noite Willy voltou para a Terra Santa, onde esperava encontrar sua amante, Maggie. Ficou sabendo que Maggie estava vivendo com um sal-teador de estrada, um tipo violento que ganhava a vida "brandindo o bastão" — isto é, assaltando para roubar. Maggie não demonstrou nenhum interesse por Willy.

Willy então procurou uma menina de doze anos, chamada Louise, cuja ocupação principal era o roubo de roupa pendurada na corda para secar. Ela foi descrita no tribunal como "não *gofferer*, entenda bem, e não *clean-starcher*, só um pouco de simples roubo de roupas uma vez ou outra para o comprador. Simples, na verdade". O que significava essa descrição, que exigiu considerável explicação para os magistrados que presidiam o julgamento, era que a nova amante de Willy praticava a forma mais baixa de roubo de roupas. Os escalões mais altos desse tipo de furto, os *gofferers* e os *clean-starchers* roubavam nos bairros da classe alta, geralmente tirando a roupa dos varais. O tipo simples e comum era relegado a meninos e meninas, e podia ser bastante lucrativo quando a mercadoria era vendida aos compradores de objetos roubados, que a vendiam como roupas de segunda mão.

Willy passou a viver do que a menina ganhava, nunca se aventurando fora do santuário da *rookery*. Foi advertido por Pierce para ficar de boca calada e jamais dizer a ninguém que ele o havia ajudado a fugir de Newgate. Clean Willy vivia com sua amante, ou sua *judy*, numa casa de cômodos onde moravam mais de cem pessoas, um conhecido antro de malfeitores. Willy e sua amante partilhavam uma cama com vinte pessoas dos dois sexos e Louise descreveu esse período: "Ele levava vida mansa e passava o tempo alegremente, esperando o chamado do arrombador".

Capítulo 16

ROTTENROW

De todos os locais elegantes daquela cidade elegante que era Londres, nenhum se comparava ao esponjoso e enlameado passeio em Hide Park chamado A Milha das Damas, ou Rotten Row. Ali, quando o tempo permitia, literalmente centenas de homens e mulheres passeavam a cavalo, todos vestidos no maior esplendor que a época permitia, radiantes na luz dourada do sol às quatro horas da tarde.

Era uma cena de frenética atividade, os cavaleiros e as amazonas amontoados, as mulheres com pequenos pajens uniformizados trotando atrás delas, ou às vezes acompanhadas por *duennas* severas, ou ainda, por seus namorados. E se o espetáculo de Rotten Row era esplêndido e a última palavra da moda, não era exatamente respeitável, pois muitas das mulheres eram de caráter duvidoso. "Não há nenhuma dificuldade", escreveu um observador, "em adivinhar a ocupação da esplêndida *éques-trienne* que cumprimenta meia dúzia de homens ao mesmo tempo com o chicote ou com uma piscadela, e que às vezes varia a monotonia de uma sela segura, cavalgando com as mãos nas costas girando o corpo graciosamente para ouvir os cumprimentos de um admirador a pé."

Essas mulheres pertenciam à mais alta classe de prostitutas e, gostassem ou não, as senhoras respeitáveis viam-se competindo pela atenção masculina com aquelas mulheres belas e bem vestidas, chamadas de *demimondaines*. Nem era aquela a única arena para esse tipo de competição. Ocorria na ópera e no teatro também. Mais de uma jovem dama percebia o olhar do seu acompanhante fixo não no palco, mas num camarote alto onde uma mulher elegante retribuía o olhar abertamente com franco interesse.

Os vitorianos diziam-se escandalizados pela intrusão das prostitutas nos círculos respeitáveis, mas, a despeito de todo aquele clamor por reforma e mudança, elas continuaram a freqüentar esses lugares alegremente durante quase mais meio século. É comum subestimar a prostituição vitoriana como uma manifestação espalhafatosa da profunda hipocrisia daquela sociedade. Mas na verdade, é muito mais complexo e relacionava-se com o modo pelo qual as mulheres eram tratadas na Inglaterra vitoriana.

Foi uma época de marcante diferenciação dos sexos nos trajes, nas maneiras, nas atitudes e no porte. Até certas peças do mobiliário e certos cômodos da casa eram considerados como "masculinos" ou "femininos". A sala de jantar era masculina, a sala de recepção feminina, e assim por diante. Tudo isso supostamente tinha uma explicação biológica:

"É evidente", escreveu Alexander Walker, "que o homem, com sua capacidade

de raciocinar, força muscular e coragem para usá-la, é qualificado para ser o protetor. A mulher, com pouca capacidade de raciocínio, fisicamente fraca e tímida, precisa de proteção. Nessas circunstâncias, o homem governa naturalmente, a mulher obedece naturalmente."

Com pequenas variações, esse credo era repetido incessantemente. A capacidade de raciocínio era menor na mulher, elas não calculavam as conseqüências, eram governadas por suas emoções e por isso era preciso que o homem, mais racional e prático, controlasse seu comportamento.

A suposta inferioridade intelectual das mulheres era reforçada pela educação que recebiam e muitas mulheres de boas famílias eram realmente as tímidas, nervosas e patologicamente delicadas idiotas que enchiam as páginas dos romances vitorianos. Os homens não podiam ter esperança de partilhar muita coisa com suas mulheres legítimas. Mandell Creighton escreveu que ele achava "as mulheres em geral um alimento mental muito insatisfatório; parecem não possuir nenhum pensamento e nenhuma idéia pessoal e embora por algum tempo seja lisonjeira para a vaidade do homem pensar que pode ensinar muita coisa a elas, esse entusiasmo empalidece rapidamente. É claro que quando o homem chega a uma certa idade, tem uma casa e tudo o mais, ele arranja uma esposa como parte do mobiliário e descobre que ela é uma instituição muito confortável, mas duvido que seja grande o número de homens com algum pensamento digno de ser exposto que os exponha à sua mulher, ou que espere que ela seja capaz de apreciá-lo".

Tudo prova que esse arranjo era um tédio mortal para os dois sexos. As mulheres, confinadas nas suas vastas mansões cheias de empregados, descarregavam suas frustrações em cenas espetaculares de neurose histérica. Sofriam perda de audição, da fala e da visão, tinham acessos de sufocação, desmaios, perda de apetite e até de memória. No meio de um ataque podiam fazer movimentos copulatórios ou se contorcer em espasmos tão violentos que suas cabeças chegavam a tocar os pés. Todos esses sintomas bizarros, é claro, só serviam para reforçar a idéia generalizada da fragilidade do sexo feminino.

Os homens frustrados tinham outra opção, que consistia em recorrer às prostitutas, que geralmente eram cheias de vida, alegres, espirituosas — na verdade, tudo que era inconcebível numa mulher. Num nível mais simples, os homens achavam as prostitutas agradáveis porque na sua companhia podiam descartar as formalidades rígidas da fina sociedade e libertar-se da tensão, numa atmosfera de "repousante liberdade". Essa libertação das restrições era quase tão importante quanto a possibilidade da satisfação sexual *per se* e era isso provavelmente que dava à instituição uma base tão ampla dentro da sociedade, permitindo às prostitutas invadir destemidamente as arenas aceitáveis da sociedade vitoriana, como Rotten Row.

Em fins de setembro de 1954, Edward Pierce começou a encontrar a Senhorita Elizabeth Trent passeando a cavalo em Rotten Row. O primeiro encontro foi aparentemente acidental, porém mais tarde, por uma espécie de entendimento tácito, passaram a se encontrar regularmente.

A vida de Elizabeth Trent passou a girar em torno daqueles encontros. Ela passava a manhã toda preparando-se para eles e a noite toda falando a respeito deles. Suas amigas queixavam-se de que ela não parava de falar em Edward. Seu pai queixava-se da insaciável exigência da filha por novos vestidos. Ela parecia, disse ele, "ter necessidade de um vestido novo por dia e sem dúvida gostaria de poder comprar dois".

A jovem sem atrativos aparentemente nunca achou estranho que o Sr. Pierce a tivesse escolhido entre a verdadeira multidão de mulheres extremamente belas de Rotten Row. Estava completamente cativada por suas atenções. No julgamento, Pierce definiu suas conversas como "leves e triviais" e relatou apenas uma delas com detalhes.

Isso aconteceu no mês de outubro, 1854, num momento de agitação política e escândalo militar. A nação havia sofrido um grande golpe na sua auto-estima. A guerra da Criméia estava sendo um desastre. Quando começou, J. B. Priestley observa, "a classe alta recebeu a guerra como um piquenique glorificado em grande escala, num lugar distante e romântico. Era quase como se o mar Negro estivesse aberto para o turismo. Oficiais ricos como Lord Cardigan resolveram levar seus iates. As mulheres de alguns comandantes insistiram em acompanhar os maridos, levando suas criadas pessoais. Vários civis cancelaram as férias em outros lugares para acompanhar o exército e assistir ao esporte".

O esporte rapidamente se transformou em debacle. O exército britânico era mal treinado, mal equipado, com suprimento deficiente e mal comandado. Lord Raglan muitas vezes parecia pensar que estava lutando em Waterloo e referia-se ao inimigo como "os franceses", embora os franceses fossem agora seus aliados. Em certa ocasião ele estava tão confuso que tomou um posto de observação atrás das linhas russas inimigas. A atmosfera de "caos envelhecido" ficou cada vez mais profunda e em meados do verão até as mulheres dos oficiais estavam escrevendo para casa para dizer que "aparentemente ninguém tem a mínima idéia do que estava fazendo".

Em outubro, essa inépcia culminou com a carga da Brigada Ligeira, comandada por Lord Cardigan, um espetacular ato de heroísmo que dizimou três quartos das suas forças, na tentativa bem-sucedida de capturar a bateria errada de canhões inimigos.

Evidentemente o piquenique tinha acabado e quase todos os ingleses da classe alta estavam profundamente preocupados. Os nomes de Cardigan, Raglan e Lucan estavam em todos os lábios. Mas naquela quente tarde de outubro, no Hyde Park, o

Sr. Pierce conduziu gentilmente Elizabeth Trent para uma conversa sobre seu pai.

— Ele estava assustadoramente nervoso esta manhã — disse ela.

— É mesmo? — disse Pierce, trotando ao lado dela.

— Sempre fica nervoso no dia de despachar o carregamento de ouro para a Criméia. É outro homem desde o momento em que se levanta, distante e extremamente preocupado.

— Acredito que deve arcar com uma enorme responsabilidade — disse Pierce.

— Tão pesada que temo que comece a beber demais — disse Elizabeth com uma leve risada.

— Espero que esteja exagerando, madame.

— Bem, ele age estranhamente, sem dúvida alguma. Deve saber que ele é contrário ao consumo de qualquer quantidade de álcool antes do cair da noite.

— Sim, eu sei, e acho muito sensato.

— Muito bem — continuou Elizabeth Trent —, desconfio que ele está violando a própria regra, pois nas manhãs do embarque do ouro ele vai sozinho à adega, sem nenhum criado para acompanhá-lo ou segurar a lanterna a gás. Insiste em ir sozinho. Minha madrastra muitas vezes o censura, dizendo que ele pode tropeçar ou sofrer uma queda nos degraus. Mas ele não lhe dá ouvidos. E passa algum tempo na adega, depois aparece e vai para o banco.

— Eu acho — disse Pierce — que ele apenas vai inspecionar a adega por algum motivo corriqueiro. Não acha lógico?

— Na verdade, não — disse Elizabeth —, pois ele sempre confiou à minha madrastra a tarefa de fazer as compras e cuidar do estoque da adega e da escolha dos vinhos antes dos jantares e coisas assim.

— Então, seu comportamento é realmente estranho. Espero — disse Pierce, gravemente — que as responsabilidades não estejam sobrecarregando demais seu sistema nervoso.

— Espero que não — respondeu a filha com um suspiro. — O dia não está encantador?

— Encantador — concordou Pierce. — Indescritivelmente encantador, mas não mais encantador do que você.

Elizabeth Trent estremeceu e respondeu que ele era muito ousado lisonjeando-a assim abertamente.

— Faz até suspeitar de algum motivo não confessado — disse ela, rindo.

— Céus, não — afirmou Pierce e para tranquilizá-la melhor pôs a mão brevemente sobre a dela.

— Estou tão feliz — disse Elizabeth.

— E eu estou feliz com você — disse Pierce, dessa vez com sinceridade, pois agora sabia onde estavam as quatro chaves.

PARTE II

AS CHAVES

Novembro, 1854 - Fevereiro, 1855

AS NECESSIDADES DE UMA NOVATA

O Sr. Henry Fowler, sentado num canto escuro do bar na hora do almoço, demonstrava sinais de intensa agitação. Mordia o lábio, girava o copo na mão e mal conseguia olhar nos olhos do amigo Edward Pierce.

— Eu não sei como começar — disse ele. — E uma circunstância muito embaraçosa.

— Pode estar certo da minha completa descrição — disse Pierce, erguendo o copo.

— Eu agradeço — disse Fowler. — Compreenda... — começou e parou de falar. — Compreenda, é — interrompeu outra vez a frase e balançou a cabeça — extremamente embaraçoso.

— Pois então fale de uma vez — aconselhou Pierce —, de homem para homem.

Fowler tomou um longo gole de bebida e pôs o copo na mesa com um áspero tilintar de vidro.

— Muito bem. Simplesmente, para encurtar uma longa história, estou com o mal francês.

— Oh, que coisa! — disse Pierce.

— Temo ter me excedido — disse Fowler, tristemente — e agora devo pagar o preço. É simplesmente muito desagradável e vexatório.

Naquele tempo, pensavam que a doença venérea era devida ao excesso da atividade sexual. Poucas eram as curas e poucos médicos se dispunham a tratar o doente. A maioria dos hospitais não estava equipada para tratar a gonorréia e a sífilis. Um homem respeitável que apanhava uma dessas doenças tornava-se alvo fácil de chantagem, daí a reticência do Sr. Fowler.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Pierce, sabendo a resposta.

— Eu estava com esperança — não falsa, suponho — que como um homem solteiro você tivesse algum conhecimento — ah, que pudesse me apresentar a uma moça "novata", uma moça do campo.

Pierce franziu a testa.

— Já não é tão fácil como antes — disse ele.

— Sei disso, sei disso. — Fowler ergueu a voz acaloradamente. Controlou-se e continuou em voz mais baixa. — Eu compreendo a dificuldade. Mas tinha esperança...

Pierce fez um gesto afirmativo.

— Há uma mulher no Haymarket — disse ele — que sempre tem uma ou duas novatas. Posso fazer algumas perguntas discretas.

— Oh, *por favor* — disse o Sr. Fowler, agora com voz trêmula. E acrescentou: — É muito doloroso.

— Tudo que posso fazer é perguntar — disse Pierce.

— Serei para sempre seu devedor — disse o Sr. Fowler. — É extremamente doloroso.

— Vou perguntar — afirmou Pierce. — Pode esperar notícias minhas dentro de um ou dois dias. Enquanto isso, não desanime.

— Oh, obrigado, muito obrigado — disse Fowler e pediu outro drinque.

— Pode ser caro — advertiu Pierce.

— Para o diabo com o preço, homem. Juro que pagarei qualquer coisa. — Então, aparentemente reconsiderou: — Quanto você supõe?

— Cem guinéus, para ter certeza de que é realmente uma novata.

— Cem guinéus? — Fowler parecia infeliz.

— Isso mesmo, e só se eu tiver a sorte de conseguir uma boa pechincha. Saiba que é grande a demanda por elas.

— Pois então, que seja — disse o Sr. Fowler, tomando de um só gole o outro drinque. — Seja lá o que for, será.

Dois dias depois o Sr. Fowler recebeu pelo recentemente criado *penny post* uma carta endereçada para seu escritório no Banco Huddleston & Bradford. O Sr. Fowler sentiu-se muito tranqüilizado pela excelente qualidade do papel de carta e pela perfeição da letra, sem dúvida feminina.

11 de nov. 1854

Senhor

Nosso conhecido comum, o Sr. R, pediu-me para informá-lo quando eu soubesse de uma dama — novata. Tenho o prazer de recomendar uma jovem muito bonita e loura, que acaba de chegar do campo e acho que o senhor vai gostar muito dela. Se for conveniente para o senhor, pode encontrar-se com ela dentro de quatro dias na rua Lichfield, no fim da St. Martin's Lane, às oito horas. Ela estará à sua espera e já foi providenciado um local adequado para sua privacidade.

Sua mais obediente e humilde serva

M.B.

Rua South Moulton.

O preço não era mencionado mas o Sr. Fowler não se preocupou com isso. Suas partes privadas estavam agora inchadas e extremamente doloridas, na verdade tão doloridas que ele mal podia pensar em outra coisa quando sentou à sua mesa de trabalho para conduzir os negócios do dia. Leu a carta outra vez e outra vez sentiu-se tranqüilizado com a ótima impressão produzida. Sob todos os aspectos, ela

transmitia confiança e isso era importante. Fowler sabia que muitas virgens não eram nada disso, mas meninas iniciadas umas vinte vezes ou mais, com seu "estado de pureza" renovado pelo ponto de uma costureira, habilmente dado no lugar estratégico.

Sabia também que o intercuro com uma virgem não era unanimemente aceito como uma cura certa para doenças venéreas. Muitos homens juravam que a experiência os havia curado, outros rejeitavam a idéia. Um dos argumentos mais comuns era de que os fracassos resultavam do fato da jovem não ser uma virgem genuína. Assim, o Sr. Fowler, olhando para o papel e a letra da carta, encontrou a certeza que procurava. Enviou imediatamente um bilhete um tanto vago de agradecimento ao amigo Pierce, por sua ajuda.

O GOLPE DA CARRUAGEM

No mesmo dia em que o Sr. Fowler escrevia a carta de agradecimento para o Sr. Pierce, este estava fazendo os preparativos para invadir a mansão do Sr. Trent. Cinco pessoas faziam parte do plano. Pierce, que conhecia o interior da casa, Agar, que ia fazer os moldes em cera da chave, a mulher de Agar, que seria a "olheira" ou vigia e Barlow, que seria um "obstáculo" para desviar a atenção.

Havia também a misteriosa Miss Miriam. Ela era essencial para a invasão planejada, pois ficava a seu cargo o que era chamado de "golpe da carruagem". Era um dos métodos mais inteligentes de penetrar numa casa. Por seus efeitos, o golpe da carruagem baseava-se num sólido costume social da época — a gorjeta para os empregados.

Na Inglaterra vitoriana, mais ou menos 10% de toda a população eram de empregados domésticos e quase todos muito mal pagos. Os mais baixos ordenados eram para aqueles cujas obrigações os punham em contato com os visitantes ou hóspedes da casa. A maior parte da renda do mordomo e do criado de libre era produto das gorjetas. Daí o desprezo da criadagem por visitantes sovinas — e daí o "golpe da carruagem".

Às nove horas da noite de 12 de novembro de 1854, todos estavam a postos. A "olheira", a mulher de Agar, passeava na calçada na frente da mansão dos Trent. Barlow, o obstáculo, estava junto da entrada de serviço e do canil nos fundos da casa. Pierce e Agar estavam escondidos nos arbustos perto da porta de entrada. Quando tudo estava pronto, uma elegante carruagem fechada parou na frente da mansão e a campainha foi tocada.

O criado de libre da mansão dos Trent abriu a porta e viu a carruagem ao lado da calçada. Muito digno e pensando nas gorjetas, certamente ele não ia ficar parado na porta e gritar na noite, perguntando o que desejavam. Quando, depois de um momento, ninguém desceu da carruagem, ele desceu os degraus até a calçada para ver se podia ajudar.

Dentro da carruagem ele viu uma mulher bela e refinada que perguntou se aquela era a residência do Sr. Robert Jenkins. O criado de libre disse que não era, mas conhecia o Sr. Jenkins. A casa dele ficava logo depois da esquina e ele deu as direções.

Enquanto isso acontecia, Pierce e Agar entraram na casa pela porta aberta e foram diretamente para a porta da adega no subsolo. Essa porta estava trancada, mas com uma gazua fina Agar a abriu com facilidade. Os dois homens estavam no porão, com a porta fechada, quando o criado de libre recebeu seu xelim da dama da

carruagem. Ele jogou a moeda para o ar, apanhou-a, voltou para a casa e trancou a porta, sem desconfiar que tinha sido enganado.

Esse era o golpe da carruagem.

Usando o facho estreito de luz da lanterna, Pierce consultou o relógio. Eram 9:04h. Tinham uma hora para encontrar a chave antes de Barlow começar o plano para desviar a atenção para sua saída.

Pierce e Agar desceram cautelosamente os degraus que rangiam. Viram as prateleiras com vinhos, atrás da grade de ferro trancada com cadeado, que cedeu imediatamente à manipulação de Agar. Às 9:11h, abriram a porta e entraram no recinto da adega. Imediatamente começaram a procurar a chave.

Não podiam usar a inteligência ou a astúcia naquela procura e foi um trabalho lento e cansativo. Pierce tinha uma única idéia do possível esconderijo, uma vez que era a Sra. Trent quem geralmente ia à adega. Uma vez que não queria que ela encontrasse a chave acidentalmente, o banqueiro devia ter escolhido um local bem alto. Revistaram primeiro a parte de cima das prateleiras, confiando apenas no tato. Logo o ar ficou cheio da poeira levantada pelos dois.

Agar, com seus pulmões doentes, só com dificuldade evitava a tosse e várias vezes deixou escapar alguns roncossuficientemente altos para alarmar Pierce. Mas ninguém ouviu na mansão dos Trent.

Já eram 9:30h e Pierce compreendeu que o tempo começava a trabalhar contra eles. A procura ficou mais frenética e Pierce reclamava em voz baixa para Agar, que segurava a lanterna.

Passaram-se mais dez minutos e Pierce começou a suar. Então, de repente, os dedos dele tocaram em alguma coisa fria numa das barras cruzadas da prateleira de vinhos. O objeto caiu no chão com um estalido metálico. Mais alguns minutos passando as mãos no chão de terra da adega, e eles tinham a chave. Eram 9:45h.

Pierce a segurou na frente da luz da lanterna. No escuro, Agar gemeu alto.

— O que foi? — murmurou Pierce.

— Essa não é a chave.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que não é a maldita chave, é a chave errada.

Pierce girou a chave na mão.

— Tem certeza? — murmurou, mas antes de ouvir a resposta sabia que Agar estava certo. A chave estava coberta de poeira e era velha e cheia de sujeira nos talhos da ponta.

Agar expôs seu pensamento.

— Há dez anos que não é tocada.

Pierce praguejou e continuou a procurar, enquanto Agar segurava a lanterna. Agar examinou a chave com atenção.

— Diabo, mas ela é esquisita — murmurou. — Nunca vi uma igual. Pequena do jeito que é e delicada, pode ser de caixa de miudezas de mulher, se quer saber...

— Cala a boca — sibilou Pierce.

Agar obedeceu. Pierce procurou, com o coração disparado, sem olhar mais para o relógio de pulso, sem querer saber a hora. Então seus dedos sentiram outra vez metal frio. Levou o objeto para a luz da lanterna.

Era uma chave brilhante.

— Essa é de cofre — disse Agar, assim que a viu.

— Certo — disse Pierce, com um suspiro e segurou a lanterna para Agar. Agar tirou do bolso dois pedaços de cera, aqueceu-os nas palmas das mãos por um momento e comprimiu a chave contra a cera, de um lado, depois do outro.

— Tempo? — murmurou.

— Nove e cinquenta e um — respondeu Pierce.

— Vou fazer outro.

Agar repetiu o processo no segundo pedaço de cera. Era uma prática comum entre os melhores arrombadores, pois nunca se sabe quando um molde de cera pode ser danificado mais tarde, depois de uma invasão como aquela. Quando os dois moldes ficaram prontos, Pierce guardou a chave no mesmo lugar.

— Nove e cinquenta e sete.

— Puxa, em cima da hora.

Saíram da adega, trancaram a porta de ferro e subiram a escada. Então esperaram.

Barlow, escondido nas sombras perto da entrada de serviço, consultou seu relógio de bolso e viu que eram dez horas. Hesitou por um momento. Cada minuto que seus cúmplices passavam no interior da casa dos Trent aumentava o perigo. Por outro lado, podiam não ter terminado o trabalho, a despeito do planejamento minucioso. Barlow não queria fazer o papel de vilão e na hora da fuga ser recebido por dois homens furiosos.

Finalmente murmurou, "Dez são dez", e carregando uma sacola, caminhou para o canil. Havia três cães, incluindo o que o Sr. Pierce dera de presente para o Sr. Trent. Barlow tirou quatro ratos da sacola e jogou no canil. Imediatamente os cães começaram a rosnar e ladrar, fazendo um barulho infernal.

Barlow recuou para a sombra quando as luzes se acenderam nas janelas, uma depois da outra no alojamento dos criados.

Pierce e Agar, ouvindo o barulho, abriram a porta do porão e saíram para o corredor, trancando a porta outra vez. Ouviam passos correndo nos fundos da casa. Abriram a fechadura e os ferrolhos da porta da frente, saíram e desapareceram na noite.

Deixaram um único sinal da sua visita, a porta da frente aberta. De manhã o

criado de libre, sempre o primeiro a se levantar, ia encontrar a fechadura e os ferrolhos abertos e lembrando da carruagem certamente pensaria que tinha esquecido de trancar a porta. Podia suspeitar de uma invasão na casa, mas com o passar das horas e ninguém dando por falta de nada, esqueceria o incidente.

Fosse qual fosse o caso, nenhum roubo na casa dos Trent foi comunicado às autoridades. A misteriosa agitação dos cães foi explicada pelos corpos dos ratos nos canis. Houve alguma discussão sobre como os ratos chegaram ao canil, mas a mansão dos Trent era um lugar de muito trabalho e ninguém tinha tempo para especulações sobre coisas triviais.

Assim, no dia 13 de novembro de 1854, Edward Pierce tinha a primeira das quatro chaves de que precisava. Imediatamente dirigiu a atenção para o melhor modo de obter a segunda.

O ENCONTRO

O Sr. Henry Fowler mal podia acreditar nos próprios olhos. Ali, à luz fraca do lampião a gás da rua, estava uma criatura delicada, faces coradas e maravilhosamente jovem. Não podia ter muito mais de doze anos, a maioridade naquele tempo, e seu porte, aparência e modos tímidos indicavam inexperiência e virgindade.

Falou com ela e a menina respondeu com voz suave, hesitante, de olhos baixos, conduzindo-o então para um bordel que alugava quartos, não muito distante. O Sr. Fowler olhou para o estabelecimento com algum nervosismo, pois a fachada não era muito atraente. Desse modo, ficou agradavelmente surpreso quando a batida discreta na porta foi atendida por uma mulher belíssima que a menina chamou de "Miss Miriam". O Sr. Fowler entrou e viu logo que não se tratava de uma casa inferior, do tipo que alugava leitos a cinco xelins por hora e onde o proprietário batia na porta com uma bengala quando o tempo acabava. Muito ao contrário, a casa era decorada com veludo macio, ricas cortinas, finos tapetes persas e todo o resto de bom gosto e boa qualidade. Miss Miriam, com seu porte extremamente digno, disse que o preço era de cem guinéus e diante daquelas maneiras tão finas o Sr. Fowler pagou sem hesitar, subindo diretamente para o andar superior com a menina, que se chamava Sara.

Sara explicou que chegara há pouco de Derbyshire, que seus pais estavam mortos, que tinha um irmão mais velho na Criméia e outro, mais novo, no asilo de indigentes. Contou tudo isso quase alegremente enquanto subiam a escada. Fowler julgou perceber uma certa agitação na voz dela. Sem dúvida a pobre criança estava nervosa com a perspectiva dessa primeira experiência e ele decidiu tratá-la com a maior gentileza.

O quarto era tão magnificamente decorado quanto a sala de estar. Era vermelho e elegante e levemente perfumado com essência de jasmim. Ele olhou em volta rapidamente, pois sempre é preciso ser cuidadoso. Então, fechou a porta e voltou-se para a menina.

— Muito bem — disse o Sr. Fowler.

— Senhor? — disse ela.

— Muito bem — repetiu ele. — Vamos, ah...

— Oh, sim, é claro, senhor.

E a criança começou a despi-lo. O Sr. Fowler achou isso extraordinário, ficar ali de pé, no meio daquele quarto elegante —quase *decadente*— com uma menina que mal chegava à sua cintura, levantando os braços para desabotoar e tirar sua

roupa. Era tão notável que ele se submeteu passivamente e logo estava nu, e a menina ainda vestida.

— O que é isto? — perguntou ela, tocando na chave que pendia do cordão de prata no pescoço dele.

— É só uma — ah — chave — disse o Sr. Fowler.

— Acho melhor tirar — disse ela —, pode me machucar. Ele tirou. A menina diminuiu a luz do lampião a gás e então despiu-se. A hora seguinte foi mágica para Henry Fowler, uma experiência tão incrível, tão espantosa que ele chegou a esquecer sua condição dolorosa. E certamente não notou a mão que, silenciosa e sorrateira, apareceu entre uma das cortinas pesadas de veludo, apanhou a chave que estava em cima da sua roupa e a devolveu pouco tempo depois.

— Oh, senhor — exclamou ela, no momento vital. — Oh, *senhor!*

E Henry Fowler, por um breve momento sentiu seu corpo repleto de vida e de excitação como jamais sentira nos seus quarenta e sete anos.

Capítulo 20

O GUARDA

A facilidade com que Pierce e seus conspiradores conseguiram as duas primeiras chaves deu a eles uma sensação de confiança que logo provaria ser falsa. Quase imediatamente depois de ter obtido a chave de Fowler, surgiram dificuldades completamente inesperadas. A South Eastern Railway alterou a rotina dos escritórios de despachos da estação de London Bridge.

Miss Miriam foi encarregada de observar a rotina dos escritórios e no fim de dezembro de 1854 ela voltou com más notícias. Numa reunião na casa de Pierce, contou a ele e a Agar que a companhia tinha contratado um homem que agora montava guarda no escritório, à noite.

Uma vez que haviam planejado entrar no escritório à noite, era sem dúvida uma má notícia. Porém, segundo testemunhou Agar, Pierce disfarçou muito bem seu desapontamento.

— Qual é o horário dele? — perguntou.

— Ele entra de serviço todas as noites na hora de fechar, sete em ponto — disse Miss Miriam.

— E que tipo de homem ele é?

— Um *ream escop* — disse ela, isto é, um guarda de verdade. — Uns quarenta anos, atarracado, gordo. Mas aposto que não dorme em serviço e não é nenhum beberrão.

— Está armado?

— Está — disse ela, inclinando a cabeça afirmativamente.

— Onde ele fica?

— Bem na frente da porta. Senta no topo da escada ao lado da porta e não sai dali. Leva um pequeno saco de papel, acho que é seu jantar. — Miss Miriam não tinha certeza porque não se arriscava a vigiar o escritório da estação até muito tarde, para não despertar suspeitas.

— Problema — disse Agar, aborrecido. — Senta bem na frente da porta? Esse guarda é uma parede.

— Por que será que resolveram contratar um guarda-noturno? — disse Pierce.

— Quem sabe perceberam que estávamos vigiando — pois há meses eles vinham mantendo uma vigilância intermitente no escritório e alguém podia ter notado.

Pierce suspirou.

— Não tem jeito agora — disse Agar.

— Sempre há um jeito — garantiu Pierce.

— O caminho está fechado — disse Agar.

— Não fechado — disse Pierce —, só um pouco mais difícil, isso é tudo.

— Então, como vai resolver o caso? — quis saber Agar.

— Na hora do almoço — disse ele.

— Em plena luz do dia? — perguntou Agar, perplexo.

— Por que não? — disse Pierce.

No dia seguinte, Pierce e Agar observaram a rotina do escritório ao meio-dia. À uma hora a estação de London Bridge estava repleta de passageiros que chegavam e que partiam, carregadores levando a bagagem atrás de viajantes elegantes a caminho dos vagões, vendedores de refrescos anunciando aos gritos sua mercadoria e três ou quatro policiais em movimento, procurando manter a ordem e atentos aos batedores de carteira, pois as estações de trem eram agora seus pontos favoritos. Eles tiravam as carteiras quando os viajantes estavam entrando no trem e a vítima só ia dar pelo furto quando já estava longe de Londres.

A preferência dos batedores de carteira pelas estações de trem era tão famosa que no seu quadro de 1862 — um dos mais famosos da sua geração — *A estação de trem*, William Frith focaliza como ponto central da composição dois detetives prendendo um ladrão.

Em 1854, a estação de London Bridge tinha um bom número de policiais e a companhia da estrada de ferro tinha também seus guardas particulares.

— Está cheia dos donos da lei — disse Agar, tristemente, olhando para as plataformas da estação.

— Não importa — disse Pierce, observando o escritório da estação.

À uma hora os funcionários do escritório desceram a escada de ferro, a caminho do almoço, conversando descuidadamente. O supervisor de tráfego, um cavalheiro muito sério, de suíças, não saiu. Os empregados voltaram às duas horas e recomeçou a rotina.

No dia seguinte, o supervisor saiu para almoçar, mas dois funcionários ficaram no escritório, sem almoço.

No terceiro dia, eles já conheciam o padrão: um ou mais funcionários saíam para almoçar à uma hora e voltavam às duas, mas o escritório nunca ficava vazio. A conclusão era clara.

— Nada de entrar de dia — disse Agar.

— Talvez no domingo — disse Pierce, pensando em voz alta.

Naquele tempo — e na verdade, até hoje — o sistema ferroviário britânico opunha forte resistência ao funcionamento aos domingos. Era considerado desnecessário e impróprio para qualquer companhia trabalhar no domingo, e as ferrovias em particular demonstravam uma forte tendência moralista. Por exemplo, era proibido fumar nos vagões muito depois de o fumo se tornar um hábito

disseminado na sociedade — e esse estado de coisas continuou, a despeito da intensa pressão da opinião pública, até 1868, quando finalmente o Parlamento aprovou a lei determinando que as ferrovias permitissem que os passageiros fumassem.

Assim também, embora a opinião unânime fosse de que o homem mais temente a Deus às vezes precisa viajar no domingo, e embora o costume popular de excursões de fim-de-semana contribuísse para pressionar mais ainda a conveniência de um horário de trens nos domingos, as ferrovias lutavam obstinadamente contra essa tendência. Em 1854, a South Eastern Railway tinha somente quatro trens no domingo, e a outra linha que usava a estação de London Bridge, a London & Greenwich Railway, apenas seis trens, menos da metade dos dias de semana.

Pierce e Agar foram à estação no domingo e encontraram uma guarda dupla do lado de fora da porta do escritório do supervisor de tráfego. Um guarda estava perto da porta e o outro perto do começo da escada.

— Por quê? — perguntou Pierce, quando viu os dois guardas. — Por quê, em nome de Deus, por *quê*?

Num depoimento feito mais tarde, no tribunal, ficaram sabendo que a direção da South Eastern Railway mudou de mãos no outono de 1854. O novo proprietário, Sr. Willard Perkins, era um cavalheiro com tendências filantrópicas, cuja preocupação com as classes inferiores o levou a introduzir a norma de empregar o maior número possível de pessoas nos diversos serviços da linha férrea, "a fim de garantir trabalho honesto àqueles que, de outro modo, podiam descambar para o crime e para a promiscuidade". Esse foi o único motivo da contratação de pessoal extra. A estrada de ferro jamais suspeitou de um roubo e na verdade o Sr. Perkins ficou extremamente chocado quando sua linha foi roubada.

É verdade também que naquele tempo a South Eastern Railway estava tentando a abertura de novas linhas de acesso ao centro de Londres, o que provocou o deslocamento de muitas famílias e a destruição de suas casas. Desse modo, o esforço filantrópico tinha também um aspecto de relações-públicas nas mentes dos donos da companhia.

— Nada feito no domingo — disse Agar, olhando para os dois guardas. — Quem sabe no Natal?

Pierce balançou a cabeça. Era possível que a segurança fosse relaxada no dia de Natal, mas não podiam ter certeza.

— Precisamos de uma rotina — disse ele.

— Não se pode fazer nada durante o dia.

— Sim — disse Pierce. — Mas não conhecemos a rotina completa da noite. Nunca observamos a noite inteira.

À noite a estação ficava deserta e os desocupados eram postos para fora pelos

policiais.

— Eles iam mandar para fora um *canário* — disse Agar. — E quem sabe até prender ele.

— Eu estava pensando num *canário* escondido — disse Pierce.

Um homem num esconderijo podia passar a noite toda na estação.

— Clean Willy?

— Não — disse Pierce. — Clean Willy é falador e medroso, sem um osso sólido no corpo. É um *cantador*.

— Sim, ele é mesmo um *cantador*.

Clean Willy, morto na ocasião do julgamento, foi descrito por várias testemunhas como "possuidor de faculdades de raciocínio deficientes". O próprio Pierce disse, "Achamos que não podíamos confiar nele para aquela vigilância. Se fosse apanhado, ele ia cantar — revelar nossos planos — sem nem ao menos perceber.

— Quem então? — perguntou Agar, observando a estação.

— Eu estava pensando num *skipper* — disse Pierce.

— Um *skipper*? — perguntou Agar, surpreso.

— Sim — confirmou Pierce. — Acho que um *skipper* seria ótimo. Por acaso você conhece algum *skipper*?

— Posso encontrar um. Mas e o esconderijo?

— Vamos guardá-lo num caixote de carga — disse Pierce. Pierce então mandou fazer um caixote de carga para ser entregue na sua casa. Segundo seu depoimento, Agar conseguiu "um *skipper* de confiança", e providenciaram para que o caixote de carga fosse levado para a estação.

O *skipper* chamado Henson nunca foi encontrado, nem se esforçaram muito para isso. Era uma figura sem importância no plano, e por sua própria natureza uma pessoa com quem não valia a pena perder tempo. Pois a palavra *skipper* não designava uma ocupação, mas sim um modo de vida, e mais especificamente um modo de passar a noite.

Em meados do século, a população de Londres crescia em média 20% por década. O número de pessoas na cidade crescia em mais de mil por dia e nem mesmo os programas de construção em massa nem as favelas densamente populosas evitavam que uma grande parte da população não tivesse moradia e nem meios para pagar um aluguel. Essas pessoas passavam a noite na rua, sempre que a polícia com suas temidas lanternas *olho-de-boi* as deixavam em paz. Os lugares preferidos eram os chamados *Hotéis Dry-Arch*, ou seja, os arcos das pontes das estradas de ferro, mas havia outros, como prédios em ruínas, portas de lojas, sala das caldeiras, estações de ônibus, barracas do mercado, cercas de arbustos, qualquer lugar que oferecesse um esconderijo, ou *kip*. *Skippers* eram aqueles que procuravam sempre

abrigos diferentes: celeiros e privadas fora das casas. Naquele tempo, nem mesmo as casas mais elegantes tinham encanamento interno. A privada externa era comum a todas as classes e cada vez mais numerosas nos lugares públicos. O *skipper* ajeitava-se no pequeno espaço para passar a noite.

No seu julgamento, Agar descreveu com orgulho o método que empregou para encontrar um *skipper* de confiança. A maior parte do povo da noite era de vagabundos. Os *skippers* eram um pouco mais empreendedores do que os outros mas, ainda assim, no último degrau da ordem social. E quase sempre eram bêbados. Sem dúvida a embriaguez os ajudava a agüentar o cheiro dos seus esconderijos noturnos.

O motivo pelo qual Pierce quis um *skipper* foi a necessidade de alguém capaz de passar muitas horas confinado num espaço muito pequeno. Henson, segundo dissera, achou o caixote de carga "muito espaçoso" quando o puseram dentro dele e martelaram os pregos.

O caixote foi levado para um ponto estratégico da estação de London Bridge. Através das frestas de tábuas Henson podia observar o comportamento do guarda da noite. Depois da primeira noite, o caixote foi carregado para fora da estação, pintado de outra cor e levado de volta para o mesmo lugar. Fizeram isso durante três noites seguidas. Então Henson descreveu o que tinha descoberto. Nenhum dos ladrões gostou do que ouviu.

— O guarda é sólido — ele disse para Pierce. — Regular como este relógio. — Levantou na mão o cronômetro que Pierce havia dado para marcar as atividades do guarda. — Chega às sete em ponto, com o jantar no pequeno saco de papel. Senta no degrau, sempre alerta, não cochila nunca, cumprimentando o *tritador* nas suas rondas.

— Quais são as rondas?

— O primeiro *tritador* trabalha até a meia-noite, e anda pela estação de onze em onze minutos. Às vezes o intervalo é de doze minutos, mas o tempo regular para ele é de onze. O segundo trabalha da meia-noite até de manhã. É um *tritador* confuso, não faz nenhuma ronda regular, mas anda de um lado para o outro, aparecendo aqui e ali, como um boneco de caixa de surpresas, com um olho desconfiado em todas as direções. E tem duas armas no cinto.

— E o guarda que fica sentado na frente da porta? — perguntou Pierce.

— Sólido, como eu disse, como uma pedra. Entra às sete, conversa com o primeiro *tritador* — não gosta do segundo, olha para ele de cara feia. Mas do primeiro ele gosta, conversa uma vez ou outra com ele, mas nunca interrompendo a ronda do *tritador*, só uma conversa rápida.

— Ele sai do lugar alguma vez? — quis saber Pierce.

— Não — respondeu o *skipper*. — Fica lá sentado e então ouve os sinos de

Saint Falsworth marcando a hora e, cada vez que eles tocam, inclina a cabeça para o lado e escuta. Então, às onze horas ele abre o saco de papel e come seu lanche, sempre quando o relógio toca. Então ele come durante uns dez ou quinze minutos e toma uma garrafa de *reeb* — cerveja — e então o *tritador* aparece outra vez. Então o guarda encosta na parede, muito descansado e espera até o *tritador* aparecer outra vez. Aí já são onze e meia mais ou menos. O *tritador* passa por ele e o guarda vai ao banheiro.

— Então ele *sai* do lugar — disse Pierce.

— Só para mijar.

— E quanto tempo demora?

— Eu estava pensando que você ia querer saber — disse Henson —, por isso marquei o tempo direitinho. Ele demorou sessenta e quatro segundos na primeira noite, sessenta e oito na segunda e sessenta e quatro na terceira. Sempre na mesma hora, mais ou menos às onze e meia. E volta para o posto quando o *tritador* faz a última ronda, às quinze para a meia-noite e então chega o outro *tritador*.

— Ele fez isso todas as noites?

— Todas as noites. Por causa da *reeb*. *Reeb* dá uma vontade louca.

— Sim — disse Pierce —, cerveja tem esse efeito. Agora, ele deixa o posto em qualquer outra hora?

— Não que eu visse.

— E você não dormiu?

— O quê? Eu estou dormindo o dia inteiro aqui, na sua bela cama, aqui na sua casa e você pergunta se eu dormi à noite?

— Quero que diga a verdade — disse Pierce, mas não em tom de muita urgência.

(Mais tarde Agar testemunhou o seguinte: "Pierce faz essas perguntas, vocês sabem, mas sem muito interesse, como um *flimp* ou *dub buzzer* ou um *mutcher*, sem interesse, sem dar importância, e isso porque não quer que o *skipper* fique sabendo que está planejando alguma coisa grande. Agora, se o *skipper* percebesse, ia ser um problema para nós e ele podia contar tudo para a polícia e por um bom dinheiro também, mas ele não percebeu nada, se fosse capaz de perceber, porque ia ser um *skipper*, hein?")

(Esse depoimento provocou grande alvoroço no tribunal. Quando o juiz pediu explicação, Agar disse, com uma expressão de surpresa, que tinha explicado do melhor modo que sabia. Foram necessários vários minutos de interrogatório para esclarecer o que ele queria dizer quando disse que Pierce fingia ser um *flimp* ou *dub buzzer* — isto é, um reles batedor de carteira ou ou ladrão inferior, ou um *mutcher*, um homem que rouba dos bêbados caídos na rua — para enganar o *skipper* e ele não perceber que tinham um bom plano em andamento. Agar disse também que o *skipper*

podia adivinhar *eput down on them* — isto é, delatar tudo para a polícia — mas não tinha cabeça para isso. Essa foi apenas uma das muitas vezes em que a gíria incompreensível dos criminosos interrompeu os trabalhos do tribunal.)

— Eu juro, Sr. Pierce — disse o *skipper*. — Juro que não dormi nem um pouquinho.

— E o guarda nunca deixou o posto, a não ser uma vez em cada noite?

— Isso mesmo, e todas as noites na mesma hora. E tão regular quanto este relógio — levantou o cronômetro —, aquele guarda.

Pierce agradeceu ao *skipper*, pagou a ele meia coroa, deixou que ele o convencesse a pagar mais meia, e mandou o homem embora. Quando ele saiu e fechou a porta, Pierce mandou Barlow seguir o homem. Barlow fez um gesto afirmativo e saiu por outra porta.

Quando Pierce voltou para onde Agar estava, ele disse:

— Então, é uma coisa impossível?

— Sessenta e quatro segundos — disse Agar, balançando a cabeça. — Não vai ser um *kinchin lay* — não exatamente como roubar de uma criança.

— Eu nunca disse que seria — disse Pierce. — Mas você está sempre dizendo que é o melhor arrombador do país, e aqui está um desafio à altura do seu talento. É um trabalho impossível?

— Talvez — disse Agar. — Preciso praticar. E preciso estudar de perto. Podemos fazer uma visita?

— Certamente — disse Pierce.

UM ATO AUDACIOSO

"Nas últimas semanas", escreveu o *Illustrated News* em 21 de dezembro de 1854, "a incidência de um banditismo brutal nas ruas atingiu enormes proporções, especialmente numa noite. Ao que parece, a confiança do Sr. Wilson na iluminação a gás para diminuir a criminalidade é injustificada, pois os malfeitores estão cada vez mais atrevidos, assaltando audaciosamente as pessoas desprevenidas. Ainda ontem, um policial, Peter Farrell, foi atraído para uma viela e atacado por um bando de assaltantes que o espancaram e levaram até seu uniforme. Também não devemos esquecer que há quinze dias o Sr. Parkington, M.P., foi violentamente assaltado num lugar aberto e iluminado, quando ia do Parlamento para seu clube. Essa epidemia de roubos com violência deve ter a imediata atenção das autoridades num futuro próximo."

O artigo continuava, descrevendo as condições do policial Farrell, que estava "reagindo melhor do que se podia esperar". O policial contou que foi chamado por uma mulher bem vestida que estava discutindo com o cocheiro de um carro de aluguel, "um malfeitor forte e mal-encarado com uma cicatriz branca na testa". Quando o policial procurou resolver a discussão, o cocheiro o atacou, praguejando e dizendo palavrões, com um pedaço de pau, e quando o infeliz policial voltou a si descobriu que tinham levado sua roupa.

Em 1854, muitos vitorianos que moravam na cidade preocupavam-se com o que era considerado um crescimento na incidência de crimes de rua. Mas tarde, "epidemias" periódicas de violência nas ruas culminaram com pânico dos pedestres, nos anos de 1862 e 1863, e a aprovação pelo Parlamento da "Lei do Garrote". Essa legislação decretava penas bastante severas para os seus violadores, incluindo chibatadas a prestação — para que o prisioneiro pudesse se recuperar antes da série seguinte — e enforcamento. Na verdade, desde 1838 o número de enforcamentos na Inglaterra foi maior em 1863 do que em qualquer outro ano.

O crime brutal de rua era a forma mais baixa da atividade do baixo mundo. Os assaltantes de rua e de estrada eram desprezados pelos outros criminosos que abominavam métodos primitivos e qualquer tipo de violência. O método mais comum de assalto na rua consistia em escolher a vítima, de preferência um homem embriagado, que era atraído por um cúmplice, de preferência uma mulher, para algum lugar escuro e isolado e o assaltante "caía em cima dele", desfechava vários golpes com um bordão e roubava tudo que possuía, deixando-o caído na sarjeta. Não era um modo elegante de ganhar a vida.

Os detalhes chocantes de um assaltante de rua atacando uma vítima

desprevenida eram o assunto do momento dos jornais. Aparentemente, ninguém parou para pensar na estranheza do ataque ao policial Farrell. Na verdade, não tinha muito sentido. Naquele tempo, como agora, os criminosos tentavam de todos os modos possíveis evitar confronto com a polícia. Atacar um policial era provocar uma caçada humana geral em todos os refúgios de malfeitores até encontrarem o culpado, pois a polícia dava atenção especial aos ataques aos seus homens.

Também não havia nenhum motivo para atacar um policial. Ele era mais capaz de se defender do que a maioria das vítimas e nunca levava muito dinheiro. Na maioria das vezes, não levava dinheiro algum.

E finalmente, não fazia nenhum sentido tirar a roupa de um policial. Naquele tempo, tirar a roupa de uma pessoa era um crime comum, geralmente praticado por mulheres velhas que atraíam crianças para vielas escuras e tiravam suas roupas para vender a uma loja de artigos de segunda mão. Mas não se podia vender a roupa de um policial, isto é, não era possível alterar o uniforme para que parecesse uma roupa comum com valor de revenda. As lojas de roupas usadas estavam o tempo todo sob vigilância e seus proprietários eram sempre acusados de comprar objetos roubados. Nenhum "transportador" aceitaria um uniforme de polícia. Era talvez o único tipo de vestuário, em Londres, sem nenhum valor de revenda.

Desse modo, o ataque ao policial Farrell não foi um ato somente perigoso, mas também inútil, e qualquer observador mais atento seria levado a tentar descobrir o verdadeiro motivo.

O LADRÃO DE CAVALOS DE CORRIDA

Em fins de dezembro de 1854, Pierce conheceu um homem chamado Andrew Taggert na taverna King's Arms, numa travessa de Regent Street. Taggert tinha na época quase sessenta anos e era muito conhecido nas vizinhanças. Era sobrevivente de uma carreira longa e variada que merece ser contada, pois foi um dos poucos participantes do Grande Roubo do Trem com passado conhecido.

Taggert nasceu mais ou menos em 1790 na periferia de Liverpool e foi para Londres quase no fim do século, com a mãe solteira e prostituta. Aos dez anos, ele foi trabalhar no "comércio da ressurreição", que consistia em desenterrar defuntos frescos dos cemitérios para vender às escolas de medicina. Logo adquiriu a fama de grande ousadia. Diziam que certa vez transportou um defunto pelas ruas de Londres, em plena luz do dia, com o corpo sentado na sua carroça como um passageiro.

A Lei da Anatomia, de 1838, pôs fim ao mercado de corpos e Andrew Taggert passou para o trabalho de "tilintar as moedas" — ou seja, passar dinheiro falso. Nessa manobra, uma moeda genuína era dada a um lojista para pagar uma compra e então o comprador procurava nos bolsos, dizendo que devia ter trocado e pedia de volta a moeda original. Depois de algum tempo, dizia "Não, eu não tenho", e dessa vez entregava uma moeda falsa. Era um trabalho fácil e Taggert logo se cansou dele. Dedicou-se a uma variedade de golpes, passando a coordenador de roubos em meados dos anos 1840. Aparentemente teve grande sucesso nos negócios. Alugou um apartamento respeitável em Camden Town, que não era um bairro inteiramente respeitável (onde morou Charles Dickens, cinqüenta anos antes, enquanto seu pai estava na prisão). Taggert também casou com uma viúva, Mary Maxwell, e é uma dessas pequenas ironias da sorte o fato do mestre dos golpes ter sido vítima de um plano perfeito. Mary Maxwell era falsária, especializada em moedas de pequeno valor. Já havia cumprido pena várias vezes na prisão e sabia alguma coisa da lei, o que aparentemente não acontecia com seu marido, pois para Mary o casamento fazia parte de um plano.

A posição legal da mulher já era, naquele tempo, objeto de tentativas de reforma, porém não tinha direito ao voto, não podia possuir propriedades nem fazer testamento e o que uma mulher separada ganhava continuava a ser propriedade do marido. Embora a lei tratasse as mulheres como quase idiotas e protegesse abertamente os homens, havia algumas distorções, como Taggert logo veio a descobrir.

Em 1847, a polícia deu uma batida na operação de moedas falsas de Mary Taggert, apanhando-a em flagrante na fabricação de peças de meio xelim. Ela

enfrentou calmamente a batida, disse que era casada e informou à polícia o paradeiro do marido.

A lei determinava que o marido era responsável por qualquer atividade criminosa da mulher. Presumia-se que essa atividade era resultado do planejamento e execução do marido, na qual a mulher era mera — e talvez relutante — participante.

Em julho de 1847, Andrew Taggart foi preso, acusado de falsificação de dinheiro e condenado a oito anos na prisão de Bridewell. Mary Maxwell foi posta em liberdade apenas com uma reprimenda. Dizem que, no tribunal, durante o julgamento do marido, "seu comportamento foi abusado e ruidoso".

Taggart cumpriu três anos e foi libertado sob condicional. Mais tarde falou-se que ele perdeu seu vigor e sua coragem, uma consequência comum de algum tempo na prisão. Não tinha mais energia para ser um organizador de golpes e transformou-se em ladrão de cavalos. Em 1854, era uma figura familiar nos bares esportivos freqüentados por amantes das corridas de cavalos. Diziam que estivera envolvido no escândalo de 1853, quando um animal de quatro anos entrou no Derby como se tivesse apenas três. Ninguém tinha certeza, mas, como um conhecido ladrão do prado, atribuíam a ele o planejamento do roubo do mais famoso cavalo de corrida, Silver Whistle, um animal de três anos, de Derbyshire.

Pierce o procurou no King's Arms com a mais estranha sugestão e Taggart tomou um gole de gim antes de perguntar:

— Você quer abafar o que?

— Um leopardo — disse Pierce.

— E onde um homem honesto como eu vai encontrar um leopardo? — perguntou Taggart.

— Não tenho idéia — disse Pierce.

— Nunca na vida — disse Taggart — vou saber onde encontrar um leopardo, a não ser nos *bestiários*, aqui e ali, que têm todo tipo de animais.

— Exatamente — disse Pierce, muito calmo.

— Ele vai ser batizado?

Esse era um problema bastante complicado. Taggart era um especialista em batismo — um homem capaz de fazer com que a mercadoria não parecesse roubada. Podia alterar as características de um cavalo de modo que nem o dono o reconheceria. Mas batizar um leopardo podia ser mais difícil.

— Não — disse Pierce. — Posso ficar com ele do modo que você me entregar.

— Não vai enganar ninguém.

— Não é preciso.

— Para que é, então?

Pierce olhou severamente para Taggart e não respondeu.

— Não faz mal perguntar — disse Taggert. — Não é todo dia que pedem a um homem para abafar um leopardo, por isso perguntei — só por perguntar.

— É um presente — disse Pierce — para uma senhora.

— Ah, uma senhora.

— Do Continente.

— Ah, do Continente.

— Paris.

— Ah!

Taggert o examinou de alto a baixo. Pierce estava bem-vestido.

— Pode muito bem comprar um — disse Taggert. — Vai custar o mesmo que comprar de mim.

— Eu fiz uma proposta de negócio.

— Sim, foi o que fez, e uma boa proposta, mas não mencionou a grana. Só disse que quer que eu roube um leopardo.

— Pago vinte guinéus.

— Olhe, você me paga quarenta e considere-se um homem de sorte.

— Eu pago vinte e cinco e *você* se considera um homem de sorte — disse Pierce.

Taggert fez uma cara triste. Girou o copo de gim entre as mãos.

— Está bem — disse. — Para quando é?

— Não se preocupe — disse Pierce — Encontre o animal e faça o trabalho, terá notícias minhas muito em breve. — Pôs um guinéu de ouro no balcão.

Taggert apanhou a moeda, mordeu, fez um gesto afirmativo e tocou a aba do boné com a ponta do dedo.

— Um bom dia para o senhor — disse ele.

Capítulo 23

A ENCENAÇÃO

No século XX, a atitude de medo ou indiferença dos habitantes dos centros urbanos para com um crime teria deixado atônitos os vitorianos. Naquele tempo, qualquer caso de assalto e roubo provocava um clamor de protesto e a vítima esperava e recebia uma resposta imediata de todos os cidadãos seguidores da lei, que cooperavam alegremente na tarefa de descobrir e apanhar o culpado. Sabe-se até de casos de senhoras da classe alta que participaram com entusiasmo desses movimentos.

O povo tinha várias razões para se envolver num crime. Em primeiro lugar, a força policial organizada era relativamente nova. A Polícia Metropolitana de Londres era a melhor da Inglaterra, mas tinha apenas vinte e cinco anos de existência e o povo não acreditava ainda que o crime era "uma coisa que competia à polícia resolver". Segundo, as armas de fogo eram raras, como são até hoje na Inglaterra. Era pouco provável que um cidadão fosse ferido no ato de perseguir um ladrão. E finalmente, a maioria dos criminosos era de crianças, geralmente crianças muito novas e os adultos não hesitavam em persegui-las.

Seja como for, o ladrão tinha muito cuidado em fazer seu trabalho sem ser notado, pois uma vez dado o alarme, as chances eram de que seria apanhado. Por esse motivo eles geralmente trabalhavam em grupos, com vários deles agindo como "obstáculos" para criar confusão em caso de alarme. Os criminosos também faziam uso de brigas — representadas por eles — para encobrir atividades ilegais e essa manobra era chamada de "encenação".

Uma boa "encenação" exigia muito planejamento e senso de oportunidade, pois, como o nome indica, era uma forma de representação teatral. Na manhã de 9 de janeiro de 1855, Pierce examinou o interior cavernoso da estação da London Bridge e viu que seus atores estavam a postos.

O próprio Pierce ia representar o papel mais importante, o de criador da confusão. Estava vestido como um viajante, bem como Miss Miriam, a seu lado. Ela seria a falsa vítima.

A alguns metros dos dois estava o "culpado", um menino de nove anos, andrajoso e claramente (se alguém se desse ao trabalho de observar, claramente *demais*) deslocado no meio da multidão de passageiros de primeira classe. Pierce o escolhera pessoalmente entre uns doze outros na Terra Santa. O critério para a escolha era, pura e simplesmente, velocidade.

Mais adiante estava o "policial", Barlow, de uniforme e o boné bem enterrado na cabeça para esconder a cicatriz na testa. Barlow deixaria o menino escapar

durante a representação.

Finalmente, não muito longe da escada do escritório do despachante estava o ponto central do plano: Agar, disfarçado com seus melhores trajes de cavalheiro.

Quando chegou a hora da partida do London & Greenwich das onze horas, Pierce coçou o pescoço com a mão esquerda. Imediatamente o menino correu e esbarrou violentamente no lado direito de Miss Miriam, passando a mão no seu vestido de veludo lilás. Miss Miriam gritou, "John, fui roubada!"

No seu papel, Pierce começou a gritar, "Pare, ladrão!" e correu atrás do menino. "Pare, ladrão!"

Algumas pessoas procuravam pegar o menino mas ele escapava de suas mãos e logo livrou-se da multidão e correu para os fundos da estação.

Lá, Barlow, com seu uniforme de policial avançou para ele ameaçador. Agar, como um cavalheiro com espírito cívico, juntou-se à caçada. O menino estava encurralado, e a única saída que encontrou foi pela escada que levava aos escritórios da companhia. Ele subiu correndo, seguido de perto por Barlow, Agar e Pierce.

As instruções dadas ao menino foram explícitas. Devia subir a escada, entrar no escritório, passar pelas mesas dos funcionários e correr para os fundos, até a janela que se abria para o telhado da estação. Devia quebrar o vidro da janela numa tentativa aparente de fuga. Então Barlow o apanharia e ele deveria lutar valentemente para se libertar até Barlow o acertar com um bofetão. Esse era o sinal para o fim da cena.

O menino entrou como um furacão no escritório da South Eastern Railway, assustando os empregados. Pierce entrou correndo logo atrás gritando: "Detenham o menino, é um ladrão!" Na corrida, Pierce derrubou um dos empregados do escritório. O menino estava tentando alcançar a janela. Então entrou Barlow, o policial.

— Eu trato disso — disse Barlow, com voz severa e autoritária, mas, desajeitadamente derrubou uma mesa, fazendo voar papéis por todo lado.

— Peguem ele! Peguem ele! — gritou Agar, entrando no escritório.

A essa altura o menino estava subindo na mesa do supervisor, para alcançar a janela. Quebrou o vidro com a mão pequenina, cortando-se. O despachante da estação só repetia, "Oh, meu Deus, meu Deus," sem parar.

— Eu sou representante da lei, abram caminho! — gritou Barlow.

— Detenham o ladrão! — gritou Pierce, fingindo que estava quase histérico. — Detenham o menino, ele está escapando!

Fragmentos de vidro caíram no chão e Barlow e o menino rolaram sobre eles, numa luta desigual, que demorou mais do que se podia esperar. Os empregados e despachantes olhavam, atarantados.

Ninguém viu quando Agar deu as costas à desordem e começou a tentar abrir a

porta do escritório, experimentando suas chaves falsas até encontrar a que servia. Também não viram quando ele se aproximou do armário na parede e experimentou outra vez suas chaves até conseguir abrir a porta.

Três ou quatro minutos se passaram antes que Pierce conseguisse agarrar com mão firme o ladrãozinho — que conseguia sempre escapar das mãos do policial que bufava, muito vermelho. Finalmente, o policial deu um bom bofetão na orelha do menino que parou de lutar e entregou a bolsa roubada. Depois disso, foi levado pelo policial. Pierce limpou a poeira da roupa, olhou em volta, para a desordem no escritório e pediu desculpas aos funcionários e ao despachante.

Então o outro cavalheiro que havia se juntado à caçada disse:

— Senhor, temo que tenha perdido seu trem.

— Por Deus, tem razão — disse Pierce. — Maldito ladrãozinho.

E os dois cavalheiros partiram — um agradecendo a ajuda para encurralar o ladrão e o outro dizendo que não foi nada — deixando por conta dos empregados do escritório arrumar a desordem.

Mais tarde, lembrando tudo, Pierce achou que foi uma encenação quase perfeita.

TREINANDO PARA O GOLPE

Quando Clean Willy Williams, o homem-cobra, chegou à casa de Pierce no fim da tarde do dia 9 de janeiro de 1855, deparou com um espetáculo estranho na sala de estar.

Pierce, com um paletó de veludo vermelho, estava recostado numa espreguiçadeira, fumando um charuto, completamente descansado e com um cronômetro na mão.

Agar, em contraste, em mangas de camisa, estava no centro da sala, com o corpo inclinado para a frente, olhando para Pierce e um pouco ofegante.

— Está pronto? — perguntou Pierce. Agar fez que sim com a cabeça.

— Vá! — disse Pierce, apertando o botão do cronômetro.

Para espanto de Clean Willy, Agar atravessou correndo a sala até a lareira, onde começou a "andar parado", contando em voz baixa, "... sete... oito... nove..."

— Pronto! — disse Pierce. — Porta!

— Porta! — disse Agar e fingiu que abria uma porta invisível. Deu então três passos para a direita e ergueu o braço à altura do ombro, fingindo que tocava em alguma coisa.

— Armário — disse Pierce.

— Armário...

Então Agar tirou do bolso dois pedaços de cera e fingiu que estava fazendo o molde de uma chave.

— Tempo? — Ele perguntou.

— Trinta e um — disse Pierce.

Agar começou a fazer um segundo molde em dois outros pedaços de cera, contando o tempo todo.

— Trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco... Levantou outra vez os braços e com as duas mãos fechou uma porta invisível.

— Armário fechado — disse ele, recuando três passos. — Porta!

— Cinquenta e quatro — disse Pierce.

— Degraus! — disse Agar. Correu no mesmo lugar mais uma vez depois atravessou a sala correndo e parou na frente de Pierce. — Feito! — exclamou ele.

Pierce olhou para o cronômetro e balançou a cabeça.

— Sessenta e nove — tirou uma baforada do charuto.

— Bem — disse Agar, ofendido —, foi melhor do que antes. Quanto foi da última vez?

— Sua última vez foi setenta e três.

— Bem, está melhor...

— ...Mas não o bastante. Talvez, se você não fechar o armário. E não pendure as chaves nos lugares outra vez. Willy pode fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntou Willy, observando com atenção.

— Abrir e fechar o armário — disse Pierce. Agar voltou à posição de partida.

— Pronto? — perguntou Pierce.

— Pronto! — respondeu Agar.

Mais uma vez a mímica foi repetida, com Agar atravessando a sala, correndo no mesmo lugar, fingindo que abria a porta, dando três passos, fazendo dois moldes de chave, dando três passos, fechando a porta, correndo no mesmo lugar e depois atravessando a sala.

— Tempo? Pierce sorriu.

— Sessenta e três — disse ele. Ofegante, Agar deu um largo sorriso.

— Mais uma vez — disse Pierce. — Só para termos certeza.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Clean Willy foi informado do plano.

— Vai ser esta noite — disse Pierce. — Assim que escurecer, você vai para a London Bridge e sobe no telhado da estação. Acha que vai ter problema?

Clean Willy balançou a cabeça.

— E depois?

— Uma vez no telhado, vá até a janela que está quebrada. É fácil de ver, é a janela do escritório do despachante. Pequena, uns trinta centímetros por trinta centímetros.

— E então?

— Entre no escritório.

— Pela janela?

— Sim.

— E depois?

— Depois, vai ver um armário pintado de verde, preso na parede. — Pierce olhou para o pequeno homem-cobra. — Você vai ter de subir numa cadeira para alcançar o armário. Não faça nenhum ruído, tem um guarda no lado de fora do escritório, no começo da escada.

Clean Willy franziu a testa.

— Abra o armário — disse Pierce — com esta chave. — Fez um sinal para Agar que entregou a Willy a primeira das chaves falsas. — Destranque o armário, abra a porta e espere.

— Espero o quê?

— Mais ou menos às dez e meia vai haver uma pequena distração. Um bêbado vai entrar na estação para conversar com o guarda.

— E então?

— Então você abre a porta principal do escritório, usando esta chave. — Agar entregou a ele a segunda chave — e então você espera.

— Espero o quê?

— Às onze e trinta, mais ou menos, quando o guarda vai ao banheiro, Agar sobe a escada, entra pela porta que você abriu e faz os moldes. Ele sai e imediatamente você tranca a primeira porta. A essa altura, o guarda já está de volta. Você tranca o armário, põe a cadeira no lugar em que a encontrou e sai pela janela, o mais depressa possível.

— É esse o trabalho? — perguntou Clean Willy, cético.

— Esse é o trabalho.

— Você me tirou de Newgate para isto? — perguntou Clean Willy. — Isto não é nada, entrar e abrir um lugar vazio.

— Um lugar vazio com um guarda na porta e é um lugar quieto, você tem de fazer tudo em silêncio.

Clean Willy sorriu.

— Aquelas chaves valem um bocado. Você planejou tudo.

— Apenas faça o trabalho — disse Pierce — e em silêncio.

— Simples — disse Clean Willy.

— Deixe essas falsas à mão — disse Agar, apontando para as chaves — e esteja com a porta aberta quando eu chegar, se não é o fim para nós todos e o *tritador* pega a gente.

— Não quero ser apanhado — disse Willy.

— Então fique alerta e esteja preparado. Clean Willy fez um gesto afirmativo.

— O que tem para jantar? — perguntou.

ARROMBANDO O COFRE

Na noite de 9 de janeiro, a característica névoa londrina misturada com fuligem, a chamada "sopa de ervilha", cobria toda a cidade. Clean Willy Williams, caminhando pela Tooley Street com um olho na fachada da estação da London Bridge, não tinha certeza de gostar daquela neblina. Escondia seus movimentos no chão, mas era tão densa que ele não conseguia ver o segundo andar do prédio do terminal e estava preocupado com o acesso ao telhado. Não queria subir até a metade só para verificar que estava num beco sem saída.

Mas Clean Willy sabia muito sobre o modo como os prédios eram construídos e depois de uma hora rodeando a estação, descobriu o lugar certo. Subindo no carro de um carregador da estação ele saltou para uma calha e dali para o parapeito das janelas do segundo andar. Uma faixa estreita de pedra estendia-se por toda a extensão do andar e ele seguiu por ela até a ponta da fachada. Então escalou a fachada, de costas para a parede, do mesmo modo como tinha escapado de Newgate. Ia deixar marcas, é claro. Naquele tempo, quase todos os prédios do centro de Londres eram cobertos de fuligem e a escalada de Clean Willy deixou listras brancas na parede.

Às oito horas ele estava no vasto telhado do terminal. A parte principal da estação tinha telhas de ardósia. Acima dos trilhos, o teto era de vidro e ele evitou essa área. Clean Willy pesava 34 quilos, mas era o suficiente para quebrar o vidro.

Movendo-se cautelosamente no meio da neblina, foi seguindo a fachada do prédio até encontrar a janela quebrada. Olhou para dentro e viu o escritório do despachante. Com surpresa notou que estava em desordem, como se tivesse havido uma luta lá dentro naquele dia e ainda não tinham terminado a arrumação.

Enfiou a mão pelo buraco no vidro, girou o fecho e levantou a janela. Era uma janela retangular de mais ou menos vinte e cinco por quarenta centímetros. Ele passou por ela facilmente, desceu sobre uma mesa e parou.

Não lhe tinham dito que as paredes do escritório eram de vidro.

Através do vidro ele via os trilhos e as plataformas vazias da estação. Via também o guarda na escada, perto da porta e o saco de papel ao lado.

Cuidadosamente, Clean Willy desceu da mesa. Seus pés trituraram pedaços de vidro no chão. Ele ficou imóvel. Mas aparentemente o guarda não ouviu. Depois de um momento, Clean Willy atravessou o escritório, apanhou uma cadeira e a levou para perto do armário das chaves. Subiu na cadeira, tirou do bolso a chave falsa dada por Agar e abriu a fechadura. Então, sentou e esperou, ouvindo os sinos distantes da igreja anunciando às nove horas da noite.

Agar, escondido nas sombras escuras da estação, também ouviu os sinos da igreja. Suspirou. Mais duas horas e meia e já estava há duas horas espremido num canto apertado. Sabia que suas pernas estariam rígidas e doloridas quando corresse para a escada.

Do seu esconderijo, ele viu Clean Willy entrar no escritório, atrás do guarda, e depois a cabeça dele quando subiu na cadeira para abrir o armário. Então Willy desapareceu.

Agar suspirou outra vez. Pela milésima vez perguntou a si mesmo o que Pierce ia fazer com as chaves. Tudo que sabia era que tinha de ser um golpe demoníaco. Alguns anos atrás Agar tomara parte no golpe do armazém em Brighton. Eram nove as chaves envolvidas no trabalho, uma para o portão externo, duas para o portão interno, três para a porta principal, duas para a porta de um escritório e uma para o depósito. O total do roubo foi de dez mil libras em notas do Banco da Inglaterra e o organizador levava quatro meses planejando o golpe.

E lá estava Pierce, um dos melhores na profissão, levando oito meses para conseguir quatro chaves, duas de banqueiros e duas de um escritório de estação. Tudo já tinha custado um bom dinheiro, Agar tinha certeza disso, o que significava que o que ia ser roubado valia a pena.

Mas o que era? Por que estavam invadindo aquele escritório agora? A questão preocupava Agar mais do que a mecânica de entrar e pegar, em apenas sessenta e quatro segundos. Ele era um profissional, era calmo, estava bem preparado e completamente confiante. Seu coração batia compassadamente, mesmo enquanto observava o guarda na escada e o policial fazia a ronda.

O policial disse para o guarda:

— Sabe que vai haver uma D.T.? — Uma D.T. era a disputa pelo título de boxe.

— Não — disse o guarda. — Quem vai lutar?

— Stunning Bill Hampton e Edgar Moxley.

— E onde vai ser? — perguntou o guarda.

— Ouvi dizer que em Leicester — informou o policial.

— Em quem você aposta?

— Em Stunning Bill.

— Ele é bom — disse o guarda. — Bill é durão.

— Isso mesmo — disse o policial. — A meia coroa que apostei nele diz que ele é bom.

E o policial continuou a ronda.

No escuro, Agar sorriu com desdém. Um *tritador* se gabando de uma aposta de cinco xelins. Agar tinha apostado dez na última luta, entre Lancaster Dervish, John Boynton e Kid Ballew. Ganhou um bom dinheiro, o rateio era de dois por um e

ele apostou no vencedor.

Retesou os músculos da perna dormente para ativar a circulação e depois relaxou. Tinha uma longa espera pela frente. Pensou na sua pequena amante. Sempre que estava trabalhando, pensava nela. Era natural, a tensão provocava tesão. Então pensou em Pierce e na pergunta que o desafiava há quase um ano: que maldito golpe *era* aquele?

O irlandês bêbado com barba vermelha e chapéu desabado cambaleou pela estação deserta cantando *Molly Malone*. Com passo arrastado e incerto, era um verdadeiro bêbado e parecia tão absorto na canção que talvez nem fosse ver o guarda na escada. Mas viu e, olhando desconfiado o saco de papel, fez uma profunda e cambaleante curvatura.

— E uma boa noite para o senhor — disse o bêbado.

— 'noite — disse o guarda.

— E o que, se posso perguntar — disse o bêbado, endireitando o corpo — o senhor está fazendo aí em cima, hein? Coisa boa não pode ser.

— Estou guardando este lugar — disse o guarda. Com um soluço seco, o bêbado disse:

— É o que diz, meu bom homem, mas muitos velhacos já disseram a mesma coisa.

— Ei, escute aqui...

— Eu acho — disse o bêbado, sacudindo um dedo acusador no ar, tentando em vão apontar para o guarda. — Eu acho, senhor, que devemos mandar a polícia dar uma olhada, para sabermos se o senhor está aprontando alguma ou não.

— Escute aqui — disse o guarda.

— Você escute aqui e com atenção também — disse o bêbado, e de repente começou a gritar. — Polícia! *Polícia!*

— Ora, escute aqui — disse o guarda, descendo a escada. — Trate de se controlar, seu bêbado nojento.

— Bêbado nojento? — disse o homem, erguendo uma sobrancelha e brandindo o punho fechado. — Eu sou de Dublin, senhor.

— Percebi isso, pode estar certo — rosnou o guarda com desprezo.

Naquele momento, o policial chegou correndo, atraído pelos gritos do bêbado.

— Ah, um criminoso, seu guarda — disse o bêbado. — Prenda aquele velhaco — disse, apontando para o guarda que estava no pé da escada. — Ele não está tramando coisa boa.

O bêbado soluçou outra vez.

O policial e o guarda entreolharam-se com largos sorrisos.

— Acha que é engraçado, senhor? — disse o bêbado, vol-tando-se para o policial. — Não vejo graça nenhuma. O homem está sem dúvida tramando alguma.

— Venha comigo — disse o policial — ou ponho você na cadeia por desordem.
— Desordem? — disse o bêbado, soltando o braço da mão do policial.—Acho que o senhor e este malfeitor estão juntos na coisa toda.

— Agora chega — disse o policial. — Venha comigo, sem brincadeira.
O bêbado deixou-se levar pelo policial. A última coisa que ele disse foi:
— Não tem por aí um golinho de *reeb*, tem? O policial garantiu que não tinha.
— Dublin — disse o guarda, com um suspiro e subiu a escada, para o seu jantar. O carrilhão distante tocou onze horas. Agar viu tudo e, embora divertido com o desempenho de Pierce, pensou preocupado se Clean Willy teria aproveitado a oportunidade para abrir a porta. Só ia saber quando corresse escada acima, dentro de menos de meia hora.

Consultou o relógio, olhou para a porta do escritório e esperou.

Para Pierce, a parte mais delicada da sua performance foi o fim, quando o policial o levou para fora da estação até a Tooley Street. Pierce não queria alterar o ritmo regular da ronda do policial, por isso precisava livrar-se dele rapidamente.

Quando saíram para o *fog* da noite, ele respirou fundo.

— Ah — disse — está uma bela noite, fresca e revigorante. O policial olhou em volta, para a neblina pesada.

— Fria demais para mim — disse.

— Muito bem, meu caro amigo — disse Pierce, passando a mão na roupa e ostensivamente endireitando o corpo, como se o ar da noite tivesse acabado com sua bebedeira. — Agradeço muitíssimo sua ajuda nesta ocasião e posso lhe assegurar que sou capaz de continuar muito bem sozinho agora.

— Não vai provocar mais desordem?

— Meu caro senhor — disse Pierce, empertigando-se mais ainda —, o que pensa que eu sou?

O policial olhou para a estação. Sua obrigação era fazer a ronda. Um bêbado andando pela rua não era de sua responsabilidade, uma vez expulso do local. E Londres estava cheia de bêbados, especialmente irlandeses, que falavam demais.

— Então, fique longe de encrencas — disse o policial, soltando o braço dele.

— Uma boa noite para o senhor — disse Pierce, fazendo uma curvatura para o homem que já se afastava. Depois, desapareceu na neblina cantando *Molly Malone*.

Pierce não foi além do fim da Tooley Street, a menos de uma quadra da entrada da estação. Ali, escondido pelo *fog* estava seu carro. Ele ergueu os olhos para o cocheiro.

— Como foi? — perguntou Barlow.

— Inteligente e limpo — disse Pierce. — Dei dois ou três minutos para Willy abrir a porta. Acho que foram suficientes.

— Willy é um pouco idiota.

— Tudo que ele tem a fazer — disse Pierce — é abrir duas fechaduras com chaves falsas e ele não é tão idiota para não fazer o trabalho direito. — Consultou o relógio. — Bem, logo saberemos.

E Pierce desapareceu outra vez na neblina, voltando para a estação.

Às onze e meia, Pierce estava num local de onde podia ver a escada do escritório e o guarda. O policial fez a ronda e trocou um aceno com o guarda. O policial continuou a andar, o guarda bocejou, levantou-se e se espreguiçou.

Pierce respirou fundo e pôs o dedo no botão do cronômetro.

O guarda desceu a escada, bocejou outra vez e caminhou para o banheiro. Deu alguns passos, virou uma esquina e desapareceu.

Pierce apertou o botão do cronômetro e contou em voz baixa:

— Um... dois... três...

Agar apareceu, correndo a toda, descalço para não fazer barulho e subiu a escada.

— Quatro... cinco... seis...

Agar chegou à porta, girou a maçaneta, a porta se abriu e ele entrou. A porta se fechou.

— Sete... oito... nove...

— Dez... — disse Agar, ofegante, passando os olhos pelo escritório. Nas sombras do seu canto, num esgar, Clean Willy recomeçou a contar:

— Onze... doze... treze...

Agar cruzou para o armário já aberto. Tirou o primeiro pedaço de cera do bolso e depois olhou para as chaves no armário.

— Puxa vida!

— Dezesete... dezoito... dezenove...

Agar ia se atrasar. Teve certeza disso, com um terrível desalento. Já estava atrasado na contagem. Olhou desanimado para as chaves. Não podia fazer moldes de todas, quais devia escolher?

— Vinte... vinte e um... vinte e dois...

A voz monótona de Clean Willy o irritava. Agar queria atravessar a sala e estrangular o bastardo. Olhou para o armário com pânico crescente. Lembrou então das outras duas chaves. Talvez estas duas fossem iguais. Olhou com atenção, apertando os olhos na luz fraca do escritório.

— Vinte e três... vinte e quatro... vinte e cinco...

"Não adianta", Agar murmurou. Então percebeu que cada gancho tinha só uma chave, exceto um deles que tinha duas. Tirou-as rapidamente do armário. Pareciam com as outras duas.

— Vinte e seis... vinte e sete... vinte e oito...

Ele pressionou um lado da primeira chave na cera, segurando com cuidado,

tirando-a com a ponta da unha do dedo mínimo que era mais comprida do que as outras, a marca do arrombador.

— Vinte e nove... trinta... trinta e um...

Tirou do bolso o segundo pedaço de cera, virou a chave e fez o molde do outro lado. Segurou firme e retirou com cuidado.

— Trinta e dois... trinta e três... trinta e quatro...

Então o profissionalismo de Agar entrou em cena. Ele estava atrasado — pelo menos cinco segundos, por suas contas, talvez mais — mas sabia que não podia, de modo algum, confundir as chaves. Era comum, quando o arrombador estava sob pressão, fazer duas impressões do mesmo lado de uma chave. Com duas chaves a chance de acontecer isso era dobrada. Rápida e cuidadosamente, ele dependurou a primeira chave no gancho.

— Trinta e cinco... trinta e seis... trinta e sete, meu Deus! — disse Clean Willy, olhando pela janela de vidro para o lugar pelo qual o guarda ia voltar em menos de trinta segundos.

— Trinta e oito... trinta e nove... quarenta...

Rapidamente, Agar pressionou a segunda chave no terceiro pedaço de cera. Segurou por um instante, e retirou. O molde estava bom.

— Quarenta e um... quarenta e dois... quarenta e três... Agar tirou do bolso o último pedaço de cera e fez o quarto molde. Pressionou o outro lado da chave na cera macia.

— Quarenta e quatro... quarenta e cinco... quarenta e seis... quarenta e sete...

De repente, quando Agar estava tirando a chave da cera, o molde se partiu ao meio.

— Maldição!

— Quarenta e oito... quarenta e nove... cinqüenta...

Tirou do bolso outro pedaço de cera. Seus dedos estavam firmes, mas o suor pingava da sua testa.

— Cinqüenta e um... cinqüenta e dois... cinqüenta e três... Fez de novo o outro lado da chave.

— Cinqüenta e quatro... cinqüenta e cinco...

Retirou a chave do molde, dependurou no gancho e correu para a porta, ainda com o último molde na mão. Saiu do escritório sem olhar para Willy.

— Cinqüenta e seis... — disse Willy, correndo para a porta, para fechá-la.

Pierce viu Agar sair com cinco segundos de atraso, com o rosto muito vermelho.

— Cinqüenta e sete... cinqüenta e oito...

Agar desceu a escada correndo, de três em três degraus.

— Cinqüenta e nove... sessenta... sessenta e um... Agar correu até seu

esconderijo.

— Sessenta e dois... sessenta e três... Agar estava escondido.

Bocejando, o guarda apareceu na esquina, abotoando a calça e caminhou para a escada.

— Sessenta e quatro — disse Pierce, e apertou o botão do cronômetro.

O guarda retomou seu posto no alto da escada. Depois de um momento, começou a cantarolar baixinho e só depois de algum tempo Pierce percebeu que era *Molly Malone*.

ATRAVESSANDO O MARY BLAINE SCROB

"A diferença entre avareza mesquinha e ambição honesta pode ser extremamente tênue", advertia o reverendo Noel Blackwell no seu tratado de 1853, *Sobre o aperfeiçoamento moral da raça humana*. Ninguém sabia a verdade dessas palavras melhor do que Pierce, que combinou seu encontro seguinte no Casino de Venise, em Windmill Street. Era um salão de dança grande e animado, iluminado por miríades de lâmpadas a gás. Homens e mulheres jovens rodopiavam felizes, elas com vestidos de cores vivas e alegres. Na verdade, a impressão geral era de elegante esplendor, negando a fama de lugar de encontro das prostitutas com seus clientes.

Pierce foi direto para o bar, onde um homem forte, com letras prateadas na lapela do uniforme, estava inclinado sobre seu drinque no balcão. O homem parecia pouco à vontade no cassino.

— Já esteve aqui antes? — perguntou Pierce. O homem voltou-se.

— É o Sr. Simms?

— Sou.

O homem olhou em volta, para as mulheres, para a decoração elegante, as luzes brilhantes.

— Não — disse ele. — Nunca estive aqui antes.

— Alegre, não acha?

O homem deu de ombros.

— Um pouco elegante demais para mim — disse, finalmente, voltando a olhar para o copo.

— E caro — disse Pierce. O homem ergueu o copo.

— Dois xelins um copo? Sim, é caro.

— Deixe-me pagar outro — disse Pierce, erguendo a mão enluvada para chamar o *barman*. — Onde mora, Sr. Burgess?

— Tenho um quarto em Moresby Road — disse o homem.

— Ouvi dizer que o ar não é muito bom por aqueles lados. Burgess deu de ombros.

— Serve.

— O senhor é casado?

— Sou.

O *barman* aproximou-se e Pierce pediu dois drinques.

— O que sua mulher faz?

— Ela costura — disse Burgess, com uma ponta de impaciência. — Afinal, do que se trata?

— Só uma pequena conversa — disse Pierce — para ver se o senhor quer ganhar mais dinheiro.

— Só um tolo não quer — disse Burgess secamente.

— Você trabalha no Mary Blaine — disse Pierce.

Burgess, mais impaciente, fez um gesto afirmativo e mostrou as letras prateadas — SER — na lapela, a insígnia da South Eastern Railway.

Pierce não perguntava para obter informação. Ele já sabia muita coisa sobre Richard Burgess, um guarda da estrada de ferro, ou Mary Blaine *scrob*. Sabia onde Burgess morava, o que a mulher dele fazia, que tinham dois filhos, de dois e quatro anos, que o de quatro anos era doente e precisava de cuidados médicos constantes que não podiam pagar. Sabia que o quarto em Moresby era esqualido, com a tinta das paredes descascada, pequeno, ventilado pelos vapores sulfurosos de um gásômetro próximo.

Sabia que Burgess pertencia à categoria dos empregados da estrada de ferro com o menor ordenado. Um maquinista recebia 35 xelins por semana, um condutor 25 xelins, um atendente do vagão, 20 ou 21, mas um guarda recebia 15 xelins por semana e dava-se por feliz por não ganhar menos.

A mulher de Burgess ganhava dez xelins por semana, o que significava que a família vivia com um total aproximado de sessenta e cinco libras por ano. Desse total eram descontadas certas despesas — Burgess fornecia o próprio uniforme — de modo que a renda real era de cinquenta e cinco libras por ano, e para uma família de quatro pessoas era uma vida difícil.

Muitos vitorianos tinham esse nível de renda anual, mas complementavam de um modo ou de outro, horas extras, gorjetas, e era comum os filhos pequenos trabalharem nas indústrias. A família de Burgess não tinha nada disso. Eram obrigados a viver com essa renda e não admirava que Burgess se sentisse constrangido num lugar que cobrava dois xelins por uma bebida. Estava muito além de suas posses.

— De que se trata? — perguntou Burgess, sem olhar para Pierce.

— Eu estava imaginando se sua vista é boa.

— Minha vista?

— Sim, seus olhos.

— Meus olhos são muito bons.

— Estava pensando — disse Pierce — o que seria preciso para sua vista enfraquecer.

Burgess suspirou e não disse nada por algum tempo. Finalmente respondeu,

com voz cansada:

— Eu passei um tempo em Newgate alguns anos atrás. Não quero ver as grades outra vez.

— Perfeitamente sensato — disse Pierce. — E eu não quero que ninguém descubra meu plano. Nós dois temos nossos temores.

Burgess tomou todo o drinque de uma vez.

— Qual é o *adoçante*!

— Duzentas libras — disse Pierce.

Burgess tossiu e bateu no peito com o punho fechado.

— Duzentas libras — repetiu.

— Isso mesmo — confirmou Pierce. — Aqui estão dez, agora, em confiança. — Tirou duas notas de cinco libras da carteira, segurando-a de modo que Burgess pudesse ver que estava recheada. Pôs o dinheiro sobre o balcão.

— Uma linda visão, como um traseiro quente — disse Burgess, sem tocar no dinheiro. — Qual é o plano?

— Não precisa se preocupar com o plano. Tudo que tem a fazer é se preocupar com a sua vista.

— Então, o que é que não devo ver?

— Nada que possa lhe causar problemas. Prometo que nunca mais vai ver o interior de uma prisão.

Burgess insistiu.

— Fale claro — disse ele.

Pierce suspirou. Apanhou o dinheiro.

— Desculpe — disse. — Acho que vou procurar outra pessoa.

Burgess segurou a mão dele.

— Não tenha tanta pressa. Só estou perguntando.

— Eu não posso dizer.

— Pensa que vou contar para os *trituradores*!

— Coisas desse tipo já aconteceram antes — disse Pierce.

— Eu não ia fazer isso. Pierce deu de ombros.

Houve um momento de silêncio e finalmente Burgess estendeu a outra mão e apanhou as duas notas de cinco.

— Diga o que tenho de fazer.

— E muito simples. Um homem vai perguntar se sua mulher faz seus uniformes. Quando ele se aproximar... você olha para o outro lado.

— Só isso?

— Só isso.

— Por duzentas libras?

— Por duzentas libras.

Burgess franziu a testa e então começou a rir.

— Qual é a graça? — perguntou Pierce.

— Vocês nunca vão conseguir — disse Burgess. — Não pode ser feito, o que está pensando. Ninguém pode abrir aqueles cofres, de jeito nenhum. Há alguns meses, um menino que trabalhava no carro de bagagem quis abrir aqueles cofres. Vá em frente, eu disse, e ele trabalhou por meia hora e não foi além da ponta do meu nariz. Então eu o atirei para fora, com um soco na cabeça.

— Sei disso — disse Pierce. — Eu vi. Burgess parou de rir.

Pierce tirou do bolso dois guinéus de ouro e os deixou no balcão.

— Tem uma menina na esquina — uma coisinha bonita, com vestido cor-de-rosa. Acho que está à sua espera — disse Pierce, levantando-se e saindo do bar.

O ESPANTO DO EEL-SKINNER

Os economistas de meados do período vitoriano notam que um número cada vez maior de pessoas ganhava a vida com o que era então chamado "negociar", um termo inclusivo que se referia ao suprimento de mercadorias e serviços à classe média em crescimento. A Inglaterra era então a nação mais rica do mundo e a mais rica da história. A demanda para todo tipo de mercadoria era insaciável, e a resposta era a especialização na fabricação, na distribuição e na venda dessa mercadoria. Foi na Inglaterra vitoriana que surgiram os primeiros artistas marceneiros, especializados em fazer as juntas de certos tipos de armários.

A especialização crescia também no submundo, e a figura mais peculiar era a do *eel-skinner*. O *eel-skinner* geralmente era um especialista em objetos de metal, com pouca sorte na vida, ou velho demais para acompanhar o passo da produção legítima. Nos dois casos, ele desaparecia dos círculos honestos e reaparecia como especialista no suprimento de artigos de metal para criminosos. Às vezes o *eel-skinner* era um falsário que não conseguia obter as chapas para fazer moedas.

Fosse qual fosse sua história, seu negócio principal era fazer "pele de enguia" ou uma espécie de cassetete com cabo flexível. Os primeiros desses cassetetes eram sacos de lona em forma de salsichas, cheios de areia, que os assaltantes e ladrões podiam levar nas mangas até o momento de atacar a vítima. Mais tarde, passaram a ser cheios de grãos de chumbo e eram utilizados para o mesmo fim.

Eles também fabricavam outros artigos. Um *neddy* era um bordão, às vezes uma simples barra de ferro com um cabo redondo. O *sack* era um pedaço de ferro de um quilo, dentro de um pé de meia de fazenda forte. Um *whipler* era um pedaço de chumbo com uma corda e usado para ataque frontal. O atacante atirava a barra de chumbo no rosto da vítima, "como um horrível io-iô". Uns poucos golpes com qualquer uma dessas armas eram suficientes para acabar com a resistência da vítima escolhida e o roubo podia ser feito tranquilamente.

Quando as armas de fogo se tornaram mais comuns, os *eel-skinner*s passaram a fazer balas. Uns poucos, mais hábeis, faziam também conjuntos de gazuas, mas era um trabalho demorado e minucioso e a maioria preferia coisas mais simples.

No começo de janeiro de 1855, um *eel-skinner* de Manchester, chamado Harkins, recebeu a visita de um cavalheiro com barba vermelha que queria comprar uma certa quantidade de balas LC.

— Isso é fácil — disse o *skinner*. — Eu faço todo tipo de balas e posso fazer o LC sem problema. Quanto vai querer?

— Cinco mil — disse o cavalheiro.

— Como disse?

— Eu disse que quero cinco mil LC. O *skinner* piscou os olhos atônito.

— Cinco mil — é uma grande quantidade. Seriam — vejamos — seis LC por onça. Bém... — Olhou para o teto e apertou o lábio inferior com o polegar e indicador — E dezesseis... bem, seriam... Nossa, mais de cinquenta libras de balas de chumbo.

— Sim, acho que é isso — disse o cavalheiro.

— Quer cinquenta libras de balas LC?

— Quero cinco mil, sim, é isso.

— Bem, cinquenta libras de chumbo... vai dar algum trabalho, e o molde — bem, vai dar algum trabalho. Vai levar algum tempo, cinco mil balas LC, algum tempo, por certo.

— Preciso para daqui a um mês — disse o cavalheiro.

— Um mês, um mês... Vejamos, agora... fazendo cem por cada molde... Sim, bem... — Ele fez um gesto afirmativo. — Está certo, terá cinco mil balas de chumbo dentro de um mês. Vem apanhar?

— Sim, eu venho — disse o cavalheiro, e então inclinou-se para o homem e disse em tom conspiratório: — É para a Escócia, você sabe.

— Escócia, hein?

— Sim, Escócia.

— Oh, bem, sim, eu compreendo — disse o *eel-skinner*, embora estivesse claro que não entendia nada.

O homem de barba vermelha deixou um sinal em pagamento e partiu, deixando o *eel-skinner* completamente perplexo. Teria ficado muito mais perplexo se soubesse que o mesmo cavalheiro tinha visitado *skinners* em Newcastle-on-Tyne, Birmingham, Liverpool e Londres, onde fez encomendas iguais a cada um, portanto, ele estava encomendando um total de duzentas e cinquenta libras. Para que alguém ia querer tudo isso?

O TOQUE FINAL

Em meados do século, Londres tinha seis jornais matutinos, três vespertinos e vinte semanários influentes. Esse período marca o começo de uma imprensa organizada, com poder para moldar a opinião pública e também os eventos políticos. A imprevisibilidade desse poder foi demonstrada em janeiro de 1855.

De um lado, o primeiro correspondente de guerra da história, William Howard Russell, estava na Rússia com o exército da Criméia e suas reportagens no *Times* despertavam uma furiosa indignação na Inglaterra. A carga da Brigada Ligeira, o fracasso da campanha de Balaclava, o inverno devastador, quando o exército britânico, sem alimento e suprimentos médicos, sofreu 50% de baixas — tudo isso era revelado pela imprensa para um público cada vez mais furioso.

Entretanto, em janeiro, o comandante das forças britânicas, Lord Raglan, adoeceu gravemente e Lord Cardigan — "arrogante, rico, egoísta e estúpido", o homem que havia conduzido bravamente sua Brigada Ligeira ao completo desastre e depois voltou ao seu iate para tomar champanhe e dormir — Lord Cardigan tinha voltado para casa, e a imprensa em toda a parte o saudava com um herói nacional. Era um papel que ele desempenhava com prazer. Com o uniforme que tinha usado em Balaclava, era assediado por multidões em todas as cidades e pêlos da cauda do seu cavalo eram arrancados, como lembrança. As lojas de Londres copiaram o paletó de lã que ele tinha usado na Criméia — chamado *cardigan* — e milhares foram vendidos.

O homem conhecido por seus homens como "um asno perigoso" percorreu o país fazendo discursos nos quais contava seu feito heróico conduzindo a carga e, com o passar dos meses, sua emoção crescia e muitas vezes era obrigado a parar de falar para tomar alento. A imprensa não cessava de aplaudi-lo.

Ninguém podia imaginar a crítica acerba dos historiadores que vieram mais tarde.

Mas se a imprensa era volúvel, o gosto do público era mais ainda. A despeito de todas as notícias provocantes que chegavam da Rússia, as que mais intrigavam os londrinos, em janeiro de 1855, eram as que se referiam a um leopardo devorador de homens que ameaçava Naini Tal, no norte da Índia, não muito longe da fronteira da Birmânia. Segundo as notícias, o "Punar devorador de homens" já matara mais de quatrocentos nativos e as reportagens eram notáveis por seus detalhes vívidos e até mesmo sensacionais. "O cruel animal Punar", escreveu um correspondente, "mata por matar e não para se alimentar. Raramente come partes dos corpos das vítimas, embora duas semanas atrás tenha devorado o torso de um bebê que roubou do

berço. Na verdade, a maioria das suas vítimas é de crianças com menos de dez anos, que têm a infelicidade de sair do centro da aldeia depois do cair da noite. Os adultos atacados geralmente morrem por causa dos ferimentos supurados. O Sr. Redby, um caçador da região, diz que essas infecções são causadas pela carne podre presa nas garras do animal. O Panar matador é extremamente forte, e foi visto carregando uma mulher adulta, com os dentes, enquanto a vítima lutava para se libertar, gritando dolorosamente."

Essas e outras histórias tornaram-se o delicioso assunto das salas de jantar, nos grupos mais ousados. As mulheres coravam, riam e exclamavam, enquanto que os homens — especialmente homens da Companhia, que haviam passado algum tempo na Índia — falavam com conhecimento de causa sobre os hábitos e a natureza do animal. Uma miniatura móvel de um tigre devorando um inglês, de propriedade da Companhia das Índias Orientais, era visitada por multidões fascinadas. (A miniatura pode ser vista ainda no Museu Vitória e Alberto.)

E quando, no dia 17 de fevereiro de 1855, um leopardo adulto, enjaulado, chegou ao terminal de London Bridge, provocou considerável interesse — muito maior do que a chegada, um pouco antes, de guardas armados carregando caixas-fortes com barras de ouro, que foram empilhadas no carro de transporte de bagagem da SER.

Ali estava um animal adulto e feroz, que rugia e se lançava contra as grades de ferro da jaula, quando foi embarcado no mesmo bagageiro do trem Londres-Folkestone. O tratador acompanhava o animal, para cuidar dele durante a viagem e proteger o guarda do bagageiro, no caso de algum incidente.

Antes que o trem deixasse a estação, o tratador explicou para a multidão de curiosos e de crianças que o animal comia carne crua, que era uma fêmea de quatro anos e destinava-se ao Continente, onde seria presenteado a uma dama da sociedade.

O trem saiu da estação pouco depois das oito horas e o guarda fechou a porta lateral corrediça do bagageiro. Fez-se um breve silêncio enquanto o leopardo andava de um lado para o outro na jaula, rosnando intermitentemente. Então, o guarda disse:

— O que ele come?

O tratador voltou-se para o guarda.

— Sua mulher faz seus uniformes? — perguntou. Burgess riu.

— Quer dizer que vai ser você?

O tratador não respondeu. Abriu uma pequena sacola de couro e tirou um vidro com graxa, várias chaves e uma coleção de limas de várias formas e tamanhos.

Foi imediatamente para os dois cofres Chubb, passou graxa nas fechaduras e começou a inserir as chaves. Burgess observava com vago interesse. Sabia que chaves feitas por meio de moldes de cera não abriam um cofre fabricado com arte e refinamento. Mas estava também impressionado. Nunca pensou que fossem realizar

o roubo com tanta ousadia.

— Onde você fez as impressões? — perguntou.

— Aqui e ali — disse Agar, inserindo a chave, retirando e limando.

— Eles guardam essas chaves separadas.

— É mesmo? — disse Agar.

— Sim. Como você conseguiu?

— Não é da sua conta — disse Agar, continuando a trabalhar.

Burgess ficou olhando por algum tempo, depois olhou para o leopardo.

— Quanto ele pesa?

— Pergunte a ele — disse Agar, irritado.

— Você vai tirar o ouro hoje, então? — Burgess perguntou, quando Agar conseguiu abrir a porta de um cofre.

Agar não respondeu. Olhou fascinado para as caixas dentro do cofre.

— Perguntei se vai levar o ouro hoje. Agar fechou a porta.

— Não — disse ele. — Agora, cala essa boca. Burgess ficou calado.

Durante a hora seguinte, enquanto o trem matutino de passageiros seguia de Londres para Folkestone, Agar trabalhou com suas chaves. No fim, abriu os dois cofres. Quando terminou, limpou a graxa das fechaduras. Depois passou álcool e enxugou com um pano.

Finalmente, guardou as quatro chaves cuidadosamente no bolso e sentou-se para esperar a chegada do trem na estação de Folkestone.

Pierce o esperava na estação e ajudou a desembarcar o leopardo.

— Como foi? — perguntou.

— O toque final está feito — disse Agar, e então continuou, com um largo sorriso: — E o ouro, não é? O ouro da Criméia — esse é o grande golpe.

— Sim — disse Pierce.

— Quando?

— No próximo mês — disse Pierce. O leopardo rosnou.

PARTE III

ATRASOS E DIFICULDADES

Março-maio, 1855

PEQUENOS PROBLEMAS

Originalmente os ladrões pretendiam roubar o ouro no próximo carregamento para a Criméia. O plano era extremamente simples. Pierce e Agar tomariam o trem em Londres, despachando, cada um, várias malas pesadas no bagageiro. As malas estariam cheias de sacos de pano com balas de chumbo.

Agar viajaria outra vez no bagageiro, e enquanto Burgess olhava para o outro lado, ia abrir os cofres, retirar o ouro e substituir pelas balas de chumbo. As malas seriam jogadas para fora do trem num determinado ponto e apanhadas por Barlow. Barlow iria então para Folkestone, onde se encontraria com Pierce e Agar.

Enquanto isso, os cofres com o ouro — ainda convincentemente pesados — seriam transferidos para o vapor que ia para Ostende, onde o roubo seria descoberto pelas autoridades francesas algumas horas mais tarde. A essa altura, muita gente já estaria envolvida no processo de transporte do ouro e não havia motivo para desconfiar de Burgess. Além disso, as relações entre Inglaterra e França estavam abaladas por causa da guerra na Criméia e seria natural que os franceses atribuíssem o roubo aos ingleses e vice-versa. Os ladrões podiam contar com muita confusão para turvar as águas da polícia.

O plano parecia perfeito e os ladrões prepararam-se para executá-lo no próximo carregamento, marcado para 14 de março de 1855.

No dia 2 de março "aquele demônio com forma humana", o Czar Nicolau I da Rússia, morreu subitamente. A notícia da morte provocou grande confusão nos círculos comerciais e financeiros. Só depois de vários dias foi confirmada a notícia da morte e as bolsas de Paris e de Londres responderam com uma grande alta. Porém, como resultado da incerteza geral, o envio do ouro foi adiado para o dia 27. Agar, que caíra numa profunda depressão, desde o dia 14, adoeceu com o agravamento da sua doença pulmonar e a oportunidade foi perdida.

A firma Huddleston & Bradford estava despachando carregamentos de ouro uma vez por mês. Agora havia somente onze mil soldados ingleses na Criméia e setenta e oito mil franceses e a maior parte do ouro era enviada diretamente de Paris. Desse modo, Pierce e seus comparsas tiveram de esperar até abril.

O carregamento seguinte foi marcado para 19 de abril. Os ladrões estavam recebendo a informação sobre as datas dos carregamentos de uma prostituta chamada Susan Lang, uma favorita de Henry Fowler. O Sr. Fowler gostava de impressionar a moça simplória com sua importância no mundo dos bancos e do comércio. Quanto a ela — que provavelmente não entendia uma palavra — parecia fascinada com tudo que ele contava.

Susan Lang na verdade não era tão simplória, mas às vezes entendia mal as coisas. O ouro embarcou no dia 18 de abril e no dia 19, quando Pierce e Agar chegaram à Estação London Bridge a tempo de tomar o trem, Burgess os informou do seu engano. Para manter as aparências, Pierce e Agar embarcaram do mesmo modo, mas Agar testemunhou no tribunal que Pierce estava "danado da vida" durante toda a viagem.

O carregamento seguinte foi marcado para 22 de maio. A fim de evitar novos obstáculos, Pierce arriscou a jogada perigosa de abrir uma linha de comunicação entre Agar e Burgess. Burgess podia entrar em contato com Agar em qualquer tempo, através de um intermediário, o proprietário de uma loja de apostas chamado Smashing Billy Banks. Burgess devia se comunicar com Banks, se houvesse alguma alteração na rotina planejada. Agar devia verificar diariamente com Banks se havia algum recado.

No dia 10 de maio, Agar procurou Pierce com uma notícia terrível — os dois cofres haviam sido retirados do bagageiro da South Eastern Railway e levados ao fabricante, Chubb, para uma "revisão".

— Revisão? — disse Pierce. — O que quer dizer com revisão?

Agar deu de ombros.

— Foi o que me disseram.

— Aqueles são os melhores cofres do mundo — disse Pierce. — Não voltam ao fabricante para nenhuma revisão. — Franziu a testa. — O que havia de errado com eles?

Agar deu de ombros.

— Seu bastardo — disse Pierce—, você arranhou as fechaduras quando deu seu toque final? Eu juro, se alguém descobriu os arranhões...

— Eu engraxei muito bem as fechaduras — disse Agar. — Sei que eles examinam sempre para verificar qualquer marca. Mas estou dizendo, eu não deixei nenhuma.

A calma de Agar convenceu Pierce de que ele estava dizendo a verdade. Disse, com um suspiro:

— Então, *por quê* ?

— Eu não sei — disse Agar. — Conhece alguém na Chubb que possa informar o que vão fazer nos cofres?

— Não — disse Pierce. — E não quero arriscar uma traição. Não se pode confiar no pessoal da Chubb.

A firma fabricante de cofres era extremamente cautelosa com seus empregados. Homens eram empregados e despedidos só com muita relutância, e sempre advertidos para terem cuidado com tentativas de suborno por alguém do submundo.

— Um pouco de conversa, então — sugeriu Agar. Pierce balançou a cabeça.

— Eu não — disse ele. — São cuidadosos demais. Eu nunca ia conseguir tirar alguma coisa com conversa...

Olhou para longe, Pensativamente.

— O que foi? — perguntou Agar.

— Eu estava pensando que eles não suspeitariam de uma dama.

UMA VISITA AO SR. CHUBB

O que o Rolls-Royce foi mais tarde para automóveis, o que Otis foi para elevadores, Chubb há muito tempo era para cofres. O chefe daquela firma venerável, Sr. Lawrence Chubb, Jr., mais tarde não se lembrou — ou fingiu não se lembrar — da visita de uma bela mulher, em maio de 1855. Mas um empregado da companhia ficou suficientemente impressionado com a beleza dela para se lembrar de tudo com detalhes.

Ela chegou numa bela carruagem, com lacaios de libre e entrou imperiosamente na firma sem nenhum acompanhante. Estava extremamente bem vestida e seu tom de voz era autoritário. Disse que queria falar pessoal e imediatamente com o Sr. Chubb.

Quando o Sr. Chubb apareceu, alguns momentos depois, a mulher disse que era Lady Charlotte Simms, que ela e o marido inválido tinham uma propriedade no campo, nos Midlands, e que recentes casos de roubos nas vizinhanças a haviam convencido de que o marido precisava de um cofre.

— Pois então veio à melhor casa de toda a cristandade — disse o Sr. Chubb.

— Foi o que me disseram — disse Lady Charlotte, sem parecer muito convencida.

— Na verdade, madame, nós fabricamos os melhores cofres do mundo, em todos os tamanhos e variedades, e são melhores até mesmo do que os cofres feitos em Hamburgo, na Alemanha.

— Compreendo.

— O que a madame deseja, especificamente?

Apesar de todo o seu ar de segurança, Lady Charlotte hesitou. Moveu as mãos num gesto vago.

— Bem, um tipo de cofre grande, o senhor sabe.

— Madame — disse o Sr. Chubb severamente —, nós fabricamos cofres de espessura simples ou dupla, cofres de aço e de ferro, cofres com fechadura e com fecho giratório, cofres portáteis e cofres fixos, cofres com capacidade de cem centímetros cúbicos e cofres com capacidade de nove metros cúbicos, cofres com fechaduras simples ou duplas — e triplas, se o freguês exigir.

O discurso aparentemente aumentou a perplexidade de Lady Charlotte. Ela parecia completamente confusa — a reação normal de uma mulher obrigada a tratar de assuntos técnicos.

— Bem — disse ela. — Eu, ah, eu não sei...

— Talvez, queira ver nosso catálogo, que é ilustrado e mostra todos os aspectos e características dos nossos diversos modelos.

— Sim, excelente, seria ótimo.

— Por aqui, por favor.

O Sr. Chubb conduziu-a ao seu escritório e a fez sentar-se ao lado da sua mesa. Apanhou o catálogo e o abriu na primeira página. A mulher mal olhou para ele.

— Parecem muito pequenos.

— São só figuras, madame. Deve notar que as dimensões reais estão descritas ao lado de cada um. Por exemplo, aqui...

— Sr. Chubb — interrompeu ela, em tom ansioso. — Devo pedir sua ajuda. O fato é que meu marido está doente, do contrário ele estaria tratando disto. Na verdade, não entendo nada desse assunto e pediria a ajuda do meu irmão se ele não estivesse fora do país, a negócios. Estou confusa e as gravuras não me dizem nada. Será que poderia me mostrar alguns dos seus cofres?

— Madame, perdoe-me — disse o Sr. Chubb levantando-se rapidamente e dando volta à mesa para ajudá-la a se levantar.

— Mas, é claro. Não temos uma sala de exposição, mas se quiser me acompanhar à oficina — e peço mil desculpas pela poeira, o barulho e qualquer outra inconveniência — posso lhe mostrar os vários cofres que fabricamos.

Ele conduziu Lady Charlotte para a longa sala da oficina, atrás dos escritórios. Uma dúzia de homens trabalhava ativamente, martelando, montando peças e soldando. O barulho era tanto que o Sr. Chubb teve de gritar para que Lady Charlotte o ouvisse e a boa senhora praticamente estremeceu, atordoada.

— Agora, esta versão aqui — disse ele — tem capacidade de 28 mil centímetros cúbicos e forro duplo, aço temperado de dezesseis milímetros com uma camada isolante de pó de argila seca, da Cornualha. É um excelente cofre intermediário, para todos os fins.

— É muito pequeno.

— Muito bem, madame, muito pequeno. Agora, este aqui

— passou para o cofre seguinte — é uma das nossas criações mais recentes. Forrado com uma camada única de trinta e dois milímetros de aço, dobradiça interna e capacidade de — voltou-se para o operário: — Qual é a capacidade?

— Esse aí é de 70 mil — disse o homem.

— Setenta mil centímetros cúbicos — disse o Sr. Chubb.

— Também muito pequeno.

— Muito bem, madame. Se quiser me acompanhar... — Seguiu para o meio da oficina.

Lady Charlotte tossiu discretamente, numa nuvem de pó.

— Agora, este modelo aqui... — começou o Sr. Chubb.

— Lá está! — disse Lady Charlotte, apontando para a extremidade da sala. — Aquele é o tamanho que eu quero.

— Está dizendo aqueles cofres ali?

— Sim, aqueles. Atravessaram a sala.

— Estes cofres — disse o Sr. Chubb — representam o exemplo mais perfeito de artesanato. São propriedade do Banco Huddleston & Bradford e usados no transporte de ouro para a Criméia, onde, naturalmente, a segurança é o fator principal. Entretanto, geralmente são vendidos para instituições e não para particulares. Eu naturalmente pensei...

— É esse o cofre que eu quero — disse ela e depois olhou para os cofres, desconfiada. — Não me parecem muito novos.

— Oh, não, madame, têm quase dois anos de uso. Lady Charlotte ficou alarmada.

— Dois anos? Por que estão aqui? Algum defeito?

— É claro que não. Um cofre Chubb não tem defeitos. Estão aqui para a substituição dos pinos de montagem da sua base. Dois deles se desgastaram. A senhora compreende, são transportados por trem e a vibração dos trilhos desgasta os pinos que prendem os cofres ao chão do vagão de bagagens. — Ele deu de ombros. — Mas, a senhora certamente não se interessa por esses detalhes. Não há nada errado com os cofres, e não vamos fazer nenhuma alteração. Somente substituir os pinos de montagem da base.

— Estou vendo agora que eles têm duas fechaduras.

— Sim, madame, o banco pediu mecanismo com duas fechaduras. Como já devo ter mencionado, também instalamos mecanismos com três fechaduras a pedido do comprador.

Lady Charlotte examinou as fechaduras.

— Três me parecem demais. Acho que é muito trabalho usar três chaves só para abrir um cofre. Estas fechaduras são à prova de roubo?

— Oh, completamente. Tanto que, em dois anos, nenhum ladrão sequer tentou abrir estas fechaduras. De qualquer modo, não adiantaria. Esses cofres são forrados com uma camada dupla de aço temperado de trinta e dois milímetros. Não podem ser arrombados.

Lady Charlotte olhou Pensativamente para os cofres por alguns momentos e finalmente fez um gesto afirmativo.

— Muito bem — disse ela —, eu levo um. Por favor, mande levar para a minha carruagem.

— Como disse?

— Eu disse que vou levar um cofre igual a estes. É exatamente o que preciso.

— Madame — disse o Sr. Chubb, pacientemente —, precisamos fabricar o cofre sob encomenda.

— Quer dizer que não tem nenhum à venda?

— Nenhum já fabricado, não, madame, eu sinto muito. Cada cofre é fabricado de acordo com as especificações do comprador.

Lady Charlotte aparentemente ficou irritada.

— Muito bem, então pode me entregar um amanhã de manhã?

O Sr. Chubb engoliu em seco.

— Amanhã de manhã — hum, bem, via de regra, madame, pedimos seis semanas para fabricar um cofre. Em certas circunstâncias, podemos fabricar em quatro semanas, mas...

— Quatro semanas? Isso é um más!

— Sim, madame.

— Eu quero comprar um cofre *hoje*.

— Sim, madame, certamente. Mas, como estou tentando explicar, cada cofre tem de ser fabricado e o menor tempo...

— Sr. Chubb, deve pensar que eu sou uma completa tola. Muito bem, pois saiba que não sou. Vim aqui com o fim de comprar um cofre e agora descubro que o senhor não tem nenhum para vender...

— Madame, por favor...

— Mas que, muito ao contrário, pode fabricar um para mim no mínimo dentro de um mês. Num mês, os bandidos das vizinhanças provavelmente terão chegado e partido, e seu cofre não terá nenhuma utilidade para mim, nem para meu marido. Vou procurar em outro lugar. Bom dia para o senhor e muito obrigada pela sua atenção.

Com isso, Lady Charlotte saiu da firma de Chubb. E ouviram o Sr. Laurence Chubb Jr. resmungar: "Mulheres".

Foi assim que Pierce e Agar ficaram sabendo que a revisão não incluía mudança nas fechaduras dos cofres. Era tudo que importava, e assim começaram os preparativos finais para o roubo, que seria executado no dia 22 de maio de 1855.

O HOMEM-COBRA TORNA-SE DELATOR

Uma semana depois, seus planos sofreram novo abalo. Em 17 de maio de 1855, Pierce recebeu uma carta, entregue em mãos. Escrita com letra elegante e educada, dizia:

Meu caro senhor:

Eu ficaria muito agradecido se concordasse em se encontrar comigo no Palácio Sydenham, esta tarde, às quatro horas, com o fim de discutirmos alguns assuntos de interesse mútuo.

Respeitosamente. William Williams, Esq.

Pierce olhou consternado para a carta e a mostrou para Agar. Mas Agar não sabia ler e Pierce leu em voz alta. Agar olhou para a letra da carta.

— Clean Willy arranhou um *screever* para essa carta — disse ele.

— Evidentemente — concordou Pierce. — Mas, por quê?

— Talvez precise de dinheiro.

— Se for só isso, fico satisfeito — disse Pierce.

— Vai encontrar com ele?

— É claro. Quer vigiar para mim?

Agar fez um gesto afirmativo.

— Vai querer Barlow? Uma boa surra pode evitar muitos problemas.

— Não — disse Pierce. — Isso vai chamar a atenção da polícia.

— Está certo, então — disse Agar —, só um vigia. Não vai ser fácil no Palácio.

— Acho que Willy sabe disso — respondeu Pierce, melancólico.

Alguma coisa deve ser dita sobre o Palácio de Cristal, aquela estrutura mágica que passou a simbolizar os meados do século vitoriano. Um enorme prédio de vidro de três andares que ocupava 80 mil metros quadrados foi construído em 1851, no Hyde Park, para a Grande Exposição daquele ano e impressionava todos que o viam. Na verdade, até mesmo nos desenhos, o Palácio de Cristal é impressionante para os olhos modernos, e ver mais de 90 mil metros quadrados de vidro cintilando na luz da tarde devia ser uma visão magnífica para qualquer um. Não é de surpreender que o Palácio passasse a representar a estética tecnológica do futuro na nova sociedade industrial vitoriana.

Mas essa estrutura fabulosa tinha uma origem felizmente bastante accidental. Conduzidos pelo príncipe Alberto, os planos para a Grande Exposição começaram em

1850 e logo surgiram os debates sobre o Salão da Exposição propriamente dito e sua localização.

Obviamente, o prédio devia ser grande. Mas que tipo de prédio, e onde? Um concurso, em 1850, conseguiu mais de duzentos desenhos, mas nenhum foi escolhido. Então o Comitê de Construção desenhou a planta de uma horrível monstruosidade de tijolos. A estrutura seria quatro vezes maior do que a Abadia de Westminster com uma cúpula maior que a de São Pedro. Seria erigida no Hyde Park.

O público desaprovou o sacrifício das árvores, as inconveniências aos cavaleiros, a destruição geral de um bairro agradável, e assim por diante. O Parlamento parecia relutar em permitir que Hyde Park fosse usado para a construção.

Nesse intervalo, o Comitê de Construção verificou que seu plano exigia dezenove milhões de tijolos. No verão de 1850, não tinham mais prazo para fabricar os tijolos e construir o Grande Salão a tempo para a abertura da exposição. Chegaram a falar em cancelar a exposição, ou pelo menos adiar.

Foi então que o jardineiro do duque de Devonshire, Joseph Paxton, teve a idéia de construir uma grande estufa para servir como Salão da Exibição. Seu plano original para o comitê, desenhado num pedaço de mata-borrão, foi finalmente aceito por suas várias virtudes.

Em primeiro lugar, preservava as árvores do Hyde Park. Segundo, o material principal, vidro, podia ser fabricado rapidamente; e terceiro, podia ser desmontado depois da exposição e reinstalado em outro lugar. O comitê aceitou o lance de 79.800 libras de um construtor para fazer a estrutura gigantesca, que foi terminada em sete meses e mais tarde recebeu aclamação quase universal.

Desse modo, a reputação de uma nação e de um império foi salva por um jardineiro e assim um jardineiro foi agraciado com um título de nobreza^[2].

Depois da exposição, o Grande Salão foi desmontado e reconstruído em Sydenham, no sudeste de Londres. Naquele tempo, Sydenham era uma agradável área suburbana com belas residências e campos abertos e o Palácio de Cristal foi uma bela ornamentação para o bairro. Um pouco antes das quatro horas, Edward Pierce entrou na vasta estrutura para se encontrar com Clean Willy Williams.

O salão gigantesco abrigava várias exposições, sendo mais impressionantes as reproduções em tamanho natural das enormes estátuas de Ramsés II em Abu Simbel. Mas Pierce não prestou atenção a essas atrações, nem aos lagos com lírios e vários outros que enfeitavam o salão.

No momento, uma banda dava um concerto no salão. Pierce viu Clean Willy sentado numa das filas à esquerda. Viu também Agar, disfarçado de oficial do exército aposentado, aparentemente cochilando, no outro canto do auditório. A banda tocava bem alto. Pierce sentou-se ao lado de Willy.

— O que há? — perguntou Pierce, em voz baixa. Olhou para a banda, pensando que não gostava daquele tipo de música.

— Estou precisando de algum — disse Willy.

— Você foi bem pago.

— Estou precisando de mais — disse Willy.

Pierce olhou para ele. Willy estava suando e muito inquieto, mas não olhava nervosamente em volta, como em geral fazem os delatores.

— Você tem trabalhado, Willy?

— Não.

— Foi procurado por alguém, Willy?

— Não, juro que não.

— Willy — disse Pierce —, se me entregou, ponho você de molho.

— Eu juro — disse Willy. — Não é nenhum golpe — uns cinco ou dez é o que preciso, nada mais.

A banda, num momento de apoio patriótico aos aliados da Inglaterra, começou a tocar a Marselhesa. Alguns ouvintes tiveram o mau gosto de vaiar a música.

Pierce disse.

— Você está suando, Willy.

— Por favor, senhor, cinco ou dez e é tudo. Pierce tirou da carteira duas notas de cinco libras.

— Não banque o traidor, Willy, do contrário farei o que tem de ser feito.

— Obrigado, senhor — disse Willy, guardando o dinheiro no bolso. — Muito obrigado, senhor.

Pierce saiu, deixando Willy no mesmo lugar. Caminhou rapidamente para Harleigh Road e parou para ajeitar o chapéu. O gesto foi visto por Barlow, que estava com o carro no fim da rua.

Então Pierce seguiu lentamente por Harleigh Road, com a maior calma possível, como um cavalheiro tomando um pouco de ar. Porém, fossem quais fossem seus pensamentos, foram interrompidos pelo apito estridente e o ruído característico de um trem. Olhando acima das árvores e dos telhados das mansões, ele viu a fumaça negra subindo no ar. Automaticamente, consultou o relógio. Era o trem da tarde da South Eastern Railway, chegando de Folkestone, aproximando-se da estação London Bridge.

PEQUENOS INCIDENTES

O trem continuou na direção de Londres e o Sr. Pierce fez o mesmo. No fim da Harleigh Road, perto da igreja de São Mar-tinho, ele chamou um carro de praça e desceu em Regent Street.

Pierce andou calmamente pela Regent Street, nem uma vez olhando para trás, mas parando freqüentemente para olhar as vitrines e as imagens refletidas nos vidros.

Não gostou do que viu, mas estava completamente despreparado para ouvir a voz conhecida chamando, "Edward, meu caro Edward!"

Com um gemido silencioso, Pierce voltou-se para Elizabeth Trent. Ela estava fazendo compras, acompanhada de um criado de libre que carregava embrulhos com papéis de cores vivas. Elizabeth Trent corou intensamente.

— Eu, ora, francamente, é uma surpresa extraordinária.

— É um prazer revê-la — disse Pierce, com uma leve inclinação, beijando a mão dela.

— Eu... sim, eu... — Ela retirou a mão da dele e a esfregou com a outra. — Edward — disse ela, respirando fundo —, Edward, eu não tinha idéia de onde você podia estar.

— Devo pedir desculpas — disse Pierce, suavemente. — Tive de me ausentar do país a negócios e estou certo de que minha carta de Paris não foi suficiente para satisfazer sua sensibilidade ofendida.

— Paris? — disse ela, franzindo a testa.

— Sim. Não recebeu minha carta de Paris?

— Ora, não.

— Maldição! — disse Pierce e imediatamente pediu desculpas pela linguagem. — São os franceses — disse ele —, tão desagradavelmente ineficientes. Se eu soubesse, mas nem pensei — e quando você não me respondeu, pensei que estivesse zangada...

— Eu? Zangada? Edward, eu garanto — começou a dizer e interrompeu a frase. — Mas, quando foi que voltou?

— Há três dias — disse Pierce.

— Que estranho — disse Elizabeth, com uma expressão de astúcia pouco feminina. — O Sr. Fowler jantou em casa há quinze dias e disse que o tinha visto.

— Não quero contradizer um sócio do seu pai, mas Henry tem o hábito deplorável de se enganar com as datas. Não o vejo há quase três meses — acrescentou Pierce, rapidamente. — E como está seu pai?

— Meu pai? Oh, meu pai está muito bem, obrigada. — A astúcia foi substituída por confusão magoada. — Edward, meu pai, na verdade, fez algumas referências pouco lisonjeiras ao seu caráter.

— Fez mesmo?

— Sim. Ele o chamou de grosseiro — suspirou — e de coisa pior.

— Eu compreendo plenamente, dadas as circunstâncias, mas...

— Mas agora — disse Elizabeth Trent, com determinação — uma vez que já voltou à Inglaterra, espero vê-lo em nossa casa novamente.

Foi a vez de Pierce ficar constrangido.

— Minha cara Elizabeth — gaguejou ele —, não sei como dizer isto — interrompeu-se, balançando a cabeça. Parecia que tinha lágrimas nos olhos. — Quando fiquei sem notícias suas, em Paris, naturalmente imaginei que estava zangada comigo e... bem, com o passar do tempo... — Pierce endireitou o corpo. — Sinto informar que estou noivo.

Elizabeth Trent arregalou os olhos e abriu a boca.

— Sim — disse Pierce —, é verdade. Dei a minha palavra.

— Mas a quem?

— A uma senhora francesa.

— Uma senhora *francesa*!

— Sim, temo que seja verdade, a pura verdade. Compreende, eu estava desesperadamente infeliz.

— Compreendo, senhor — disse ela secamente, e dando meia-volta, foi embora.

Pierce ficou de pé na rua, tentando parecer o mais infeliz possível, até ela entrar na carruagem. Então, continuou seu passeio na Regent Street.

Qualquer pessoa poderia notar que, quando ele chegou ao fim de Regent Street não havia o menor sinal de remorso no seu porte ou no seu rosto. Tomou um carro até a Windmill Street, onde entrou numa casa de prostitutas, mas uma das melhores do gênero.

No *hall* decorado com veludo, Miss Miriam disse:

— Ele está lá em cima. Terceira porta à direita.

Pierce subiu a escada e entrou no quarto onde Agar estava sentado, comendo bombons.

— Um pouco atrasado — disse Agar. — Problemas?

— Encontrei uma velha conhecida. Agar balançou a cabeça vagamente.

— O que você viu? — perguntou Pierce.

— Vi dois — disse Agar. — Ambos seguindo você com muita arte. Um é um *tritador* disfarçado, o outro estava vestido como um detetive da polícia. Seguiram você até Harleigh Road e tomaram um carro quando você tomou.

Pierce fez um gesto afirmativo.

— Vi os dois em Regent Street.

— Provavelmente estão lá fora agora — disse Agar. — Como vai Willy?

— Willy parece que virou informante — disse Pierce.

— Deve ter feito um bom trabalho. Pierce deu de ombros.

— Então, o que vamos fazer com Willy?

— Vai ter o que qualquer traidor merece.

— Eu acabaria com ele:— disse Agar.

— Não sei a respeito de acabar com ele — disse Pierce —, mas não vai ter outra chance de nos trair.

— O que você vai fazer com os policiais?

— No momento, nada — disse Pierce. — Preciso pensar um pouco. — Sentou-se, acendeu um charuto e ficou fumando em silêncio.

O roubo estava planejado para dentro de cinco dias e a polícia estava atrás dele. Se Willy tinha cantado, e bem alto, então a polícia sabia que o bando de Pierce havia invadido o escritório da estação.

— Preciso de outro golpe — disse ele, olhando para o teto. — Um golpe sensacional para os *miltonianos* descobrirem. — Olhou para a fumaça do charuto que subia numa espiral azul e franziu a testa.

OS MILTONIANOS NO ENCALÇO

As instituições de uma sociedade são inter-relacionadas, mesmo as que têm finalidades completamente opostas. O próprio Gladstone observou: "Existe sempre, no curso desta vida errante e estranha, oposição externa e condenação sincera e até mesmo violenta, entre pessoas e instituições que, a despeito disso, estão profundamente ligadas por elos e relações que elas próprias desconhecem."

Talvez o exemplo mais famoso dessa observação, e reconhecido pelos vitorianos, fosse a acirrada rivalidade entre as sociedades de temperança e os bares. Essas duas instituições, na realidade, tinham objetivos similares, e no fim passaram a adotar o mesmo tipo de atração. Os bares passaram a ter órgãos, canto de hinos e refrigerantes e as reuniões das ligas de temperança passaram a fazer uso de artistas profissionais e adquiriram uma atmosfera mais alegre e barulhenta. Quando as ligas de temperança começaram a comprar bares para acabar com a venda de bebidas, a combinação dessas duas forças hostis tornou-se bastante pronunciada.

Os vitorianos testemunharam também outra rivalidade que tinha como centro uma nova instituição — a força policial organizada. Quase imediatamente, a nova força começou a se relacionar com sua maior inimiga, a classe dos criminosos. Esse relacionamento era muito debatido no século XIX e continua a ser hoje em dia. A semelhança dos métodos da polícia e dos criminosos, bem como o fato de grande parte dos policiais serem ex-criminosos — e vice-versa — não eram assuntos ignorados pelos pensadores da época. E foi notado também por Sir James Whetstone que havia um problema de lógica inerente à instituição da força policial, "pois, se a polícia realmente conseguisse eliminar o crime, estaria simultaneamente eliminando a si mesma como um complemento necessário à comunidade e nenhuma força, nenhum poder organizado provoca a própria eliminação voluntariamente".

Em Londres, a Polícia Metropolitana, fundada por Sir Robert Peel em 1829, tinha sua sede num distrito chamado Scotland Yard. Scotland Yard era, originalmente, uma denominação geográfica, indicando uma área de Whitehall que continha vários prédios do governo. Esses prédios incluíam a residência oficial do supervisor dos trabalhos da coroa, cargo ocupado por Inigo Jones, e mais tarde por Sir Christopher Wren. John Milton morou em Scotland Yard quando trabalhava para Oliver Cromwell, de 1649 a 1651, e aparentemente é devido a essa associação que duzentos anos depois chamavam os policiais de *miltonianos*.

Quando Sir Robert Peel instalou a Polícia Metropolitana em Whitehall, o endereço correto da sede da polícia era Whitehall Place, nº 4, mas tinha uma entrada por Scotland Yard e a imprensa sempre se referia à polícia como Scotland Yard, até

se tornar sinônimo da própria força policial.

A Scotland Yard cresceu rapidamente nos primeiros anos. Em 1829, o total da força era de mil homens, mas dez anos mais tarde era de 3.350 e, em 1850, de mais de seis mil, chegando a dez mil em 1870. A tarefa da Yard era extraordinária: policiar o crime numa área de quase mil e novecentos metros quadrados, com uma população de dois milhões e meio.

Desde o começo a Yard adotou uma atitude de deferência e modéstia no seu modo de resolver os crimes. As explicações oficiais sempre mencionavam golpe de sorte aqui ou ali — um informante anônimo, uma amante ciumenta, um encontro inesperado — a ponto de ser difícil acreditar. Na verdade, a Yard empregava informantes e homens em trajes civis e esses agentes eram objeto de acalorado debate, porque o público temia que um agente pudesse facilmente provocar um crime e depois prender os participantes. A cilada era o assunto político da época e a Yard tinha muito trabalho para se defender.

Em 1855, a figura principal na Yard era Richard Mayne, "um advogado sensato", que fez muito para melhorar a atitude do público em relação à Polícia Metropolitana. Diretamente abaixo dele estava o Sr. Edward Harranby e era Harranby quem dirigia a parte delicada de trabalhar com agentes disfarçados e informantes. Geralmente o Sr. Harranby não tinha horário certo de trabalho, evitava contato com a imprensa e no seu escritório figuras estranhas podiam ser vistas entrando e saindo, quase sempre à noite.

No fim da tarde de 17 de maio, Harranby teve uma conversa com seu assistente, o Sr. Jonathan Sharp. O Sr. Harranby reconstruiu mais tarde essa conversa nas suas memórias, *Dias na Força*, publicadas em 1879. A conversa deve ser tomada com certas reservas, pois no seu livro Harranby tenta explicar por que não conseguiu frustrar o plano de Pierce para o roubo do trem, antes que fosse posto em prática.

Sharp disse:

— O homem-cobra cantou e examinamos o nosso homem.

— Que tipo de homem ele é?

— Parece um cavalheiro. Provavelmente um arrombador ou um janota de algum grupo. O homem-cobra diz que ele é de Manchester, mas mora numa boa casa em Londres.

— Ele sabe onde?

— Diz que esteve lá, mas não sabe o local exato. Em algum ponto de Mayfair.

— Não podemos bater de porta em porta em Mayfair — disse Harranby. — Podemos ajudar a memória dele?

Sharp suspirou.

— É possível.

— Traga-o aqui. Vou falar com ele. Sabemos qual é o crime que estão planejando?

Sharp balançou a cabeça.

— O homem-cobra diz que não sabe. Tem medo de ser despachado, você sabe, não quer dizer tudo que sabe. Diz que o homem está planejando um grande golpe.

Harranby ficou irritado.

— Isso não tem valor nenhum para mim — disse ele. — Qual, exatamente, é o crime planejado? Essa é a nossa pergunta e precisamos de uma resposta correta. Quem está vigiando esse cavalheiro agora?

— Cramer e Benton, senhor.

— São bons homens. Mantenha a vigilância e traga o delator ao meu escritório o mais depressa possível.

— Vou tratar disso pessoalmente, senhor.

Mais tarde, Harranby escreveu em suas memórias: "Há momentos na vida profissional de qualquer pessoa quando os elementos necessários para o processo dedutivo parecem estar quase ao nosso alcance, mas mesmo assim, fogem de nós. São momentos de grande frustração e esse foi o caso do Roubo de 1855."

O INFORMANTE É ELIMINADO

Clean Willy, muito nervoso, ficou algum tempo bebendo no bar Dente de Cão. Saiu mais ou menos às seis horas e foi direto para a Terra Santa. Movia-se rapidamente no meio da multidão do fim do dia, entrou numa viela, saltou uma cerca, desceu para um porão, atravessou-o, arrastou-se por uma passagem estreita para o prédio vizinho, subiu uma escada, saiu numa rua estreita, andou meia quadra e desapareceu em outra casa, uma malcheirosa casa de cômodos.

Lá dentro, subiu a escada até o segundo andar, subiu ao telhado, saltou para o telhado vizinho, deslizou por uma calha até o terceiro andar de outra casa de cômodos e desceu para o porão.

Uma vez no porão, esgueirou-se por um túnel que o levou até o outro lado da rua, de onde ele saiu para um estreito esconderijo. Por uma porta lateral, entrou num bar, o Armas Douradas, olhou em volta e saiu pela porta da frente.

Caminhou até o fim da rua, e entrou em outra casa de cômodos. Imediatamente percebeu que alguma coisa estava errada. Normalmente havia crianças gritando e andando para baixo e para cima na escada, mas tudo estava deserto e silencioso. Ele parou na frente de uma porta e estava pronto para dar meia-volta e fugir quando uma corda, como uma serpente, se enrolou no seu pescoço, puxando-o para um canto escuro.

Clean Willy olhou para Barlow, com a cicatriz branca na testa. Barlow apertou o garrote, Willy tossiu e lutou para se libertar, mas Barlow tinha tanta força que o pequeno homem-cobra foi literalmente levantado do chão, seus pés balançaram no ar, enquanto suas mãos tentavam puxar a corda.

Essa luta continuou por quase um minuto, e então o rosto de Clean Willy ficou azul, sua língua, já cinzenta, saiu da boca, e seus olhos saltaram das órbitas. A urina escorreu pela perna da sua calça e seu corpo ficou flácido e imóvel.

Barlow o deixou cair no chão. Tirou a corda do pescoço de Willy, depois as duas notas de cinco libras do bolso dele e saiu para a rua. O corpo de Clean Willy ficou encolhido num canto, imóvel. Muitos minutos se passaram até que aparecesse a primeira criança que se aproximou dele cautelosamente. As outras surgiram e roubaram os sapatos do homem-cobra, toda sua roupa e fugiram.

DEPENANDO O POMBO

Sentado no quarto do terceiro andar da casa de tolerância com Agar, Pierce terminou seu charuto e disse:

— Nós temos muita sorte.

— Sorte? É sorte ter os homens grudados no nosso traseiro cinco dias antes do trabalho?

— Sim, é sorte — disse Pierce. — O que aconteceria se

Willy cantasse? Podia ter dito a eles que invadimos o escritório do terminal de London Bridge.

— Duvido que tenha falado tanto, logo de cara. Ele deve querer tirar muito mais deles.

O informante em geral dava a informação aos poucos, recebendo o pagamento cada vez que falava.

— Sim — disse Pierce —, mas temos de imaginar que ele falou. Ora, é por isso que estamos com sorte.

— Onde está a sorte, então? — quis saber Agar.

— No fato de a London Bridge ser a única estação na cidade com duas linhas de trem. A South Eastern e a London & Greenwich.

— Sim, tem razão — disse Agar, intrigado.

— Precisamos de um *nariz* para *assoprar* nosso plano — disse Pierce.

— Vai enganar os *trituradores*^

— Precisam de alguma coisa que os mantenha ocupados — disse Pierce. — Dentro de cinco dias vamos fazer um trabalho naquele trem e não quero os *trituradores* espiando o que estou fazendo.

— Onde você quer que eles estejam?

— Eu estava pensando em Greenwich — disse Pierce. — Seria muito agradável se eles estivessem em Greenwich.

— Então está precisando de um *nariz* para passar a história para eles.

— Sim — disse Pierce.

Agar pensou por um momento.

— Tem uma boneca chamada Lucinda, no Sete Dials. Dizem que ela conhece um ou dois *miltonianos* — conversa com eles sempre que vai presa, o que acontece muitas vezes, sabendo como eles gostam de uma prosa.

— Não — disse Pierce. — Não vão acreditar numa mulher, vão pensar que foi plantada.

— Bem, tem Black Dick, o das corridas de cavalo. Já ouviu falar nele? É judeu

e à noite pode ser encontrado no Queen's Crown.

— Já ouvi falar. — Pierce fez um gesto afirmativo. — Black Dick é um bebedor, gosta muito de gim. Preciso de um informante de verdade, um homem da família.

— Um homem da família? Então Chokee Bill serve.

— Chokee Bill, aquele velho irlandês? Agar fez que sim com a cabeça.

— Esse mesmo, ele é um deles, passou um tempo em Newgate. Não muito tempo.

— É mesmo? — Pierce estava interessado. Uma sentença reduzida quase sempre significava um acordo com os policiais, queria dizer que o homem era um informante. — Saiu mais cedo do que devia, certo?

— Cedo demais — disse Agar. — E os *trituradores* deram também muito depressa a licença para a loja de penhores. Muito estranho, considerando que ele é irlandês.

Os donos de lojas de penhores eram licenciados pela polícia, que partilhava do preconceito geral contra os irlandeses.

— Então ele está agora no negócio do "tio"? — disse Pierce.

— Está — respondeu Agar. — Mas dizem que ele faz alguns negócios por fora, uma vez ou outra. E dizem que é um informante.

Pierce pensou por algum tempo e depois balançou a cabeça afirmativamente.

— Onde Bill está agora?

— Sua loja fica em Battersea, na Ridgeby Way.

— Vou falar com ele agora — disse Pierce, levantando-se. — Quero ajudar a depenar o pombo.

— Não faça a coisa muito fácil — avisou Agar. Pierce sorriu.

— Eles vão ter de empregar seus melhores esforços. — Caminhou para a porta.

— Escute aqui — disse Agar. — Acabo de pensar uma coisa. O que tem em Greenwich para um golpe sensacional?

— Essa é a pergunta que os *trituradores* vão fazer a eles mesmos — disse Pierce.

— Mas *vai* haver um trabalho?

— É claro.

— Então, o que é?

Pierce balançou a cabeça. Sorriu, vendo a perplexidade de Agar e saiu do quarto.

Quando Pierce saiu da casa, a tarde estava no fim. Ele viu imediatamente os dois policiais, um em cada esquina da rua.

Fingindo-se nervoso, olhou para um lado, depois para o outro, foi até o fim da rua e tomou um carro.

Seguiu por várias quadras e então, em Regent Street, desceu rapidamente do carro, atravessou a rua e tomou um carro que ia na outra direção. Para todos os efeitos, Pierce estava agindo astutamente. Na verdade, ele jamais usaria a troca de carros e direção para se livrar de alguém que o seguia. Era um método idiota que raramente funcionava e quando olhou pela pequena janela traseira do carro verificou que não os havia iludido.

Desceu do carro, entrou no bar Regency Arms, saiu pela porta dos fundos (que podia ser vista da rua) e atravessou para New Oxford Street, onde tomou outro carro. No processo, perdeu um dos policiais, mas o outro continuava com ele. Atravessou o Tâmis, e seguiu para Battersea para falar com Chokee Bill.

A idéia de Edward Pierce, um cavalheiro respeitável e bem vestido, entrando na pequena loja de penhores, em Battersea, pode parecer absurda para um observador moderno. Naquele tempo não era tão estranha, pois não só as classes inferiores penhoravam objetos e não importando a quem servia, sua função era essencialmente a mesma, uma espécie de banco improvisado, com uma operação mais barata do que se conseguia nos bancos comuns. Era possível comprar um artigo caro, como um casaco, penhorar depois de uma semana, para pagar o aluguel, e retirá-lo do penhor alguns dias depois, para usá-lo no domingo, empenhar outra vez na segunda-feira, para um pequeno empréstimo, e assim por diante, até não se precisar mais dos serviços do homem do penhor.

Desse modo, o processo ocupava um lugar importante na sociedade e o número de lojas de penhores licenciadas duplicou no período vitoriano. As pessoas da classe média procuravam o penhor, mais para preservar o anonimato do empréstimo, do que por ser uma operação barata. Muitas famílias respeitáveis não queriam que soubessem que sua prata fora dada como garantia em troca de dinheiro. Afinal, naquela época, a maioria das pessoas equacionava prosperidade econômica e boa administração das despesas ao comportamento moral, e precisar de um empréstimo significava algum tipo de ato imoral.

As lojas de penhores licenciadas na verdade não eram estabelecimentos de reputação duvidosa, embora tivessem essa fama. Os criminosos à procura de compradores de objetos roubados preferiam os *transportadores* não licenciados, não controlados pela polícia e com menor probabilidade de estarem sendo vigiados. Assim, sem causar estranheza, Pierce entrou na loja com as três bolas sobre a porta.

Encontrou sentado num canto, nos fundos da loja, Chokee Bill, um irlandês cujo rosto muito vermelho parecia num perpétuo estado de quase estrangulamento. Chokee Bill levantou-se de um salto, assim que viu a roupa e as maneiras do cavalheiro.

— 'noite, senhor — disse Bill.

— Boa noite — respondeu Pierce.

— Em que posso servi-lo, senhor? Pierce olhou em volta.

— Estamos sozinhos?

— Estamos, senhor, e meu nome é Bill, senhor. — Mas uma expressão cautelosa apareceu nos olhos de Chokee Bill.

— Estou querendo fazer uma certa compra — disse Pierce, adotando o sotaque aberto das docas de Liverpool, que não era o seu.

— Uma certa compra...

— Uma coisa que o senhor deve ter à mão — disse Pierce.

— Está vendo a minha loja, senhor — disse Chokee Bill balançando o braço.

— Tudo está à vista.

— Isso é tudo?

— Sim, senhor, tudo que pode ver. Pierce deu de ombros.

— Devo ter tido a informação errada. Boa noite para o senhor. — Caminhou para a porta.

Estava quase saindo quando Chokee Bill tossiu.

— O que foi que disseram, senhor? Pierce voltou-se e olhou para ele.

— Preciso de alguns itens raros.

— Itens raros — repetiu Chokee Bill. — Que tipo de itens, senhor?

— Objetos de metal — disse Pierce, olhando diretamente para o homem. Para ele todo aquele mistério era tedioso, mas necessário para convencer Bill de que a transação era genuína.

— Metal, o senhor disse?

Pierce ergueu as mãos, num gesto quase de desculpa.

— É uma questão de defesa, você compreende.

— Defesa.

— Eu tenho valores, propriedades, artigos valiosos... Sendo assim, preciso me defender. Entende o que quero dizer?

— Entendo o que quer dizer — disse Bill. — E acho que tenho o que o senhor precisa.

— Na verdade — disse Pierce, examinando a loja outra vez, como para se certificar de que estavam sozinhos —, na verdade, preciso de cinco.

— *Cinco armas* ?—Chokee Bill arregalou os olhos, atônito. Agora que tinha contado seu segredo, Pierce ficou muito nervoso.

— Isso mesmo — disse, olhando para um lado e para o outro. — Bem, se não pode conseguir...

— Espere um pouco — disse Bill —, não estou dizendo que não posso. Não me ouviu dizer isso, ouviu? Tudo que eu disse foi que cinco é coisa à beça, foi só o que eu disse.

— Disseram que você teria as cinco à mão — disse Pierce, ainda nervoso.

— Pode ser.

— Muito bem, então eu gostaria de comprar todas, imediatamente.

Chokee Bill suspirou.

— Não estão aqui, senhor — pode ter certeza —, ninguém guarda essas coisas em uma loja de penhores, não senhor.

— Quando pode conseguir?

À medida que Pierce ficava mais agitado, Chokee Bill ficava mais calmo. Pierce quase podia ver a mente dele trabalhando, pensando no que podia significar o pedido de cinco pistolas. Queria dizer um crime de grandes proporções, sem dúvida. Como informante, podia ganhar algum dinheiro, se soubesse os detalhes.

— Preciso de alguns dias, senhor, essa é a verdade — disse Bill.

— Não pode ser hoje mesmo?

— Não, senhor, tem de dar algum tempo e então eu arranjo para o senhor, com certeza.

— Quanto tempo?

Depois de um longo silêncio, Bill chegou a resmungar e contar nos dedos.

— Duas semanas, seria o mais certo.

— Duas semanas!

— Oito dias, então.

— Impossível — disse Pierce, como que pensando alto. — Em oito dias, preciso estar em Green... — Parou de repente. — Não — disse —, oito dias é muito tempo.

— Sete? — perguntou Bill.

— Sete — disse Pierce, olhando para o teto — Sete, sete... sete dias... Sete dias, seria na próxima quinta-feira?

— Isso mesmo, senhor.

— A que horas na quinta-feira?

— É uma questão de cálculo exato do tempo, certo? — perguntou Bill com um desinteresse que não convenceu ninguém.

Pierce olhou fixamente para ele.

— Não tive intenção de ser indiscreto, senhor—disse Bill, rapidamente.

— Pois então trate de não ser. A que horas, na quinta-feira?

— Meio-dia.

Pierce balançou a cabeça.

— Nunca chegaremos a nos entender. É impossível e eu...

— Espere um pouco, espere um pouco. A que horas tem de ser então?

— Não depois das dez horas da manhã. Chokee Bill pensou um pouco.

— Dez horas aqui?

— Sim.

— Não mais tarde?
— Nem um minuto mais tarde.
— O senhor mesmo vem apanhar a mercadoria? Mais uma vez Pierce olhou severamente para ele.

— Isso não é da sua conta. Pode me fornecer as peças ou não?
— Posso — disse Bill. — Mas cobro um pouco mais pela urgência do serviço.
— Isso não importa — disse Pierce, dando a ele dez guinéus de ouro. — Fique com isto como sinal.

Chokee Bill examinou as moedas, girando-as na palma da mão.

— Na verdade, isto é a metade do preço.

— Pois que seja.

— O resto será pago do mesmo modo?

— Em ouro, sim.

Bill fez um gesto afirmativo.

— Vai precisar de balas também?

— Qual o tipo das armas?

— Webley calibre 48, balas com borda, tipo coldre, se não estiver enganado.

— Então vou precisar de balas.

— Mais três guinéus pelas balas — disse Chokee Bill, suavemente.

— Feito — disse Pierce. Foi até a porta e parou. — Uma última observação — disse ele. — Se, quando eu chegar, na quinta-feira, as armas não estiverem aqui, não vai ser bom para você.

— Pode confiar em mim, senhor.

— Não vai ser nada bom — disse Pierce —, se não puder. Pense nisso. — E saiu.

Ainda não estava escuro e as lâmpadas a gás iluminavam fracamente a rua. Pierce não viu o policial, mas sabia que ele estava escondido por perto. Tomou um carro e foi para Leicester Square onde as pessoas começavam a chegar para as sessões dos teatros. Pierce comprou entrada para a peça *She Stoops to Conquer* e entrou na sala de espera, perdendo-se entre a multidão. Uma hora depois estava em casa, depois de tomar três carros e entrar e sair de bares no caminho. Tinha certeza de não ter sido seguido.

A SCOTLAND YARD FAZ DEDUÇÕES

O dia 18 de maio amanheceu quente e ensolarado, mas o Sr. Harranby não estava sentindo nenhum prazer com o tempo. As coisas estavam indo muito mal e ele tratou seu assistente, o Sr. Sharp, com grande irritação, quando foi informado da morte do homem-cobra Clean Willy num refúgio de criminosos em Seven Dials. Mais tarde, quando foi informado de que os policiais haviam perdido o cavalheiro na entrada do teatro — um homem que conheciam só como Sr. Simms, que tinha uma casa em Mayfair — o Sr. Harranby teve um acesso de raiva, queixando-se amargamente da ineficiência dos seus subordinados, incluindo o Sr. Sharp.

Mas agora sua fúria estava controlada, pois a única pista que restou para a Yard estava sentada na sua frente, transpirando profusamente, torcendo as mãos e com o rosto muito vermelho. Harranby olhou carrancudo para Chokee Bill.

— Muito bem, Bill — disse Harranby —, este caso é muito sério.

— Eu sei, senhor, eu sei — disse Bill.

— Cinco armas me dizem que alguma coisa está para acontecer, e pretendo saber o que é.

— Ele não desperdiçou muitas palavras, aquele homem.

— Não tenho dúvidas — disse Harranby. Tirou um guinéu de ouro do bolso e pôs na mesa. — Tente lembrar.

— Já era tarde, senhor, com todo respeito, e eu não estava nas minhas melhores condições — disse Bill, olhando para o guinéu de ouro.

Harranby pensou que, de modo algum, ia dar outra moeda igual para ele.

— Sei por experiência que muitas memórias ficam melhores atrás das grades — disse ele.

— Não fiz nada de errado — protestou Bill. — Sou honesto o tempo todo, senhor, e não esconderia nada do senhor. Não tem nada para me prender, senhor.

— Então, tente lembrar — disse Harranby — e depressa. Bill torceu as mãos no colo.

— Ele entra na loja, senhor. Bem vestido, com bons modos, mas fala com a voz arrastada de Liverpool e sabe *voker romeny*.

Harranby olhou para Sharp que estava de pé num canto. Uma vez ou outra, até Harranby precisava de ajuda da tradução.

— Tinha o sotaque dos marinheiros de Liverpool e conhecia a gíria dos criminosos — disse Sharp.

— Sim, isso mesmo — disse Bill, balançando a cabeça afirmativamente. — Ele é da família, tenho certeza. Quer que eu arranje cinco *roncadores* e eu digo que é

muita coisa e ele diz que quer depressa e está nervoso, com pressa e mostra muito dinheiro para pagar na hora.

— O que você disse? — perguntou Harrenby, sem tirar os olhos de Bill.

Um informante habilidoso como Chokee Bill podia perfeitamente jogar dos dois lados e Bill sabia mentir com arte.

— Eu digo para ele, cinco é muita coisa mas posso arranjar com o tempo. E ele diz quanto tempo e eu digo quinze dias. Isso faz ele usar a cabeça por um tempo e então diz que precisa para antes de quinze dias. Eu digo oito dias. Ele diz que oito dias é muito tempo, e começa a dizer que em oito dias ele está saindo para Greenwich, mas então percebe que está falando demais e pára.

— Greenwich — disse Harrenby, franzindo a testa.

— Sim, senhor, Greenwich estava na ponta da língua dele, mas ele pára e diz que é muito tempo. Então eu digo, quanto tempo? E ele diz sete dias. Então eu digo que posso arranjar em sete dias. E ele diz a que hora do dia? Eu digo meio-dia. E ele diz que meio-dia é muito tarde. Ele diz, não depois das dez horas.

— Sete dias — disse Harrenby —, quer dizer, a próxima sexta-feira?

— Não, senhor. A próxima quinta-feira. Sete dias a partir de ontem.

— Continue.

— Então eu digo, depois de resmungar um pouco, eu digo que posso ter suas peças na quinta-feira, às dez horas. E ele diz que está bem, mas ele não é nenhum *flat* e ele diz qualquer *gammy cockum* e ele vai cuidar de mim.

Harrenby olhou outra vez para Sharp. Sharp disse:

— O cavaleiro não é nenhum tolo e avisou que se as armas não estivessem prontas na hora combinada, ele ia se arrepender.

— E o que você disse, Bill? — quis saber Harrenby.

— Eu digo que posso arranjar, e prometo. E ele me dá dez peças de ouro e eu vejo que são de verdade e ele vai embora e diz que vai voltar na quinta-feira.

— O que mais? — disse Harrenby.

— Só isso — disse Bill.

Depois de um longo silêncio, Harrenby disse:

— O que você acha disso, Bill?

— É um grande golpe, tenho certeza. Ele não é um peixe miúdo qualquer, mas um veterano que conhece o serviço.

Harrenby puxou o lóbulo da orelha, um hábito nervoso.

— O que tem em Greenwich que pode atrair um grande golpe?

— Macacos me mordam se eu sei — disse Chokee Bill.

— O que você ouviu? — perguntou Harrenby.

— Eu fico com as orelhas no chão, mas não ouvi nada de um golpe em Greenwich, eu juro.

Harranby pensou por algum tempo.

— Tem outro guinéu para você se puder me dizer.

Uma rápida sombra de agonia passou pelo rosto de Chokee Bill.

— Eu queria ajudar, senhor, mas não ouvi nada. Juro por Deus que é verdade.

— Tenho certeza que é — disse Harranby. Esperou um pouco mais e finalmente dispensou o homem, que apanhou a moeda e saiu.

Sozinho com Sharp, Harranby disse.

— O que tem em Greenwich?

— Macacos me mordam se eu sei — disse Sharp.

— Você também quer um guinéu de ouro?

Sharp ficou calado. Estava acostumado com o mau humor de Harranby. Não podia fazer nada, a não ser esperar que passasse. Sentado no canto, observou Harranby acender um cigarro e começar a fumar com ar pensativo. Para Sharp, cigarros eram coisinhas insignificantes. Introduzidos no ano anterior por um lojista de Londres, eram muito requisitados pelos soldados que voltavam da Criméia. Sharp gostava mesmo era de um charuto e nada mais.

— Vejamos — disse Harranby. — Vamos começar do começo. Sabemos que esse tal de Simms está há meses trabalhando em alguma coisa, e podemos deduzir que ele é esperto.

Sharp fez um gesto afirmativo.

— O homem-cobra foi morto ontem. Isso quer dizer que eles sabem que os estamos seguindo?

— Talvez.

— Talvez, talvez — disse Harranby, irritado. — Talvez não é o bastante. Precisamos *decidir*, e fazer isso usando os princípios da lógica dedutiva. Adivinhação não tem lugar no nosso pensamento. Vamos nos ater aos fatos e ver onde eles nos levam. Muito bem, o que mais nós sabemos?

A pergunta era retórica e Sharp não disse nada.

— Nós sabemos — começou Harranby — que esse tal de Simms, depois de meses de preparação, de repente se encontra às vésperas do seu grande golpe, precisando desesperadamente de cinco pistolas. Teve meses para conseguir as armas sem chamar atenção, uma de cada vez. Mas deixa para o último minuto. Por quê?

— Acha que ele está querendo nos enganar?

— Não devemos descartar a idéia, por mais desagradável que seja — disse Harranby. — Todo mundo sabe que Bill é um informante?

— Talvez.

— Para o diabo com seu talvez. Sabem ou não?

— Certamente muitos suspeitam.

— Certo — disse Harranby. — E seu esperto Sr. Simms escolhe exatamente

Bill para comprar suas cinco pistolas. Para mim, cheira a farsa. — Olhou sombriamente para a ponta acesa do cigarro. — Esse Sr. Simms está deliberadamente procurando nos despistar e não devemos seguir o caminho que ele está indicando.

—Tenho certeza de que tem razão — disse Sharp, esperando que o humor do chefe melhorasse.

— Sem dúvida — disse Harranby. — Estamos sendo levados para o caminho errado.

Depois de uma longa pausa, Harranby tamborilou com os dedos na mesa.

— Não gosto disso. Estamos sendo espertos demais. Estamos dando muito crédito a esse tal de Simms. Devemos supor que está realmente planejando um golpe em Greenwich. Mas, em nome de Deus, o que existe em Greenwich para ser roubado?

Sharp balançou a cabeça. Greenwich era porto de mar, mas não crescera tanto quanto os outros portos da Inglaterra. Era conhecido especialmente pelo observatório naval, que determinava a média do tempo — Tempo Médio de Greenwich — para o mundo naval.

Harranby começou a abrir as gavetas da sua mesa, procurando alguma coisa.

— Onde está aquela maldita coisa?

— O quê, senhor?

— O horário, o horário — disse Harranby.—Ah, aqui está. — Tirou da gaveta um pequeno folheto impresso. — London & Greenwich Railway... Quintas-feiras... Ah. Às quintas-feiras há um trem que sai do terminal London Bridge para Greenwich, às onze e quinze da manhã. Agora, o que isso nos sugere?

Sharp levantou a cabeça, com os olhos brilhando.

— Nosso homem quer as armas às dez, para ter tempo de chegar à estação e tomar o trem.

— Exatamente — disse Harranby. — Toda a lógica aponta para o fato de que ele realmente vai para Greenwich na quinta-feira. E sabemos também que não pode ir depois da quinta-feira.

Sharp disse:

— E as armas? Comprando cinco de uma vez.

— Bem — disse Harranby, entusiasmando-se com a idéia —, veja bem, por um processo de dedução podemos concluir que ele precisa realmente das armas e o fato de deixar a compra para o último minuto — superficialmente uma coisa bastante suspeita — origina-se da mesma situação lógica. Podemos supor várias. Seus planos para obter as armas por outros meios não deram certo. Ou talvez ele considere perigoso comprar armas — o que é verdade, pois todos sabem que pagamos muito bem por informação sobre isso — por isso deixou para o último momento. Pode

haver outras razões que não conhecemos. A razão extra não importa. O que importa é que ele precisa das armas para alguma atividade criminosa em Greenwich.

— Bravo — disse Sharp, com entusiasmo exagerado. Harranby olhou feio para ele.

— Não seja tolo — disse —, estamos pouco melhor do que quando começamos. A questão principal não foi resolvida. *O que tem para roubar em Greenwich?*

Sharp ficou calado, olhando para os pés. Ouviu o ruído do fósforo quando Harranby acendeu outro cigarro.

— Nem tudo está perdido — disse Harranby. — Os princípios da lógica dedutiva podem ainda nos ajudar. Por exemplo, o crime é provavelmente um roubo. Se vem sendo planejado há muitos meses, deve se referir a alguma situação estável que pode ser prevista com meses de antecedência. Não é um golpe casual, improvisado.

Sharp continuou a olhar para os pés.

— Não, certamente não — disse Harranby. — Não há nada de casual nesse golpe. Além disso, podemos deduzir que esse planejamento tão longo tenha como objetivo alguma coisa de certa magnitude, um crime de grandes proporções com um resultado muito proveitoso. Sabemos também que nosso homem é um homem do mar, portanto podemos suspeitar que tenha alguma coisa a ver com o oceano, ou as atividades das docas, de algum modo. Assim, podemos limitar nossa investigação ao que existe na cidade de Greenwich que se adapta ao nosso...

Sharp tossiu.

Harranby olhou para ele com a testa franzida.

— Tem alguma coisa para dizer?

— Estava só pensando, senhor — disse Sharp —, que, se for em Greenwich, é fora da nossa jurisdição. Talvez seja melhor telegrafar para avisar a polícia local.

— Talvez, talvez. Quando vai aprender a não usar essa palavra? Se telegrafarmos para Greenwich, o que vamos dizer? Hein? O que vamos dizer no telegrama?

— Eu estava só pensando...

— Meu Deus — disse Harranby, ficando de pé atrás da mesa. — É claro! O cabo!

— O cabo?

— Sim, é claro, o cabo! O cabo está em Greenwich, neste mesmo momento, enquanto estamos aqui falando.

— Quer dizer o cabo Atlântico? — perguntou Sharp.

— Certamente — disse Harranby, esfregando as mãos. — Oh, é perfeito. Perfeito!

Sharp continuou sem entender. É claro que sabia que o cabo telegráfico transatlântico estava sendo fabricado em Greenwich. O projeto estava em andamento há mais de um ano e representava um dos esforços tecnológicos mais consideráveis da época. Já havia cabos submarinos no Canal, ligando a Inglaterra ao Continente. Mas não eram nada comparados ao cabo de 4.200 quilômetros que estava sendo construído para ligar a Inglaterra a Nova York.

— Mas certamente — disse Sharp — não tem utilidade nenhuma roubar um cabo...

— Não o *cabo* — disse Harranby. — *O pagamento* da firma. Qual é mesmo? Glass, Elliot & Company, ou coisa parecida. Um projeto enorme e a folha de pagamento deve ser igual ao tamanho do projeto. É esse o objetivo do nosso homem. E se ele está com pressa de viajar na quinta-feira para estar lá na sexta...

— *Dia de pagamento!* — exclamou Sharp.

— Exatamente — disse Harranby. — Completamente lógico. Está vendo? O processo de dedução nos levou à conclusão mais exata.

— Congratulações — disse Sharp, cautelosamente.

— Não foi nada — disse Harranby. Muito excitado ainda, bateu palmas. — Oh, ele é bem atrevido, o nosso amigo Simms. Roubar o pagamento do cabo — que crime audacioso! E nós o pegaremos em flagrante. Venha, Sr. Sharp. Precisamos viajar para Greenwich e nos inteirarmos da situação no local.

MAIS CONGRATULAÇÕES

— E então? — perguntou Pierce. Miriam deu de ombros.

— Eles tomaram o trem.

— Quantos eram?

— Quatro ao todo.

— E tomaram o trem para Greenwich? Miriam fez um gesto afirmativo.

— Com muita pressa. O líder era um homem atarracado, com suíças e seu laçao tinha o rosto raspado. Havia dois outros, com uniformes azuis.

Pierce sorriu.

— Harranby — disse ele. — Deve estar muito orgulhoso. É um homem tão inteligente. — Voltou-se para Agar. — E você?

— Fat Eye Lewis, o especialista, está no Regency Arms perguntando sobre um golpe em Greenwich — diz que quer fazer parte.

— Então a notícia está na rua? — disse Pierce. Agar balançou a cabeça, confirmando.

— Alimento — disse ele.

— Quem eu digo que está nele?

— Spring Heel Jack, para começar.

— E se os *miltonianos* o encontrarem? — perguntou Agar.

— Duvido que encontrem — disse Pierce.

— Jack está escondido, não está?

— Foi o que ouvi.

— Então posso mencionar o nome dele.

— Faça Fat Eye pagar — disse Pierce. — É uma informação valiosa.

Agar disse, com um largo sorriso:

— Vai sair caro para ele, eu prometo.

Agar saiu e Pierce ficou sozinho com Miriam.

— Congratulações — disse ela, sorrindo. — Nada pode dar errado agora.

Pierce recostou-se na poltrona.

— Alguma coisa sempre pode sair errada agora.

— Em quatro dias?

— Até no espaço de uma hora.

Mais tarde, no seu depoimento no tribunal, Pierce admitiu que ficou atônito com a qualidade profética dessas palavras, pois dificuldades enormes surgiram — vindas de onde menos se podia esperar.

A ESPERTEZA NOS NEGÓCIOS

Henry Mayhew, o grande observador, reformador e classifica-dor da sociedade vitoriana, certa vez fez uma lista dos vários tipos de criminosos da Inglaterra. A lista tinha cinco categorias principais, vinte subtítulos e mais de cem itens separados. Para os olhos modernos, é um relatório notável pela ausência de qualquer consideração sobre o que hoje chamamos de "crime de colarinho branco".

É claro que esse tipo de crime existia naquela época e havia exemplos flagrantes de desfalques, falsificação de moedas, fraudes na contabilidade, manipulação de títulos e outras práticas ilegais reveladas em meados do século. Em 1850, o empregado de uma companhia de seguros, Walter Watts foi apanhado depois de dar um desfalque de mais de setenta mil libras e houve vários crimes muito maiores. A falsificação de 150 mil libras feita por Leopold Redpath, na Great Northern Railway Compa-ny e os títulos no valor de 350 mil libras, falsificados por Beau-mont Smith, são apenas dois exemplos.

Naquele tempo, como hoje, o crime de colarinho branco envolvia sempre uma grande soma de dinheiro, tinha menor probabilidade de ser descoberto e a punição era leve, quando os culpados eram apanhados. Contudo, a lista de criminosos de Mayhew ignora completamente essa área do crime. Pois May-hew, como a maioria dos seus contemporâneos, acreditava firmemente que o crime era produto das "classes perigosas", e que o comportamento dos criminosos era resultado da pobreza, injustiça, opressão e falta de instrução. Era quase uma questão de definição. Uma pessoa que não pertencesse à classe dos criminosos não podia cometer um crime. As pessoas das melhores classes só podiam "violar a lei". Vários fatores, excusivos da atitude vitoriana em relação ao crime na classe alta, contribuíam para essa crença.

Em primeiro lugar, era uma sociedade capitalista, com milhares de novos empreendimentos comerciais, os princípios da contabilidade honesta não estavam ainda estabelecidos com firmeza e os métodos da contabilidade eram mais variáveis do que são hoje. Um homem, com uma consciência relativamente limpa, podia disfarçar a diferença entre fraude e "esperteza nos negócios".

Em segundo lugar, o moderno vigilante de todos os países capitalistas do Ocidente, o governo, não era nem um pouco vigilante naquele tempo. As rendas pessoais abaixo de 150 libras por ano não eram sujeitas a imposto e a grande maioria dos cidadãos estava abaixo desse limite. Aqueles obrigados a pagar imposto conseguiam isenção com facilidade, pelos padrões modernos, e embora todos reclamassem do valor cobrado pelo governo, não havia ainda a sugestão da luta

frenética do cidadão moderno para arranjar suas finanças de modo a evitar ao máximo possível o pagamento do imposto. (Em 1870, os impostos representavam 9% do produto nacional bruto da Inglaterra. Em 1961, representavam 38%.)

Além disso, os vitorianos de todas as classes aceitavam uma espécie de crueldade nos negócios, que hoje nos parece ofensiva. Um exemplo disso ocorreu quando Sir John Hall, o médico do exército que lutava na Criméia, para se livrar de Florence Nightingale resolveu matá-la de fome, dando ordens para que as rações dela fossem suspensas. Esse tipo de atitude era considerado comum. Florence Nightingale, antecipando a ordem do médico, levava as próprias rações de alimento e até Lytton Strachey, que nunca estava disposto a julgar os vitorianos com benevolência, considerou esse incidente como "uma brincadeira".

Se isso era só brincadeira, é fácil compreender porque os observadores da classe média relutavam em rotular muitos tipos de violação da lei como "crimes", e quanto mais alta a posição do indivíduo na comunidade, maior era essa relutância.

O capitão John Alderston recebeu seu título de nobreza depois de Waterloo, em 1915, e nos anos seguintes se tornou um próspero cidadão londrino. Era um dos proprietários da South Eastern Railway desde a instalação da linha e possuidor de grande número de ações de várias minas de carvão de Newcastle. Segundo todos os relatos, era um homem imponente, de fala áspera, que manteve seu porte militar durante toda a vida, rugindo suas ordens em comandos severos de um modo que se tornou um tanto ridículo à medida que a idade aumentava a circunferência da sua cintura.

O único vício de Alderston era a paixão por jogos de cartas adquirida no seu tempo de soldado e sua excentricidade mais notável consistia em nunca jogar a dinheiro, preferindo apostar objetos e propriedades pessoais em vez de dinheiro vivo. Aparentemente esse era seu modo de ver o jogo de cartas como o passatempo de um cavalheiro e não um vício. A história da sua caixa de vinho, que figura com tanta proeminência no Grande Roubo do Trem, em 1855, só veio à luz em 1914, cerca de quarenta anos depois da morte de Alderston. Nessa época, sua família encomendou uma biografia oficial a um escritor chamado William Shawn. A passagem relevante é a seguinte:

"Sir John sempre teve um senso de consciência extremamente desenvolvido, que só uma vez lhe provocou alguma apreensão. Um membro da família recorda que certa noite ele chegou em casa, depois de um jogo de cartas, extremamente preocupado. Quando perguntaram o motivo, ele disse 'Não posso suportar isso'.

"Depois de alguma insistência ficaram sabendo que Sir John estivera jogando cartas com vários sócios, todos acionistas na estrada de ferro. No jogo, Sir John perdeu uma caixa de vinho Madeira de doze anos e agora relutava em se desfazer do vinho. Porém, tinha prometido despachar o vinho pelo trem de Folke-Stone, para ser

entregue ao ganhador, que morava naquela cidade costeira, onde dirigia a operação da via férrea no final da linha.

"Sir John passou três dias muito agitado, censurando o cavalheiro que havia ganho no jogo e dizendo em voz alta que suspeitava que ele tinha roubado. A cada dia que passava, ele ficava mais convencido da desonestidade do homem, embora não houvesse nenhuma prova.

"Finalmente ele mandou o criado levar a caixa de vinho para o trem, embarcando-a no bagageiro com grande cerimônia e um grande número de formulários preenchidos. Na verdade, o vinho foi segurado contra perda ou avaria durante a viagem.

"Quando o trem chegou a Folkestone, descobriram que a caixa estava vazia e a suposição geral foi de que o vinho fora roubado. O fato provocou grande comoção entre os empregados da linha férrea. Um guarda foi despedido e foram adotadas alterações no procedimento de segurança da companhia. Sir John pagou sua aposta com o dinheiro do seguro.

"Muitos anos depois, ele admitiu para a família que tinha embarcado a caixa vazia no trem, pois não podia, disse ele, suportar a idéia de se desfazer do seu precioso Madeira. Contudo, ficou com um enorme sentimento de culpa, especialmente por causa da demissão do empregado da ferrovia, para o qual providenciou anonimamente o pagamento de uma certa quantia anual, durante muitos anos, e o total dessa quantia foi muito maior do que o valor do seu vinho.

"Contudo, até o fim, nunca sentiu remorso por não ter mandado o vinho para seu credor, um tal John Banks. Ao contrário, nos últimos dias da sua existência mortal, na cama, delirando em febre, muitas vezes o ouviram dizer 'Aquele miserável Banks não é um cavalheiro, e de jeito nenhum vai ficar com o meu Madeira, estão ouvindo?'

"A essa altura, o Sr. Banks estava morto há muito tempo. Comentaram que vários conhecidos de Sir John suspeitavam que ele tivesse algo a ver com o desaparecimento misterioso do vinho, mas ninguém ousou acusá-lo. Em vez disso, foram feitas algumas mudanças no sistema de segurança da linha férrea (em parte a pedido da companhia de seguros). E quando, logo depois um carregamento de ouro foi roubado da companhia, todos esqueceram o caso da caixa de vinho de Sir John, exceto ele próprio, pois a consciência o torturou até o fim dos seus dias. Essa era a força do caráter desse grande homem."

DIFICULDADES DE ÚLTIMA HORA

Na noite de 21 de maio, algumas horas antes do roubo, Pierce jantava com a amante, Miriam, na sua casa, em Mayfair.

Um pouco antes das nove e meia, seu jantar foi interrompido pela chegada inesperada de Agar que parecia extremamente preocupado. Entrou correndo na sala, pedindo desculpas pela interrupção.

— O que foi? — perguntou Pierce, calmamente.

— Burgess — disse Agar, ofegante. — Burgess, ele está lá embaixo.

Pierce franziu a testa.

— Você o trouxe *aqui*?

— Tive de trazer — disse Agar. — Espere até ouvir o que aconteceu.

Pierce levantou-se e desceu para a sala de fumar, onde Burgess o esperava, revirando o boné azul de guarda nas mãos. Estava tão nervoso quanto Agar.

— Qual é o problema? — perguntou Pierce.

— É a linha — disse Burgess. — Eles mudaram tudo, e logo hoje — mudaram tudo.

— O que foi que eles mudaram?

As palavras saíram como uma torrente.

— Eu só fiquei sabendo hoje de manhã. Cheguei às sete em ponto e lá estava o carpinteiro trabalhando no meu vagão, martelando e pregando. E tinha um ferreiro também e alguns cavalheiros um pouco mais longe assistindo ao trabalho. Foi assim que fiquei sabendo que eles mudaram tudo, e logo hoje, mudaram tudo. Quero dizer, o modo que fazíamos as coisas no vagão, tudo mudado, e eu não sabia.

— Exatamente, o que foi que eles mudaram? — perguntou Pierce.

Burgess respirou fundo.

— A linha — disse ele. — O modo de fazer as coisas, o modo como nós fazemos, tudo mudado hoje mesmo.

Pierce franziu a testa, impaciente.

— Diga-me o que foi mudado.

Burgess amassou o boné com força até as juntas dos seus dedos ficarem brancas.

— Para começar, eles têm um novo guarda contratado pela linha, que começou a trabalhar hoje — um tipo desconhecido, bem novo.

— Ele viaja com você no carro de bagagem?

— Não, senhor — disse Burgess — Ele só guarda a plataforma da estação. Fica na estação, esse guarda.

Pierce olhou para Agar. Não importava que tivessem mais guardas na plataforma. Podiam ter uma dúzia de guardas, que não fazia diferença.

— O que tem isso? — perguntou ele.

— Bom, é o novo regulamento, o senhor compreende.

— Que novo regulamento?

— Ninguém viaja no carro de bagagem, só eu, como guarda — disse Burgess.

— Esse é o novo regulamento, e tem esse novo guarda para verificar se ele está sendo obedecido.

— Compreendo — disse Pierce. Sim, isso era uma mudança.

— Tem mais — disse Agar, soturnamente.

— Sim?

— Eles foram e puseram um cadeado na porta do bagageiro. No lado de fora, quero dizer. Agora eles trancam em London Bridge e só abrem em Folkestone.

Diabo, pensou Pierce e começou a andar pela sala.

— E nas outras paradas? Aquele trem pára em Redhill e em...

— Mudaram o regulamento — disse Burgess. — Aquele vagão vai fechado até Folkestone.

Pierce continuou a andar de um lado para o outro.

— Por que mudaram a rotina?

— Por causa do trem rápido da tarde — explicou Burgess.

— Tem dois trens rápidos, o da manhã e o da tarde. Parece que o da tarde foi roubado na semana passada. A encomenda valiosa de um cavalheiro — ouvi dizer que uma coleção de vinhos raros. Então, ele exigiu que a linha pagasse. O outro guarda foi despedido, e todo mundo passou um cortado. O despachante em pessoa me chamou esta manhã e fez um sermão, me avisando disto e daquilo. Quase me bateu, o homem. E o novo guarda na plataforma é sobrinho do despachante. É ele que tranca a porta em London Bridge, um pouco antes do trem sair da estação.

— Vinhos raros — disse Pierce. — Deus do céu, *vinhos raros*. Será que podemos pôr Agar dentro de uma mala?

Burgess balançou a cabeça.

— Não, se fizerem o que fizeram hoje. Hoje, o tal sobrinho, seu nome é McPherson, é escocês e muito animado — precisava muito do emprego, eu acho —, esse McPherson faz os passageiros abrirem toda a bagagem com tamanho suficiente para conter um homem. Muita gente reclamou. O tal sobrinho é teimoso. Novo no trabalho, e quer fazer tudo direito, e é assim que estão as coisas.

— Podemos distrair esse guarda e pôr Agar lá dentro quando ele não estiver olhando?

— Não estiver olhando? Nunca ele não está olhando. Ele olha como um rato faminto procurando um pedaço de queijo, olha ali, e aqui, e toda a parte. E quando

toda a bagagem está embarcada, ele sobe no vagão e procura em todos os cantos para ver se não tem ninguém escondido. Então ele pula para fora e tranca a porta.

Pierce tirou o relógio do bolso do colete. Eram dez horas da noite. Tinham dez horas antes da saída do trem para Folkestone. Pierce podia pensar em uma dezena de modos de fazer Agar passar sem ser visto por um escocês atento, mas nenhum que pudesse ser arranjado em tão pouco tempo.

Agar, que era a própria imagem do desânimo, devia estar pensando a mesma coisa.

— Acha que devemos deixar para o mês que vem?

— Não — disse Pierce. Imediatamente concentrou-se no seu problema seguinte. — Agora, essa fechadura que instalaram na porta do bagageiro. Pode ser aberta do lado de dentro?

Burgess balançou a cabeça.

— É um cadeado: engancha num fecho de ferro, do lado de fora.

Pierce continuou a andar.

— Poderia ser aberto numa das paradas — digamos Redhill — e fechado outra vez em Tonbridge, mais adiante?

— É arriscado — disse Burgess. — É um fecho forte, grande como seu punho e eles podiam ver.

Pierce continuou a andar de um lado para o outro. Por um longo tempo, seus passos no tapete e o tique-taque do relógio sobre a lareira eram os únicos ruídos na sala. Agar e Burgess o observavam. Finalmente, Pierce disse:

— Se a porta do vagão está trancada, como você consegue ventilação?

Burgess, um pouco confuso, disse:

— Oh, tem bastante ar. Aquele vagão é malfeito e quando o trem ganha velocidade, a brisa assobia através das frestas, tão alto que chega a doer nos ouvidos.

— Eu quis dizer — explicou Pierce —, tem algum tipo de ventilação no vagão?

— Bom, tem aqueles *slappers* no teto...

— Como são? — perguntou Pierce.

— *Slappers? Slappers...* bom, para falar a verdade, não são *slappers* como a gente conhece, porque não têm dobradiças. Muitas vezes eu desejei que fossem *slappers* de verdade, quero dizer, com dobradiças e tudo o mais, porque quando chove — então fica um lago gelado dentro do vagão, é o que estou dizendo...

— O que é um *slapper*! — interrompeu Pierce. — O tempo é curto.

— Um *slapper*! Um *slapper* é o que o pessoal da estrada de ferro chama um tipo de alçapão. É uma porta com dobradiças, montada no centro do teto e dentro a gente tem uma vara para abrir e fechar o *slapper*. Alguns dos *slappers* — quero dizer, os verdadeiros — ficam dois em cada vagão, um de cada lado. Assim ninguém

nunca fica fora do vento. Agora, outros vagões, esses têm os *slappers* montados do mesmo lado, mas não é bom no pátio de manobra, sabe, pois quer dizer que o vagão precisa ser enganchado com os *slappers* de trás para diante, e...

— E você tem dois desses *slappers* no bagageiro?

— Sim, é verdade — disse Burgess —, só que não são de verdade, porque ficam sempre abertos, sem nenhuma dobradiça e quando chove, eu fico ensopado...

— Os *slappers* dão acesso diretamente ao interior do vagão?

— Dão, diretamente para baixo. — Burgess fez uma pausa. — Mas se está pensando em passar um homem por eles, não pode ser. Não têm mais de um palmo quadrado e...

— Não estou pensando nisso — disse Pierce. — Agora, você diz que tem dois *slappers*. Onde eles ficam?

— No teto, como eu disse, no centro do teto e...

— Onde, em relação ao comprimento do vagão — perguntou Pierce. Seus passos inquietos e seu modo brusco e irritado deixaram Burgess, que já estava nervoso e tentando ajudar, completamente confuso.

— Onde... em relação... — Ele não continuou. Agar disse:

— Eu não sei o que você está pensando, mas meu joelho está doendo — este aqui, o esquerdo — e isso é sempre um mau sinal. Acho que o melhor é desistir da coisa toda, e acabou.

— Cale a boca — disse Pierce, com uma fúria brusca. Agar recuou dois passos. Pierce voltou-se para Burgess. — Agora vou fazer uma pergunta — disse: — Se você olhar para o vagão de um dos lados, você o vê como uma espécie de caixa, uma caixa grande. E numa parte dessa caixa, estão os *slappers*. Agora, onde eles estão?

— Não onde deviam, e por Deus, é verdade — disse Burgess. — Um *slapper* de verdade devia estar perto do fim do vagão, um de cada lado, para deixar o ar passar de uma ponta para a outra, de um *slapper* para o outro. Esse é o modo para melhor...

— Onde estão os *slappers* no bagageiro? — repetiu Pierce, consultando o relógio. — Só me interessa o vagão.

— Isso é que é o diabo — disse Burgess. — Estão perto do centro, e com menos de três passos um do outro. E não têm dobradiças. Agora, quando chove, lá vem água, direto para o centro do vagão e forma uma grande poça, bem no meio.

— Disse que são separados por uma distância de três passos?

— Três, quatro, mais ou menos — disse Burgess —, eu nunca me dei ao trabalho de medir, mas tenho certeza que odeio as malditas coisas e isso é...

— Está bem — disse Pierce —, já disse o que eu precisava saber.

— Fico satisfeito com isso — disse Burgess, com uma espécie de alívio

confuso —, mas eu juro, não tem nenhum jeito de um homem, nem mesmo um menino, descer por aquele buraco, e depois que eles me trancam...

Pierce o interrompeu com um gesto e voltou-se para Agar.

— Esse cadeado no lado de fora. É difícil abrir?

— Eu não vi — disse Agar —, mas um cadeado não é problema. São fortes, mas têm lingüetas grossas, por causa do tamanho. Em alguns, um homem pode usar o dedo mínimo como gazua e abrir num instante.

— Eu poderia? — perguntou Pierce. Agar olhou espantado para ele.

— Com facilidade, mas ia levar um ou dois minutos. — Franziu a testa. — Mas ouviu o que ele disse, não ia arriscar abrir numa das paradas, então por que...

Pierce voltou-se para Burgess.

— Quantos vagões de segunda classe tem no trem da manhã?

— Não sei ao certo. Seis, a maioria das vezes. Sete, perto do fim-de-semana. Às vezes, no meio da semana tem cinco, mas ultimamente tem tido seis. Agora, a primeira classe, essa é...

— Não estou interessado na primeira classe — disse Pierce.

Burgess calou-se, atordoado, confuso. Pierce olhou para Agar. Agar já tinha entendido. Ele balançou a cabeça.

— Mãe de Deus — disse —, você perdeu a cabeça, ficou completamente maluco, tão certo como eu estar aqui. O que pensa que é, o Sr. Coolidge?

Coolidge era um famoso alpinista.

— Eu sei quem eu sou — disse Pierce secamente. Virou outra vez para Burgess, cuja confusão tinha crescido nos últimos minutos e que estava agora completamente paralisado, sem nenhuma expressão no rosto, tendo perdido até a capacidade para se espantar.

— Então seu nome é Coolidge? — perguntou. — O senhor disse Simms...

— É Simms — garantiu Pierce. — Nosso amigo aqui estava só brincando. Quero que você agora vá para casa, trate de dormir e amanhã levante para trabalhar, como sempre. Faça o que faz sempre, aconteça o que acontecer. Faça seu trabalho e não se preocupe com coisa alguma.

Burgess olhou para Agar, depois outra vez para Pierce.

— Vai ser amanhã, então?

— Sim — disse Pierce. — Agora vá para casa e trate de dormir.

Quando ficaram sozinhos, Agar explodiu numa fúria ansiosa.

— Macacos me mordam se eu vou ouvir mais besteiras a esta hora da noite. Não tem jeito nenhum de fazer a coisa amanhã. Não está claro? — Levantou as duas mãos. — Desista disso, estou dizendo. Fica para o mês que vem, é o que eu digo-

Pierce ficou calado por um momento.

— Eu esperei um ano — disse, finalmente — e vai ser amanhã.

— Está dizendo besteira — disse Agar —, é só conversa, sem sentido.

— Pode ser feito — insistiu Pierce.

— Feito? — Agar explodiu outra vez. — Feito *como*? Escute aqui, eu sei que você é inteligente, mas eu não sou burro, e para mim acabou o jogo. O plano está acabado. É uma tristeza que o vinho tenha azedado, mas azedou, e nós temos de saber disso. — Agar estava vermelho e furioso, balançando os braços, agitado.

Pierce, em contraste, estava quase anormalmente imóvel, com os olhos fixos em Agar.

— O plano está de pé — disse ele.

— Tomo Deus por testemunha, como? — Agar viu Pierce ir até o aparador e servir dois copos com *brandy*. — Não ponha bebida nesse copo para embaçar minha vista — disse ele. — Escute, eu falo sério.

Agar estendeu a mão e começou a contar nos dedos.

— Você diz que eu vou viajar no vagão, você diz. Mas eu não posso entrar — um escocês assanhado está parado na porta. Você mesmo ouviu. Mas está bem. Confio em você para me pôr lá dentro. Agora.

Passou para o outro dedo.

— Agora, lá estou eu no vagão. O escocês tranca a porta por fora. Não tenho nenhum jeito de tocar naquela fechadura; assim, mesmo que eu faça a troca, não posso abrir a porta e jogar o material. Estou bem trancado, até Folkestone.

— A não ser que eu abra a porta para você — disse ele, dando para Agar o copo com *brandy*.

Agar tomou com um só gole.

— É, e aí vem a história. Você passa por todos aqueles vagões, voando por cima deles, e desce como o Sr. Coolidge pelo lado do vagão para abrir a fechadura e o cadeado. Eu vejo Deus no céu antes disso, pode estar certo.

Pierce disse:

— Eu conheço o Sr. Coolidge.

— Não brinca.

— Eu o conheci no Continente, no ano passado. Escalei a montanha com ele, na Suíça — três montanhas ao todo — e aprendi o que ele sabe.

Agar ficou sem fala. Olhou para Pierce, para ver se ele estava mentindo, examinando o rosto dele. O alpinismo era um esporte novo, tinha só uns três ou quatro anos, mas havia capturado o interesse do povo e os mais notáveis alpinistas ingleses, como A. E. Coolidge, eram famosos.

— Não está brincando? — perguntou Agar outra vez.

— Eu tenho as cordas e o resto do equipamento no armário — disse Pierce. — Não é brincadeira.

— Vou querer outro gole — disse Agar, estendendo o copo vazio.

Pierce o encheu imediatamente. Agar o esvaziou imediatamente.

— Muito bem — disse ele. — Vamos dizer que dependurado na corda você *pode* abrir a fechadura e tirar o cadeado, e depois trancar outra vez, sem ninguém perceber. Em primeiro lugar, como é que eu entro e passando pelo guarda escocês, com seu olho de águia?

— Tem um jeito — disse Pierce — Não é agradável, mas tem um jeito.

Agar não estava convencido.

— Vamos dizer que você me põe numa mala qualquer. O homem pode abrir para ver o que é e lá estou eu. E daí?

— Eu quero que ele abra e veja você lá dentro — disse Pierce.

— Você *quer*!

— Acho que sim e tudo vai correr muito bem, se você agüentar o cheiro.

— Que tipo de cheiro?

— O cheiro de um cachorro ou um gato morto — disse Pierce. — Morto há alguns dias. Acha que agüenta?

Agar disse:

— Juro que não peguei. Vamos ajudar com mais um ou dois goles. — Estendeu o copo.

— Agora chega — disse Pierce. — Você tem muito que fazer. Vá à sua casa e volte com sua melhor roupa, a melhor que tiver, e depressa.

Agar suspirou.

— Vá agora — disse Pierce. — E confie em mim.

Quando Agar saiu, Pierce chamou Barlow, seu cocheiro.

— Temos alguma corda? — Pierce perguntou.

— Corda, senhor? Quer dizer, corda de cânhamo?

— Exatamente. Temos alguma em casa?

— Não, senhor. Rédea de couro não serve?

— Não — disse Pierce. Pensou por um momento. — Atrele o cavalo e fique preparado para uma noite de trabalho. Precisamos conseguir algumas coisas.

Barlow fez um gesto afirmativo e saiu. Pierce voltou para a sala de jantar, onde Miriam ainda esperava, paciente e calma.

— Problemas? — perguntou ela.

— Nada que não possa ser resolvido — disse Pierce. — Você tem um vestido preto? Estou pensando em alguma coisa barata, que uma empregada poderia usar.

— Acho que tenho, sim.

— Ótimo — disse ele. — Tire do armário, você vai usá-lo amanhã de manhã.

— Para quê? Pierce sorriu.

— Para mostrar seu respeito pelos mortos — disse ele.

O ALARME FALSO

Na manhã de 22 de maio, quando o guarda escocês McPherson chegou à plataforma da estação de London Bridge para começar seu dia de trabalho, deparou com uma cena inesperada. Ao lado do bagageiro do trem para Folkestone estava uma mulher vestida de negro — uma criada, pela aparência, mas muito bela — chorando dolorosamente.

Não foi difícil a McPherson descobrir o objeto de tanta dor, pois ao lado da pobre mulher, no carrinho de bagagem, estava um caixão de madeira. Embora simples e sem adornos, o caixão tinha vários orifícios nos dois lados e sobre a tampa a miniatura de uma torre de igreja contendo um pequeno sino. Do badalo pendia uma corda cuja ponta estava enfiada num dos orifícios do caixão.

Embora inesperada, a cena não era inexplicável para McPherson — e nem para qualquer vitoriano da época. Também não o surpreendeu, quando se aproximou do caixão, o cheiro de avançado estado de deterioração que emanava dos orifícios, sugerindo que o ocupante estava morto há algum tempo. Isso também era perfeitamente compreensível.

No século XIX, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, surgiu a preocupação peculiar com a possibilidade de enterros prematuros. Tudo que resta desse estranho temor está contido na literatura de Edgar Allan Poe e outros, na qual o enterro prematuro aparece, sob uma ou outra forma, como tema freqüente. Para o pensamento moderno, isso parece exagerado e produto da imaginação.

Hoje é difícil compreender que, para os vitorianos, o enterro prematuro constituía um temor genuíno e palpável, partilhado por quase todos os membros da sociedade, desde o operário mais supersticioso ao profissional mais culto.

Nem era esse temor uma simples e disseminada obsessão neurótica. Inúmeras evidências levavam o homem sensato a acreditar na ocorrência de enterros prematuros e que esse fato sinistro só era evitado muitas vezes por eventos fortuitos. Em 1853, teve grande repercussão o caso de um menino aparentemente morto por afogamento, no País de Gales. "Quando o caixão já estava na cova e foram atiradas as primeiras pás de terra, ouviram um ruído apavorante e batidas frenéticas vindas do seu interior. Os coveiros interromperam o trabalho e abriram o caixão. O menino saiu, chamando pelos pais. Contudo, o mesmo menino fora declarado morto há muitas horas e o médico afirmou que ele não respirava, não tinha pulso e sua pele estava fria e cinzenta. A mãe, ao ver o menino, sofreu um longo desmaio."

A maior parte dos casos de enterros prematuros era de pessoas afogadas ou eletrocutadas, mas havia outros, em que o indivíduo caía num estado de "morte

aparente, ou animação suspensa".

Na verdade, era muito difícil determinar se a pessoa estava morta ou não — como aconteceu um século depois, quando os médicos começaram a discutir a ética do transplante de órgãos. Porém, convém lembrar que os médicos só descobriram que a parada cardíaca pode ser reversível em 1950, e em 1850 havia motivos de sobra para ceticismo em relação aos fatores indicadores de morte.

Os vitorianos tinham dois modos de tratar o problema. O primeiro era adiar o enterro por vários dias — uma semana não era incomum — e esperar a inegável prova olfatória da partida definitiva do ente querido deste mundo. Na verdade, esse adiamento muitas vezes ia a extremos. Quando o duque de Wellington morreu, em 1852, houve um debate público sobre como deviam ser conduzidos seus funerais. O Duque de Ferro simplesmente teve de esperar até que tudo estivesse resolvido e só foi sepultado mais de dois meses depois de sua morte.

O segundo método para evitar o enterro prematuro era tecnológico. Os vitorianos criaram uma série de tipos de alarme e sinais por meio dos quais o morto podia anunciar sua ressurreição. Um indivíduo rico podia ser sepultado com um pedaço de cano de ferro ligando o caixão com a superfície do solo, e um empregado de confiança da família permanecia no cemitério, dia e noite, durante um mês ou mais, para o caso de o morto acordar e chamar por socorro. Os mortos sepultados acima do solo, nos jazigos de família, geralmente eram postos em caixões fabricados especialmente, com um conjunto de molas e um complexo sistema de arames ligados aos braços e às pernas do morto, de modo que o menor movimento abria imediatamente a tampa. Muitos preferiam esse método a todos os outros, pois a crença geral era de que as pessoas geralmente voltavam do estado de animação suspensa num estado de mudez ou de paralisia parcial.

O fato dessas tampas se abrirem subitamente meses e até anos depois do sepultamento (sem dúvida resultado de alguma vibração externa ou a deterioração do mecanismo de molas) contribuía para reforçar a incerteza a respeito de quanto tempo uma pessoa podia ficar morta antes de voltar à vida, nem que fosse por um momento.

A maioria dessa aparelhagem de alarme era muito dispendiosa e acessível só às classes abastadas. Os pobres adotavam a tática mais simples de sepultar seus parentes com alguma ferramenta — uma alavanca ou uma pá — com a vaga suposição de que, se voltassem à vida, poderiam se livrar da situação aflitiva.

Havia evidentemente mercado para um sistema barato de alarme e em 1852, George Bateson conseguiu o registro da patente do Aparelho Bateson de Volta à Vida, descrito como "um mecanismo econômico, engenhoso e confiável, superior a qualquer outro método, que garantia a paz de espírito às pessoas que perdem seus entes queridos, de todas as classes sociais. Construído com os melhores materiais".

E com um comentário adicional: "Um aparelho de eficácia várias vezes comprovada, neste país e no exterior."

"O campanário de Bateson", como era conhecido, era um simples sino de ferro, instalado sobre a tampa do caixão, acima da cabeça do morto, ligado por uma corda ou arame, através de um orifício no caixão, à mão do morto, "de modo que o menor tremor faria soar o sino". Os campanários de Bateson logo se tornaram populares e em poucos anos uma grande parte dos caixões era provida desse mecanismo de alarme. Nesse período, morriam três mil pessoas por dia em Londres e o negócio de Bateson prosperava. Logo ele se tornou um homem rico e respeitado. Em 1859, Vitória concedeu a ele uma O.B.E. por seus esforços.

Como uma espécie de estranha nota de rodapé a essa história, Bateson tinha um medo mortal de ser enterrado vivo, o que o levou a fabricar sistemas extremamente complexos de alarme para serem instalados no seu caixão. Em 1867, quase insano com essa preocupação, alterou seu testamento, determinando que seu corpo fosse cremado. Entretanto, suspeitando que a família não fosse seguir essas instruções, na primavera de 1868, embebeu o corpo com óleo de linhaça, na sua oficina, ateou fogo e morreu nesse ato de auto-imolação.

Na manhã de 22 de maio, McPherson tinha coisas mais importantes com que se preocupar do que a empregada chorando e o caixão com o campanário, pois o carregamento de ouro do Banco Huddleston & Bradford seria embarcado a qualquer momento.

McPherson acenou para o guarda Burgess que estava no interior do bagageiro e Burgess respondeu com um cumprimento nervoso e discreto. McPherson sabia que no dia anterior, seu tio, o despachante, havia passado um sermão em regra em Burgess e ele sem dúvida estava com medo de perder o emprego, especialmente porque o outro guarda fora despedido. McPherson atribuiu a isso o evidente nervosismo do guarda.

Ou talvez fosse a mulher chorando. Não seria a primeira vez que um homem se deixava comover pelas lágrimas de uma mulher. McPherson aproximou-se da jovem e ofereceu seu lenço.

—Vamos, vamos, senhorita — disse ele. — Vamos, vamos... — Ele aspirou o ar. Perto do caixão, ele notou que o cheiro que saía pelos orifícios era realmente terrível. Mas isso não impediu que notasse que a jovem era atraente, mesmo abismada em tanta dor. — Vamos, vamos... — repetiu ele.

— Oh, por favor, senhor — exclamou a jovem, aceitando o lenço e fungando nele. — Oh, por favor, pode me ajudar? O homem é um animal sem coração, é isso que ele é.

— De que homem está falando? — perguntou McPherson, num assomo de sentimento ofendido.

— Por favor, senhor, aquele guarda da linha. Não quer deixar que eu embarque meu irmão morto no trem. Disse que tenho de esperar o outro guarda. Estou desesperada — disse ela, mais uma vez dissolvendo-se em lágrimas.

— Por que o miserável sem sentimento não a deixa embarcar seu irmão?

Entre soluços e fungadelas, ela disse alguma coisa sobre regulamentos.

— Regulamentos? — disse ele. — Para o diabo com os regulamentos, é o que eu digo. — Notou os seios arfantes e a cintura bonita e fina.

— Por favor, senhor, ele insiste em dizer que preciso esperar o outro guarda...

— Senhorita — disse ele —, eu sou o outro guarda, bem aqui na sua frente e vou providenciar para que seu irmão seja embarcado sem demora, e não dê atenção àquele desalmado.

— Oh, senhor, eu agradeço muito — disse ela, conseguindo sorrir entre as lágrimas.

McPherson ficou deslumbrado. Era jovem, estavam na primavera, a moça era bonita e logo estaria lhe devendo um favor. No mesmo instante, apanhado num turbilhão de emoções sentiu enorme compaixão e ternura por seu sofrimento.

— Espere um momento — disse ele, voltando-se para censurar Burgess por sua impiedosa e exagerada obediência aos regulamentos. Mas antes que tivesse tempo de externar sua opinião, viu aparecer na plataforma o primeiro dos guardas armados, com uniformes cinzentos, de Huddleston & Bradford, que traziam o carregamento de ouro.

O ouro foi embarcado com eficiente precisão. Primeiro, dois guardas entraram no vagão e o revistaram rapidamente. Então, mais oito guardas chegaram, em formação perfeita em volta de dois carros de bagagem, cada um empurrado por um grupo de carregadores suados — e cada um com uma pilha de caixas-fortes retangulares lacradas.

Uma prancha de embarque foi descida do vagão e os carregadores juntaram seus esforços para transportar as caixas do primeiro carro, depois do outro, para o interior do vagão.

Em seguida, um funcionário do banco, um homem bem vestido com ar autoritário, apareceu com duas chaves na mão. Logo depois, o tio de McPherson, o despachante, chegou com o segundo par de chaves. Seu tio e o funcionário do banco inseriram as chaves nas fechaduras e abriram os cofres.

As caixas-fortes com as barras de ouro foram postas nos dois cofres e as portas foram fechadas com o som pesado de metal que ecoou no interior do bagageiro. As chaves foram giradas nas fechaduras e os cofres pregados no chão.

O homem do banco partiu com suas duas chaves. O tio de McPherson guardou suas duas no bolso e aproximou-se do sobrinho.

— Fique atento ao seu trabalho esta manhã — disse ele. Abra todos os

volumes com tamanho suficiente para conter um homem, sem exceção. — Aspirou o ar. — Que fedor é esse?

McPherson inclinou a cabeça indicando a jovem e o caixão, a pouca distância dos dois. Era uma cena comovente, mas o tio franziu a testa sem o menor sinal de compaixão.

— Vai embarcar no trem da manhã?

— Sim, tio.

— Trate de abrir — disse o despachante, afastando-se.

— Mas, tio... — começou a dizer McPherson, pensando que ia perder a gratidão da jovem se insistisse em abrir o caixão.

O despachante parou.

— Não tem estômago para isso? Meu Deus, você é mesmo delicado. — Examinou o rosto do sobrinho, interpretando erradamente sua frustração. — Então, está bem. Estou bastante perto da morte e ela não me assusta. Eu mesmo faço isso.

E o despachante dirigiu-se para a jovem chorosa e para o caixão. McPherson o acompanhou relutantemente.

Nesse momento ouviram um som sinistro e paralisante, o badalar do sino patenteado do Sr. Bateson.

Mais tarde, no seu depoimento no tribunal, Pierce explicou a psicologia contida no seu plano. "Um guarda está sempre atento a certos fatos que podem ocorrer a qualquer momento. Eu sabia que o guarda da ferrovia suspeitava de algum truque para contrabandear uma pessoa viva para dentro do bagageiro. Muito bem, um guarda vigilante sabe que um caixão mortuário pode conter realmente um cadáver. Suas suspeitas são amenizadas pelo fato de ser um truque muito simples para ser tentado, óbvio demais.

"Contudo, mesmo assim, não sabe se o corpo está realmente morto e se for vigilante, vai exigir que o caixão seja aberto e durante alguns momentos fará um exame minucioso do corpo, para se certificar. Pode sentir o pulso, a temperatura da carne, ou até espetar um alfinete aqui ou ali. Muito bem, nenhum ser vivo passa por um exame desse tipo sem ser descoberto.

"Mas tudo muda de figura se ele pensar que o morto não está morto, mas vivo e encarcerado ali por engano. Nesse caso, as emoções se invertem. A suspeita é substituída pela esperança de que o corpo esteja vivo. Em vez da abertura solene e respeitosa do caixão, há a urgência frenética de libertar a vítima, partilhada imediatamente pelos parentes ansiosos, provando que não têm nada para esconder.

"E então, quando a tampa é aberta revelando os restos em decomposição, a reação é completamente diferente. As esperanças desesperadas morrem num instante, a verdade cruel e terrível é aparente ao primeiro olhar, não exigindo maiores investigações. Os parentes ficam amargamente desapontados e consternados. A

tampa é fechada — tudo por causa da morte das expectativas. Isso é simplesmente a natureza humana, própria do homem comum."

Ao som do sino, que tocou uma só vez e brevemente, a jovem deu um grito. Imediatamente, o despachante e o sobrinho correram para o caixão.

A essa altura, a moça estava completamente histérica, tentando inutilmente abrir a tampa com as mãos.

— Oh, meu querido irmão — oh Richard, querido Richard — oh Deus, ele está vivo...

Seus dedos corriam pela superfície da tampa de madeira, balançando o caixão e fazendo o sino tocar continuamente.

O despachante e o sobrinho, a despeito da ansiedade frenética da jovem, conseguiram agir sensatamente. O caixão era fechado com uma série de ganchos de metal e eles os abriram, um a um. Aparentemente, não ocorreu a nenhum dos dois, no calor do momento, que aquele caixão tinha mais ganchos de metal do que os outros. E certamente o processo foi prolongado pela agonia histérica da pobre moça que, tentando ajudar, prejudicava seu trabalho.

Os dois homens agiam com intensidade febril, ouvindo o tempo todo os gritos da jovem.

— Oh, Richard — Deus amado, apressem-se, ele está vivo — por favor, meu Deus, ele está vivo, louvado seja Deus...

E o sino não parava de tocar.

A comoção atraiu um bom número de curiosos que, um pouco afastados, observavam o estranho espetáculo.

— Oh, depressa, depressa, antes que seja tarde demais — exclamava a moça, e os homens trabalhavam freneticamente para abrir os fechos. Quando faltavam apenas dois, o despachante ouviu a jovem dizer: — Oh, eu sabia que não era cólera, como disse aquele charlatão. Oh, eu sabia...

O despachante ficou imóvel, com a mão no fecho.

— Cólera? — perguntou.

— Depressa, depressa — exclamou a jovem. — Há cinco dias estou esperando ouvir esse sino...

— Você disse cólera? — perguntou o despachante. — Cinco dias?

Mas o sobrinho, que não tinha parado de abrir os fechos, abriu a tampa do caixão.

— Graças a Deus! — exclamou a jovem, atirando-se sobre o corpo, como para abraçar o irmão. Mas parou sem completar o gesto, o que foi perfeitamente compreensível. Um fedor horrível e insuportável subiu como uma onda quase palpável e não era difícil determinar sua origem. O corpo, vestido com seu melhor traje domingueiro, as mãos cruzadas no peito estava em visível estado de

decomposição.

As mãos e o rosto estavam manchados e inchados, com uma repulsiva cor acinzentada, os lábios negros, bem como uma parte da língua que se projetava da boca. O despachante e o sobrinho mal tiveram tempo de ver o terrível espetáculo pois a jovem caiu no chão, desmaiada. O sobrinho correu imediatamente para ela e o despachante, com a mesma urgência, abaixou a tampa do caixão e começou a prender os ganchos com mais pressa do que os havia aberto.

A multidão de curiosos, quando ouviu dizer que o homem tinha morrido de cólera, desapareceu também rapidamente. Num instante a plataforma ficou quase deserta.

A criada logo voltou do desmaio, mas profundamente deprimida, repetindo em voz baixa:

— Como pode ser? Eu ouvi o sino. Não ouviu o sino? Eu ouvi muito bem, você não ouviu? O sino tocou.

McPherson fez o melhor possível para consolá-la dizendo que devia ter sido algum tremor no solo ou uma rajada de vento que fez o sino tocar.

O despachante da estação, vendo o sobrinho ocupado com a pobre criança, resolveu supervisionar pessoalmente o embarque da bagagem no trem para Folkestone. Fez isso com a maior diligência possível depois de uma experiência tão chocante. Duas senhoras bem vestidas tinham malas grandes e a despeito dos seus protestos, ele insistiu que fossem abertas para inspeção. Houve apenas mais um incidente, quando um cavalheiro robusto pôs um papagaio — ou um pássaro multicolorido — no bagageiro e depois exigiu que seu criado entrasse também para cuidar do pássaro durante a viagem. O despachante negou, explicando o novo regulamento da ferrovia. O cavalheiro ficou agressivo, depois ofereceu "uma boa gorjeta", mas o despachante, olhando para os dez xelins oferecidos — com maior interesse do que gostaria de admitir — percebeu que estava sendo observado por Burgess, o mesmo guarda que ele havia admoestado na véspera. Assim, foi obrigado a recusar o suborno, para seu desprazer e o do cavalheiro, que se afastou com uma ladainha de palavrões contundentes.

Esses incidentes em nada contribuíram para melhorar a disposição do despachante e quando finalmente o caixão malcheiroso foi embarcado no bagageiro, foi com certo prazer que ele advertiu Burgess, em tom de grande solicitude, para se cuidar, uma vez que o passageiro era uma vítima do Rei Cólera.

Burgess não disse uma palavra e continuou nervoso e agitado — exatamente como estava antes do conselho. Com um vago sentimento de insatisfação, o despachante gritou sua ordem final para o sobrinho mandando-o continuar o trabalho e trancar o vagão. Feito isso, voltou para o escritório.

Mais tarde, visivelmente embaraçado, o despachante testemunhou que não

lembrava de ter visto nenhum cavaleiro de barba vermelha na estação, naquele dia.

A ÚLTIMA INCONVENIÊNCIA

Na verdade, Pierce estava entre os curiosos que testemunharam o terrível incidente da abertura do caixão. Viu que tudo estava correndo exatamente como havia planejado e que Agar, com o horrível disfarce, não foi descoberto.

Quando a multidão se dispersou, Pierce aproximou-se do bagageiro, com Barlow ao seu lado, levando uma bagagem estranha num carrinho e teve um momento de inquietação quando viu o despachante se encarregar do exame das bagagens. Pois, para quem estivesse prestando atenção, o comportamento de Pierce era bastante estranho.

Para todos os efeitos, ele era um próspero cavalheiro. Mas sua bagagem era incomum, para não dizer mais. Cinco malas idênticas, de couro, de um tipo pouco próprio para um cavalheiro. O couro era de qualidade inferior e as costuras grosseiras e aparentes. Se eram inquestionavelmente fortes, eram também inegavelmente feias.

Mas nenhuma era muito grande e Pierce poderia levá-las no porta-bagagem do vagão de passageiros, em vez de despachá-las no bagageiro que, em geral, era considerado inconveniente devido à demora no embarque e na retirada da bagagem, no início e no fim da viagem.

Finalmente, o criado de Pierce — ele não usou os serviços de um carregador — levou as malas para o bagageiro, uma de cada vez e embora fosse um homem grande e forte, era evidente que as carregava com grande esforço.

Resumindo, um observador atento teria se perguntado por que um fino cavalheiro viajava com cinco malas pequenas e feias, idênticas e extremamente pesadas. Pierce observou o despachante quando as malas foram postas do vagão, uma a uma. O homem, um pouco pálido ainda, nem as viu e só pareceu sair da sua absorção quando outro cavalheiro chegou com o papagaio e começou a discussão.

Pierce afastou-se, mas não tomou o trem. Ficou perto da extremidade da plataforma, aparentemente interessado na jovem que voltava do desmaio. Na verdade, estava fazendo hora para ver o cadeado que logo teria de abrir. Quando o despachante voltou para o escritório, com uma ordem final para o sobrinho, a jovem dirigiu-se para os vagões de passageiros. Pierce caminhou ao lado dela.

— Está bem agora, senhorita? — ele perguntou.

— Espero que sim — disse ela.

No meio da multidão que começava a embarcar, ele disse:

— Talvez queira viajar na minha cabine?

— É muita bondade sua — disse ela, inclinando levemente a cabeça.

— *Livre-se dele.* — Pierce murmurou. — Não quero saber como, mas livre-se dele.

Miriam não sabia de quem ele estava falando, mas então ouviu uma voz forte.

— Edward! Edward! Meu caro!

Um homem abria caminho entre os passageiros, caminhando na direção deles.

Pierce acenou alegremente.

— Henry — disse, em voz alta —, Henry Fowler, que surpresa extraordinária.

Fowler aproximou-se e apertou a mão de Pierce.

— Que prazer encontrá-lo aqui — disse ele. — Vai neste trem? Sim? Ora, eu também vou, na verdade — ah... — interrompeu a frase quando viu a jovem ao lado de Pierce. Fowler deixou transparecer um certo constrangimento, pois, nos termos do seu mundo social, os sinais estavam um tanto confusos. Ali estava Pierce, muito bem vestido, com suas finas maneiras de sempre, ao lado de uma jovem que era, Deus sabia, muito bonita, mas, a julgar pelo vestido e pelo porte, bastante comum.

Pierce era solteiro e jovem, e podia viajar abertamente com a amante para umas férias à beira-mar, mas sua companheira devia estar elegantemente vestida, o que não era o caso da que ele via. Se ela trabalhasse na casa dele, dificilmente Pierce estaria com ela num lugar público como uma estação de trem, a não ser por algum motivo especial e Fowler não podia imaginar nenhum motivo que justificasse o fato.

Então percebeu também que a jovem tinha chorado. Os olhos estavam vermelhos e havia marcas de lágrimas no seu rosto. Era uma situação extremamente estranha e fora do comum e...

Pierce resolveu a angústia de Fowler.

— Perdoe-me — disse ele, voltando-se para a jovem. — Eu devia apresentá-la, mas não sei seu nome. Este é o Senhor Henry Fowler.

A moça com um sorriso tímido disse:

— Sou Brigid Lawson. Como está, senhor?

Fowler inclinou a cabeça com vaga polidez, esforçando-se para assumir a atitude correta perante uma jovem evidentemente de classe inferior (portanto, não uma igual) e uma mulher sofredora (portanto merecedora de uma conduta cavalheiresca, desde que seu sofrimento tivesse origem em algum fato moralmente aceitável). Pierce esclareceu a situação.

— A senhorita, ah, Lawson acaba de passar por uma dolorosa experiência — disse Pierce. — Vai viajar para acompanhar o corpo do irmão que está agora no bagageiro. Mas há poucos momentos, o sino tocou e com a esperança de que o irmão estivesse vivo, o caixão foi aberto...

— Compreendo, compreendo — disse Fowler —, muito chocante...

— É, mas foi um falso alarme — disse Pierce.

— E, portanto, duplamente doloroso, suponho — disse Fowler.

— Ofereci-me para acompanhá-la durante a viagem — explicou Pierce.

— Na verdade, eu teria feito o mesmo — disse Fowler — se estivesse no seu lugar. De fato... — Hesitou. — Seria uma imposição da minha parte se me juntar aos dois?

Pierce não hesitou.

— Por favor — disse, alegremente. — Isto é, a não ser que a Senhorita Lawson...

— São muito gentis, os dois — disse a moça, com um sorriso corajoso de agradecimento.

— Bem, então está combinado — disse Fowler, sorrindo também. Pierce notou que ele olhava com muito interesse para a jovem. — Mas, não querem vir comigo? Minha cabine fica logo ali na frente — apontou para os vagões de primeira classe.

Pierce, é claro, pretendia ficar na última cabine do último vagão. Desse modo percorreria a menor distância possível no teto dos vagões de segunda classe, até chegar ao bagageiro.

— Na verdade — disse Pierce — já tenho a minha cabine — apontou para a parte de trás do trem. — Minha bagagem já está lá e já paguei o cabineiro e tudo o mais.

— Meu caro Edward — disse Fowler. — Como foi parar lá atrás? As melhores cabines são as da frente, onde o ruído do trem é menor. Venham, garanto que vão gostar muito mais de uma cabine na frente e especialmente se a Senhorita Lawson não está se sentindo bem... — Deu de ombros, como dizendo que a conclusão era óbvia.

— Nada me daria maior prazer — disse Pierce — mas para ser franco, escolhi a cabine seguindo o conselho do meu médico, depois de ter me sentido mal em algumas viagens de trem. Ele atribuiu ao efeito das vibrações da locomotiva, e me aconselhou a ficar o mais distante possível da máquina — continuou com uma pequena risada. — Na verdade, ele me disse para viajar de segunda classe, mas não consigo fazer isso.

— Não é de admirar — disse Fowler. — Há um limite para uma vida saudável, embora não se possa esperar que um médico saiba disso. O meu me aconselhou a deixar de tomar vinho — pode imaginar tanta temeridade? Muito bem, então viajaremos na sua cabine.

Pierce disse:

— Talvez a Senhorita Lawson prefira, como você, a cabine da frente.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Fowler exclamou:

— O quê? E roubá-la de você, obrigando-o a uma viagem solitária? Não posso nem pensar nisso. Vamos, vamos, o trem logo vai partir. Onde fica a sua cabine?

Atravessaram todo o trem para chegar à cabine de Pierce. Fowler, com

imperturbável bom humor, falou o tempo todo sobre os médicos e suas manias. Entraram na cabine de Pierce e fecharam a porta. O trem nem sempre partia exatamente no horário, mas mesmo assim, o tempo era curto.

Pierce precisava se livrar de Fowler. Não podia sair da cabine para o teto do vagão, na frente de quem quer que fosse — e muito menos na frente de uma pessoa do banco. Porém, ao mesmo tempo, precisava se livrar de Fowler de tal modo que não despertasse nenhuma suspeita, pois, depois do roubo, o Sr. Fowler ia procurar se lembrar — e provavelmente seria interrogado pelas autoridades — da menor sugestão de irregularidade que pudesse explicar quem eram os ladrões.

O Sr. Fowler estava falando ainda, mas agora sua atenção era toda dirigida à jovem, que o ouvia absorta e fascinada.

— Foi o mais extraordinário golpe de sorte encontrar Edward hoje. Você faz esta viagem com frequência, Edward? Eu só faço uma vez por mês. E a senhora, Senhorita Lawson?

— Já estive num trem antes — disse ela — mas nunca na primeira classe, mas minha patroa desta vez me comprou passagem de primeira classe, porque, o senhor sabe...

— Oh, é claro, é claro — disse Fowler, com ar superior. — Devemos fazer o melhor possível nos momentos difíceis. Devo confessar que esta manhã estou um pouco tenso também. Edward deve ter adivinhado o motivo da minha viagem e portanto da minha tensão. O que me diz, Edward? Não adivinhou?

Pierce não estava ouvindo. Olhava pela janela, imaginando como ia se livrar de Fowler nos poucos minutos seguintes. Olhou para o banqueiro.

— Acha que sua bagagem está segura? — perguntou.

— Minha bagagem? Bagagem? O que... ah, na minha cabine? Eu não tenho bagagem, Edward. Trago apenas uma valise, pois não fico mais de duas horas em Folkestone, mal tenho tempo para comer alguma coisa, descansar um pouco ou fumar um charuto, ante de tomar o trem de volta.

Fumar um charuto, pensou Pierce. É claro. Tirou do bolso do casaco um longo charuto e acendeu.

— Pois então, minha cara jovem — disse Fowler —, nosso amigo Edward certamente adivinhou o objetivo da minha viagem, mas a senhorita continua sem saber.

Na verdade, ela olhava para o Sr. Fowler, com a boca entreaberta.

— A verdade é que este não é um trem comum e eu não sou um passageiro comum. Muito ao contrário, eu sou gerente geral da firma bancária Huddleston & Bradford, Westminster, e hoje, a bordo deste trem — a menos de duzentos passos de onde estamos — minha firma está despachando um carregamento de barras de ouro que será enviado por via marítima, para nossos bravos soldados. Será que imagina

quanto? Não? Bem, então — é uma quantia maior do que doze mil libras, minha cara criança.

— Nossa! — exclamou a jovem. — E o senhor está encarregado de tudo isso?

— Exatamente. — Henry Fowler estava decididamente satisfeito e com razão. Sem dúvida tinha impressionado a jovem com suas palavras e ela olhava para ele com clara admiração. E talvez mais alguma coisa? Ela parecia ter esquecido completamente de Pierce.

Isto é, até o charuto de Pierce encher a cabine de fumaça cinzenta. Ela tossiu, delicada e sugestivamente, como sem dúvida via a patroa fazer. Pierce, olhando pela janela, aparentemente não notou.

A moça tossiu outra vez, com mais insistência. Vendo que Pierce não tinha percebido, Fowler achou que devia falar.

— Está se sentindo bem? — perguntou.

— Eu estava, mas estou tonta... — Fez um gesto vago na direção da fumaça.

— Edward — disse Fowler —, acho que seu charuto está incomodando a Senhorita Lawson.

Pierce olhou para ele e disse:

— O quê?

— Quero dizer, será que se importaria... — começou Fowler.

A jovem inclinou-se para a frente e disse:

— Acho que vou desmaiar. Por favor — e estendeu a mão para a porta, como para abri-la.

— Veja agora. — Fowler disse para Pierce, enquanto abria a porta e ajudava a moça a sair, pesadamente apoiada no seu braço.

— Eu não tinha idéia — desculpou-se Pierce. — Acredite, se eu soubesse...

— Devia ter perguntado antes de acender essa coisa diabólica — disse Fowler, com a moça apoiada nele, dobrando os joelhos, apertando os seios contra o peito dele.

— Eu sinto muitíssimo — disse Pierce, e fez menção de se levantar para ajudar.

A última coisa que Fowler queria era ajuda.

— De qualquer modo, se o médico acha que o trem faz mal à sua saúde, você não devia fumar — disse ele, bruscamente. — Venha, minha cara — disse para a moça —, minha cabine fica por aqui, e podemos continuar nossa conversa sem o perigo de fumaças nocivas.

A jovem foi de bom grado.

— Eu sinto muitíssimo — repetiu Pierce, mas nenhum dos dois olhou para trás.

Logo em seguida soou o apito e o trem começou a se mover. Pierce entrou na cabine, fechou a porta e viu a estação de London Bridge passar por sua janela

enquanto o trem da manhã, para Folkestone, ganhava velocidade.

PARTE IV

O GRANDE ROUBO DO TREM

UMA RESSURREIÇÃO NOTÁVEL

Burgess, trancado no bagageiro sem janelas, sabia a localização do trem em qualquer ponto da viagem, só pelo barulho das rodas nos trilhos. Ouviu primeiro o som metálico, mas abafado, das rodas nos trilhos bem assentados da estação. Então, mais tarde, os tons mais ressoantes quando o trem atravessou Bermondsey sobre a passagem elevada, por alguns quilômetros, e mais tarde ainda, a transição para o som mais abafado e áspero que anunciava o começo da estrada para o sul, saindo de Londres para o campo.

Burgess não tinha a menor idéia do plano de Pierce e ficou atônito quando o sino do caixão começou a tocar. Atribuiu à vibração e ao balanço do trem, mas alguns momentos depois ouviu as batidas e depois a voz abafada. Não entendeu as palavras e aproximou-se do caixão.

— Abra isso, com os diabos — disse a voz.

— Você está vivo? — perguntou Burgess, espantado.

— Sou eu, Agar, seu maldito idiota — veio a resposta.

Burgess começou apressadamente a abrir os fechos do caixão. Logo Agar — coberto com uma horrível pasta verde e fedendo tremendamente, mas em tudo o mais parecendo normal — saiu do caixão e disse:

— Preciso agir depressa. Me dê aquelas malas — apontou para as cinco malas de couro empilhadas num canto do vagão.

Burgess obedeceu rapidamente.

— Mas o vagão está trancado — disse ele. — Como vai abrir?

— Nosso amigo — disse Agar — é alpinista.

Agar abriu os cofres e retirou a primeira caixa-forte, quebrando o selo e retirando as barras de ouro — cada uma com a marca da coroa real e as iniciais "H & B". Substituiu as caixas pelos pequenos sacos costurados, cheios de chumbo, que retirou das malas.

Burgess observava em silêncio. O trem estava quase já no rumo sul, tendo passado o Palácio de Cristal, seguindo na direção de Croydon e Redhill, de onde seguiria para o leste, a caminho de Folkestone.

— Alpinista? — disse Burgess, finalmente.

— Sim — respondeu Agar. — Ele vem pelo teto do trem para abrir a porta.

— Quando? — perguntou Burgess, franzindo a testa.

— Depois de Redhill, e volta para o vagão de passageiros antes de Ashford. É tudo campo aberto nessa área. Quase não tem perigo de ser visto. — Agar não levantou os olhos do que estava fazendo.

- Redhill até Ashford? Mas é o trecho mais veloz da viagem.
- Sim, acho que é.
- Pois então — disse Burgess — seu amigo é louco.

A ORIGEM DA AUDÁCIA

Num momento do julgamento de Pierce, o promotor, num lapso involuntário, deixou perceber sua admiração.

— Então não era verdade — disse ele — que o senhor tinha experiência de alpinismo?

— Nenhuma — disse Pierce. — Eu disse isso só para tranquilizar Agar.

— Não conhecia o Sr. Coolidge, nem tinha lido extensivamente sobre o assunto, nem possuía nenhum item de equipamento necessário para a atividade de alpinista?

— Não — disse Pierce.

— Tinha talvez alguma experiência passada de atividade física ou atlética que o fizesse pensar que era capaz de realizar o que havia planejado?

— Nenhuma — disse Pierce.

— Muito bem — disse o promotor. — Devo perguntar, simplesmente por motivos de curiosidade humana, o que o fez acreditar, senhor, que sem nenhum treino anterior, ou conhecimento do assunto, ou equipamento especial, ou habilidade atlética, o que o fez acreditar que poderia ter sucesso num empreendimento evidentemente perigoso e, eu diria, quase suicida como andar no teto e se pendurar ao lado de um vagão de um trem veloz? Onde conseguiu a audácia para realizar tal ato?

Os jornais mencionam que nesse ponto a testemunha sorriu.

— Eu sabia que não ia ser difícil — disse ele — apesar da aparência de perigo, pois havia lido nos jornais várias descrições dos incidentes que são chamados de oscilação dos vagões, e também a explicação, dada por engenheiros, de que as forças são causadas pela natureza do movimento rápido do ar, como é demonstrado nos estudos do falecido italiano Baroni. Desse modo, eu sabia que essas forças agiriam de modo a prender meu corpo à superfície do vagão, dando-me completa segurança.

O promotor pediu maior esclarecimento, que Pierce deu de modo um tanto complexo. O sumário dessa parte do julgamento, descrito no *Times*, é mais confuso ainda. A idéia geral era de que Pierce — a essa altura quase reverenciado pela imprensa como um mestre do crime — foi ajudado pelo conhecimento que tinha de algum princípio científico.

Por volta de 1840, quando os trens começaram a atingir velocidades de 80 e até 112 quilômetros por hora, começou a ser notado um fenômeno estranho. Sempre que um trem passava a grande velocidade por outro, parado na estação, os vagões dos dois trens tendiam a se aproximar, devido ao que era chamado de "oscilação do

vagão". Em alguns casos, a inclinação dos vagões era tão pronunciada que alarmava os passageiros, e na verdade muitas vezes os vagões ficavam levemente avariados.

Os engenheiros das vias férreas, depois de um período de debate técnico, admitiram finalmente sua ignorância no assunto. Nenhum deles tinha a menor idéia do que originava a "oscilação dos vagões", nem do que podiam fazer para corrigi-la. E preciso lembrar que os trens eram os objetos de movimento mais rápidos na história humana e suspeitavam que o comportamento desses veículos velozes era governado por algum conjunto de leis físicas ainda desconhecidas. A confusão foi exatamente igual à que aconteceu com os engenheiros aeronáuticos, um século mais tarde, quando o fenômeno da "pancada" do avião, quando se aproximava da velocidade do som, era também inexplicável e os meios para corrigi-lo, desconhecidos.

Entretanto, em 1851 a maioria dos engenheiros havia decidido corretamente que a oscilação dos vagões era um exemplo da Lei de Bernoulli, formulada por um matemático suíço no século anterior, segundo a qual a pressão dentro de uma corrente de ar em movimento é menor do que a pressão do ar que a circunda.

Isso significa que dois trens em movimento, muito próximos um do outro, são sugados pelo vácuo parcial formado entre eles. A solução do problema era simples e logo foi adotada. Os trilhos de duas linhas paralelas foram assentados com um intervalo maior entre eles e a oscilação desapareceu.

Nos tempos modernos, a Lei de Bernoulli explica diversos fenômenos, como as curvas das bolas de beisebol, porque um barco a vela pode velejar contra o vento, e porque as asas de um avião sustentam o aparelho no ar. Mas naquela época, como hoje, a maioria das pessoas não entendia realmente esses fatos em termos da física. Os viajantes da era do jato talvez fiquem surpresos ao saber que um jato voa porque é literalmente sugado para cima por um vácuo parcial formado sobre a superfície das asas, e a única finalidade dos motores é impelir as asas para a frente com velocidade suficiente para criar uma corrente de ar em movimento que produz o vácuo necessário.

Além disso, um físico questionaria a correção dessa explicação, insistindo em afirmar que uma explicação rigorosa dos fatos está além do "senso comum" popular sobre esses fenômenos.

Em vista dessa complexidade, podemos compreender a confusão de Pierce e a conclusão errônea à qual ele chegou. Aparentemente, ele acreditava que a corrente de ar em volta do vagão em movimento, descrita por "Baroni", agiria de modo a sugar seu corpo para baixo, no teto do vagão, ajudando-o assim a manter o equilíbrio enquanto se movia de um vagão para o outro.

A verdade é que a Lei de Bernoulli não teria nenhum efeito sobre seu corpo. Ele seria simplesmente um homem exposto a uma rajada de ar de oitenta quilômetros

por hora, que podia atirá-lo para fora do trem a qualquer momento, e era absurdo ele fazer o que fez.

Porém, sua desinformação não parava aí. O próprio fato da viagem altamente veloz era tão novo que Pierce, como a maioria dos seus contemporâneos, não tinha idéia das conseqüências de ser atirado para fora de um veículo em alta velocidade.

Pierce vira Spring Heel Jack morrer depois de ser atirado do trem em movimento. Mas viu o fato como algo inevitável, como o resultado de uma inexorável lei da física. Naquela época, tinha-se somente uma vaga noção de que ser atirado de um trem em movimento era perigoso, e mais perigoso se o trem estivesse em alta velocidade. Mas pensavam que a natureza do perigo estava no modo exato em que a pessoa caísse. Um homem de sorte podia se levantar apenas com alguns arranhões, ao passo que outro podia quebrar o pescoço. Resumindo, uma queda do trem era considerada igual à queda de um cavalo, umas eram piores do que outras, e ponto final.

Na verdade, na história do começo das ferrovias aparece um esporte arriscado chamado *saltar-vagão*, praticado pelo tipo de jovens que mais tarde escalariam edifícios altos e realizariam outros atos loucos. Os estudantes das universidades eram muito dados a esse tipo de diversão.

Saltar-vagão consistia em saltar de um vagão de trem em movimento para o chão. Embora a prática fosse condenada por funcionários do governo e os guardas das vias férreas a proibissem rigorosamente, o esporte esteve na moda por algum tempo, de 1830 a 1835. Muitos saltadores não sofriam mais do que algumas equimoses, ou, na pior das hipóteses, uma fratura. Finalmente o esporte saiu de moda, mas sua lembrança contribuiu para confirmar a crença de que uma queda do trem não era necessariamente letal.

Na verdade, na década de 1830, a maioria dos trens tinha uma velocidade média de quarenta quilômetros por hora. Mas em 1850, quando a velocidade havia duplicado, as conseqüências de uma queda eram diferentes e desproporcionais às de uma queda em velocidade muito menor. Porém, isso não era compreendido, como atesta o depoimento de Pierce.

O promotor perguntou:

— O senhor tomou alguma precaução no sentido de evitar uma queda?

— Tomei — disse Pierce — e me causou grande desconforto. Sob minha roupa comum, usei duas peças de roupa de baixo de algodão grosso, o que me fez sentir um calor excessivo, mas achei que era necessário para a minha proteção.

Assim, completamente despreparado e calculando erroneamente os efeitos dos princípios físicos envolvidos, Edward Pierce, com uma corda enrolada no ombro, abriu a porta da cabine e subiu para o teto do vagão em movimento. Sua única proteção real — e a fonte da sua audácia — estava na interpretação completamente

errada do perigo que estava enfrentando.

O vento o atingiu como um punho enorme, gritando nos seus ouvidos, enchendo sua boca e puxando seu rosto, queimando sua pele. Pierce estava com o casaco longo que agora tatalava atrás dele, açoitando suas pernas "com tanta fúria que chegava a machucar".

Por alguns momentos ficou completamente desorientado pela fúria inesperada do ar sibilante que passava por ele. Agachou-se, agarrando a superfície de madeira, e parou para se orientar. Descobrira que quase não via nada à sua frente por causa das partículas de fuligem levadas da máquina pelo vento. Num instante tinha a roupa, o rosto e as mãos cobertos por uma fina película negra. Debaixo dele, o vagão balançava e saltava de modo alarmante e imprevisível.

Naqueles primeiros momentos, Pierce quase desistiu, mas, passado o choque inicial, resolveu prosseguir com seu plano. Arrastando-se apoiado nas mãos e nos joelhos, seguiu para a frente e parou no espaço que o separava do vagão seguinte, uma abertura de mais ou menos um metro e meio. Só depois de algum tempo reuniu coragem para saltar, mas conseguiu sem maiores incidentes.

Continuou se arrastando para a extremidade do segundo carro. O casaco, levado para a frente, cobria seu rosto e os ombros, batendo em volta dos olhos. Depois de alguns momentos de luta ele tirou o casaco e o soltou ao vento. O casaco rodopiou no ar e finalmente caiu ao lado da estrada. Parecia um homem caído e uma espécie de aviso do que aconteceria para ele se cometesse o menor erro.

Livre do casaco, conseguiu se movimentar com maior rapidez nos vagões de segunda classe. Saltou de um para o outro com segurança cada vez maior e chegou ao bagageiro depois de um tempo que não foi possível calcular. Pareceu uma eternidade, porém, mais tarde, concluiu que não devia ter sido mais de cinco ou dez minutos.

Uma vez no teto do vagão de bagagens, segurou num *slap-per* aberto e desenrolou a corda. Uma das pontas foi introduzida na abertura e depois de um momento sentiu um puxão, quando Agar a segurou.

Pierce passou para a segunda abertura e esperou, curvado contra a força constante e feroz do vento, até aparecer a mão verde e sinistra de Agar, com a ponta da corda. Pierce a segurou e a mão desapareceu.

A corda ia agora de uma abertura para a outra, passando por dentro do vagão. Ele amarrou as duas pontas no cinto e escorregou pelo lado do vagão até chegar à altura da fechadura.

Ficou dependurado por vários minutos, tentando uma gazua depois da outra e operando, como ele mesmo disse mais tarde, "com o grau de delicadeza que as circunstâncias permitiam". Ao todo ele tentou mais de doze chaves falsas e estava começando a desesperar quando ouviu o apito estridente do trem.

Olhou para a frente, viu o túnel Cuckseys e num instante mergulhou na escuridão e no ruído das rodas do trem que ecoava no túnel. O túnel tinha 800 metros de comprimento. Não podia fazer nada senão esperar. Quando o trem saiu para a luz do dia outra vez, ele continuou a trabalhar com as chaves e quase imediatamente uma delas girou com um ruído animador. O cadeado se abriu com um estalo.

O resto foi simples. Retirou o cadeado, abriu a chapa de ferro, chutou a porta até Burgess abrir. O trem da manhã passou pela cidade sonolenta de Gladstone, mas ninguém notou o homem dependurado na corda passando para o interior do vagão das bagagens e estirando-se no chão completamente exausto.

UM PROBLEMA DE TRAJE

No tribunal, Agar disse que, quando Pierce aterrissou dentro do bagageiro, ele e Burgess não o reconheceram.

— Eu olhei para ele, apostando qualquer coisa que era um indiano ou um negro, de tão escuro que estava, e a roupa toda rasgada, como se ele tivesse saído de uma briga — ou tivesse levado muita pancada. A roupa era um monte de trapos e negra como ele e eu disse para mim mesmo, o chefe contratou um novo homem para fazer o serviço. E então eu vi que era ele mesmo, de verdade.

Sem dúvida deviam formar um trio bizarro. Burgess, o guarda, com seu uniforme azul muito limpo e passado, Agar, esplendidamente vestido a rigor, o rosto e as mãos manchados e esverdeados e Pierce, de quatro no meio do vagão, com a roupa em frangalhos e coberto de fuligem negra da cabeça aos pés.

Mas a recuperação foi rápida e todos trabalharam com eficiência. Agar já havia completado a troca, os cofres estavam trancados outra vez com o novo tesouro de chumbo, as cinco malas de couro estavam enfileiradas ao lado da porta, cada uma com sua carga de barras de ouro.

Pierce levantou-se e tirou o relógio do bolso do colete, um objeto de ouro absurdamente limpo, preso ao cordão negro de fuligem. Abriu a tampa. Eram 8:37h.

— Cinco minutos — disse ele.

Agar balançou a cabeça, indicando que tinha ouvido. Dentro de cinco minutos iam passar pela parte mais deserta da estrada, onde Barlow os esperava para apanhar as malas atiradas do trem. Pierce sentou-se e olhou pela porta aberta do vagão para o campo extenso pelo qual passavam.

— Você está bem? — perguntou Agar.

— Muito bem — respondeu Pierce. — Mas não me agrada a idéia de voltar.

— Sim, foi um estrago geral — disse Agar. — Você está horrível. Vai trocar quando voltar para a cabine?

Pierce, respirando pesadamente, custou a compreender o que ele estava dizendo.

— Trocar?

— Isso mesmo, de roupa. — Agar sorriu. — Se descer em Folkestone do jeito que está, é o nosso fim.

Pierce olhou para as colinas verdes lá fora, ouvindo o ronco das rodas nos trilhos. Ali estava um problema no qual não havia pensado e a solução não constava dos seus planos. Mas Agar tinha razão. Não podia desembarcar em Folkestone parecendo um limpador de chaminé, especialmente considerando que Fowler sem

dúvida ia procurá-lo para se despedir.

— Preciso trocar de roupa — disse, em voz baixa.

— O que você disse? — perguntou Agar, pois o vento sibi-lava entrando pela porta aberta.

— Não tenho outra roupa para vestir — disse Pierce. — Nunca imaginei... — parou de falar e franziu a testa. — Eu não trouxe outra roupa.

Agar riu com vontade.

— Então vai bancar o maltrapilho, como me fez bancar o morto. — Bateu com a mão no joelho. — Não é mais do que justo.

— Não tem graça nenhuma — disse Pierce, zangado. — Tenho conhecidos no trem, que certamente vão me ver e perceber que troquei de roupa.

A alegria de Agar desapareceu e ele coçou a cabeça com a mão verde.

— E esses seus conhecidos vão dar por sua falta se não estiver na estação?

Pierce fez um gesto afirmativo.

— Pois então é a própria armadilha do demônio — disse Agar, olhando para a bagagem empilhada no vagão. — Me dê o molho de chaves falsas que eu abro uma ou duas malas e vamos encontrar a roupa certa para você.

Estendeu a mão, mas Pierce estava olhando para o relógio. Faltavam dois minutos para o ponto em que iam jogar as malas. Treze minutos depois disso, o trem ia parar em Ashford e a esse tempo Pierce devia estar de volta à sua cabine.

— Não temos tempo — disse ele.

— É a nossa única chance... — começou a dizer Agar, mas não continuou. Pierce o examinava Pensativamente, da cabeça aos pés. — Não — disse Agar. — Que diabo, não!

— Somos quase do mesmo tamanho — disse Pierce. — Agora, depressa!

Virou para o lado e Agar se despiu, praguejando em voz baixa. Pierce olhava a paisagem. Estavam perto agora e ele se inclinou para arrumar as malas perto da porta do vagão.

Viu a árvore ao lado da estrada, um dos seus pontos de referência. Logo veria uma cerca de pedra... Lá estava... e então uma carroça enferrujada, abandonada. Viu a carroça.

Um momento depois, avistou o topo de uma colina e Barlow, de perfil, ao lado do carro.

— Agora! — disse Pierce e com um grunhido atirou uma mala atrás da outra para fora do trem em movimento. Viu quando elas saltaram no chão, uma a uma. Viu Barlow descendo a colina rapidamente. Então, o trem entrou numa curva.

Pierce olhou para Agar, que estava só com a roupa de baixo, estendendo a roupa domingueira para Pierce.

— Aqui está e malditos sejam seus olhos.

Pierce apanhou a roupa, enrolou numa bola apertada, amarrou com o cinto de Agar e sem uma palavra saiu para o vento. Burgess fechou a porta do vagão e alguns momentos depois o guarda e Agar ouviram o estalido da chapa de ferro e outro estalido quando o cadeado foi fechado. Ouviram os pés de Pierce no lado do trem quando ele subiu para o teto e então viram a corda, esticada no teto, passada pelas duas aberturas, amolecer de repente. A corda foi puxada para fora. Ouviram os passos de Pierce no teto do vagão por mais um momento e depois, nada.

— Diabo, estou com frio — disse Agar. — Acho melhor você me fechar outra vez — e entrou no caixão.

Pierce não tinha se adiantado muito ainda na sua jornada de volta quando compreendeu que havia cometido outro erro. Por seus cálculos, para ir do bagageiro até sua cabine levaria o mesmo tempo da viagem de ida. Mas quase imediatamente, percebeu seu engano.

A viagem de volta, contra a força do vento, ia ser muito mais demorada. E além disso, estava carregando a roupa apertada contra o peito, só com uma das mãos livre para se firmar no teto dos vagões, enquanto se arrastava de quatro. Seu progresso era agonizantemente lento. Depois de alguns minutos compreendeu que de nenhum modo ia cumprir o horário planejado. Estaria ainda se arrastando no teto dos vagões quando o trem chegasse na estação de Ashford. Seria visto e estava tudo acabado.

Sentiu uma revolta profunda, vendo que, no fim, o último passo do plano ia sair irremediavelmente errado. O fato de ser o responsável pelo erro o enfurecia mais ainda. Agarrado no teto do vagão que balançava e saltava, ele praguejou no vento, mas o silvo agudo do ar em movimento abafou suas palavras.

Pierce sabia o que tinha de fazer, mas não pensou nisso. Continuou avançando do melhor modo possível. Estava entre o quarto e o sétimo vagão de segunda classe quando percebeu que o trem diminuía a marcha. O apito tocou.

Entrecerrando os olhos, ele viu a estação de Ashford, um pequeno retângulo com telhado cinzento, ao longe. Não dava para ver os detalhes, mas sabia que em menos de um minuto o trem estaria suficientemente perto para ser visto pelos passageiros que estivessem na plataforma. Por um breve momento ele pensou o que iam pensar se o vissem e, então, ficou de pé e correu, saltando de um carro para o outro sem hesitar, quase cego pela fumaça que saía da máquina diretamente para ele.

Conseguiu chegar são e salvo ao vagão de primeira classe, desceu, abriu a porta, entrou na sua cabine e imediatamente fechou as cortinas. O trem seguia agora em marcha muito lenta. Pierce deixou-se cair no banco e ouviu o silvo dos freios e o grito do cabineiro, "Estação de Ashford... Ashford... Ashford..."

Pierce suspirou.

Tinham conseguido.

O FIM DA LINHA

Vinte e sete minutos depois, o trem chegou a Folkestone, o fim da linha da South Eastern Railway e todos os passageiros desembarcaram. Pierce saiu da cabine, parecendo, segundo ele, "muito melhor do que eu merecia, mas longe de ser um modelo de elegância, para não dizer mais".

Embora tivesse usado o lenço molhado com cuspe para limpar o rosto e as mãos, descobriu que a fuligem era por demais obstinada. Como não tinha espelho, só podia imaginar a condição do seu rosto, mas as mãos continuavam acinzentadas. Além disso, suspeitava que seu cabelo cor de areia devia estar bem mais escuro e deu graças por poder cobri-lo com o chapéu.

Porém, a não ser pela cartola, todo o resto do vestuário caía pessimamente nele. Mesmo numa época em que era raro ver uma roupa perfeita, Pierce sentia-se desagradavelmente mal vestido. A calça tinha quase cinco centímetros menos do que o comprimento aceito e o corte do casaco, embora elegante, era vistoso demais, o tipo que os verdadeiros cavalheiros evitavam, por considerar indecentemente *nouveau riche*. E, naturalmente, fedia a gato morto.

Assim, foi com uma sensação de medo que Pierce desembarcou na plataforma apinhada de Folkestone. Sabia que a maioria das pessoas ia pensar que sua aparência era uma farsa. Era comum aos homens que queriam parecer cavalheiros comprar roupas de segunda mão, que usavam com orgulho, ignorando o ridículo. Mas Pierce sabia que Henry Fowler, com a mente sempre sintonizada nas menores diferenças da posição social, ia perceber o absurdo dos seus trajes imediatamente, e começaria a imaginar o que estava acontecendo. Na certa perceberia que, por algum motivo, Pierce havia trocado de roupa durante a viagem e ficaria intrigado.

A única esperança de Pierce era não chegar perto de

Fowler. Resolveu que, se fosse possível, se afastaria com um aceno amistoso, de longe, como quem tinha negócios urgentes mais importantes do que as amenidades sociais. Fowler certamente compreenderia um homem que punha os negócios em primeiro lugar. E de longe, com toda aquela gente entre eles, a roupa bizarra de Pierce talvez passasse despercebida.

Porém, aconteceu que Fowler avançou, abrindo caminho entre a multidão, antes que Pierce o visse. Fowler estava com a jovem ao lado e não parecia muito feliz.

— Escute, Edward — disse Fowler, apressadamente. — Eu seria grato pelo resto da via se você quisesse... — Parou de falar e abriu a boca.

Santo Deus, pensou Pierce. Acabou.

— *Edward* — disse Fowler, olhando atônito para o amigo. A mente de Pierce

estava a toda, tentando antecipar as perguntas, procurando as respostas. Começou a suar.

— Edward, meu caro amigo, você está *horrível*.

— Eu sei — disse Pierce —, acontece que...

— Parece a própria imagem da morte. Ora, decididamente, está cinzento como um morto. Quando me disse que passava mal no trem, não imaginei... Está se sentindo bem?

— Acho que sim — disse Pierce, com um suspiro de alívio sincero. — Estarei muito melhor depois de almoçar.

— Almoçar? Sim, é claro, precisa almoçar imediatamente e tomar um gole de *brandy* também. Pela sua cara, sua circulação está lenta demais. Eu gostaria de lhe fazer companhia, mas — ah, vejo que estão descarregando o ouro pelo qual sou responsável. Edward, pode me dar licença? Você está bem mesmo?

— Agradeço seu interesse — disse Pierce — e...

— Talvez eu possa ajudá-lo — disse a jovem.

— Oh, uma idéia maravilhosa — disse Fowler. — Esplêndida. Esplêndida. Ela é um encanto, Edward, e a deixo com você. — Depois de um olhar estranho para Pierce, ele seguiu apressadamente pela plataforma na direção do bagageiro, virando para trás uma vez para dizer: — Lembre-se, um bom gole de *brandy*. — E os deixou.

Com um suspiro enorme, Pierce voltou-se para a jovem.

— Como foi que ele não percebeu a minha roupa?

— Precisa ver sua cara — disse ela. — Está horrível. -

Olhou para a roupa dele. — E vejo que está com a roupa do morto.

— A minha foi rasgada pelo vento.

— Então, você conseguiu? Pierce apenas sorriu.

Pierce deixou a estação um pouco antes do meio-dia. A jovem, Brigid Lawson, ficou para supervisionar o transporte do corpo do irmão para um carro de aluguel. Para grande irritação dos carregadores, ela recusou vários carros na frente da estação, dizendo que já havia contratado um carro particular.

O carro só chegou depois de uma hora. O cocheiro, um brutamontes maciço com uma cicatriz na testa, ajudou a pôr o caixão no carro, chicoteou o cavalo e partiu no galope. Ninguém notou quando, no fim da rua, o carro parou para apanhar outro passageiro, um cavalheiro cinzento deselegantemente vestido. Então, o carro partiu outra vez e desapareceu.

Ao meio-dia, as caixas-fortes do Banco Huddleston & Bradford já haviam sido transferidas, sob guarda armada, da estação de Folkestone para o vapor, no Canal, para a travessia de quatro horas até Ostende. Considerando a diferença horária entre a Inglaterra e o Continente, eram cinco da tarde quando os funcionários da alfândega

francesa assinaram os papéis e tomaram posse das caixas-fortes que foram então transportadas, sob guarda armada, para o terminal da estação de trem de Ostende, de onde, na manhã seguinte, seriam embarcadas para Paris.

Assim, às 8:15h da manhã de 23 de maio, foi descoberto que as caixas continham uma enorme quantidade de balas de chumbo, costuradas em saquinhos, e nenhum ouro.

Esse fato espantoso foi imediatamente comunicado por telégrafo para o banco em Londres e a mensagem chegou ao escritório de Huddleston & Bradford, Westminster, um pouco depois das dez horas, provocando imediatamente a mais profunda consternação da história curta mas respeitável da firma e o furor se estendeu por muitos meses.

UMA BREVE HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

Como era de se esperar, a reação inicial da firma Huddleston & Bradford foi de incredulidade. Não podiam acreditar que isso tivesse acontecido. O telegrama da França, em inglês, dizia, OURO FALTANDO AGORA ONDE ESTÁ, assinado, VERNIER, OSTENDE.

Em face dessa mensagem ambígua, o Sr. William Huddleston disse que sem dúvida tratava-se de um atraso sem importância na alfândega francesa, garantindo que tudo estaria esclarecido antes da hora do chá. O Sr. Bradford, que nunca se deu ao trabalho de disfarçar o desprezo que sentia por tudo que era francês, achou que os "sapos" sujos tinham perdido o ouro, e queriam agora pôr a culpa da própria estupidez nos ingleses. O Sr. Henry Fowler, que acompanhara o carregamento de ouro até Folkestone e viu quando foi embarcado com segurança no vapor, no Canal, observou que o nome "Vernier" que assinava a mensagem era desconhecido e sugeriu a hipótese de o telegrama ser uma brincadeira de mau gosto. Afinal, naquele momento as relações entre os ingleses e seus aliados franceses eram bastante tensas.

Telegramas pedindo — e mais tarde exigindo — esclarecimentos atravessavam o Canal de um lado para outro. Ao meio-dia, a idéia era de que o vapor que ia de Dover para Ostende tinha naufragado e o ouro mergulhado no Canal. Entretanto, no começo da tarde, ficou claro que o vapor fizera uma viagem perfeitamente normal, mas quase tudo o mais estava tremendamente confuso.

O banco de Paris passou a enviar uma chuva de telegramas para toda parte, para a estrada de ferro francesa, a linha de vapores inglesa e o banco britânico. À medida que o dia avançava, o tom das mensagens se tornava mais acrimonioso e o conteúdo mais ofensivo. A coisa toda chegou ao auge quando o diretor da

South Eastern Railway, em Folkestone, telegrafou para o diretor da Britannic Steam Packer Company, também em Folkestone, perguntando, Qui EST M. VERNIER? AO que o diretor respondeu, SUAS ALEGAÇÕES MALICIOSAS NÃO FICARÃO SEM RESPOSTA.

Quando chegou a hora do chá, as mesas dos funcionários graduados de Huddleston & Bradford estavam cheias de telegramas e *office boys* eram enviados às casas dos cavalheiros para informar suas mulheres que os maridos não iam jantar em casa, porque tinham negócios urgentes a tratar. A atmosfera inicial de calma e de desprezo pela ineficiência dos franceses começava a desaparecer, substituída por uma suspeita crescente de que alguma coisa realmente tinha acontecido com o ouro.

E ficava cada vez mais claro que os franceses estavam tão preocupados quanto os ingleses — o próprio Sr. Bonnard tomou o trem da tarde para a costa, a fim de investigar em primeira mão a situação em Ostende. O Sr. Bonnard era um famoso recluso, e sua decisão de viajar foi interpretada como um acontecimento muito significativo.

Às sete horas da noite, em Londres, quando a maioria dos funcionários dos bancos ia para casa, o estado de espírito dos diretores era de profundo pessimismo. O Sr. William estava irritado, o hálito do Sr. Bradford cheirava a gim, o Sr. Fowler estava pálido como um fantasma e as mãos do Sr. Trent tremiam. Às 7:30h houve um breve momento de animação quando chegaram ao banco os papéis assinados pelos franceses em Ostende, na véspera. Indicavam que às cinco horas da tarde, de 22 de maio, o representante de Bonnard et Fus, o Sr. Raymond Vernier, havia assinado o recibo de dezenove caixas-fortes lacradas, enviadas por Huddleston & Bradford, que continham, de acordo com a declaração, doze mil libras esterlinas em barras de ouro.

— Aqui está a maldita sentença de morte deles — disse o Sr. William, balançando o papel no ar — e se houve alguma irregularidade, a responsabilidade é toda dos franceses.

Mas isso era um exagero jurídico, e ele sabia.

Logo depois, o Sr. William recebeu um longo telegrama de Ostende:

SUA REMESSA DEZENOVE (19) CAIXAS-FORTES CHEGARAM OSTENDE ONTEM 22 MAIO ÀS 1700 HORAS A

BORDO NAVIO "ARLINGTON" DITA REMESSA ACEITA POR NOSSO REPRESENTANTE SEM ABRIR OS LACRES QUE PARECIAM INTACTOS REMESSA GUARDADA NO COFRE-FORTE DE OSTENDE COM GUARDA NOITE 22 DE MAIO SEGUNDO NOSSO COSTUME NENHUMA EVIDÊNCIA MANIPULAÇÃO GUARDA CONFIÁVEL MANHÃ 23 MAIO NOSSO REPRESENTANTE QUEBROU LACRES SUA REMESSA ENCONTROU GRANDE QUANTIDADE BALAS CHUMBO MAS NENHUM OURO INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR SOBRE ORIGEM BALAS SUGERE FABRICAÇÃO INGLESA REVISÃO LACRES QUEBRADOS SUGERE QUEBRA ANTERIOR E LACRE RENOVADO HABILMENTE NÃO DESPERTANDO SUSPEITA INSPEÇÃO COMUM IMEDIATAMENTE NOTIFICADA POLÍCIA E TAMBÉM GOVERNO EM PARIS LEMBRANDO TUDO DE ORIGEM BRITÂNICA ESTRADA DE FERRO BRITÂNICA NAVIO BRITÂNICO SÚDITOS BRITÂNICOS GUARDANDO O TEMPO TODO PEÇO INFORMAR AUTORIDADES BRITÂNICAS ESPERO SUA SOLUÇÃO PARA ESTE MISTÉRIO

LOUIS BONNARD, PRESIDENT
BONNARD ET FILS, PARIS
ORIGEM: OSTENDE.

A primeira reação do Sr. William ao telegrama foi, segundo relataram, "um palavrão contundente, provocado pela tensão do momento e a hora adiantada da noite". Dizem também que ele comentou extensivamente sobre a nação francesa, a cultura francesa e os hábitos pessoais e de higiene do povo francês. O Sr. Bradford, mais vociferante ainda, expressou sua crença no gosto pouco natural dos franceses por uma certa intimidade com animais de criação. O Sr. Fowler estava visivelmente embriagado e o Sr. Trent queixava-se de dores no peito.

Eram quase dez horas da noite quando os banqueiros finalmente se acalmaram o suficiente para o Sr. William dizer ao Sr. Bradford:

— Vou notificar o ministro. Você notifica a Scotland Yard.

Os eventos dos dias seguintes seguiram um padrão previsível. Os ingleses suspeitavam dos franceses, os franceses suspeitavam dos ingleses, tudo mundo suspeitava dos funcionários da ferrovia inglesa, que, por sua vez, suspeitavam dos funcionários da companhia de navegação inglesa, que por sua vez suspeitavam dos funcionários da alfândega francesa.

Os policiais britânicos na França e os policiais franceses na Inglaterra trabalhavam ao lado de detetives particulares contratados pelos bancos, as estradas de ferro e a companhia de navegação. Todos ofereceram recompensas por informação que levasse à captura dos criminosos e informantes dos dois lados do Canal responderam rapidamente com uma espantosa profusão de sugestões e rumores.

As teorias sobre o carregamento de ouro perdido iam desde as mais simples — uma dupla de ladrões franceses ou ingleses aproveitando uma oportunidade fortuita — à mais grandiosa, um plano complexo elaborado pelos mais altos funcionários do governo francês ou do governo inglês, como parte de um esquema maquiavélico que tinha por objetivo encher seus bolsos e ao mesmo tempo prejudicar as relações entre os aliados. O próprio Lord Cardigan, o grande herói de guerra, expressou a opinião de que "certamente é uma combinação inteligente de avareza e arte política".

Porém, a opinião mais aceita nos dois lados do Canal era de que se tratava de um trabalho interno. Para começar, era assim que a maioria dos crimes eram cometidos. E, especialmente nesse caso, a complexidade e a perfeição do roubo sem dúvida apontavam para informação e cooperação interna. Assim, todos aqueles que tinham qualquer relação com o carregamento do ouro para a Criméia, por menor que fosse, foram interrogados pelas autoridades. O zelo da polícia para conseguir informação levou a algumas circunstâncias inusitadas. Um menino de dez anos, neto

do capitão do porto de Folkestone, foi seguido por um policial à paisana durante vários dias — por motivos que ninguém conseguiu lembrar mais tarde. Esses incidentes só serviam para aumentar a confusão geral, e o processo de investigação arrastou-se por meses seguidos. Cada nova pista e possibilidade recebia inteira atenção de uma imprensa ávida e fascinada.

Até 17 de junho, quase um mês depois do roubo, não haviam feito nenhum progresso significativo. Então, por insistência das autoridades francesas, os cofres em Ostende, a bordo do vapor inglês e na estação da South Eastern Railway foram devolvidos aos respectivos fabricantes em Paris, Hamburgo e Londres, para que os mecanismos das fechaduras fossem desmontados e examinados. Os cofres Chubb apresentaram arranhões suspeitos no interior das fechaduras, bem como traços de metal, graxa e cera. Os outros cofres não tinham nenhum sinal de manipulação.

A descoberta fez com que as atenções se voltassem para o guarda Burgess, do bagageiro, que já havia sido interrogado e libertado. Em 19 de junho, a Scotland Yard emitiu um mandado de prisão para Burgess, mas no mesmo dia, ele, a mulher e os dois filhos desapareceram sem deixar nenhum sinal. Burgess foi procurado durante semanas, mas não foi encontrado.

Lembraram então que a South Eastern Railway havia sido alvo de roubo no bagageiro, uma semana antes do roubo do ouro. A implicação evidente de falha na administração das autoridades da estrada de ferro alimentou a suspeita crescente do público de que o roubo devia ter ocorrido no trem Londres-Folkestone. Quando os detetives contratados pela South Eastern Railway apresentaram evidências de que o roubo fora perpetrado por ladrões franceses — uma alegação que logo provou não ter fundamento — a suspeita do público passou à certeza e a imprensa começou a se referir ao Grande Roubo do Trem.

Durante os meses de julho e agosto de 1855, O Grande Roubo do Trem foi um tópico sensacional na imprensa e nas conversas. Embora ninguém pudesse imaginar como foi realizado, sua evidente complexidade e audácia logo levaram à crença irrefutável de que devia ter sido perpetrado por ingleses. Os franceses, até então os principais suspeitos, foram considerados muito limitados e tímidos para imaginar um plano tão ousado, muito menos para executá-lo.

Quando, no fim de agosto, a polícia da Cidade de Nova York anunciou que havia capturado os ladrões, e que eles eram americanos, a imprensa inglesa reagiu com franca e desdenhosa incredulidade. De fato, algumas semanas depois ficou provado que a polícia de Nova York estava errada e que seus ladrões jamais haviam posto os pés em solo inglês, mas eram, nas palavras de um correspondente, "homens levados por mentes erráticas que, ante um evento sensacional, mesmo que seja um crime, procuram se valer dele para chamar a atenção do público, satisfazendo assim sua necessidade insana de um momento de publicidade".

Os jornais ingleses publicavam qualquer rumor, comentário e especulação, por menor que fossem, sobre o roubo. Reportagens sobre outros assuntos tendiam a considerar também o roubo. Assim, quando Vitória visitou Paris, em agosto, a imprensa ficou curiosa para ver como o roubo afetaria sua recepção naquela cidade. (Aparentemente não fez a menor diferença.)

Porém, o fato foi que durante todo o verão nada aconteceu que adiantasse as investigações e, inevitavelmente, o interesse começou a diminuir. A imaginação do povo fora capturada por meses a fio. No decorrer desse tempo, haviam progredido da hostilidade para com os franceses, que evidentemente tinham roubado o ouro de algum modo vulgar e oportunista, para a suspeita contra os líderes ingleses das finanças e da indústria, que eram, na melhor das hipóteses, culpados de incompetência e, na pior, culpados do próprio crime, e finalmente para uma espécie de admiração pelo espírito empreendedor e ousado dos ladrões ingleses, que haviam planejado e executado o roubo — não importa de que maneira o tivessem feito.

Mas, na ausência de novos acontecimentos, o Grande Roubo do Trem tornou-se tedioso e a opinião pública finalmente se cansou. Depois de lavar a alma numa prazerosa orgia de sentimento antifrancês, tendo censurado e aplaudido os próprios ladrões, depois de se divertir com as fraquezas dos banqueiros, funcionários da ferrovia, diplomatas e da polícia, o público estava pronto agora para ver restaurada a confiança na solidez dos bancos, das ferrovias, do governo e da polícia. Em resumo, queriam que os culpados fossem capturados e rapidamente.

Mas os culpados não foram capturados. As autoridades mencionavam "possíveis novos fatos sobre o caso" cada vez com menor convicção. No fim de setembro surgiu uma história anônima segundo a qual o Sr. Harranby, da Scotland Yard, sabia da iminência do crime mas não fez nada para evitá-lo. O Sr. Harranby nega vigorosamente esses rumores, mas algumas vozes dispersas exigiam sua demissão. A firma bancária

Huddleston & Bradford, que tivera um pequeno aumento nos negócios durante o verão, experimentava agora um pequeno declínio. Os jornais com reportagens sobre o roubo vendiam menos.

Em outubro de 1855, O Grande Roubo do Trem não interessava a mais ninguém na Inglaterra. Havia completado o círculo, de um tópico universal com fascínio infundável para um incidente confuso e embaraçoso que quase todos queriam esquecer.

PARTE V

PRISÃO E JULGAMENTO

Novembro, 1856-Agosto, 1857

O ACASO DA "LIMPADORA DE BÊBADOS"

O dia 5 de novembro, conhecido como *Powder Plot Day* ou *Guy Fawkes Day*, é feriado na Inglaterra, desde 1605. Mas a comemoração, como observava o *News* em 1856, "nos últimos anos destina-se a servir à causa da caridade, bem como a proporcionar divertimento. Eis um exemplo louvável. Na noite de quarta-feira teve lugar um grande espetáculo de fogos de artifício no Asilo de Órfãos da Marinha Mercante, a fim de arrecadar fundos para a instituição. O local estava iluminado mais ou menos com o sistema adotado em Vauxhall e foi contratada uma banda de música. Na parte de trás do local da festa havia uma forca com a imagem do Papa pendendo da corda e em volta vários barris com piche, que na hora determinada acenderam-se com chamas enormes. A exibição contou com a presença de grande número de pessoas e o resultado promete ser de grande benefício para os fundos de caridade".

Qualquer combinação de grandes multidões e espetáculos era naturalmente uma atração para batedores de carteiras, cortadores de bolsas e ladras de roupas e, naquela noite, a polícia no asilo de órfãos esteve bastante ocupada. Durante os festejos, não menos de trinta "vagabundos, desocupados e oportunistas" foram presos pelos homens da Força Metropolitana, incluindo uma mulher embriagada, acusada de roubar um cavalheiro embriagado. Essa prisão foi feita pelo policial Johnson, e o modo idiossincrático como foi efetuada merece uma pequena explicação.

Os fatos principais são bastante claros. O policial Johnson, vinte e três anos, patrulhava o terreno do asilo quando, à luz dos fogos de artifício que explodiam no alto, viu uma mulher ajoelhada ao lado de um homem que estava deitado no chão. Temendo que o cavalheiro estivesse doente, o policial Johnson aproximou-se para oferecer ajuda, mas, quando o viu, a mulher fugiu. O policial Johnson foi atrás dela e a alcançou em pouco tempo quando ela tropeçou na saia e caiu.

Vendo que era "uma mulher de aspecto provocante e comportamento lascivo", ele imediatamente compreendeu a verdadeira natureza das suas atenções para com o cavalheiro, ou seja, que o estava roubando no seu estupor da embriaguez e que ela era a mais baixa forma de criminosa, uma "limpadora de bêbados". O policial Johnson imediatamente deu voz de prisão.

Com as mãos na cintura, a mulher tentadora e atrevida olhou para ele, numa atitude de desafio:

— Não tenho nada roubado comigo — disse ela, palavras que devem ter confundido um pouco o policial Johnson. Ele se viu à frente de um sério dilema.

Sob o ponto de vista vitoriano, a conduta apropriada dos homens exigia que todas as mulheres, mesmo as da mais baixa classe, fossem tratadas com cautela e consideração, devido à delicadeza da natureza feminina. Essa natureza, faz notar um manual da época sobre a conduta dos policiais, "com suas sagradas fontes emocionais, sua enobrecedora riqueza maternal, sua delicada sensibilidade e profunda fragilidade, isto é, todas as qualidades que compreendem a própria *essência do caráter feminino* derivam dos princípios biológicos ou fisiológicos que determinam todas as diferenças entre os sexos masculino e feminino. Desse modo, deve ser considerado que a *essência do caráter feminino* reside em cada membro desse sexo e deve ser devidamente respeitada por um policial, isso a despeito da ausência aparente, em certas personagens vulgares, do mencionado caráter feminino".

A crença numa personalidade biologicamente determinada tanto no homem quanto na mulher era aceita até certo ponto em quase todos os níveis da sociedade vitoriana e era mantida em face de todo o tipo de absurdos. Um homem de negócios podia sair para o trabalho todos os dias, deixando sua mulher "incapaz de raciocinar" encarregada de uma casa enorme, uma tarefa de enormes proporções. Contudo, o marido jamais via as atividades da mulher desse modo.

De todos os absurdos do código, o mais difícil era o problema do policial. A fragilidade inerente à mulher criava evidentes dificuldades no tratamento das mulheres que violavam a lei. Na verdade, os criminosos tiravam vantagem disso, geralmente trabalhando com uma cúmplice, exatamente porque a polícia tinha tanta relutância em prender mulheres.

O policial Johnson, enfrentando aquela mulher atrevida na noite de 5 de novembro, estava muito consciente da situação. A mulher afirmava não ter nenhum objeto roubado com ela e se fosse verdade, ela jamais seria condenada, a despeito do seu testemunho de que a vira roubando um cavalheiro bêbado. Sem um relógio de bolso ou outro artigo qualquer de uso masculino, a mulher não podia ser detida.

Ele também não podia revistá-la. A simples idéia de tocar o corpo da mulher era absurda. O único recurso era escoltá-la até o posto de polícia, onde seria chamada uma matrona para revistá-la. Mas já era tarde, a matrona teria de ser tirada da cama e a central de polícia ficava a algumas quadras dali. No caminho, passando por ruas escuras, a mulher teria muitas oportunidades de se livrar de qualquer objeto roubado.

Além disso, se o policial Johnson a prendesse, chamasse a matrona, criando todo tipo de confusão, e depois fosse descoberto que a mulher estava limpa, ele ia parecer um idiota e seria admoestado. O policial Johnson sabia disso, bem como a

mulher de pé na sua frente numa atitude de ousado desafio.

Pensando bem, era uma situação que não valia o risco e o policial Johnson pensou em mandá-la embora com um bom sermão. Mas Johnson fora recentemente avisado por seus superiores que o número de prisões na sua folha de serviço deixava muito a desejar. Disseram que devia ser mais atento na procura de violações da lei. Tudo isso com a forte sugestão de que seu emprego estava na balança.

Assim sendo, o policial Johnson, à luz intermitente e ruidosa dos fogos de artifício, resolveu deter a ladra de bêbados e levá-la para ser revistada — para espanto da mulher e a despeito da sua considerável relutância.

Dalby, o sargento do posto de polícia, estava de péssimo humor, pois fora escalado para trabalhar na noite do feriado e ressentia-se por perder as festividades que, ele sabia, estavam acontecendo em toda a parte.

Olhou carrancudo para Johnson e para a mulher. Ela disse que se chamava Alice Nelson, que tinha "dezoito anos, ou coisa parecida". Com um suspiro, Dalby passou a mão no rosto, sono-lento enquanto preenchia os formulários. Mandou Johnson ir buscar a matrona. Mandou a jovem sentar-se num canto. O posto estava deserto e silencioso, exceto pelo som distante dos fogos de artifício.

Dalby tinha um frasco de bebida no bolso e tarde da noite ele sempre tomava um gole ou dois quando não havia ninguém por perto. Mas agora, aquela moça bonitinha e atrevida estava sentada ali, e fosse qual fosse a verdade sobre ela, estava impedindo Dalby de seu gole de bebida. A idéia o irritou e ele franziu a testa, sentindo-se frustrado. Sempre que não podia tomar um gole, a vontade era mais forte, pelo menos parecia.

Depois de algum tempo, a mulher disse:

— Se você acha que tenho uma ou duas coisas debaixo da minha roupa, pode ver por você mesmo, agora. — O tom era provocante, o convite inequívoco e para torná-lo mais claro ela começou a passar as unhas nas pernas, por cima da roupa, com gestos lânguidos.

— Garanto que vai encontrar o que quer — disse ela. Dalby suspirou.

A jovem continuou a arranhar a roupa.

— Eu sei agradar você — disse ela — e pode ter certeza disso, juro por Deus.

— E ganho uma doença em pagamento — disse Dalby. — Eu conheço seu tipo, meu bem.

— Ei, escute aqui — protestou ela, passando do convite à ofensa. — Não tem direito de dizer uma coisa dessas. Não tenho doença nenhuma e nunca tive.

— Está bem, está bem, está bem — disse Dalby, com voz cansada, pensando outra vez no frasco no seu bolso. — Nunca tem, mas está lá.

A mulher ficou calada. Parou de se cocar e se ajeitou na cadeira, endireitando o corpo.

— Vamos fazer um trato — disse ela — e garanto que você vai gostar.

— Meu bem, não tem nenhum trato para ser feito — disse Dalby, distraidamente.

Ele conhecia aquela rotina tediosa, pois a via todas as noites que trabalhava no posto de polícia. Uma mulher jovem e atraente caía nas mãos de um policial, sempre com protestos de inocência. Então oferecia alguns favores e se não fossem aceitos, oferecia um suborno.

Era sempre a mesma coisa.

— Me deixe ir embora — disse ela — e ganha um guinéu de ouro.

Dalby suspirou e balançou a cabeça. Se aquela criatura tinha um guinéu de ouro com ela, era prova de que tinha roubado o homem embriagado, como afirmava o jovem Johnson.

— Está bem — disse ela —, então dou dez. — Sua voz agora sugeria medo.

— Dez guinéus? — perguntou Dalby.

Isso pelo menos era uma coisa nova. Nunca lhe haviam oferecido dez guinéus. Deviam ser falsos, pensou ele.

— Dez, é quanto estou prometendo, de verdade.

Dalby hesitou. Aos próprios olhos ele era um homem de princípios e um policial experiente. Mas ganhava quinze xelins por semana, às vezes com atraso. Dez guinéus eram uma soma substancial, sem dúvida. Deixou sua mente divagar com a idéia.

— Está bem — disse ela, interpretando mal sua hesitação. — Cem guinéus! Cem guinéus de ouro!

Dalby riu. O devaneio foi interrompido. Na ansiedade para se livrar, ela certamente estava inventando uma história ainda mais impossível. Cem guinéus! Absurdo.

— Você não acredita?

— Fique quieta — disse ele, voltando a pensar no frasco no bolso.

Fez-se um breve silêncio. Ela mordeu o lábio, franziu a testa e finalmente disse:

— Eu sei umas coisas.

Dalby olhou para o teto. Tudo era tão monótono e previsível. Falhando o suborno, vinha o oferecimento de informação sobre algum crime. A progressão era sempre a mesma. Mais para quebrar a monotonia do que por outra coisa qualquer ele disse:

— E o que podem ser essas coisas?

— Uma coisa importante sobre um grande trabalho, não estou mentindo.

— Que trabalho foi esse?

— Eu sei quem planejou o roubo do trem.

— Mãe de Deus — disse Dalby —, mas você é uma menina esperta. Ora, sabe

que é isso exatamente o que todos nós queremos ouvir — e é o que temos ouvido de todos os ladrõezinhos e peixes miúdos que caem nas nossas mãos. Todos têm uma história para contar. Tenho ouvido centenas desse tipo de coisa com estes mesmos ouvidos que está vendo.

Na verdade, Dalby começava a sentir um pouco de pena da jovem. Era um caso tão patético, ladra de bêbados, a forma mais baixa do criminoso comum, e nem era capaz de inventar um suborno aceitável. Na verdade, agora raramente alguém oferecia informação sobre o roubo do trem. Era coisa do passado e ninguém mais se importava. Tinham mais de uma dezena de crimes mais recentes e mais interessantes para resolver.

— Não estou inventando — disse ela. — Conheço o arrombador que trabalhou no roubo e posso dizer onde ele está agora mesmo.

— Está bem, está bem, está bem — disse Dalby.

— Eu juro — protestou ela, cada vez mais desesperada. — Eu *juro*.

— Então, quem é ele?

— Não vou dizer.

— Está bem — disse Dalby —, mas suponho que só vai encontrar o homem para nós se deixarmos você sair para procurá-lo, estou certo? — Dalby balançou a cabeça.

Olhou para ela, certo de que ia ver uma expressão de surpresa. Todos eram iguais, aqueles tipos da ralé. Ficavam espantados quando viam que o policial completava os detalhes das suas histórias. Por que pensavam que todos os homens da polícia eram idiotas?

Mas quem ficou surpreso foi ele, pois a mulher disse com a maior calma:

— Não.

— Não? — perguntou ele.

— Não — confirmou a jovem. — Eu sei exatamente onde ele está.

— Mas precisa nos levar até lá?

— Não — disse ela.

— Não? — Dalby hesitou. — Muito bem, então, onde ele está?

— Na prisão de Newgate — disse a moça.

Dalby precisou de alguns momentos para entender o que acabava de ouvir.

— Prisão de Newgate? — perguntou. Ela fez um gesto afirmativo.

— Então, qual é o nome dele? A moça sorriu.

Logo depois Dalby mandou uma mensagem ao Sr. Harranby, na Yard, informando que tinha uma história tão estranha que poderia ter alguma coisa de verdade.

De madrugada, a situação não era ainda clara para as autoridades. A mulher, Alice Nelson, era amante de um tal Robert Agar, recentemente detido, acusado da

falsificação de notas de cinco libras. Agar protestou inocência e estava agora na prisão de Newgate à espera do julgamento.

A mulher, privada do dinheiro que Agar lhe dava, passou a cometer vários crimes para se manter e foi detida no ato de roubar um bêbado. Segundo um relatório oficial posterior, ela demonstrou "um temor excessivo de ser confinada", o que provavelmente indicava que sofria de claustrofobia. Seja como for, ela delatou o amante e contou tudo que sabia, que era, na verdade, muito pouco — mas o suficiente para que o Sr. Harranby quisesse falar com Agar.

A TERRA DO CANGURU

"Uma compreensão completa da tortuosa mente criminoso", escreveu Edward Harranby em suas memórias, "é vital para o interrogatório policial". Harranby certamente tinha essa compreensão, mas tinha de admitir que o homem sentado à sua frente, tossindo sem parar, era um caso singularmente difícil. Estavam na segunda hora do interrogatório, mas Robert Agar insistia na sua história.

Nos interrogatórios, Harranby costumava introduzir bruscamente uma nova linha de perguntas para confundir o interrogado. Mas aparentemente Agar manejava com facilidade essa técnica.

— Sr. Agar — disse Harranby. — Quem é John Simms?

— Nunca ouvi falar.

— Quem é Edward Pierce?

— Nunca ouvi falar. Eu já disse isso. — Tossiu no lenço oferecido pelo assistente de Harranby, o policial Sharp.

— Esse Pierce não é um ladrão famoso?

— Não sei dizer.

— Não sabe dizer. — Harranby suspirou. Tinha certeza de que Agar mentia. Sua atitude, os olhos baixos, os movimentos das mãos — tudo sugeria mentira. — Muito bem, Sr. Agar. Há quanto tempo falsifica dinheiro?

— Não falsifiquei dinheiro nenhum — disse Agar. — Juro que não fui eu. Eu estava no bar, no andar térreo, tomando uns goles. Eu juro.

— Diz então que é inocente?

— Isso mesmo, eu sou. Harranby fez uma pausa.

— Está mentindo — disse, então.

— Juro por Deus — disse Agar.

— Vamos deixá-lo na prisão por muito tempo, pode ficar certo disso.

— Não sou culpado de nada — disse Agar, mais inquieto.

— Mentira, tudo mentira. Sabemos que é um falsário, pura e simplesmente.

— Eu juro — disse Agar. — Não sou falsário. Seria absurdo... — interrompeu-se bruscamente.

Fez-se silêncio, pontuado apenas pelo tique-taque regular e muito alto do relógio na parede, comprado por Harranby especialmente porque irritava os prisioneiros que estavam sendo interrogados.

— Por que seria absurdo? — perguntou, em voz baixa.

— Por que sou honesto, é por isso — disse Agar, olhando para o chão.

— Qual o trabalho honesto que faz, Sr. Agar?

— Trabalho local. Aqui e ali.

Era uma desculpa não específica, mas possível. Em Londres, naquela época, havia quase meio milhão de trabalhadores não qualificados que faziam de tudo, sempre que encontravam algum trabalho.

— Onde já trabalhou?

— Bom, deixe ver — disse Agar, entrecerrando os olhos. — Trabalhei um dia no gasômetro em Millbank, como carregador. Dois dias em Chenworth, carregando tijolos. Na semana passada trabalhei algumas horas para o Sr. Barnham, limpando seu porão. Eu vou onde posso, sabe como é.

— Essas pessoas vão lembrar de você? Agar sorriu.

— Talvez.

E ali estava outro fim da estrada para Harranby. Geralmente os empregadores desse tipo de trabalhador não lembravam dos homens que contratavam por algumas horas, ou lembravam incorretamente. De qualquer modo, não significava grande coisa para a investigação.

Harranby olhou para as mãos do homem, cruzadas no colo. Então notou a unha do dedo mínimo de uma das mãos mais comprida do que as outras. Embora roída para disfarçar, continuava mais comprida.

Isso podia significar várias coisas. Marinheiros usavam a unha mais comprida para dar sorte, especialmente os marinheiros gregos. Algumas pessoas que trabalhavam com lacre tinham uma unha mais longa para soltar o lacre da cera quente. Quanto a Agar...

— Há quanto tempo é arrombador? — perguntou Harranby.

— O quê? — perguntou Agar, com uma expressão de inocência. — Arrombador?

— Ora, vamos — disse Harranby. — Você sabe o que é um arrombador.

— Trabalhei como serrador uma vez. Passei um ano no norte, trabalhando numa fábrica como serrador, isso mesmo.

Harranby não se deixou desviar do assunto.

— Você fez as chaves para os cofres?

— Chaves? Que chaves? Harranby suspirou.

— Agar, você não tem nenhum futuro como ator.

— Não sei o que está dizendo, senhor. De que chaves está falando?

— As chaves para o roubo do trem. Então Agar riu.

— Puxa — disse ele. — O senhor pensa que se eu estivesse naquele trabalho estaria falsificando dinheiro agora? Pensa isso? E besteira. Isso é que é.

O rosto de Harranby continuou inexpressivo, mas sabia que Agar tinha razão. Não fazia sentido. Um homem que tivesse participado de um roubo de doze mil libras não estaria falsificando notas de cinco libras um ano depois.

— Não adianta fingir — disse Harranby. — Sabemos que Simms o abandonou. Ele não se importa com o que pode acontecer com você — por que o protege?

— Nunca ouvi falar dele — disse Agar.

— Se nos levar a ele será bem recompensado.

— Nunca ouvi falar dele — repetiu Agar. — Será que não entende isso?

Harranby ficou calado, olhando para Agar. O homem estava calmo, exceto pelos acessos de tosse. Harranby olhou para Sharp, no canto da sala. Estava na hora de mudar de tática.

Harranby apanhou um papel da mesa e pôs os óculos.

— Muito bem, então, Sr. Agar — disse ele. — Este é o relatório das suas atividades. Não é nada bom.

— Relatório das minhas atividades? — A surpresa era genuína. — Não tenho ficha na polícia.

— É claro que tem — disse Harranby, acompanhando com um dedo o que lia: — Robert Agar... hum... vinte e seis anos... hum... nasceu em Bethnal Green... hum... Sim, aqui está. Prisão de Bridewell, seis meses, acusado de vadiagem, em 1849...

— Isso *não é verdade!* — explodiu Agar.

— ... e Coldbath, um ano e oito meses, acusado de roubo, em 1852...

— Não é verdade, juro que não é verdade! Harranby olhou para o prisioneiro, por cima dos óculos.

— Está tudo aqui, na sua ficha, Sr. Agar. Acho que o juiz vai querer saber disso. Quanto tempo acha que ele vai pegar, Sr. Sharp?

— Uma extradição de quatorze anos, pelo menos — disse Sharp, Pensativamente.

— Hum, sim, quatorze anos na Austrália — acho que é isso.

— Austrália — disse Agar, com voz abafada.

— Bem, é o que imagino — disse Harranby, calmamente

— Extradição é o mais comum para um caso como este.

Agar ficou calado.

Harranby sabia que embora a "extradição" fosse descrita como uma penalidade muito temida, os criminosos viam o exílio na Austrália com certa calma e até mesmo uma certa esperança. Muitos criminosos acreditavam que não seria tão desagradável e que "viver na terra dos cangurus" era sem dúvida preferível a uma longa sentença numa prisão da Inglaterra.

Com efeito, naquela época, Sydney, em New South Wales, era um belo e próspero porto de mar, com trinta mil habitantes. Além disso era um lugar onde "a história pessoal não tem importância e boa memória e mentes inquisitivas não são apreciadas..." E se tinha um lado brutal — contam casos de açougueiros que

depenavam as aves vivas — era também agradável, com os lampiões de gás nas ruas, mansões elegantes, mulheres cheias de jóias e pretensões sociais. Um homem como Agar podia ver a extradição, na pior das hipóteses, como uma bênção disfarçada.

Mas Agar ficou extremamente agitado. Evidentemente não queria sair da Inglaterra. Isso encorajou Harranby. O policial levantou-se da cadeira.

— Por agora é só — disse ele. — Amanhã ou depois, se pensar em alguma coisa que queira me dizer, basta informar os guardas de Newgate.

Agar foi conduzido para fora da sala e Harranby recostou-se na cadeira. Sharp aproximou-se.

— O que acha? — perguntou.

Harranby apanhou a folha de papel na sua mesa.

— Uma notificação do Comitê de Construção — disse ele — avisando que as carruagens não podem mais estacionar no pátio.

Três dias depois, Agar informou os guardas de Newgate que gostaria de falar com o Sr. Harranby. No dia 13 de novembro, Agar contou para Harranby tudo que sabia sobre o roubo, em troca da promessa de um tratamento mais brando e a vaga possibilidade de que uma das instituições envolvidas — o banco ou a estrada de ferro, ou até mesmo o próprio governo — resolvesse presenteá-lo com o pagamento de uma das recompensas ainda oferecidas por qualquer informação sobre o caso.

Agar não sabia onde estava o dinheiro. Disse que Pierce estava pagando a ele uma quantia mensal, em notas comuns. Haviam combinado previamente que dividiriam o total roubado dois anos depois do golpe, em maio do ano seguinte, 1857.

Entretanto, Agar sabia onde ficava a casa de Pierce. Na noite de 13 de novembro, as forças da Yard cercaram a mansão de Edward Pierce, ou John Simms, e entraram empunhando suas armas. Mas o dono não estava em casa. Os criados assustados disseram que ele havia saído da cidade para assistir o P.R. no dia seguinte, em Manchester.

O P.R.

Tecnicamente, as lutas de boxe na Inglaterra eram ilegais, mas foram realizadas durante todo o século XIX e atraíam um número enorme de afeiçoados fiéis. A necessidade de iludir as autoridades significava que o local da luta tinha de ser mudado no último momento, de uma cidade para outra, com a enorme multidão de entusiastas do esporte e pugilistas viajando por todo o país.

A luta do dia 19 de novembro entre Smashing Tim Revels, o Quacre Lutador, e o desafiante, Neddy Singleton, foi levada de Liverpool para uma pequena cidade chamada Eagle Welles, e finalmente para Warrington, na periferia de Manchester. A luta foi assistida por mais de vinte mil pessoas, que não a acharam satisfatória.

Naquele tempo, o P.R., ou prêmio do ringue, tinha regras que o tornariam irreconhecível aos olhos modernos. Os lutadores não usavam luvas, e controlavam cuidadosamente os golpes a fim de evitar ferimentos graves às próprias mãos e pulsos. Se o lutador quebrasse as juntas das mãos ou o pulso, certamente perdia a luta. Os *rounds* tinham duração variável e as lutas não tinham tempo previamente determinado. Geralmente, chegavam a cinquenta ou oitenta *rounds*, tomando grande parte de um dia. O objetivo do esporte era cada homem, lenta e metódica-mente, atingir o adversário com uma série de golpes curtos e cortadas. Não visavam ao nocaute. Ao contrário, o bom lutador literalmente espancava o oponente até levá-lo à submissão.

Neddy Singleton era decididamente inferior ao seu oponente, Smashing Tim. Desde o começo, usou o truque de ajoelhar cada vez que era atingido, para parar a luta e ter oportunidade de respirar. Os espectadores assobiavam, vaiando esse recurso desonesto, mas ninguém podia evitar, especialmente porque o juiz — encarregado da contagem quando um lutador parava — contava com extrema lentidão, demonstrando que havia sido pago pelos agentes de Neddy. A indignação dos fãs era amenizada pelo fato de que a manobra desonesta tinha o efeito colateral de prolongar o espetáculo sangrento.

Com milhares de espectadores, incluindo todo tipo de criminoso brutal e grosseiro, os homens da Yard tinham grande dificuldade de trabalhar discretamente. Agar, com um revólver nas suas costas, apontou para Pierce e o guarda Burgess, que assistiam à luta a certa distância. Os dois homens foram detidos em grande estilo. Um revólver foi encostado no lado de cada um, com a sugestão murmurada de acompanhar os policiais sem criar problemas ou levar um tiro.

Pierce cumprimentou Agar amavelmente.

— Então, você virou informante — perguntou, com um sorriso.

Agar não conseguiu olhar para ele.

— Não faz mal — disse Pierce. — Se quer saber, também pensei nisso.

— Não tive escolha — disse Agar.

— Vai perder a sua parte — disse Pierce, calmamente. Na periferia da multidão que assistia ao P.R. Pierce foi levado à presença do Sr. Harranby da Yard.

— É o Sr. Edward Pierce, também conhecido como John Simms?

— Sou — respondeu o homem.

— Está preso sob acusação de roubo — disse o Sr. Harranby.

Ao que Pierce retrucou.

— Nunca vão conseguir me manter na prisão.

— Acho que poderei, senhor — disse o Sr. Harranby.

Ao cair da noite, em 19 de novembro, Pierce e Burgess foram levados, com Agar, para a prisão de Newgate. Harranby discretamente informou os funcionários do governo do seu sucesso, mas não apareceu nada na imprensa, pois Harranby queria prender a mulher conhecida como Miriam e o cocheiro Barlow, ambos ainda em liberdade. Queria também recuperar o dinheiro.

EXTRAINDO INFORMAÇÃO

Em 22 de novembro, o Sr. Harranby interrogou Pierce pela primeira vez. O diário do seu assistente, Jonathan Sharp, registra que "H. chegou cedo no escritório, muito bem vestido. Tomou uma xícara de café, em vez do chá que sempre tomava. Comentou sobre o melhor modo de interrogar Pierce, etc. etc. Disse que suspeitava que não ia conseguir nada de Pierce, a não ser que fosse 'amaciado' antes."

Na verdade, a entrevista foi extremamente curta. Às nove horas da manhã, Pierce foi levado ao escritório do policial e o fizeram sentar-se numa cadeira isolada, no centro da sala. Sentado atrás da sua mesa, Harranby fez a primeira pergunta com sua costumeira brusquidão.

— Conhece o homem chamado Barlow?

— Conheço — disse Pierce.

— Onde ele está agora?

— Eu não sei.

— Onde está a mulher chamada Miriam?

— Eu não sei.

— Onde — disse o Sr. Harranby — está o dinheiro?

— Eu não sei.

— Parece que há muita coisa que não sabe.

— Sim — disse Pierce.

Harranby olhou para ele e depois de um curto silêncio disse:

— Talvez algum tempo na Steel refresque sua memória.

— Duvido — disse Pierce, sem o menor sinal de ansiedade. Logo depois foi levado para fora da sala.

Sozinho com Sharp, Harranby disse:

— Eu vou quebrá-lo, pode ter certeza.

No mesmo dia, Harranby providenciou para que Pierce fosse transferido de Newgate para a Casa de Correção em Coldbath Fields, também chamada Bastilha. "The Steel" não era onde costumavam ficar os criminosos à espera do julgamento. Mas a polícia enviava para lá alguns prisioneiros quando havia alguma informação que podia ser "extraída" deles durante o julgamento.

A Steel era a prisão mais temida da Inglaterra. Henry Mathew a descreveu, depois de visitá-la, em 1853. A característica principal era naturalmente o *cockchafer*, uma fileira de caixas estreitas, "como as divisões dos mictórios públicos", onde os prisioneiros ficavam em intervalos de quinze minutos, girando com os pés uma roda de vinte e quatro degraus. Um guarda explicou as virtudes do

cockchafer nos seguintes termos: "O senhor compreende, os homens não podem firmar os pés, os degraus estão sempre afundando sob eles e *isso* é muito cansativo. Além disso, os compartimentos são muito pequenos e o ar fica muito quente, de modo que no fim de um quarto de hora é difícil respirar."

Menos agradável ainda era o treino com bala, tão rigoroso que homens com mais de quarenta e cinco anos geralmente eram dispensados. Os prisioneiros formavam um círculo a três passos um do outro. Ao sinal, cada homem apanhava uma bala de canhão de doze quilos, carregava até o lugar do seu vizinho, deixava-a cair e voltava à sua posição onde outra bala o esperava. O exercício durava uma hora de cada vez.

No breve silêncio, Harranby ouviu o tique-taque do seu relógio de parede que pela primeira vez o irritou mais do que ao prisioneiro. Na verdade, o prisioneiro parecia perfeitamente à vontade.

— Não o aborrece — disse Harranby — o fato de seus cúmplices o traírem desse modo?

— É só minha falta de sorte — disse Pierce, calmamente. — E sua — acrescentou, com um leve sorriso.

"Por sua calma e atitude cortês", escreveu Harranby, "deduzi que tinha inventado outra mentira para nos desviar do verdadeiro caminho. Mas minhas tentativas ulteriores para descobrir a verdade acabaram em frustração pois, em 1º de março de 1857, o repórter do *Times* ficou sabendo da prisão de Pierce e não pudemos mais mantê-lo legalmente sob custódia.

Segundo o Sr. Sharp, seu chefe recebeu a reportagem sobre a captura de Pierce, "com imprecações e palavrões". Harranby quis saber como os jornais tinham tomado conhecimento do fato. O *Times* se recusou a divulgar sua fonte. Um guarda, em Coldbath, considerado como suposto informante dos jornais, foi despedido, mas ninguém jamais teve certeza de nada. Na verdade, foi sugerido que a informação saísse do escritório de Palmerston.

Seja como for, o julgamento de Burgess, Agar e Pierce foi marcado para começar em 12 de julho de 1857.

O JULGAMENTO DE UM IMPÉRIO

O julgamento dos três ladrões do trem foi recebido pelo público com o mesmo interesse demonstrado pelo roubo. Os advogados da acusação, considerando a atenção do povo, esforçaram-se para aumentar o drama inerente ao julgamento. Burgess, o menos importante dos atores, foi o primeiro a ser interrogado em Old Bailey. O fato desse homem conhecer somente partes da história serviu para aguçar o apetite do público para os outros detalhes.

Agar foi interrogado em seguida, fornecendo mais informações. Mas Agar, como Burgess, era um homem limitado, e seu depoimento só serviu para focalizar a atenção na personalidade de Pierce, a quem a imprensa chamava de "mestre do crime" e "a força brilhante e maligna por trás do ato".

Pierce estava ainda em Coldbath, e nem o público, nem a imprensa o haviam visto ainda. Os repórteres tiveram ampla liberdade para criar descrições imaginosas e fantásticas da sua aparência, seus modos, seu estilo de vida. Muita coisa que foi escrita durante as duas primeiras semanas de julho de 1857 era obviamente falsa: que Pierce vivia com três amantes na mesma casa e era um "dínamo humano". Que fora o cérebro do grande roubo do cheque, em 1852. Que era filho ilegítimo de Napoleão. Que Pierce consumia cocaína e láudano. Que fora casado com uma condessa alemã, assassinada por ele em 1848, em Hamburgo. Não há a menor prova de que essas histórias fossem verdadeiras, mas certamente é verdade que a imprensa levou o interesse do público ao ponto de um verdadeiro frenesi.

A própria Vitória não foi imune ao fascínio daquele *"mais ousado e atrevido ladrão, a quem gostaríamos de conhecer pessoalmente"*. Ela expressou também o desejo de vê-lo enforcado. Aparentemente ela não sabia que, em 1857, o roubo não era mais considerado um crime capital na Inglaterra.

Durante semanas, a multidão se reuniu em volta de Coldbath Fields, com a esperança de ver o mestre dos ladrões. E a casa de Pierce, em Mayfair, foi invadida em três ocasiões por colecionadores de lembranças. Uma "mulher bem-nascida" — não há outra descrição — foi detida quando saía da casa com um lenço de homem. Sem demonstrar o menor embaraço, ela disse que só queria uma lembrança de Pierce.

O *The Times* dizia que esse fascínio por um criminoso era "inconveniente, até mesmo decadente", e chegou a sugerir que o comportamento do público refletia "alguma falha fatal no caráter da mente inglesa".

Desse modo, foi uma dessas estranhas coincidências da história o fato de, quando Pierce começou a dar seu depoimento no tribunal, em 29 de maio, a atenção

do público e da imprensa ter-se voltado para outro lugar. Pois, inesperadamente, a Inglaterra enfrentava um novo problema de âmbito nacional: uma revolta chocante e sangrenta na Índia.

O crescente Império Britânico — que alguns chamavam de Império Brutal — havia sofrido dois reveses importantes nas últimas décadas. O primeiro foi em Cabul, no Afeganistão, em 1842, quando 16.500 soldados britânicos, mulheres e crianças foram mortos em seis dias. O segundo foi a guerra da Criméia, já terminada, com exigências de reforma no Exército. Esse sentimento era tão intenso que até Lord Cardigan, antes herói nacional, foi questionado e até acusado (injustamente) de não estar presente na carga da Brigada Ligeira, e que seu casamento com a famosa *equestrienne* Adeline Horsey de Horsey havia maculado sua fama.

Agora acontecia o Motim Indiano, uma terceira afronta à supremacia do mundo inglês, e outro golpe na autoconfiança dos ingleses. Que os ingleses confiavam plenamente no seu domínio da Índia prova o fato de que tinham apenas 34 mil soldados europeus no país, comandando um quarto de milhão de soldados nativos, chamados *sepoys*, que não eram excessivamente leais aos seus líderes ingleses.

Desde a década de 1840, a Inglaterra vinha reforçando sua autoridade na Índia. O novo fervor evangélico demonstrado em casa os levou a uma reforma religiosa cruel nas colônias. *Thuggee* e *suttee*^[3] foram proibidos e desagradava aos indianos ver estrangeiros alterando seus antigos padrões religiosos.

Quando os ingleses introduziram o novo rifle Enfield, em 1857, as balas para a arma chegavam da fábrica cobertas de gordura. Era necessário mordê-las para liberar a pólvora. Corria nos regimentos *sepoys* o rumor de que a graxa era de porcos e vacas e que o objetivo era macular os *sepoys*, fazendo-os pecar contra sua casta.

As autoridades inglesas agiram rapidamente.

Em janeiro de 1857, foi ordenado que as balas envoltas em gordura fossem distribuídas somente entre os soldados europeus. Os *sepoys* podiam usar óleo vegetal à vontade. Essa lei sensata chegou tarde demais para desfazer o sentimento de revolta. Em março, os primeiros oficiais ingleses foram mortos por *sepoys* em incidentes esporádicos, e em maio explodiu a revolta.

O episódio mais famoso do Motim Indiano ocorreu em Cawnpore, uma cidade de 150 mil habitantes, nas margens do Ganges. Do ponto de vista moderno, o cerco de Cawnpore parece uma espécie de cristalização de tudo que era nobre e tolo na Inglaterra vitoriana. Mil cidadãos britânicos, incluindo trezentas mulheres e crianças, passaram dezoito dias sob o fogo dos revoltosos. As condições "violavam todas as decências e propriedades da vida, chocando a modéstia da... natureza feminina". Contudo, nos primeiros dias do cerco, a vida continuou com extraordinária normalidade. Os soldados tomavam champanhe e jantavam arenque em conserva. As

crianças brincavam entre os canhões. Vários bebês nasceram e foi realizado um casamento, a despeito da chuva constante do fogo de rifle e artilharia, dia e noite.

Mais tarde, o alimento foi racionado para uma única refeição por dia e logo estavam comendo carne de cavalo, "embora algumas senhoras não conseguissem se conformar com esse tipo de alimento". As mulheres deram suas roupas de baixo para embuchar os canhões. "As senhoras de Cawnpore deram os componentes talvez mais valiosos da vestimenta feminina para melhorar a situação..."

A situação ficava cada vez mais desesperadora. Não tinham água, a não ser a de um poço no lado de fora do complexo e os soldados que saíam para apanhá-la eram mortos. A temperatura durante o dia chegava a quase 50 graus. Vários homens morreram de insolação. Um poço seco dentro do complexo era usado como túmulo.

No dia 12 de junho, um dos dois prédios foi completamente destruído pelo fogo e perderam todos os suprimentos médicos. Mas os ingleses continuavam a resistir, repelindo todos os ataques.

Em 25 de junho, os *sepoys* propuseram uma trégua e ofereceram aos ingleses passagem livre, por via fluvial, para Alla-habad, uma cidade a 160 quilômetros rio abaixo. Os ingleses aceitaram.

A retirada começou no dia 27 de junho. Os ingleses embarcaram em quarenta barcaças, sob o olhar vigilante dos *sepoys* armados. Assim que o último inglês subiu a bordo, os barqueiros nativos saltaram na água. Os *sepoys* abriram fogo contra as embarcações, ainda amarradas à terra. Logo, a maioria das barcaças estava em chamas e o rio repleto de cadáveres e de pessoas que se afogavam. Cavalarianos indianos entraram no rio, matando os sobreviventes com seus sabres. Todos os homens foram mortos. As mulheres e crianças foram levadas para uma construção de barro na margem do rio onde ficaram alguns dias, com um calor sufocante. Então, em 15 de julho, alguns homens, incluindo um grande número de açougueiros, entraram na casa com sabres e facas e mataram todos. Os corpos desmembrados, incluindo "alguns ainda com sinais de vida", foram jogados num poço próximo que, segundo contavam, ficou cheio até a borda.

Os ingleses, na Inglaterra, expressando seu "cristianismo muscular", clamavam por vingança. Até *The Times*, levado pela fúria do momento, exigia que "cada árvore e cada telhado do lugar tivesse dependurada a carcaça de um revoltoso". Lord Palmerston anunciou que os rebeldes indianos tinham agido como "demônios das profundezas do inferno".

Num momento como esse, a apresentação de um criminoso perante o tribunal de Old Bailey, para ser julgado por um crime cometido há dois anos, era um fato de pouco interesse. Mas apareceram algumas reportagens nas páginas internas dos jornais e sua leitura é fascinante pelo que revela sobre Edward Pierce.

Ele foi levado a julgamento pela primeira vez em 29 de julho: "belo,

encantador, calmo, elegante e atrevido". Fez seu depoimento com voz tranqüila, mas seu relato foi bastante inflamatório. Referiu-se ao Sr. Fowler como "um tolo sífilítico" e ao Sr. Trent como "um velho idiota". Esses comentários levaram o promotor a perguntar a opinião de Pierce sobre o Sr. Harranby, o homem que o havia capturado. "Um almofadinha presunçoso com o cérebro de um menino de escola", disse Pierce, provocando uma exclamação de espanto no tribunal, pois o Sr. Harranby estava na galeria, assistindo ao julgamento. O Sr. Harranby ficou muito vermelho e com as veias da testa saltadas.

Mais espantosa do que suas palavras era sua atitude, pois "seu porte era altivo e orgulhoso, sem o menor sinal de arrependimento, nem de remorso por seus atos do passado". Muito ao contrário. Parecia demonstrar grande entusiasmo pela própria esperteza quando descrevia seus vários planos.

"Ele parece", nota o *Evening Standard*, "sentir grande prazer nas próprias ações, o que é inteiramente inexplicável."

Esse prazer estendeu-se a um relato detalhado das fraquezas dos outros interrogados, que testemunharam com muita relutância. O Sr. Trent estava agitado, nervoso e muito embaraçado ("com muita razão", disse um observador ultrajado) com o que teve de contar e o Sr. Fowler relatou as próprias experiências em voz tão baixa que o promotor freqüentemente tinha de pedir para falar mais alto.

Alguns pontos do testemunho foram chocantes. Um deles foi o diálogo seguinte, ocorrido no terceiro dia do seu julgamento:

— Sr. Pierce, conhece o cocheiro chamado Barlow?

— Conheço.

— Pode nos dizer onde ele está?

— Não, não posso.

— Pode nos dizer quando foi a última vez que o viu?

— Sim, posso.

— Por favor, tenha a bondade de dizer.

— Eu o vi pela última vez seis dias atrás, quando ele me visitou em Coldbath Fields.

(Nesse ponto ergueu-se um murmúrio no tribunal e o juiz pediu silêncio.)

— Sr. Pierce, por que não nos deu essa informação antes?

— Não me perguntaram.

— Qual foi o tema da sua conversa com esse tal Barlow?

— Conversamos sobre a minha fuga.

— Então devo entender que, com a ajuda desse homem, o senhor pretende escapar da prisão?

— Eu preferia que fosse uma surpresa — disse Pierce, calmamente.

Foi enorme a consternação do tribunal e os jornais ficaram extremamente

ofendidos. "Um ladrão grosseiro, inescrupuloso, terrivelmente diabólico", disse o *Evening Standard*. Todos exigiam que fosse condenado à maior pena possível.

Mas a calma de Pierce nunca foi abalada. Ele continuou com sua calma ultrajante. No dia 1º de agosto, Pierce comentou, de passagem, sobre o Sr. Fowler que "ele é tão tolo quanto o Sr. Brudenell".

O promotor não deixou passar o comentário. Perguntou rapidamente:

— Quer dizer Lord Cardigan?

— Quero dizer o Sr. James Brudenell.

— Que é, de fato, Lord Cardigan, não é?

— Pode se referir a ele como quiser, mas para mim não é mais do que o Sr. Brudenell.

— Está difamando um *lord* e o inspetor-geral da Cavalaria.

— Não se pode — disse Pierce, calmamente — difamar um tolo.

— Senhor, deve lembrar que é acusado de um crime hediondo.

— Não matei ninguém — respondeu Pierce — mas se tivesse matado quinhentos ingleses com minha estupidez, eu deveria ser enforcado imediatamente.

Esse diálogo não foi amplamente divulgado pelos jornais, que receavam um processo por calúnia da parte de Lord Cardigan. Mas havia outro fator. Com seu depoimento, Pierce estava martelando os alicerces de uma estrutura social, naquele momento atacada em várias frentes. Rapidamente, o mestre do crime deixou de ser fascinante para o público.

De qualquer modo, o julgamento de Pierce não podia competir com as histórias dos "negros" selvagens, como eram chamados, entrando numa casa cheia de mulheres e crianças, violentando e matando as mulheres, assassinando com seus sabres as crianças e "criando um espetáculo de apavorante atavismo pagão".

O FIM

Pierce terminou seu depoimento no dia 2 de agosto. A essa altura o promotor, percebendo a perplexidade do público ante a frieza e a completa ausência de qualquer demonstração de remorso da parte do mestre do crime, passou para a parte final do interrogatório.

— Sr. Pierce — disse o promotor, empertigando-se em toda a sua altura —, Sr. Pierce, vou fazer uma pergunta direta. Nunca teve, em tempo nenhum, a sensação de impropriedade, o reconhecimento de má conduta, alguma compreensão de um comportamento ilegal, alguma dúvida de ordem moral durante a execução desses vários atos criminosos?

— Não compreendi a pergunta — disse Pierce. Dizem que o promotor riu discretamente.

— Sim, suspeito que não tenha compreendido, está escrito no seu rosto.

Nesse ponto, o juiz pigarreou e fez o seguinte discurso:

— Senhor—disse o juiz —, é uma verdade reconhecida da jurisprudência que as leis são criadas pelos homens, e que os homens civilizados, numa tradição de mais de dois milênios, concordam em obedecer a essas leis para o bem comum da sociedade. Pois é somente pela autoridade da lei que qualquer civilização se mantém acima da sordidez do barbarismo. Sabemos isso através da história da raça humana e isso passaremos adiante por meio dos processos educacionais, a todos os cidadãos.

"Agora, sobre a questão de motivação, eu lhe pergunto, senhor, por que imaginou, planejou e executou esse crime terrível e chocante?"

Pierce deu de ombros.

— Eu queria o dinheiro — disse ele.

Terminado seu depoimento, Pierce foi algemado e escoltado para fora da sala do tribunal por dois guardas fortes, ambos armados. Quando ia saindo, passou pelo Sr. Harranby.

— Bom dia, Sr. Pierce — disse o Sr. Harranby.

— Adeus — respondeu Pierce.

Pierce foi conduzido para fora do Old Bailey pela porta dos fundos para o carro da polícia, que o levaria de volta a Coldbath Fields. Uma multidão reuniu-se nos degraus do prédio do tribunal. Os guardas empurraram os curiosos, que aos gritos, saudavam Pierce e lhe desejavam sorte. Uma prostituta velha e horrível adiantou-se e conseguiu beijá-lo na boca, rapidamente, antes que a polícia a empurrasse para trás.

Supõe-se que a prostituta era, na realidade, a atriz Miss Miriam e que quando o beijou passou para ele a chave das algemas, mas isso não foi confirmado. O que se sabe é que quando os dois guardas foram encontrados mais tarde, espancados e desacordados numa sarjeta, perto de Bow Street, não conseguiram reconstruir com detalhes exatos a fuga de Pierce. A única coisa em que ambos concordaram foi quanto ao aparecimento do motorista — um homem enorme, disseram, com uma feia cicatriz branca na testa.

Mais tarde o carro de presos foi encontrado num campo, em Hampstead. Nem Pierce, nem o motorista foram jamais capturados. As reportagens sobre a fuga são vagas e todas mencionam que as autoridades demonstraram relutância em discutir o assunto.

Em setembro, os ingleses retomaram Cawnpore. Não fizeram prisioneiros e queimaram, enforcaram e evisceraram suas vítimas. Quando encontraram a casa cheia de sangue onde as mulheres e as crianças foram massacradas, fizeram os nativos lamber o chão vermelho de sangue antes de enforcá-los. Seguiram seu ataque por toda a Índia no que foi chamado "O Vento do Diabo" — marchando cerca de noventa quilômetros por dia, incendiando aldeias inteiras e assassinando todos os habitantes, amarrando os revoltosos nos canos dos canhões e fazendo-os aos pedaços. O Motim Indiano foi dominado antes do fim do ano.

Em agosto de 1857, Burgess, o guarda da estrada de ferro, alegou que a tensão provocada pela doença do filho distorceu de tal modo sua moral que se fez cúmplice dos criminosos. Foi condenado a apenas dois anos, na prisão Marshalsea, onde morreu de cólera no primeiro inverno.

O arrombador Robert Agar foi condenado à extradição na Austrália por sua parte no Grande Roubo do Trem. Agar morreu rico em Sydney, New South Wales, Austrália, em 1902. Seu neto, Henry L. Agar foi prefeito de Sydney, de 1938 a 1941.

O Sr. Harranby morreu em 1879, do coice de um cavalo que estava espancando. Seu assistente, Sharp, foi chefe da Yard e morreu, já avô, em 1919. Dizia que se sentia orgulhoso por nenhum dos seus filhos ser policial.

O Sr. Trent morreu de doença respiratória em 1857. Sua filha Elizabeth casou com Sir Percival Harlow, em 1858 e tiveram quatro filhos. A mulher do Sr. Trent comportou-se escandalosamente depois da morte do marido. Morreu de pneumonia em 1884, com o prazer de, segundo ela, ter tido "mais amantes do que essa tal de Bernhardt".

Henry Fowler morreu de "causas desconhecidas" em 1858.

A South Eastern Railway, cansada do acordo inadequado para uso da estação de London Bridge, construiu dois novos terminais para sua linha, o famoso arco de Cannon Street, em 1862, e a estação de Blackfairs, logo depois.

Nunca mais se teve notícia de Pierce, Barlow e da misteriosa Miss Miriam. Em

1862 disseram que eles estavam morando em Paris. Em 1868, disseram que estavam morando em Nova York, em "circunstâncias esplêndidas". Nenhuma das duas notícias foi confirmada.

O dinheiro do Grande Roubo do Trem nunca foi recuperado.

^[1] Slum — hoje significa uma comunidade miserável, uma favela.

^[2] Houve somente um problema não previsto com o Palácio de Cristal. O prédio continha árvores e as árvores continham pardais e os pardais não eram treinados. Na verdade, não era para ser considerado motivo de riso porque os pardais não podiam ser mortos e ignoravam todas as armadilhas. Finalmente a própria rainha foi consultada e disse, "Chamem o duque de Wellington." O duque foi informado do problema. "Madame, tente pequenos falcões." E ele mais uma vez foi vitorioso.

^[3] Thuggee — práticas assassinas dos thugs da Índia. Suttee — o costume indiano das viúvas se cremarem nas piras com os maridos.

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por autor desconhecido.

Além da formatação deste arquivo, também fiz a capa.

Abril de 2014

LeYtor

Table of Contents

[SINOPSE](#)

[SOBRE A OBRA](#)

[O AUTOR](#)

[ROSTO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[PARTE I: Preparativos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[PARTE II: As Chaves](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

PARTE III: Atrasos e Dificuldades

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

PARTE IV: O Grande Roubo do Trem

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

PARTE V: Prisão e Julgamento

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52